

AS BRUXAS DE HOLLOW COVE

LOUCURA
EM
FRENESI

AUTORA BESTSELLER DO USA TODAY
KIM RICHARDSON

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

AS BRUXAS DE HOLLOW COVE



LOUCURA EM FRENESI

AUTORA BESTSELLER DO *USA TODAY*
KIM RICHARDSON

LOUCURA EM FRENESI
AS BRUXAS DE HOLLOW COVE, LIVRO
ONZE

KIM RICHARDSON

Este livro é uma obra de ficção. Todas as referências a eventos históricos, pessoas reais ou locais reais são usadas de forma fictícia. Outros nomes, personagens, lugares e incidentes são produto da imaginação do autor, e qualquer semelhança com eventos, locais ou pessoas reais, vivas ou mortas, é inteiramente coincidência.

Loucura em Frenesi, As Bruxas de Hollow Cove, Livro Onze
Direitos autorais © 2024 por Kim Richardson

Todos os direitos reservados, inclusive o direito de reprodução
no todo ou em qualquer forma.

www.kimrichardsonbooks.com

CONTENTS

Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27

Mentiras de bruxas

Mais Livros De Kim Richardson

Sobre A Autora

CAPÍTULO I

Eu estava noiva.

Ok, então eu não estava *tecnicamente* noiva. Mas eu fantasiava com isso. Muito. Certo, o tempo todo. Não precisava fingir.

O único problema era que, quando os casais ficavam noivos, geralmente havia uma espécie de pedido de casamento, uma troca de promessas e um acordo mútuo de passar o resto da vida juntos - algo nesse sentido. Mas Marcus ainda não tinha feito isso.

Três semanas haviam se passado desde a noite em que encontrei a caixa preta com o lindo anel que Marcus estava carregando. E ainda assim, o chefe não havia me pedido em casamento.

Eu tinha certeza de que ele faria a pergunta quando me levou para jantar no renomado restaurante francês Les Amis, em Cape Elizabeth, na noite em que recuperei minha magia.

Mas, ainda assim, o chefe não havia feito a proposta.

Não é preciso dizer que isso estava começando a mexer com a minha cabeça. Será que ele havia mudado de ideia? Será que estava com medo de que eu recusasse? Será que ele achava que eu *não era* do tipo que se casava? Eu não fazia ideia se eu *era do tipo que se casava*. Acho que descobriria quando ele pedisse.

E, finalmente, o terrível: o anel estava destinado a outra pessoa?

Sim. Minhas inseguranças estavam vindo à tona. Eu não estava convencida de que o anel era para outra pessoa, mas era difícil não pensar nisso quando meu homem estava andando por aí com um anel, por quase três semanas, e ainda não tinha me pedido em casamento.

Só me restava uma coisa a fazer. Eu teria que lhe *mostrar* o caminho.

E como exatamente eu iria mostrar a ele? Preparando uma refeição para ele, é assim. Não dizem que o caminho para o coração de um homem é através de seu estômago? Bem, eu ia dar o pontapé inicial em seu pedido de casamento com minhas excelentes habilidades culinárias.

Tudo o que eu tinha que fazer agora era aprender a cozinhar.

Fácil, não é?

Tínhamos toda a privacidade que poderíamos desejar agora que tínhamos o Chalé Davenport, uma versão menor da Casa Davenport que havia brotado do chão na manhã seguinte à recuperação de minha magia.

— Eu tenho o nome perfeito para ele! Bebê D!

Ruth havia anunciado na manhã em que a Casa Davenport me presenteou com minha própria versão menor dela mesma.

— Obrigada. Vou pensar no assunto — eu disse a ela. Mas a verdade é que esse nome não soava muito bem. Por isso, batizei oficialmente minha nova casa de Chalé Davenport.

Era perfeito. E eu acreditava que Casa também gostava. Senti isso nas vibrações das tábuas do assoalho quando falei em voz alta, já que o chalé era uma extensão da Casa Davenport.

Embora menor em tamanho, tinha a sensação de casa de fazenda que eu adorava: um telhado de metal preto, revestimento de madeira branca e uma gloriosa varanda envolvente, sustentada por colunas grossas e redondas. Tapetes orientais requintados cobriam pisos largos de carvalho branco. As paredes brancas terminavam em tetos altos com vigas de carvalho e uma cozinha que pertencia a uma daquelas revistas de design de interiores. Era como se a Casa soubesse exatamente como seria a casa dos meus sonhos e a tivesse feito para mim.

No momento em que entrei pela primeira vez, me joguei contra a parede e a abracei.

Embora menor em tamanho, tinha a sensação de casa de fazenda que eu adorava: um

telhado de metal preto, revestimento de madeira branca e uma gloriosa varanda

envolvente, sustentada por colunas grossas e redondas. Tapetes orientais requintados

cobriam pisos largos de carvalho branco. As paredes brancas terminavam em tetos altos

com vigas de carvalho e uma cozinha que pertencia a uma daquelas revistas de design de

interiores. Era como se a Casa soubesse exatamente como seria a casa dos meus sonhos e a

tivesse feito para mim.

No momento em que entrei pela primeira vez, me joguei contra a parede e a abracei.

Amo você", eu disse, com a lateral do rosto espremida na parede, sabendo que Marcus

estava atrás de mim, provavelmente pensando que eu precisava de medicamentos.

Marcus se mudou oficialmente uma semana depois e colocou seu apartamento para

alugar. Morar juntos era ao mesmo tempo empolgante e assustador. Era o momento em

que descobríamos pequenas coisas um sobre o outro, como ver se

nos irritávamos um com o outro.

Também foi uma excelente maneira de ver se éramos compatíveis em longo prazo.

Depois de duas semanas de nada além de uma convivência relaxada e fácil, além de sexo

em praticamente todos os cômodos da casa, era como se estivéssemos morando juntos há

anos. Eu não precisava pedir a ele que pegasse suas roupas sujas, lavasse a roupa ou até

mesmo lavasse a louça. O chefe simplesmente fazia isso. E ele preparava o jantar

praticamente todas as noites. Ele era uma anomalia na espécie masculina e quase perfeito.

— Amo você — disse, com a lateral do rosto espremida na parede, sabendo que Marcus estava atrás de mim, provavelmente pensando que eu precisava de medicamentos.

Marcus se mudou oficialmente uma semana depois e colocou seu apartamento para alugar. Morar juntos era ao mesmo tempo empolgante e assustador. Era o momento em que descobríamos pequenas coisas um sobre o outro, como ver se nos irritávamos um com o outro.

Também foi uma excelente maneira de ver se éramos compatíveis em longo prazo. Depois de duas semanas de nada além de uma convivência relaxada e fácil, além de sexo em praticamente todos os cômodos da casa, era como se estivéssemos morando juntos há anos. Eu não precisava pedir a ele que pegasse suas roupas sujas, lavasse a roupa ou até mesmo lavasse a louça. O chefe simplesmente fazia isso. E ele preparava o jantar praticamente todas as noites. Ele era uma anomalia na espécie masculina e quase perfeito.

Só que ele ainda não havia se declarado.

— Você vai ficar aí parada, com cara de boba, ou vai fazer compras de verdade? — disse uma voz irritada atrás de mim.

Virei-me e vi um homem baixo, gordinho, com cabelos grisalhos, gravata borboleta e grandes olhos castanhos olhando para mim. Levantei minha cesta de compras de plástico vermelha.

— Como pode ver, estou fazendo compras. Gosto de levar meu tempo. Não há nenhuma lei contra isso. Existe, Gilbert?

Gilbert, o prefeito da cidade e proprietário da Mercadorias e Presentes do Gilbert, abaixou as sobancelhas espessas até quase cobrir os olhos.

— Os corredores são para passagem. Eles não são pontos de parada. Você está atrapalhando o fluxo. Ande logo..

Olhei por cima do ombro.

— Não há ninguém neste corredor além de você e eu. Por que está tão tenso esta manhã? Está transmutando? Perdeu toda a sua gloriosa plumagem? A senhora coruja o recusou novamente?

O rosto do metamorfo coruja ficou um pouco mais escuro.

— Você tem sorte de eu ter recebido a confirmação da reintegração de sua licença Merlin.

Ele levantou a mão e juntou os dedos.

— Eu estava a ponto de demiti-la depois que todos soubemos que você havia perdido seus poderes. Por que a cidade deveria pagar por uma fracassada? Nossos impostos são mais bem gastos em outro lugar do que em um fracasso como bruxa.

A raiva brotou e pude sentir as pontas de minhas orelhas ficarem vermelhas.

— Bem, graças a Deus não sou mais um *fracasso*.

Cerrei os dentes, minha pele formigando com energia - um poder que queria ser liberado. Esforcei-me para manter minhas habilidades sob controle. É claro que eu poderia fritar a corujinha, mas ela assinava meus cheques de pagamento.

Ele sorriu, com as mãos nos quadris.

— Vou deduzir três semanas de salário do seu próximo pagamento. Minha boca se abriu.

— O quê? Você não pode estar falando sério? Você não pode fazer isso. Eu preciso desse dinheiro.

Talvez eu devesse fritar a bunda dele. Sim. Com certeza.

Gilbert olhou para mim com uma sobrancelha zombeteira.

— Eu poderia fazer seis. Eu estaria no meu direito, já que você sabia que tinha perdido sua magia e não *me avisou* - o prefeito da cidade. Isso é roubo.

Franzi a testa, imaginando arrancar as penas de seu corpo.

— Tudo bem.

A última coisa que eu queria era perder o salário da cidade. Eu precisava do dinheiro, especialmente agora que tinha um novo lugar para morar. Mesmo que Marcus e eu dividíssemos as contas de luz e mantimentos, não era barato.

Gilbert ainda estava sorrindo. Eu não gostei disso.

— Há mais alguma coisa? — Eu lhe perguntei.

— De fato, há.

Ele colocou a mão dentro do paletó e tirou um pedaço de papel dobrado.

— Isto é para você.

Peguei o papel e o desdobrei. Estava escrito:

*Para: Tessa Davenport
Chalé Davenport,*

*Hollow Cove,
Maine, Estados Unidos*

*Assunto: Construção ilegal em 110 Stardust Drive Propriedade da Casa
Davenport*

*Chamamos a atenção para a construção ilegal de um prédio na 110
Stardust Drive. Como resultado da não emissão da licença exigida pela
cidade, de acordo com a Seção 9 dos Regulamentos de Desenvolvimento da
Cidade, o novo prédio atrás da propriedade na 110 Stardust Drive é
considerado em não conformidade com a Lei de Planejamento Urbano e
Rural.*

*Por não ter fornecido as licenças necessárias, você deverá pagar a multa de
US\$ 5.000,00.*

*Atenciosamente,
Gilbert Gilderoy, Prefeito*

— Cinco mil dólares!

Olhei fixamente para o metamorfo coruja, com a raiva me fazendo sentir como se tivesse lava em vez de sangue.

— Está brincando comigo? Como vou pagar por isso? Você acabou de dizer que iria deduzir três semanas do meu salário.

O prefeito sorriu sem mostrar os dentes, e eu vi um brilho em seus olhos.

— Se não pagar em trinta dias, haverá acréscimo de juros. Tenha um bom dia.

Ele se virou e desfilou pelo corredor. Não, ele estava praticamente pulando.

Cerrando os dentes, enfiei a carta no bolso da frente, imaginando como poderia colocar uma coruja em um dos caldeirões de Ruth.

Cinco mil dólares era uma quantia enorme de dinheiro. Agora que Gilbert estava cortando meu pagamento da cidade, eu teria que tentar conseguir mais trabalhos de design de livros e web - cerca de cinquenta. E mesmo isso poderia não ser suficiente. Talvez eu tivesse que começar a cobrar um pouco mais.

— Tessa!

Eu me encolhi e me virei.

Uma mulher de tamanho generoso, com cerca de sessenta anos, veio marchando pelo corredor. Seu vestido longo e esvoaçante, com estampas de zebra em uma mistura de preto e branco, ondulava ao seu redor quando ela se aproximava. Seus cabelos escuros estavam presos em um coque apertado, mas alguns fios caíam emoldurando suas bochechas.

— Martha. Oi.

Tentei lhe dar um sorriso genuíno, mas meus músculos faciais pareciam imobilizados.

Uma onda familiar de energia me atingiu, causando um turbilhão de formigamento em minha pele à medida que a energia aumentava, seguida pelo aroma de agulhas de pinheiro, terra molhada e folhas, misturado com um prado de flores silvestres - o aroma das bruxas brancas.

Seus olhos se intensificaram enquanto ela olhava para o meu bolso, onde estava a carta.

— O que Gilbert queria? — perguntou ela, com os olhos ainda fixos no bolso.

— Ser um idiota. Como sempre. Quer que eu gaste mais em sua loja.

A última coisa de que eu precisava era que a rainha das fofocas da cidade ficasse sabendo da minha situação financeira.

— Hmmm.

Como eu não ia lhe dar detalhes sobre minha conversa com Gilbert, sua atenção se voltou para minha cesta.

— A Ruth vai fazer algo especial hoje à noite? — perguntou Martha, inclinando-se e tentando espiar o que eu tinha na minha cesta de compras, com seus óculos de lantejoulas escorregando em seu nariz pequeno. — Qual é a ocasião? Espero que não seja o aniversário de ninguém. Tenho estado muito ocupada com meus novos amuletos de lifting facial. Eles estão na moda na cidade. Mal consigo recuperar o fôlego.

O rosto dela se iluminou e seus olhos se arregalaram de alegria.

— Você deveria ir ao meu salão. É muito mais seguro do que todos esses preenchimentos sintéticos e Botox. Não tenho recebido nenhuma reclamação. Exceto por Pierre Gervais. Ele achou que poderia usá-lo em seu órgão, sabe. Você sabe, para ajudar em seu desempenho. Ela levantou o dedo indicador.

Mordi a parte interna da bochecha para não rir.

— E o efeito passou?

Deus, às vezes os homens eram tão burros quando se tratava de seu sexo.

— Ah, não. Ele ainda não baixou.

Dei de ombros.

— E isso é ruim? Achei que a ideia era essa.

— Já se passaram três dias.

Eu ri.

— Idiota.

Martha assentiu com a cabeça e levantou os óculos.

— É mais ou menos isso mesmo.

Sua expressão caiu.

— Oh, meu Deus, se eu me esquecer de um aniversário, Dolores nunca deixará isso passar.

Eu não duvidava disso.

— Não se preocupe. Sou eu quem está cozinhando. Estou fazendo o jantar para o Marcus.

A ideia de eu cozinhar para o chefe me causou calafrios. Eu nunca havia cozinhado para ele antes. Ele era o cozinheiro em nosso relacionamento e um cozinheiro muito bom. A pressão era grande. Tinha de ser sublime para ajudá-lo a se orientar na direção *do anel*. Está vendo?

As sobancelhas de Martha se estenderam até a linha do cabelo, o que foi realmente impressionante.

— Sério? *Você* sabe cozinhar?

Eu não tinha certeza se gostei do ceticismo em seu tom.

— Posso fazer algumas coisas na cozinha.

Sou excepcional em lavar a louça. Secar é o meu forte.

— Bem — disse a bruxa ao expirar. — Mantenha o site Delícias Etéreas nos favoritos. Eles fazem um bom hambúrguer vegetariano e suas batatas-doces são divinas. Caso as coisas não saiam como você planejou.

— Beleza, então...

Martha estendeu a mão e deu um tapinha em minha cabeça como se eu fosse um bom golden retriever.

— Boa sorte, querida. Mesmo.

Uma mistura de gritos e berros irrompeu de algum lugar do lado de fora. Virei-me para a frente da loja. Outro grito aterrorizante foi seguido por gritos estrangulados que se tornaram mais agudos. Um calafrio que não tinha nada a ver com o ar-condicionado gelado subiu pela minha espinha, seguido por uma onda de gritos desesperados e pedidos de ajuda.

— O que é isso? — perguntou Martha, acompanhando meu olhar.

— Não sei. Está vindo de fora da loja.

Com minha cesta na mão, corri para a frente da loja, parei, girei, joguei uma nota de cinquenta dólares na mão do caixa assustada e saí correndo da loja. Eu estava na porta da frente quando ouvi Martha correndo atrás de mim, mas eu não ia esperar por ela. Eu era uma Merlin. Meu trabalho era manter a cidade segura.

Uma multidão de paranormais havia se reunido na calçada bem em frente à loja de Gilbert.

— Desculpe-me. Deixem-me passar. Deixem-me passar — falei e abri caminho pela multidão.

Quando finalmente consegui passar por um casal de idosos, entendi a gritaria.

Um homem de 50 anos cambaleou e caiu de joelhos no meio da

rua. Seus olhos estavam amarelos, quase como se ele tivesse icterícia. Mas não foram seus olhos que me fizeram sentir um arrepio no pescoço. Foi o sangue que saiu de sua boca como um vômito.

Dei um salto para trás bem a tempo. O sangue desse homem teria respingado em mim se eu tivesse ficado onde estava.

Que diabos estava acontecendo?

Um corpo rígido me empurrou para o lado.

— Oh, meu Deus! Caldeirão nos salve! — gritou Martha, que havia aparecido ao meu lado. — Ele está possuído? Ele está possuído por um demônio!

Meus olhos permaneceram fixos no homem enquanto eu ainda mantinha distância. Não sei por que, mas meus instintos de bruxa me disseram para ficar quieta.

— Não. Isso não é uma possessão.

— Ele está rejeitando seu hospedeiro! — gritou Martha, acrescentando mais uma camada de pânico aos habitantes da cidade. Uma mãe pegou seu filho pequeno e correu na direção oposta, no momento em que vi dois corpos com cabeças brancas entrarem na loja de Gilbert. Eles lutavam contra a porta. Ela não abria.

Naquele momento, além da porta de vidro, Gilbert apareceu e colou uma placa de FECHADO na porta. Ele olhou para mim através do vidro, desafiando-me a dizer alguma coisa. O pequeno bastardo havia se barricado dentro de sua loja, isolando todos os outros de qualquer ameaça que fosse. Que covarde. Mas isso era totalmente esperado dele.

— Isso não é uma possessão demoníaca — eu disse mais alto, virando-me para trás, mas ninguém estava prestando atenção em mim.

O homem, ainda de joelhos, gritou, com a voz tensa e os músculos faciais salientes.

— Vejam! — gritou Martha. — O demônio está saindo!

— Não é possessão demoníaca — repeti, revirando os olhos. — É mais como uma maldição.

No entanto, ela não estava me ouvindo. Eu não tinha cem por cento de certeza, mas não parecia demoníaco para mim. Eu tinha que ter certeza. E, se era uma maldição, era uma maldição desagradável.

Abaixei minha cesta e dei um passo cuidadoso para a frente, vendo que a multidão estava agora me dando um grande espaço, e puxei meus sentidos de bruxa. Uma súbita onda de magia causou pontadas agudas em minha pele, como pequenas agulhas. Minhas sobrancelhas se ergueram. Então, a magia estava aqui, afinal, mas não era demoníaca. Era outra coisa.

Meus olhos se estreitaram com a sensação desconhecida dessa magia, e senti um gosto amargo na boca, como cinzas. Estranho.

Mãos fortes envolveram meu braço.

— Tem certeza de que não é um demônio? — perguntou Martha enquanto apertava meu braço com mais força até que eu tivesse certeza de que ele ficaria machucado. O cheiro de seu perfume de rosas invadiu meu nariz.

— Tenho certeza. — Tentei tirar seus dedos do meu braço, mas a bruxa era surpreendentemente forte. — É uma maldição ou um feitiço. É mágico, mas diferente.

Voltei a usar meus sentidos, despertando minha vontade, e me concentrei no homem e na estranha magia que emanava dele. Ele quase parecia estar coberto de magia, embora ela permanecesse invisível aos olhos, como se estivesse dentro dele. A sensação era semelhante à maneira como as bruxas carregavam a magia em seu sangue.

Mas isso era outra coisa - algo sombrio, distorcido e verdadeiramente maligno. E eu nunca havia sentido nada parecido antes.

— Ele está doente. Talvez você devesse fazer alguma coisa — disse Martha, e então me empurrou com força para a frente.

Tropecei, sem esperar ser arremessada para a frente, mas consegui ficar de pé. Senti os olhares dos paranormais, seus rostos assustados, mas esperançosos, como se eu devesse saber o que era aquilo e cuidar do assunto. Talvez eu devesse. Mas, como eu estava há apenas um ano em minha vida como bruxa, mais especificamente, como Merlin, ainda tinha muito a aprender.

Estremeci quando o ar se intensificou com uma súbita energia fria e furiosa com a qual eu não estava familiarizada. Meus instintos de bruxa se acenderam. Todas as minhas bandeiras de advertência estavam se transformando em uma tempestade. Definitivamente, alguém havia usado magia nele. A questão era: que tipo de maldição era essa?

Que merda. Eu tinha que pensar rápido e usar meu cérebro para inventar um feitiço de cura ou algum tipo de contra-maldição. Mas eu não podia conjurar um sem saber o que estava enfrentando. Eu poderia piorar as coisas. É verdade que, se eu não fizesse nada logo, ele ficaria pior.

Minha magia era mais voltada para a defesa. Eu não conhecia nenhum feitiço de cura ou contra-maldição. Isso estava além do meu treinamento mágico.

— Não posso fazer nada por ele — falei, olhando para Martha, que estava a três metros de distância. — Preciso chamar minhas tias. Elas saberão o que fazer.

— Sim, sim. Boa ideia — disse Martha, acenando com a mão para mim. — Vá.

Conectei-me à linha ley mais próxima e senti seu poder percorrer

meu corpo.

O homem abriu a boca, seus lábios tremiam enquanto ele se esforçava para falar.

— Eu... não sou... quem eu sou — ele sibilou, como se não conseguisse colocar ar suficiente nos pulmões.

— O que foi isso? — Soltei a linha ley e me aproximei. Eu me encolhi com a dor que brilhava em seus olhos. Eu tinha que ajudar. Tinha que fazer alguma coisa. Mas, primeiro, eu tinha que saber o que era *isso*, se quisesse ajudar.

— Não... eu — ofegou o homem. — Não... quem eu sou — ele se esforçou para dizer, com o rosto vermelho e brilhando de suor. E então ele tirou uma pequena adaga do bolso. Ele a segurou com as duas mãos à sua frente, com os braços tremendo como se estivesse lutando contra algo, como se tivessem vontade própria.

Levantei minha mão.

— Espere um pouco. O que está fazendo?

Ele soltou um grito úmido e áspero. E então cravou a faca em seu coração.

— *Ah!* — gritou Martha, junto com alguns outros paranormais, fazendo-me dar um pulo.

O sangue jorrava da boca do homem e ele caiu para o lado, com as pernas dobradas sob ele.

Observei, impotente, as convulsões do homem se transformarem em uma paralisia entorpecida. Por fim, ele simplesmente ficou olhando para o nada.

— Oh, meu caldeirão! Ele está morto? — gritou Martha. — Olhe para o rosto dele! Olhem para ele! Ele está morto! Ele está realmente morto!

Ela continuou a gritar enquanto os espectadores se juntavam a ela e faziam sua cacofonia de gritos e berros.

Eu teria lhe dito para calar a boca, mas ela estava certa. A centelha de vida havia desaparecido de seus olhos. Ele não estava respirando. Ele não era nada. Não era mais.

O medo caiu como uma bola de gelo no fundo do meu estômago. O que, em nome do caldeirão, tinha acabado de acontecer?

Estava se tornando um dia agitado. E eu ainda tinha que aprender a cozinhar.

CAPÍTULO 2

Fiquei olhando para o corpo, deitado em uma mesa de autópsia de aço inoxidável. O ar cheirava a desinfetante e ao odor adocicado de carne morta. Um carrinho médico rolante estava ao lado do corpo, coberto com ferramentas médicas brilhantes, afiadas e de aparência irritada que pareciam se encaixar melhor em algum filme de terror lado B.

O rosto do homem era uma máscara de tormento, congelado no tempo, como se ele tivesse sofrido uma agonia insuportável em seus últimos momentos, tanto que suas feições se imobilizaram dessa forma.

E então ele se esfaqueou no coração com uma faca.

Foi horrível de assistir. Pior ainda foi o fato de eu não ter podido fazer nada a respeito. A faca ainda estava exatamente onde ele a havia enfiado em seu corpo. O cabo da lâmina se projetava de seu peito como uma lembrança feia da loucura que acabara de acontecer. Porque essa é a única maneira de descrevê-la - loucura completa e total.

Apenas trinta minutos atrás, o homem estava vivo e respirando. Agora, ele nunca mais voltaria a respirar.

O necrotério, convenientemente localizado no subsolo da Agência de Segurança de Hollow Cove, era o novo lar desse morto. Scarlett e Cameron, os ajudantes de Marcus, levaram seu corpo rapidamente antes que o pânico se espalhasse pela comunidade.

— Sabemos quem ele é? — Perguntei, envolvendo os braços em volta do peito enquanto o ar frio me atingia. As paredes brancas e lisas com azulejos brancos e foscas nos cercavam, todas iluminadas por luzes fluorescentes que vinham de cima. O necrotério tinha uma sensação fria e triste. Eu odiava estar aqui e não via a hora de ir embora.

— O nome dele era Arlo Miller — respondeu Dolores, com o rosto rígido. Sua carranca profunda e seus olhos céticos eram suficientes para assustar homens adultos. — Ele era um metamorfo, um werefox e um agente imobiliário. Se você quisesse comprar ou alugar uma casa aqui, Arlo era o cara.

Ela estava com uma mão no quadril enquanto gesticulava com a outra, lembrando-me da minha professora da quinta série, a Sra. Wiggins, cujo bigode me mantinha distraída a maior parte do ano. Os

longos cabelos grisalhos de Dolores estavam soltos e caíam pelas costas, dando-lhe um toque mais suave.

— Sua comissão também era muito baixa.

As linhas nos cantos dos olhos azuis de Ruth se aprofundaram com seu sorriso, embora seu rosto estivesse um pouco pálido. Ela coçou a cabeça em pensamento, puxando o nó de cabelo branco que estava no topo de sua cabeça.

— Às vezes, ele nem cobrava comissão. Ele era um homem muito bom e uma bela raposa também. Com um lindo pelo vermelho. Tão fofo. Eu sempre quis acariciá-lo.

Beverly soltou um suspiro e jogou o cabelo loiro para trás.

— O que importa a cor do pelo dele? Ele está morto agora.

Passsei o olhar por minhas tias. Todas nós ficamos a dois metros de distância do corpo, conforme as instruções de Dolores.

— Até que saibamos com que tipo de maldição ou feitiço estamos lidando, é melhor não chegar muito perto — Dolores havia alertado quando chegou ao local. — Algumas maldições são duradouras. As maldições de sangue podem permanecer no corpo da vítima por horas e ser transmitidas a outra pessoa, para ressurgir mais tarde. Se o feitiço ou maldição ainda for potente, ele pode ser transferido com um simples toque.

Assim que tive certeza de que Arlo estava morto, pulei uma linha ley para a Casa Davenport. Minhas três tias chegaram ao local no momento em que Scarlett e Cameron estavam colocando o pobre Arlo em uma maca.

— Repita o que disse, Tessa — ordenou minha tia Dolores, apontando sua mão livre para mim. — Você disse que ele fez isso com ele mesmo. Ele mesmo tirou uma faca e se esfaqueou. Correto?

— Sim. É isso mesmo. Ele fez isso com ele mesmo. — Soltei um suspiro, com as imagens ainda frescas em minha mente. — Mas percebi que ele não *queria* fazer isso. Ele lutou contra. Era quase como se algo o estivesse *obrigando* a fazer isso. Mas não era possessão demoníaca. Não senti nenhuma das vibrações, mas algo o controlava. Deve ser algum tipo de feitiço ou maldição. Percebi que ele não queria morrer. O que quer que fosse. Isso o *obrigou* a fazer isso.

Dolores bateu no queixo enquanto pensava sobre isso.

— Deve ter sido algo muito poderoso para levar alguém a se matar.

— E quanto aos olhos dele? — perguntei. — A coloração amarela. Isso deve significar alguma coisa. Não é?

— Mmm. — Dolores inclinou a cabeça. — Pode ser uma maldição. Pode ser uma doença hepática.

— Ele era casado? — perguntou Marcus, com os olhos apertados em uma pergunta. Ouvi um tom definitivamente duro em seu tom. Ele

estava do lado oposto do corpo, todo confiante e predatório, com os braços cruzados sobre o peito amplo, fazendo com que os ombros largos se destacassem e os peitorais ficassem salientes. Os olhos cinzentos e finos, emoldurados por cílios escuros, estavam franzidos. Suas maçãs do rosto altas estavam pintadas de preocupação, o que só o tornava mais sexy. Que o Caldeirão me ajude, ele era lindo. E era *todo* meu.

Dolores olhou para ele.

— Se você acha que a esposa dele fez isso, deixe-me dizer que está muito enganado. Trudy amava - amava muito seu marido. Isso vai matá-la.

— Concordo — disse Ruth, com seus olhos azuis sérios. — Trudy é a raposinha mais doce que você poderia conhecer, com um rostinho pontudo e fofo. Ela parece um guaxinim crescido demais em sua forma de fera — acrescentou com uma pequena risada.

O chefe suspirou pelo nariz.

— Setenta por cento de todos os assassinatos são cometidos por um parceiro.

Olhei fixamente para o chefe.

— Você acha que ele foi assassinado?

— Se for uma maldição de morte, então sim. Você acabou de dizer que essa maldição o levou a fazer isso. — Marcus passou o olhar por minhas tias. — É uma maldição mortal?

— Ainda não sabemos.

Dolores estreitou os olhos enquanto examinava o corpo de Arlo a uma distância segura.

— Maldições e feitiços vêm em muitas forças e formas. O que quer *que* seja, foi claramente planejado para causar danos e muito pior. Seria necessário um poderoso praticante de magia com grande habilidade para fazer algo assim. Um feitiço ou uma maldição? Saberemos em breve. Teremos de fazer alguns testes. Ver com o que estamos lidando.

Um músculo se esticou ao longo da mandíbula de Marcus, e percebi que ele estava inquieto.

— Mesmo assim. Deixe-me falar com a Trudy primeiro. Não quero que nada a faça perder o controle.

Dolores franziu a testa.

— Dando uma dica para ela? O que exatamente você está insinuando?

— Apenas deixe-me falar com ela primeiro — continuou o chefe, sua voz assumindo um tom mais suave.

Olhei para os dois - ambos muito teimosos, ambos alfas à sua maneira.

— O que esses mantimentos estão fazendo aqui? São da loja do

Gilbert? — Beverly apontou para a cesta vermelha que eu havia deixado sobre o balcão de aço inoxidável. Pensando bem, não foi inteligente. Agora minhas compras frescas cheirariam a formaldeído e morte. Não era exatamente o jantar sexy que eu havia planejado para mais tarde com Marcus, e a sobremesa nua depois.

Por que eu não havia deixado a cesta na casa de minhas tias?

— Uh... sim — eu disse, sentindo uma onda de calor do meu pescoço até meu rosto em humilhação. — Apenas algumas coisas que eu precisava para o jantar de hoje.

— *Você está fazendo o jantar? Você?* — Dolores estava olhando para mim como se eu tivesse acabado de dizer que a Terra era plana e que era preciso ter cuidado, pois poderíamos escorregar.

— Você ao menos sabe cozinhar?

Endireitei minhas costas.

— Eu sei fazer um ótimo queijo grelhado.

Dolores ainda estava me olhando como se eu tivesse enlouquecido, mas o olhar ardente de Marcus e o sorriso que ele me deu fizeram com que minha minha intimidade se alegrasse. Sim, eu ia fazer todos os tipos de queijo grelhado hoje à noite.

— Queijo grelhado não é jantar — pressionou Dolores. — Assim como cereal não é um café da manhã de verdade.

— Deixe-a em paz — disse Ruth, dando-me um sorriso encorajador. — Tenho certeza de que o que quer que você cozinha hoje à noite será um sucesso.

— Bem, eu não comeria nada do que está nessa cesta — disse Beverly. — Não depois de tudo o que eles passaram.

— Ah. — Ela tinha razão. E que desperdício de dinheiro bom em comida, especialmente agora que eu sabia que Gilbert iria deduzir meu pagamento e me cobrar uma multa de cinco mil dólares. Eu deveria saber que não deveria levar comida fresca para um necrotério.

Ainda assim, Marcus estava me olhando com um sorriso que beirava a febre. Era cheio de desejo e fome, como se a fera dentro dele estivesse faminta. E eu era seu bufê.

Meu coração estava disparado quando desviei os olhos dele antes que meu rosto me traísse e cruzei as pernas.

— Chega de desviar o assunto — exclamou Dolores. — Vamos nos concentrar no motivo de estarmos aqui. Ruth?

— Sim, estou cuidando disso — anunciou Ruth enquanto dobrava as mangas de sua blusa bege, com uma expressão decidida na testa. — Todos, para trás!

Com os olhos arregalados, ela tirou a mão da mochila de couro marrom e retirou um pequeno recipiente do tamanho de um pote de especiarias. Ela abriu a tampa, despejou um pouco de pó de cor laranja em sua mão e o jogou no ar.

Estremeci quando um estrondo explodiu e ecoou pelo necrotério como o estalo de um rifle. E então a pólvora caiu, salpicando o corpo com uma chuva de pó laranja.

— Mostre-me o caminho que não consigo encontrar — entoou Ruth, sua voz brilhante e musical. — Deixe a magia revelar o que não pode ser visto e restaurar o que foi deixado para trás.

O poder surgiu ao meu redor, e preendi a respiração ao sentir minhas tias se conectarem com suas vontades. O derramamento de energia de suas auras se uniu, ecoou e ressoou.

Foi fantástico. E com minha própria magia restaurada, foi exuberante.

Senti a magia se reunir de uma só vez. O ar zumbia com um zumbido de energia à medida que o poder dos elementos subia pelo necrotério. As luzes se acenderam quando uma rajada de vento passou ao redor e depois se estabilizou.

Com uma súbita explosão de energia, duas coisas aconteceram. Primeiro, uma explosão de luz ofuscante brilhou enquanto a energia corria pela sala. Em segundo lugar, o pó laranja de Ruth passou de ferrugem a preto.

Olhei para o rosto de Ruth. Ela franziu as sobrancelhas com força.

— Não é o que você estava esperando? — Perguntei a ela, meus olhos voltaram para a poeira preta que cobria o corpo de Arlo. A poeira negra cintilou e desapareceu completamente como se tivesse sido absorvida pela pele do metamorfo morto. — Então, o que você estava esperando? — Tentei novamente. — Isso é uma maldição ou um feitiço? Por que seu pó ficou preto?

Ruth lançou um olhar na direção de suas irmãs, e todas trocaram um longo olhar. Eu as conhecia bem o suficiente para entender que, sempre que ficavam em silêncio, era porque a informação era delicada. Isso era ruim.

— Ruth? — Pressionei, sabendo que esse era um dos scanners de pó mágico da Ruth para detectar magia residual. Eu sabia que ele poderia identificar que tipo de magia havia sido usada e nos dizer se estávamos lidando com um feitiço ou uma maldição negra.

Ruth colocou as mãos nos quadris, deixando uma longa mancha de pó de laranja em sua blusa bege.

— Ele tem todos os elementos de um pacto mágico — disse ela.

— Certo, então o que você *acha que* é? Feitiço ou maldição? — perguntei, observando enquanto a poeira de sua blusa se desprendia e começava a flutuar em torno de sua cintura em um movimento circular como um bambolê.

— Hmm. — Ruth começou a se movimentar de um pé para o outro, dobrando a bainha da blusa, algo que ela fazia quando estava nervosa.

— O que você não está nos dizendo? — perguntou Marcus, com os ombros largos tensionados. — O que isso significa?

O rosto de Ruth se enrugou em uma carranca enquanto ela olhava de mim para Marcus.

— Não estou recebendo nenhuma informação.

Era minha hora de franzir a testa.

— Informação?

— Ela quer dizer que não há magia residual — respondeu Dolores, com o rosto sombrio. Então, diante da minha expressão aparentemente confusa, ela acrescentou:

— Normalmente, quando estamos lidando com maldições, ou mesmo feitiços, eles deixam traços de magia residual. Teríamos algum tipo de marca de qualquer encantamento mágico que tenha sido usado. Alguma coisa.

Olhei para o corpo.

— E você está dizendo que não está recebendo nada do Arlo?

Ruth balançou a cabeça.

— Nada.

Percebi que não estava mais sentindo nenhuma vibração mágica, nem desde que voltei de contar às minhas tias sobre Arlo, como se todos os traços de qualquer inflição mágica que tivesse matado Arlo tivessem desaparecido.

— Mas *havia* algo — eu disse, lembrando-me da sensação de frio.

— Eu senti isso antes. Pouco antes de ele morrer. Eles estão escondendo isso. Será que é porque quem o enfeitiçou não queria que fosse rastreado até eles?

Dolores assentiu com a cabeça.

— Sim, qualquer que tenha sido a aflição mágica usada, ela deixou um feitiço de ocultação que neutraliza o feitiço de revelação de Ruth. Infelizmente, não podemos dizer quem fez isso.

— Mas você sabe *o que* é isso. Certo? — perguntei.

— Sim. Sim, nós sabemos. — Os olhos verdes de Beverly brilharam de medo quando ela olhou para suas irmãs.

— Estamos lidando com magia branca ou das trevas? — Tentei novamente.

Beverly balançou a cabeça.

— Não é magia branca.

— Nem magia das trevas — acrescentou Ruth, com um ar sombrio.

Mais uma vez, minhas tias trocaram um olhar, carregado de silêncio e influenciado por sentimentos profundos.

Estendi minhas mãos.

— Se não é uma maldição ou um feitiço de magia branca ou negra... o que é? — Não era um segredo. Eu ainda era um novato em todas as coisas mágicas. Eu não fazia ideia do que era isso, mas eles

com certeza faziam, pelos olhares preocupados e preocupantes que minhas tias compartilhavam.

— É muito pior — respondeu minha tia alta.

Olhei de relance para Marcus, cujo rosto parecia tão confuso quanto o meu.

Eu engoli.

— Muito pior?

O olhar de Dolores se voltou para o corpo de Arlo sob uma sobancelha baixa.

— A pior coisa que se pode imaginar — disse ela, com a voz dura de advertência e medo.

Todos os pelos do meu pescoço se eriçaram.

— O que poderia ser pior do que um feitiço que levou uma pessoa inocente a se matar? O que diabos matou Arlo?

Dolores olhou para mim, com o rosto apertado de preocupação, e disse:

— Magia negra. Essa é uma maldição de magia negra.

CAPÍTULO 3

Olhei para os mantimentos frescos, agora contaminados pelo necrotério, que eu havia retirado de minha cesta de compras e me acomodei na ilha da cozinha da Casa Davenport. Não parecia que eu iria preparar o jantar tão cedo. Não até descobrirmos como e por que Arlo Miller havia sido amaldiçoado com magia negra.

Eu havia roubado um beijo de Marcus antes de ele sair para falar com a esposa de Arlo, Trudy. Senti a rigidez em seus ombros e vi o aperto em sua expressão. Eu sabia que ele não estava ansioso por aquela conversa. Ele não disse isso, mas percebi que a morte de Arlo o afetou e o observei partir, com o coração pesado. Parte de mim queria impedi-lo, mas sabia que não podia. Isso fazia parte de seu trabalho. Alguém acabara de morrer em sua cidade. Ele tinha a responsabilidade, perante todos em Hollow Cove, de garantir a segurança da cidade, descobrir quem havia feito isso com Arlo e impedi-los antes que fizessem o mesmo com qualquer outra pessoa. Portanto, o próximo passo lógico era falar com a esposa de Arlo.

— Vou levar isso para a minha composteira no jardim — disse Ruth ao pegar os tomates, cogumelos, cebolas, alface, alho e pimentões verdes de mim. — Vou colocá-los na lixeira de reciclagem lá fora para você também. — Ela pegou as caixas de papelão de macarrão e desapareceu pela porta dos fundos da cozinha, com Hildo correndo atrás dela com a cauda erguida no ar.

— Não fique tão desapontada, querida — disse minha tia Beverly ao apertar meu braço e passar por mim a caminho da máquina de café. — Confie em mim. Está cozinhando? Você acabou de se poupar de muita humilhação. Possivelmente, um período de seca no quarto. Nenhuma mulher de sangue vermelho quer isso.

Enruguei meu rosto.

— Será que todo mundo aqui acha que eu não sei cozinhar? — Eu realmente não sabia, mas ouvir isso em voz alta estava começando a ficar irritante.

— Sim. — Dolores entrou na cozinha, com um maço de livros nos braços, e os deixou cair na mesa da sala de jantar com um baque alto. — Agora, vamos envolvê-lo em algo para o qual você realmente tem talento. Ela encontrou meus olhos. — Magia.

Afastei-me da ilha e me juntei a ela na mesa.

— O que são todos esses livros?

Dolores suspirou.

— Tudo o que consegui encontrar sobre magia negra, o que não é muito.

— Por que isso? — Perguntei quando Beverly veio para perto de mim.

Dolores colocou sua longa trança cinza nas costas.

— Bem, para começar, magia negra é magia suja.

— Magia suja? Preciso do consentimento dos pais? — Eu ri. Elas não.

— A magia negra é uma forma destrutiva de magia. — Dolores me observou com um olhar severo e intenso. — Ela também é muito viciante.

— Como heroína — comentou Beverly, com uma expressão séria.

Levantei minhas sobrancelhas.

— Parece horrível.

Dolores apoiou a mão sobre a mesa.

— É caótico, imprevisível e extremamente volátil. Seu uso pelo praticante de magia geralmente resulta em uma alteração do indivíduo. Ela o corrompe.

— Caramba. — Percebi que precisava aprimorar minha leitura. Eu deveria saber essas coisas.

— Veja bem — continuou minha tia, — as bruxas brancas usam a força dos elementos para obter seu poder. As bruxas das trevas contam com a ajuda dos demônios, tomando emprestada a magia deles, mas não necessariamente para o mal. Já a magia negra é sempre malévola e tem uma tendência para venenos, morte e animação de objetos.

Eu ri.

— Como bonecos de vodu e zumbis?

Dolores inclinou a cabeça.

— De certa forma. Mas é mais do que isso. Não se pode fazer magia negra sem a morte. Sem primeiro tirar a vida. É daí que ela tira seu poder. Da vida. Ao tirar a vida dos seres vivos, destruindo-os completamente no processo. É necessário apenas um pequeno sacrifício. Um rato, uma borboleta, algumas flores, para alimentar a magia.

Levantei uma sobrancelha; a inquietação me atormentava.

— Parece que são necromantes.

— Mas os necromantes lidam com a ressurreição dos mortos, em que eles podem controlar os mortos para cumprir suas ordens. Eles raramente usam feitiços e maldições. Enquanto a magia negra usa.

— Ok, estou vendo uma certa diferença. Não. Não estou vendo diferença.

Dolores apertou os lábios em pensamento.

— A magia negra é rude e grosseira, sem direção ou sutileza. Até

mesmo a necromancia tem direção e foco. Mas o praticante de magia geralmente se envolve com magia negra porque acha que é fácil e rápido. Bem, eles sempre erram e acabam se amaldiçoando.

— Droga.

— Foi isso que aconteceu com Duckie Cobbledick — disse Ruth ao fechar a porta dos fundos da cozinha. Hildo passou entre as pernas dela e correu para a cozinha. — Ele usou magia negra para criar uma maldição chamada Casca Preta para se vingar da esposa por tê-lo traído com seu melhor amigo. — Ela foi até a mesa, com as mãos e os pés cobertos de terra preta. — A maldição deveria fazer com que a pele da vítima parecesse casca de árvore. Pelo resto de sua vida, ela teria uma pele parecida com casca de árvore. Ela era linda, sabe?

Balancei a cabeça, enojado com o que esse homem faria com sua esposa. Sempre havia dois lados da história.

— Ele fez isso com sua esposa? O que aconteceu?

Ruth deu de ombros e disse:

— Ele se tornou uma árvore. — Seus olhos se arregalaram. — Você ainda pode vê-lo. Aquele grande carvalho na esquina da Charms Avenue? Esse é o nosso Duckie.

— Não é a lâmpada mais brilhante do lustre — miava Hildo enquanto se sentava no balcão da cozinha e começava a se lavar.

Eu me esforcei muito para não rir.

— Bem, é bem feito para ele.

— Sim. — Beverly estava olhando para os dedos dos pés de Ruth como se fossem uma doença contagiosa. Como se, se Ruth chegasse muito perto, ela pegaria a doença.

— Não existe mágica rápida e fácil. — Dolores puxou uma cadeira e se sentou. Seus óculos de leitura estavam apoiados em seu nariz. — Precisamos identificar que maldição de magia negra é essa. — Ela levantou o olhar de um grande livro marinho robusto com páginas amarelas. — Ruth. Você ainda tem uma amostra do sangue de Arlo?

Ruth bateu em sua bolsa de lona marrom de corpo cruzado.

— Sim. Vou começar a fazer uma poção reveladora. Levará algumas horas, talvez um dia ou mais, para descobrirmos quais elementos foram usados. Então saberemos que tipo de maldição de magia negra é essa.

Franzi a testa para Ruth.

— Mas eu pensei que você tinha dito que ele tinha algum tipo de ocultação?

Ruth assentiu com a cabeça.

— Sim, é isso mesmo. Vai levar mais tempo, mas com o sangue de Arlo e alguns de nossos próprios feitiços, devemos ser capazes de quebrar esse monstro — acrescentou ela com um sorriso.

— Então, enquanto isso, temos livros — disse Dolores, passando as

mãos com carinho sobre os tomos, com uma expressão sonhadora nos olhos. — Tudo o que você precisa na vida são livros.

Beverly bufou.

— Tudo o que você precisa na vida é de vinho e orgasmos.

Ela olhou para mim e piscou, como se eu devesse concordar. Bem, ela não estava errada.

— Se precisar de mim — disse Ruth, enquanto se afastava da mesa, — estarei na minha sala de poções.

E com isso, minha linda tia desapareceu por uma porta que dava para a cozinha.

Beverly puxou uma cadeira e se sentou, com as mãos enroladas em uma caneca de café.

— Devemos alertar a cidade?

Seguindo o exemplo de minhas tias, sentei-me à mesa.

— Martha viu isso acontecer. Então, já deve estar espalhado por toda a cidade.

Eu me encolhi interiormente ao pensar que a bruxa provavelmente disse à sua comitiva que era uma possessão demoníaca.

— Eu quis dizer oficialmente. — Beverly tomou um gole de café e disse: — Diga a eles se devem ficar dentro de casa até resolvermos o problema. Podemos ter um louco ou uma louca à solta.

— Ou pode ser algum tipo de assassinato por vingança — acrescentei, pensando na esposa de Arlo, Trudy, e no que Marcus havia dito.

Dolores apertou os lábios com força.

— Entrarei em contato com Gilbert assim que tivermos mais informações.

Um lampejo de raiva me invadiu ao lembrar do prefeito da cidade trancando sua loja para manter as pessoas fora, ao primeiro sinal de perigo. Aquele idiota covarde.

— Neste momento — comentou Dolores, — Arlo pode ser o único infectado por essa maldição. Não queremos um pânico louco em nossas mãos. Não vamos tirar conclusões precipitadas antes de termos fatos reais.

— É verdade. — Suspirei e peguei um livro, começando a folheá-lo. — O que estamos procurando, exatamente?

— Tudo e qualquer coisa sobre magia negra.

Dolores levantou os olhos de seu livro.

— Vamos ver o que sabemos. Sabemos que a magia negra matou Arlo. Sabemos que foi algum tipo de maldição - uma maldição poderosa. Ela o forçou a acabar com sua própria vida.

Observei Dolores atentamente.

— O quê? Estou vendo aquela contração de sobrancelha que você tem quando algo a incomoda.

— Isso não é uma contração — zombou Beverly. — Isso é o começo do fim.

Ela fez um giro com o dedo em sua têmpora.

A sobancelha de Dolores se franziu e uma onda de irritação brilhou em seus olhos.

— Somente um maníaco egoísta poderia conjurar uma maldição de magia negra como essa. Alguém que gosta de matar. Mas, mais importante, gosta de assistir.

— Todos os homens gostam de assistir — murmurou Beverly, com um sorriso nos lábios carnudos. E então ela acrescentou com uma risadinha: — Às vezes eu também gosto de assistir.

— Humm.

Limpei a garganta e voltei meus olhos para Dolores.

— Parece horrível.

— É — respondeu Dolores, cerrando a mandíbula.

Beverly soltou um suspiro dramático.

— Isso parece tão surreal, como se eu estivesse presa em um sonho. Mas sei que não pode ser. Nenhum homem nu está dançando ao meu redor, me dando uvas e vinho.

Mordi a parte interna da bochecha para não sorrir.

— Você acha que eles estavam lá? Observando enquanto ele se matava?

Eu mexi com meu cérebro por alguns segundos, tentando me lembrar de alguém ao redor de Arlo que parecesse suspeito. Mas tudo o que eu lembrava era como ele lutava internamente e depois se matou. Todo o resto era um borrão.

— Eu não duvidaria disso — respondeu Dolores, com um ar sombrio.

Beverly fez um som de irritação em sua garganta.

— Isso é ruim para a cidade.

— De fato.

Dolores ficou em silêncio por um momento.

— Até que tenhamos certeza, até que Ruth termine seus testes, não saberemos se Arlo foi especificamente visado ou se mais pessoas serão amaldiçoadas.

— O que me faz lembrar. — Tirei meu celular do bolso. — Tenho que avisar a Iris. Ela provavelmente ainda está com o Ronin. Eles têm que saber o que está acontecendo.

Mandei uma mensagem de texto para ela rapidamente, tentando cometer o mínimo de erros de ortografia possível. Quando terminei, coloquei meu telefone sobre a mesa.

— Você acha que alguém fez isso com o Arlo? — Perguntei, pensando na história que Ruth tinha acabado de me contar. — Você acha que Marcus está certo e que pode ter sido a esposa dele?

Um estrondo veio da sala de poções, seguido por um rolo de poeira vermelha. As paredes da casa tremeram como se uma bomba tivesse explodido na sala de jantar.

— Estou bem! — Ruth gritou da sala de poções. — Totalmente bem! Não se preocupe.

Dolores desviou os olhos da sala de poções e os fixou em mim.

— Pode ser. Mas, pelo que sei, Trudy não tem a habilidade necessária para essa maldição. Antes de mais nada, ela não é uma bruxa, mas isso não significa que não possa contratar alguém. Todos nós sabemos que há tantas bruxas ruins quanto boas.

Beverly apoiou os cotovelos na mesa, com seu belo rosto agoniado.

— Você acha que Trudy contratou alguém para matar o marido? Não. Não acredito nisso. Ela não consegue nem usar o tom certo de batom. Como ela pode ser capaz disso?

Dolores deu de ombros.

— Nunca se sabe o que realmente acontece a portas fechadas, mesmo que você ache que conhece bem uma pessoa. Não conhecemos. Não podemos descartar nada até descobirmos quem fez isso e com qual maldição de magia negra estamos lidando.

Observei minhas tias.

— Então, também pode ser que alguém o quisesse morto. Não necessariamente sua esposa.

— Sim.

Dolores folheou as páginas de seu livro.

Eu me inclinei para frente.

— Se entendi bem, a magia negra é perigosa, viciante, e somente os verdadeiramente habilidosos podem manipulá-la. Certo? Então, quem quer que quisesse o Arlo morto, por que se deu ao trabalho de fazer algo tão perigoso quando poderia ter usado uma maldição de morte comum? Por que gastar tempo para criar e manipular uma maldição de magia negra?

A mandíbula de Dolores se cerrou, e um breve lampejo de preocupação cruzou seu rosto.

— É por isso que isso me preocupa. Você não decide simplesmente usar magia negra quando está com raiva do seu cônjuge ou do seu chefe. Você escolhe a opção mais fácil. Um feitiço de magia branca ou uma maldição de magia negra. A própria noção de que estamos lidando com magia negra é particularmente preocupante.

Pensei em Marcus, e meu estômago deu um nó. E se esse louco estivesse na casa dos Miller? Peguei meu telefone, passei o dedo na tela e o coloquei de volta no lugar. Depois de dois segundos, peguei o celular novamente, passei o dedo na tela e, ainda pensando melhor, coloquei-o de volta na mesa.

— Preocupada com o Marcus? — Beverly adivinhou. — Não se

preocupe. Ele sabe que deve ser cuidadoso. Não é como se ele estivesse indo para lá às cegas. Ele está preparado.

Exalei, os músculos do meu estômago se contraíram.

— Eu sei.

— Ele pode cuidar de si mesmo. Ele é um menino grande — confortou minha tia com um sorriso.

Franzi a testa com a insinuação em seu tom. Eu sabia exatamente a qual *garotão* ela estava se referindo. E ela não estava errada.

Recostei-me em minha cadeira, olhando para o café de Beverly enquanto pensava em pegar um pouco.

— Graças ao caldeirão, ninguém mais morreu. Talvez Arlo tenha sido o único.

Eu sabia que essa era uma hipótese remota. Com nossa história, nossos problemas nunca vinham apenas em um.

Dolores passou o dedo em um parágrafo de seu livro.

— Se tivermos sorte, sim. É triste, porém, para Arlo.

Observei os olhos de Dolores percorrerem a página.

— Você já lidou com magia negra antes? Ou conhece alguém que tenha lidado, além do Duckie?

— Se você está perguntando se já lidamos com uma maldição de magia negra desse nível? — perguntou Dolores. — Então a resposta é não.

Um pensamento me ocorreu. Sentei-me mais reto em minha cadeira.

— Que tal uma cura ou uma contra-maldição? Não sei nada sobre magia negra, mas me parece mais *física*. E se elas forem parecidas com as maldições tradicionais, poderíamos encontrar uma contra-maldição. Certo?

Fazia sentido. As maldições tinham contra-maldições. Ou assim eu esperava.

Dolores olhou para Beverly antes de responder.

— Logicamente, sim. As maldições de magia negra estão sujeitas a contra-maldições.

— Isso é bom. Certo? — perguntei. — Então, por que você não parece animada com isso?

Dolores tirou os óculos de leitura do nariz.

— Porque uma cura ou contra-maldição de magia negra seria igualmente perigosa. Você precisa manipular uma maldição de magia negra potencialmente mortal para criar uma contra-maldição.

— Claro que sim. — Suspirei, esfregando as têmporas. — Mas ainda é uma opção. Ainda é possível.

— Tudo é possível, querida — disse Beverly. — Basta olhar para as sobrancelhas de Dolores. Não dá para inventar essas coisas.

Dolores olhou para Beverly.

— Até sabermos com o que estamos lidando, não podemos fazer uma contra maldição. Ainda não. Não até fazermos mais testes.

Beverly colocou a mão na bolsa que estava sobre a mesa e tirou o estojo compacto. Ela sorriu para seu reflexo e franziu os lábios como se estivesse prestes a beijar um de seus pretendentes.

— Acho que vou usar meu vestido verde hoje à noite.

— Esta noite? — Olhei fixamente para minha tia. — Você vai sair com alguém hoje à noite? Quando sabemos que alguém está por aí lançando maldições de magia negra? Tem certeza disso?

Eu sabia que minha tia era uma criatura excitada, mas às vezes era preciso cruzar as pernas.

Beverly me deu um sorriso.

— Está brincando? Bernard McGee está me levando para sair. Nós éramos namorados no ensino médio naquela época.

— Quando os espartilhos estavam na moda — zombou Dolores.

— Há três anos que estou esperando que ele largue aquela burrinha. — Beverly fechou seu compacto com força. — Não vou deixar que algo como uma maldição de magia negra me impeça de sair com ele esta noite.

— Está bem, então.

Não tenho certeza de como deveria responder a isso.

Ficamos sentados por um momento em silêncio, interrompido apenas pelos sons de panelas batendo em panelas e os murmúrios ocasionais de Ruth vindos da sala de poções. Hildo estava enrolado em uma bola no balcão, com as patas e os bigodes se contorcendo enquanto sonhava.

Bati no queixo pensativamente com o dedo.

— Vou perguntar ao meu pai se ele já teve de lidar com magia negra. Nunca se sabe. Ele pode ter alguma informação útil.

Fazia mais de uma semana que eu não via meu pai. A última vez foi na casa da minha mãe. Eu ainda não havia testado meu portal do porão para o mundo subterrâneo Chalé Davenport, e essa era uma ótima desculpa para tentar.

Dolores assentiu com a cabeça.

— Sim. Acho que é uma ótima ideia.

A campainha tocou em toda a Casa Davenport.

— Eu atendo.

Empurrei minha cadeira para trás e me apressei em atender. Embora eu tivesse minha própria casa no quintal, ainda assim passava a maior parte de minhas horas de vigília e trabalho na casa de minhas tias.

Abri a porta, pensando que provavelmente era Martha ou outro cidadão em pânico de Hollow Cove que precisava de consolo. Se fosse Gilbert, eu bateria a porta na cara do metamorfo.

— Marcus? — Falei, surpresa, e soltei um suspiro de alívio ao vê-lo. Lindo. Saudável. Não estava com os olhos amarelos ou enlouquecido por alguma maldição de magia negra, pelo que pude ver. Ele não tinha saído há muito tempo e já estava de volta. — Você encontrou a esposa de Arlo? — perguntei ao chefe.

Ele ficou na varanda, com o rosto e a postura rígidos de tensão. A apreensão em sua postura mostrava que ele estava com medo. Medo? Medo de quê?

Meu coração saltou para a garganta, quase me sufocando.

— Qual é o problema?

Comecei a avançar.

— Não faça isso — advertiu Marcus, e fiquei paralisada com o alarme em sua voz. Ele levantou a mão. — Não se aproxime de mim. Fique onde você está.

Observei horrorizada enquanto ele dava dois passos para trás e descia o primeiro degrau.

— Marcus? O que está acontecendo?

Dolores veio correndo pelo corredor com Beverly ao seu lado.

— Você encontrou a Trudy? — ela perguntou quando parou na porta.

— Sim — disse ele, com os olhos cinzentos cheios de tensão. — Ela está morta.

Bem, que merda.

CAPÍTULO 4

Eu estava correndo.

Ok, era tipo uma caminhada rápida. Todos nós sabíamos que minhas pernas não foram feitas para esse tipo de excursão. Elas eram mais do tipo de apêndices para chegar a lugares em um ritmo tranquilo.

— Por que estamos marchando como moças solteiras atrás de um solteiro rico? — Ronin me olhou com um sorriso enquanto caminhava ao meu lado.

— Gilbert convocou uma reunião de emergência na cidade — eu disse a ele, no momento em que os postes de luz da cidade zumbiam e um brilho amarelo suave era emitido deles. — Tenho certeza de que tem algo a ver com a morte de Arlo. E agora a de sua esposa.

Senti uma pontada no peito ao me lembrar do medo e da angústia no rosto de Marcus quando ele me disse para me afastar dele, como se ele fosse contagioso, como se chegar perto dele fosse causar minha morte prematura. Aquilo partiu meu coração naquele momento. A ideia de não poder tocar o homem que eu amava era mais assustadora do que enfrentar uma maldição de magia negra.

Mas maldições negras não eram contagiosas. Não é?

— Como ela morreu? — perguntou o meio-vampiro, caminhando sem esforço. Ele poderia estar deslizando. Era difícil dizer.

— Faca de cozinha na garganta.

— Droga — murmurou Ronin.

— Não sabemos se Arlo fez isso, ou talvez Trudy tenha feito isso a si mesma.

Apesar de Marcus tê-la encontrado morta em sua própria casa, ele estava convencido de que ela estava sendo afetada pela mesma maldição que havia matado seu marido.

Ronin assobiou.

— Que merda. Que diabos está acontecendo aqui?

— Boa pergunta — ofeguei, sentindo uma câibra no meu lado esquerdo.

— A Ruth já descobriu alguma coisa? — perguntou Iris, um pouco sem fôlego por ter marchado ao lado de Ronin.

Passamos pela Charms Avenue e viramos à esquerda.

— Ainda não — eu disse a ela. — Ela está trabalhando nisso o dia todo. Não fez uma pausa sequer. Nem mesmo para jantar, e ela ainda

está trabalhando nisso.

— Com o que ela tem para trabalhar? — perguntou Iris.

— O sangue de Arlo. Ela acha que pode descobrir que tipo de maldição de magia negra foi responsável usando-o.

— Pobre coitado — disse Ronin com uma ponta de tristeza. — Eu gostava do Arlo. Ele era um cara decente.

Olhei para o Ronin.

— Você o conhecia?

— Ele me ajudou a construir meu portfólio imobiliário aqui em Hollow Cove e algumas propriedades em Cape Elizabeth.

O som de vozes veio de trás de mim, e virei a cabeça para ver grupos de paranormais se espalhando pelas ruas, com expressões irritadas, mas ainda um pouco relaxadas. Eu sabia que isso não duraria muito. Eles não tinham ideia do que estava por vir.

Quando chegamos ao Centro Comunitário de Hollow Cove, ele estava lotado com cerca de duzentos moradores paranormais agitados. Parecia que a maior parte da cidade havia se aglomerado ali. A maioria ficou ao longo das paredes laterais e dos fundos porque não havia cadeiras suficientes para todos, inclusive para nós.

O ar cheirava a suor e a muitos corpos em um espaço muito pequeno. Olhei em volta. A irritação era a emoção dominante nos rostos de todos os habitantes da cidade, como se Gilbert tivesse interrompido o jantar de propósito para fazer mais um de seus anúncios menores na cidade.

Avistei minha tia Dolores, Beverly e minha mãe sentadas na primeira fileira. Suas expressões eram duras e bem controladas. Beverly não parava de jogar o cabelo para trás, com uma postura cheia de energia nervosa, enquanto mamãe tinha os olhos fixos nas saídas, com uma expressão tensa no rosto, como se estivesse pronta para fugir.

Dolores estava olhando para a frente da sala. Segui seu olhar. Gilbert estava sentado atrás de uma longa mesa de metal, com Martha à sua esquerda. Marcus, que normalmente se sentava à escrivaninha com eles, estava de pé atrás deles, com as costas apoiadas na parede e os braços cruzados sobre o peito amplo.

Senti os olhos em mim. Marcus estava me observando do outro lado da sala. Sua expressão era indecifrável, mas, mesmo à distância, eu podia perceber a tensão em seus ombros largos, os músculos do pescoço e o leve cerrar e soltar de sua mandíbula.

Meu coração acelerou e tive de me esforçar para não me mexer no assento. Uma onda de emoções me percorreu ao pensar que Marcus estava sendo amaldiçoado.

Senti-me tola ao pensar no anel que havia encontrado em seu bolso. Vamos ser honestos. Estava obcecada por ele, na verdade. Mas

parecia sem importância comparado ao que estava acontecendo agora - a perda de duas pessoas.

Aqui tínhamos dois habitantes da cidade mortos por uma maldição desconhecida de magia negra, e eu ainda estava pensando em um anel.

Eu era uma pessoa horrível? Quem sabe. Eu era horivelmente instável? Possivelmente.

— Não há mais lugares para sentar — disse Iris, olhando ao redor. Meus pensamentos estavam dispersos.

Um movimento chamou minha atenção. Dolores estava de pé, acenando com a mão para nós e nos chamando para irmos até ela.

— Ali. Dolores nos reservou alguns lugares — eu disse a eles enquanto me dirigia para a frente da sala, onde Dolores e Beverly estavam sentadas com minha mãe.

— Silêncio, pessoal! Eu disse *silêncio*! — Gilbert bateu o martelo na mesa e olhou para a multidão, com o rosto em um tom feio de vinho.

Peguei o assento ao lado de Beverly. A Iris e o Ronin ocuparam os assentos à minha direita.

Dolores se inclinou.

— Eu estava começando a achar que você não ia aparecer.

Franzi a testa diante de seu tom acusador.

— Eu queria ter certeza de que Ruth tinha tudo o que precisava antes de ir embora.

— É claro que ela tinha tudo o que precisava. Eu me certifiquei disso.

Dolores cruzou os braços sobre o peito, voltando sua atenção para Gilbert.

— Não ligue para ela — disse Beverly, alisando as rugas do vestido ao redor das coxas. — Ela tem sido uma velha rabugenta desde o dia em que nasceu.

— Eu ouvi isso — rosnou Dolores, embora mantivesse os olhos voltados para a frente.

— Tessa, arrume seu cabelo — repreendeu minha mãe. A irritação tomou conta de seu rosto ao me ver. — Pentear o cabelo é sem custo, sabe.

— Assim como a civilidade — eu disse a ela e puxei o elástico do meu rabo de cavalo com mais força.

Olhei na direção de minha mãe. Tínhamos as mesmas maçãs do rosto altas, lábios cheios e olhos escuros. Sua exuberante juba de cabelos castanhos e grisalhos se encostava em seus ombros. Ela parecia diferente. Seu rosto havia perdido a carranca habitual, substituída por uma expressão relativamente tranquila e satisfeita. Eu não tinha certeza se gostava dessa nova mulher. No entanto, parecia que a vida de casada era boa para ela, e eu estava feliz por ela, na

verdade.

Suspirei e tentei ficar o mais confortável possível em uma cadeira de plástico duro, mas já podia sentir uma dor na bunda. Chamei a atenção de Beverly.

— O que aconteceu com seu encontro com Bernard?

Beverly soltou um suspiro de decepção.

— Ele está morto.

Pisquei os olhos.

— Espere. O que aconteceu?

Minha tia deu de ombros.

— Fui até a casa dele para lhe dar uma bronca quando ele não atendia o telefone. Ninguém dá ghosting em *Beverly Davenport*.

Ela disse isso como fosse um nome conhecido, como se fosse uma famosa estrela de Hollywood.

— Bem, eu o encontrei deitado ao lado do carro na garagem. Ele foi saqueado. Estava completamente destruído tudo o que havia lá. Estava coberto de sangue. Sangue dele. Sangue por toda parte. Ele estava morto há muito tempo. Não havia nada que eu pudesse fazer. Aconteceu com ele também.

Meu medo redobrou.

— Tem certeza de que foi a maldição da magia negra? Quero dizer, talvez ele tenha sido atacado? — É, provavelmente não.

Beverly cruzou os braços sobre o peito, com as costas rígidas e os olhos verdes irritados.

— Não sou apenas uma mulher linda com os melhores peitos da cidade, sabe. Sou perfeitamente capaz de determinar que foi a mesma maldição. Além disso — acrescentou ela com um encolher de ombros, — os olhos dele estavam amarelos.

Droga. Três mortos? Minha mente começou a girar. Qual era a conexão entre os Miller e Bernard? Eles se conheciam? Arlo tinha negócios com Bernard? E então as perguntas óbvias: por que eles foram mortos por essa maldição de magia negra? Quem os queria mortos?

— Marcus sabe? — perguntei. Os olhos cinzentos do chefe estavam voltados para mim quando olhei em sua direção. Seu rosto estava cuidadosamente sem expressão... mas seus olhos. Ele não conseguia esconder seus olhos. E eu podia ver o tumulto por trás deles, o medo, a dor. E então ele desviou o olhar. Senti como se minhas entranhas estivessem sendo puxadas por uma peneira.

— Sim, eu liguei para ele — respondeu Beverly, sua voz quase abafada por toda a agitação na sala. — Eu não ia me aproximar do corpo. Ele e seus delegados vieram para levar Bernard embora.

Ela soltou uma baforada de ar.

— Eu estava realmente ansiosa por esse encontro. Até depilei

minhas pernas.

Gilbert pulou de sua cadeira.

— Eu quero ordem! — gritou, esmagando o martelo como se estivesse tentando usá-lo como um martelo. A fúria fez uma careta feia e suada em seu rosto.

Recostei-me em minha cadeira de plástico.

— Bem. Isso vai ser divertido.

— Concordo.

Ronin tirou um frasco de aço inoxidável de dentro de sua jaqueta.

— Para ajudar com seus nervos.

— Não estou nervosa.

O meio-vampiro levantou uma sobrancelha.

— Beba o maldito uísque.

Iris soltou uma pequena risada enquanto eu pegava o frasco.

— Ok, você me pegou.

Tomei um gole, e um calor delicioso e suave envolveu minha garganta.

— Coisa boa.

Ronin pegou o frasco.

— Eu sei. Sou a favor das coisas boas.

O meio-vampiro inclinou a cabeça para trás, tomou um gole e depois o entregou a Iris.

— Talvez eles tenham descoberto algo — disse Iris, devolvendo o frasco a Ronin.

— Talvez não seja o que estamos pensando.

— Veremos — eu disse, embora se alguém tivesse descoberto algo, eu seria um dos que saberia.

Inclinei-me para a frente até chamar a atenção de minha mãe.

— O que meu pai acha? Você falou com ele?

Conversar sobre magia negra com meu pai demônio estava na minha lista de coisas a fazer. Eu simplesmente não tinha tido a chance de conversar com ele. Eu tinha certeza de que, se tínhamos maldições de magia negra neste lado do mundo, havia algumas no Mundo Inferior. E eu iria conversar com ele sobre isso.

Minha mãe olhou para mim, com seus olhos escuros preocupados.

— Ele está em uma convenção de demônios e não voltará até amanhã à noite.

Senti minhas sobrancelhas se erguerem.

— Convenção de demônios? Isso é uma coisa real?

— Acho que todos nós deveríamos ter ficado em casa — continuou minha mãe, como se eu não tivesse falado. — Todas essas pessoas reunidas em um espaço tão pequeno não é uma boa ideia.

Um choque de medo me percorreu. Achei que minha mãe poderia estar certa.

— Talvez devêssemos ter feito a reunião por videoconferência.

Dolores se virou para mim.

— Não seja ridículo. Esse tipo de notícia deve ser dada pessoalmente. Somos bruxas de Davenport, não covardes. Como Merlins, isso faz parte de nossa responsabilidade. Ter a coragem de dar más notícias.

Gilbert bateu seu martelo novamente, fazendo-me estremecer quando o som ecoou ao nosso redor.

— Se não se acalmarem, aumentarei seus impostos em vinte por cento!

Ele faria isso. Com certeza.

Um estrondo de irritação percorreu a multidão de paranormais e, com uma rodada final de risadas, todos ficaram em silêncio.

Gilbert baixou o paletó.

— Excelente — disse ele, ofegante. — Esta reunião está aberta.

Ele colocou o martelo sobre a mesa e se sentou. Entrelaçou os dedos sobre a mesa e olhou para minhas tias Dolores e Beverly antes de continuar.

— Convocamos esta reunião de emergência para informá-los de uma situação complicada.

Um homem baixo da última fileira se levantou, com sua barba preta tão espessa quanto seu cabelo.

— Isso é por causa da altura da minha cerca de novo? Como eu lhe disse, ela não tem nem dois metros.

Uma mulher algumas fileiras antes dele se levantou.

— Essa cerca é uma monstruosidade. Mais valia ter construído um muro de cimento, de tão feia que é.

O homem barbudo estreitou os olhos.

— Cuide de sua vida, Victoria.

Os olhos de Victoria se arregalaram.

— Isso é assunto meu. Estou do outro lado da rua, em frente a você e a essa prisão que você chama de casa.

— Exatamente — disse o homem barbudo. — Esta é minha propriedade. Não é sua.

Gilbert bateu o martelo.

— Chega! Não estamos aqui para discutir a altura de sua cerca ou de suas sebes. Os dois se sentam ou serão escoltados para fora. Terão sua chance de falar no fórum aberto.

Victoria lançou um olhar venenoso para o homem barbudo antes de ambos se sentarem.

Gilbert limpou a garganta.

— Aconteceu algo com três pessoas na cidade. Algo... terrível. Chefe?

Marcus se afastou da parede e foi até a frente. Todos na sala

voltaram sua atenção para o wereape. Sua força, seu poder, sua presença imponente e o ar de domínio pressionavam a mim e a todos, como se apenas sua presença dissesse a todos para se submeterem ou então - o verdadeiro alfa.

Não pude deixar de notar como ele se mantinha a uns três metros de distância de Gilbert e Martha. Também notei que Cameron e Scarlett estavam ausentes.

— Três pessoas morreram nas últimas dez horas — disse o chefe, sua voz forte e ressoando pela sala. Arlo e Trudy Miller e Bernard McGee.

Um murmúrio geral de choque e agitação foi emitido pelos habitantes da cidade reunidos no centro comunitário.

Uma mulher com mais rugas do que cabelos levantou a mão e falou:

— Como eles morreram? Houve algum acidente? Não estou sabendo de nenhum acidente.

Um músculo se contraiu na mandíbula de Marcus. Seus olhos se voltaram para minhas tias antes de ele responder.

— Não foram acidentais.

— O que diabos isso significa? — gritou alguém que eu não conseguia ver, vindo dos fundos.

Uma grande veia latejava no pescoço de Marcus.

— Significa exatamente o que acabei de dizer. Suas mortes não foram acidentais.

— Quer dizer que eles foram assassinados! — gritou um jovem do outro lado da primeira fila, na direção oposta à nossa.

Quando Marcus não respondeu, uma harmonia de sussurros de choque e angústia ecoou entre os habitantes da cidade.

Um homem lobisomem que reconheci como um dos pais cujo filho foi assassinado pela Guilda dos Magos das Trevas se levantou lentamente. Ele cruzou os braços musculosos sobre o peito.

— Assassinados ou não, você pode nos dizer como eles morreram? Acho que merecemos saber.

— Sim! — gritou um homem sentado ao lado dele.

— Conte-nos. Temos o direito de saber — concordou uma mulher de cabelos ruivos, na fileira atrás deles.

Marcus assentiu com a cabeça.

— Sim. Você está certo. Você tem o direito. Eles enlouqueceram. E mataram uns aos outros ou se mataram.

Outra rodada de incredulidade ecoou entre os habitantes da cidade reunidos no centro comunitário.

— Isso não faz sentido — disse a mesma mulher de cabelos vermelhos.

O chefe lançou um olhar na direção de Dolores.

— Dolores, por favor?

Minha tia alta se levantou e ficou de frente para a sala.

— Eles morreram do que acreditamos ser o resultado de uma maldição de magia negra.

O mesmo lobisomem grosso balançou a cabeça, com as sobrancelhas espessas se juntando no meio.

— O que isso quer dizer? Eu não falo bruxo.

Um lampejo de irritação passou por mim diante de seu tom condescendente.

— Dê isso aqui — eu disse ao Ronin. Peguei seu frasco e tomei outro gole.

Dolores olhou fixamente para o lobisomem. Seu olhar era suficiente para murchar as rosas.

— O QI caiu desde a última vez que me dirigi à cidade? Eu disse que eles morreram por causa de uma maldição. Uma maldição de magia negra. Eles se tornaram irracionais e loucos, atacando em um frenesi de loucura antes de se matarem ou matarem os outros.

— E? — disse o mesmo lobisomem, claramente sem entender. — E daí? O que isso tem a ver conosco?

— Bem, por um lado — respondeu Dolores, — não sabemos quem está fazendo isso.

O lobisomem deu de ombros.

— Não é esse o seu trabalho? Encontrar essas bruxas? Seus parentes?

A irritação tomou conta do rosto de Dolores. Mas antes que ela pudesse responder, uma cabeça de cabelos brancos apareceu no fundo da sala. Os paranormais se separaram em torno da pessoa, como uma pedra em um riacho, claramente não querendo ser tocados. E quando eu a vi, soube o motivo.

Os cabelos de Ruth estavam caídos em volta dos ombros, seu rosto estava manchado e suado, e ela ainda usava as luvas de cozinha cor-de-rosa. Descalça, ela se aproximou de Dolores e Beverly e sussurrou algo para elas. Minha mãe ficou observando, mas não pareceu nem um pouco incomodada por não ter sido incluída na conversa. Eu estava.

Sentei-me mais ereta e olhei para a Iris, que parecia tão perturbada quanto eu.

— O que está acontecendo?

Ruth se virou e me deu um sorriso triste.

— Nada de bom, infelizmente.

O medo envolveu minha garganta com a angústia que vi no rosto de minha linda tia. Eu queria lhe fazer mais perguntas, mas então ela se levantou na ponta dos pés e sussurrou no ouvido de Dolores, que ficava cada vez mais pálida.

— O que está acontecendo aqui? — alguém gritou do fundo da sala.

— O que você não está nos dizendo? — gritou outra voz.

Dolores esperou por um momento de silêncio.

— Parece — disse ela em voz alta e lentamente, como se estivesse falando com uma criança. Seus olhos escuros percorreram a sala.

— A maldição da magia negra... pode ter propriedades contagiosas.

— É contagioso! — gritou uma mulher.

Gritos e berros ecoaram pela sala no momento em que metade das pessoas reunidas pulou de seus assentos e se dirigiu para a saída.

— Talvez - falei.

— Talvez sim — gritou Dolores, embora ninguém a tenha ouvido.

— Eu sabia que isso ia ser emocionante — disse Ronin, recostando-se na cadeira e levando o frasco aos lábios.

Meus olhos se voltaram para Marcus. Eu me sentia sem fôlego só de estar sentada aqui, e era por isso que ele estava mantendo distância. Ele havia sentido algo sobre a maldição ser contagiosa, mas ele não poderia estar infectado. Poderia?

— Espere! Ordem! Ordem! — Gilbert gritou, batendo o martelo. — Todos, acalmem-se. Não há necessidade de entrar em pânico. Quando entramos em pânico, as pessoas se machucam.

— É fácil para ele dizer isso — rosnei, lembrando-me de como ele havia se protegido às custas de todos os outros. Observei a maioria parar e ouvir enquanto uma dúzia de paranormais fugia pela saída.

Um homem na casa dos cinquenta anos, com uma barriga grande, deu um passo à frente.

— Como podemos nos acalmar? Você acabou de dizer que uma maldição mágica de contágio está matando pessoas nesta cidade.

Gilbert lançou um olhar incisivo para o homem.

— Dolores disse isso, não eu.

Dolores lançou-lhe um olhar fulminante, com os lábios se movendo no que eu poderia dizer:

— Covarde.

— O que os Merlins estão fazendo a respeito? — gritou uma mulher com uma criança de colo.

Beverly levantou as mãos.

— Estamos trabalhando sem parar para encontrar uma contra-maldição.

— Mas, enquanto isso... — Dolores encontrou o olhar de Marcus e fez um único aceno de cabeça. Eu não tinha ideia do que ela estava dizendo, mas Marcus parecia saber exatamente o que ela queria dizer quando levantou as mãos.

— Todos, silêncio — ordenou o chefe. E para minha surpresa -

bem, nem tanto - a multidão se acalmou. — Escutem. Se você ou um membro da sua família estiver se sentindo mal, meio fora de si, precisa ficar em casa e se isolar. Depois de muito debate com os conselheiros municipais e o Grupo Merlin, nós votamos. — Ele engoliu e esperou que a atenção de todos se voltasse para ele novamente. — Até sabermos mais sobre a maldição da magia negra, a cidade está em quarentena — disse o chefe. — Ninguém sai e ninguém entra.

CAPÍTULO 5

Acordei na manhã seguinte com uma forte dor de cabeça, como se estivesse com a maior ressaca do ano, embora eu mal tivesse tomado o uísque do Ronin.

Eu sabia que isso não se devia ao álcool, mas sim ao fato de ter dormido pouco e pensado demais.

Era a primeira vez que eu dormia sozinha desde que Marcus se mudara para o Chalé Davenport, o que significava mais ficar me revirando do que dormir de fato. Percebi o quanto me apeguei a ele, como eu esperava encontrá-lo em minha cama comigo, acordando com seu corpo glorioso e nu. Essa era a minha única regra. Se Marcus estava na cama, ele tinha que estar nu.

Mas, falando sério, apesar de meus planos para o jantar terem evaporado, isso não significava que eu não pudesse passar algum tempo sozinha com meu chefe. Sempre havia comida para viagem.

E, com isso em mente, eu o procurei ontem à noite, assim que a reunião terminou, esperando que tivéssemos um tempo a sós. Mas fiquei muito desapontada.

— Achei que poderíamos pedir hoje à noite — disse a ele quando me aproximei, — algo do Delícias Etéreas. Sei que você gosta muito do bife deles.

O chefe deu alguns passos para trás, com uma advertência em sua postura.

— Não faça isso.

Parei, embora não achasse que fosse necessário.

— Seus olhos estão bem. Você não está infectado com a maldição. Além disso, Dolores disse que *pode*. Talvez não seja contagiosa. Você não está mostrando nenhum sinal dessa maldição de magia negra. Se a tivesse, já teria sido infectado.

— Não sabemos isso. Ainda não.

Ele olhou para mim com remorso e saudade.

— Eu fui exposto a isso. Estive em contato com os mortos. Até sabermos mais, não vou me arriscar. Não com sua vida.

Meu coração deu um pequeno puxão.

— Entendi. Então, hoje não tem jantar.

— Sinto muito, Tessa. Não posso.

Suas palavras foram cortadas e seu tom foi áspero.

A tensão em seu rosto me deu um soco bem no meio do caminho.

— Você não está voltando para casa. Vai?

Os olhos cinzentos de Marcus fixaram os meus.

— Vou dormir no escritório esta noite. Tenho um sofá. Ficarei bem.

Eu não ia ficar bem.

— Tem certeza? Quero dizer... nós temos um quarto de hóspedes.

Ainda era estranho pensar que compartilhávamos uma casa. Um estranho bom.

Ele exalou, e as rugas fracas em seu rosto se aprofundaram como se uma vida inteira de dor tivesse caído sobre ele naquele instante.

— Até que Ruth possa nos dizer como isso é transmitido, acho que é melhor eu ficar lá.

Eu sabia que ele estava certo, mas isso não significava que eu tinha que gostar.

Aquele olhar atormentado em seus olhos me manteve acordado durante a maior parte da noite e nas primeiras horas da manhã. Ele estava preocupado com sua cidade e comigo.

Eu havia jogado fora toda a questão do anel. Se o chefe quisesse me pedir em casamento, ele já teria feito isso. Ele não o fez, mesmo antes dessa maldição de magia negra, o que significava que não iria acontecer. Talvez eu tivesse imaginado tudo isso.

Ou talvez ele tenha mudado de ideia.

Bem, não havia motivo para ficar na cama sozinha olhando para o teto. Levantei as pernas da borda e entrei no chuveiro. Quando terminei de escovar os dentes e vestir minhas roupas, desci as escadas.

Saí pela porta da frente, caminhei cerca de seis metros pelo gramado e abri a porta dos fundos da Casa Davenport.

— Preciso de café — anunciei quando entrei na cozinha e fui direto para a cafeteira.

Beverly levantou os olhos de sua caneca de café e me deu um sorriso conhecedor.

— Alguém está mal-humorado.

— Não estou. Só preciso de minha dose de cafeína.

Beverly enrolou uma mecha de cabelo loiro atrás da orelha.

— É assim que eu fico quando não faço sexo há dois dias. Se eu não começar a ter urticária, fico como Godzilla - um monstro faminto por sexo — acrescentou ela com uma risada.

— Sim, todos nós sabemos como você pula de vítima em vítima — disse Dolores, folheando uma pilha de cartões de mensagem. Três tomos gigantes e resmas de papéis estavam diante dela. Ela olhou para mim e disse:

— O que há de errado com *sua* máquina de café? Você não tem café em sua nova casa?

Percebi seu tom ligeiramente irritado. Se eu fosse adivinhar, minha

tia Dolores estava com ciúmes porque a casa me deu à luz uma versão bebê de si mesma. Ela queria que tivesse sido para ela.

Servi-me de uma xícara de café com um cheiro delicioso.

— A sua tem um gosto melhor.

Tomei um gole e engoli, encostando-me no balcão.

— Definitivamente melhor.

Na verdade, não. Eu só estava com preguiça de fazer um novo lote de café no Chalé Davenport. Viver a apenas alguns metros de distância definitivamente tinha suas vantagens.

— Você falou com sua mãe? — perguntou Beverly.

Balancei a cabeça.

— Não desde a noite passada. Ela disse que ia se trancar em casa. Ficar lá dentro até que a — fiz aspas com os dedos —epidemia acabe.

Conhecendo-a, ela provavelmente estava entusiasmada em ficar dentro de casa, o único lugar onde ela e meu pai demônio poderiam ficar juntos, além da Casa Davenport e do Chalé.

— Como está o Marcus? — perguntou Beverly. — Ele parecia muito tenso ontem à noite.

— Bem, eu acho. Tão bem quanto alguém poderia estar com o que está acontecendo

— eu disse a ela enquanto me movia para a mesa da cozinha, puxava uma cadeira e me sentava. — Ele montou uma barreira na ponte Davenport, mantendo todo mundo lá dentro e recusando aqueles que querem entrar — respondi, lembrando-me da mensagem de texto que recebi dele por volta da meia-noite de ontem.

Eu: Você são apenas em três. Não deveriam pedir reforços?

Marcus: Não podemos arriscar a propagação da infecção. Não até sabermos mais. Devemos ficar bem.

Olhei para cima e ouvi o som de pés batendo no assoalho de madeira. Ruth entrou na cozinha, com o rosto abatido e irritação nos olhos. Hildo, seu gato preto familiar, estava enrolado em seu pescoço, equilibrando-se perfeitamente com seus movimentos, como se ele tivesse sido feito para ser um cachecol vivo. Ela estava usando a mesma blusa e saia bege que havia usado ontem, e olheiras estavam pintadas abaixo de seus grandes olhos azuis. Ela parecia cansada e velha. O coque no topo de sua cabeça havia se desfeito novamente, e mechas de cabelo branco solto caíam ao redor de seus ombros. Ela parecia exausta.

Se eu tivesse que adivinhar, diria que ela não dormiu nada na noite passada, depois da reunião de emergência, quando descobriu que essa maldição de magia negra "poderia" ser contagiosa.

— Não é uma bactéria — ela me disse assim que o Centro Comunitário de Hollow Cove ficou vazio. — É viral. Mas não é transmitido pelo ar ou por espirros. E acredito que só pode ser

transmitida por contato direto.

Não eram grandes notícias, mas o fato de não ser uma maldição mágica transportada pelo ar parecia ter liberado parte da tensão das minhas tias.

Pensando que a maldição era realmente contagiosa, a transmissão por contato direto significava que deveria haver contato físico entre uma pessoa infectada e uma pessoa não infectada, como tocar um indivíduo infectado, beijar, ter contato sexual ou qualquer forma de contato. Isso significa que esse tipo de transmissão exige contato próximo com um indivíduo infectado. Foi aí que Arlo, sua esposa Trudy e Bernard entraram em cena.

Arlo e sua esposa viviam juntos, o que explica como ambos foram infectados. Mas isso não explicava como Bernard foi infectado. E não explicava quem os havia amaldiçoado e por quê.

Observei enquanto Ruth pegava algumas amêndoas de um pote e as enfiava nos bolsos da frente da saia. Em seguida, ela tomou um copo de suco de laranja, limpou a boca com as costas da mão e começou a sair.

— Ruth? Para onde você está indo?

— Necrotério — respondeu minha pequena tia ao parar e olhar para mim. — Preciso de mais sangue das vítimas.

— Para a contra-maldição? — eu adivinhei, lembrando-me da conversa que ela teve com minhas tias na noite passada sobre a conjuração de uma contra maldição para o caso de mais pessoas da cidade serem infectadas.

Ruth tirou uma mecha solta de cabelo branco do rosto.

— Já usei toda a amostra que tinha. Eu... eu preciso de mais. Muito mais.

Não pude deixar de notar que ela não respondeu à minha pergunta sobre a contra maldição. Por que isso aconteceu? A magia negra era tão diferente da branca ou das trevas? Era assim tão difícil de manipular?

Ruth olhou para mim.

— Tessa. Há um pouco de pão caseiro com passas na geladeira, se quiser. Sinto muito, mas não posso preparar seu café da manhã hoje.

Meu peito se contraiu com a exaustão em sua voz.

— Deus, não, Ruth. Eu nunca pediria isso a você.

Essa era a minha tia Ruth, sempre colocando as necessidades dos outros acima das suas próprias.

Ruth assentiu com a cabeça.

— Está bem. Está bem.

— Ei.

Hildo apontou uma pata para mim.

— Não coma todo o pão de passas. Ele é o meu favorito.

Revirei os olhos para o gato.

— Tudo o que Ruth faz é seu favorito.

O gato deu de ombros.

— Apenas me guarde um pouco, ok?

Eu sorri.

— Com certeza, gatinho.

Meu peito estava apertado. Eu odiava ver minha tia Ruthy com uma aparência tão cansada.

— Posso ajudar? Você sabe que sou um desastre com poções, mas, se precisar de alguma coisa para fazer — olhei para mim mesma com o polegar — sou toda sua.

O rosto de Ruth se contraiu no que eu acreditava ser sua tentativa de sorrir, mas seu rosto parecia super colado em um sorriso cansado.

— Obrigada, Tessa. Mas já tenho tudo o que preciso.

— O que você precisa é dar um tempo antes de se matar — disse Dolores, com a voz áspera. — Você não pode ajudar ninguém se estiver morta.

— Ela tem razão — concordou Beverly. — Que tal você tirar um cochilo e eu a acordo daqui a algumas horas?

Ruth balançou a cabeça, com mechas de cabelo flutuando ao redor da cabeça.

— Alguns de nossos amigos podem não ter algumas horas. Essa maldição da magia negra é uma fera horrível. Ainda há muita coisa que eu não sei. Por quanto tempo a maldição fica ativa em um corpo? Quem é mais suscetível? Quem mais está infectado? Não vou parar até descobrir.

— Você acha que há mais pessoas infectadas pela maldição? — perguntei à minha tia, com meus pensamentos voltados para Marcus.

As sobranceiras de Ruth se juntaram.

— Pode ser. Talvez estejamos todas infectadas.

— Urgh. Não diga isso — disse Beverly enquanto limpava os braços e as coxas como se o vírus consistisse em pequenos insetos rastejando sobre seu corpo.

— Não posso ter uma maldição. Tenho encontros planejados. Quem vai querer sair comigo se eu estiver amaldiçoada? — Ela sorriu sedutoramente e disse: — Amaldiçoada com um corpo glorioso?

— Duvido que alguém esteja pensando em sair com você agora — comentou Dolores, com um olhar cético no rosto comprido.

Beverly lançou um olhar furioso para a irmã.

— Todo mundo está *sempre* pensando em sair comigo.

Está bem.

— Qualquer pessoa com quem Arlo tenha tido contato pode estar infectada — eu disse depois de um momento, tentando lembrar se ele havia tocado em alguém na frente da loja de Gilbert.

Os olhos cansados de Ruth encontraram os meus.

— E quando você pega...

— Você enlouquece e mata alguém ou a si mesmo em um acesso de loucura — respondi por ela. Eu ia encontrar a pessoa ou as pessoas responsáveis. Eles iriam pagar por isso.

— Dolores, quando você terá o feitiço de detecção pronto? — perguntou Ruth, indo para a ilha da cozinha para se apoiar.

Dolores olhou para seu livro.

— Vou precisar de mais algumas horas.

— Ótimo. Voltarei assim que puder.

Ruth saiu da cozinha.

Levantei-me, peguei as chaves do Volvo na cesta de vime sobre a mesa e corri para o corredor.

— Ruth! Espere. As chaves do carro?

— Prefiro ir a pé — disse minha tia por cima do ombro, enquanto abria a porta da frente e desaparecia descalça mais uma vez.

Voltei para a mesa e me sentei.

— Ela saiu sem sapatos.

A ideia de minha tia Ruthy caminhando para o necrotério descalça nas calçadas sujas e na rua me fez estremecer.

— Oh, meu Deus — disse Beverly. — Ela não faz isso desde que a mamãe morreu.

As duas irmãs se entreolharam, mas ficaram em silêncio.

Segurei as chaves na mão enquanto um peso considerável esmagava meu peito. Ruth estava obviamente sob muita pressão. Ela não estava dormindo. Mal estava comendo. Eu tinha que fazer alguma coisa. Precisava ajudá-la. Precisava tirar um pouco do estresse dela.

Beverly soltou um longo suspiro cheio de cansaço e ansiedade.

— Odeio a ideia de uma quarentena, mas é a abordagem mais segura no momento.

— Bem, em quarentena ou não — disse Dolores. — Acabei de ouvir o grupo Merlin de Nova York, bem como o grupo Merlin de Boston. Nenhum deles relatou nenhum caso de maldição de magia negra.

— Até agora — acrescentou Beverly.

Dei uma olhada para eles.

— Isso é bom, não? Significa que foi contido. Certo? Por que você não parece feliz com isso?

O rosto comprido de Dolores se fechou em uma expressão de angústia.

— Não necessariamente. Isso pode significar que os amaldiçoados ainda não estão mostrando sinais.

Envolvi minha caneca de café quente com as mãos.

— Ou? Estou sentindo um "ou" aqui.

— Ou — continuou Dolores, — que Arlo, sua esposa ou Bernard tenham sido alvos *específicos*.

O medo fez o café em meu estômago rolar.

— Certo. Ainda assim, se eles tinham inimigos, por que usar um vírus mágico? Por que não simplesmente matá-los com uma arma, como uma pessoa normal? Não que matar alguém seja normal, mas você entendeu o que eu quis dizer.

Dolores embaralhou as cartas de mensagem como um crupiê em uma mesa de jogo de cartas.

— É por isso que precisamos que você faça algum trabalho braçal. Investigações.

Inclinei-me para a frente, animado com a perspectiva de realmente fazer algo produtivo.

— Claro que sim. Qualquer coisa.

— Enquanto Beverly e eu trabalhamos em um feitiço de detecção para ver quem mais pode estar amaldiçoado, precisamos que você vá à casa dos Miller e do Bernard.

O rosto de Dolores ficou mais sério do que o normal, e isso dizia alguma coisa.

— Precisamos descobrir quem era o paciente zero. Quem foi a primeira vítima da maldição da magia negra?

Beverly abriu seu compacto.

— É incrível que, mesmo com uma tragédia como essa, eu ainda esteja tão bonita.

Dolores olhou para a irmã antes de continuar.

— Até descobrirmos isso, não saberemos quem é o responsável por essa maldição. E precisamos saber. Se não o fizermos, isso será prejudicial para esta cidade.

Meu coração disparou e eu pulei da cadeira.

— Estou indo. Vou levar o Volvo — disse eu, segurando as chaves com força. — Vou precisar de seus endereços.

— Vou escrevê-las para você. — Beverly pegou um pedaço de papel e começou a escrever nele.

— Tessa.

Dolores apoiou os cotovelos na mesa.

— Mesmo que a maldição não seja transmitida pelo ar, e seu risco de infecção seja muito baixo, por favor, tenha cuidado.

— Eu vou.

Meu pulso pulsava de excitação e medo.

— Confie em seus instintos de bruxa — disse Dolores. — Se você sentir que algo está errado... de o pé de lá.

— Não se preocupe. Eu entendi.

Fui até a cozinha e peguei um par de luvas cor-de-rosa em uma das gavetas do fundo, colocando-as nos bolsos da calça jeans.

— Aqui.

Beverly me entregou um papel com os endereços das vítimas.

— Obrigada.

Olhei para as minhas duas tias. Ver a preocupação em seus rostos aumentou minha pressão arterial.

— Eu ficarei bem.

Com um novo senso de propósito, saí da cozinha, peguei meu telefone e minha bolsa e saí pela porta da frente.

A velha perua Volvo estava na entrada da garagem, basicamente esperando por mim e implorando para ser dirigida.

Abri a porta, sentei-me e deixei minha bolsa no banco do passageiro da frente. Coloquei a chave na ignição e o motor roncou.

Meu humor melhorou um pouco com minha nova tarefa. Eu estava encarregada de descobrir quem era o paciente zero. Poderia ser Arlo. Mas, por outro lado, também poderia ser sua esposa ou até mesmo Bernard.

Peguei meu telefone e digitei o endereço de Arlo no aplicativo Google Maps. Ele morava a apenas dez minutos de distância. As alegrias de viver em uma cidade pequena. Tudo e todos estavam por perto.

Mas, primeiro, eu tinha que me certificar de que Marcus estava bem.

CAPÍTULO 6

Abri a porta da Agência de Segurança de Hollow Cove e caminhei por um corredor até o saguão. Ao passar por algumas portas fechadas, os sons irregulares das luzes fluorescentes me atingiram, assim como o cheiro de café recém-preparado.

Uma escrivaninha ficava no final do saguão, onde se abria para um espaço maior. Normalmente, uma mulher mais velha, com cabelos brancos curtos e uma carranca permanente gravada em seu rosto por anos de uso, sentava-se ali, mas Grace não estava presente.

À direita da escrivaninha havia uma porta. O nome MARCUS DURAND estava estampado na janela, com as palavras OFICIAL CHEFE escritas abaixo dele.

A porta estava entreaberta. Eu podia ver parte de uma estante de livros, mas não conseguia ver se Marcus estava lá dentro ou não. Fui até a porta, com o coração batendo como um martelo pneumático. Tudo o que eu queria era ver seu rosto e ter certeza de que ele estava bem. Eu conhecia Marcus. Se tivesse sido infectado, ele esconderia o fato. Ele me diria que estava bem quando não estava. Ele era altruísta assim. Não queria que ninguém se preocupasse com ele. Mas essa não era uma maldição comum.

Eu havia lhe enviado uma mensagem de texto antes de sair, mas ele nunca respondeu, e era por isso que eu precisava vê-lo em carne e osso. Era uma carne tão linda e sexy, então por que diabos não?

Sorrindo ao pensar no tal corpo sexy, abri a porta.

— Ei, bonitão. Eu queria...

Uma loira alta, com rosto de modelo e corpo de pinup girl dos anos 50, estava no escritório de Marcus. Ela se virou da mesa dele ao ouvir meu som entrando.

O pânico brilhou nos olhos de Allison. Ele desapareceu um segundo depois, mas eu o vi.

Ela colocou as mãos para trás e se endireitou.

— O que *você está* fazendo aqui? — disse ela, com a voz irritantemente calma e cheia de auto importância, como se seu trabalho significasse que ela tinha o destino da cidade em suas mãos.

Eu ainda lhe devia uma boa surra depois da surra que levei dela. Agora que eu tinha minha magia de volta, ela sabia, ou melhor, parecia saber que estava chegando.

Mostrei a ela meu melhor sorriso de selfie.

— Vejo que ainda está usando aquelas saias lápis. E aqueles saltos altos. Quais são eles mesmo? Louis Terceiro?

— Louis *Vuitton* — ela respondeu, olhando para mim como se eu fosse uma ignorante por não seguir os grandes estilistas. Eu preferia gastar meu dinheiro em coisas mais sensatas, como vinho e queijo, e depois mais vinho e queijo.

— Certo.

Entrei em contato com minha magia, sentindo-a pulsar dentro de mim e mantendo-a ali. Meu sorriso se alargou quando vi Allison recuar um pouco. Como uma wereape, ela sentia minha magia como eu podia sentir o poder de outra bruxa.

Oh, estava funcionando. Ela sabia disso. Eu sabia.

Eu estava tão ocupada com minha nova vida, com a mudança de Marcus para cá, que perdi o interesse na loira alta. Quero dizer, ele me escolheu. Ele se mudou para cá. Fiquei surpresa por ela ainda estar trabalhando aqui. *Por que diabos ela ainda está trabalhando aqui?*

— Onde está a Grace? — perguntei, gostando de vê-la se contorcer um pouco. Eu também poderia esticar um pouco o momento. Era muitíssimo divertido.

Allison manteve o rosto em branco.

— Marcus disse a ela para ficar em casa. Deu a ela a semana de folga. Até que ele termine a quarentena.

— Então, por que você está aqui? Praticando suas habilidades de digitação?

O wereape soltou uma baforada de ar frustrado.

— Alguém precisa manter o escritório aberto. Atender ligações e e-mails importantes. Você saberia o que quero dizer, se tivesse um emprego *de verdade*.

Eu ri baixinho.

— Um trabalho de verdade. É bom saber. Onde está o Marcus? Acabei de passar de carro pela ponte de Hollow Cove, e Scarlett e Cameron me disseram que ele tinha saído para vir para cá.

Eu sabia que ele havia patrulhado o local a noite toda, garantindo que ninguém entrasse ou saísse de nossa pitoresca cidade. Ele provavelmente estava exausto. E eu sabia exatamente como remediar isso. Pense - corpos emaranhados, suados e nus, e você estará certo!

Allison pareceu se animar com a ideia de que eu não sabia onde meu homem estava.

— Não posso lhe dizer isso — disse ela, sorrindo, mas ainda mantendo uma distância segura de mim, como se não tivesse certeza se eu estava prestes a usar o rosto dela para limpar a mesa de Marcus.

Mantive minhas mãos ao lado do corpo, mexendo os dedos como se estivesse prestes a fazer mágica, apenas para ver Allison enrijecer. Sim, eu era imaturo, mas o wereape havia me vencido. Uma surra

supera a imaturidade.

Levantei uma sobrancelha.

— Por que não? Não há nenhum grande segredo aqui. Todos nós sabemos que estamos em quarentena e que há uma maldição de magia negra. Ele não está em *casa* — eu disse, enfatizando a parte da casa.

— Não está na ponte e, obviamente, não está aqui.

A lateral da boca de Allison se curvou em um sorriso conhecedor.

— Algumas coisas não são para o pessoal de fora da agência saber.

Eu bufei.

— Pessoal de fora da agência? Aqui não é a CIA. Tomou muitos remédios malucos hoje de manhã?

Com a mão direita, a wereape jogou sua longa trança francesa loira para o lado dos ombros.

— Não posso compartilhar assuntos da agência com pessoas que não são da agência. São as regras.

Acenei com o dedo para ela.

— Acho que você precisa parar com as bananas. Todo esse potássio está mexendo com sua cabeça.

Allison deu de ombros.

— Não está gostando? Faça uma reclamação.

A raiva aqueceu meu rosto e lutei para controlar meu temperamento. Não tinha certeza se Marcus gostaria que eu usasse a cabeça de Allison como um batente de porta.

— Você sabe tão bem quanto eu que a agência e o Grupo Merlin trabalham lado a lado. Somos uma equipe. Os assuntos da agência são assuntos da Merlin.

A wereape levantou o queixo e fez uma careta para mim.

— Não. Não estão. Não tenho obrigação de lhe dizer nada. Você obviamente não sabe como isso funciona.

Que droga. Ela me pegou de jeito.

— Apenas me diga onde ele está. Eu o encontrarei de qualquer maneira. Então, é melhor me dizer.

— Então, vá — disse a wereape, com aquele sorriso no rosto novamente. Eu queria dar um tapa nele.

— Está bem. Eu o farei.

Não apreciando sua súbita vantagem sobre mim, eu disse:

— Não me esqueci de como você... me deu um chute no meio das minhas belas pernas.

Dei um passo à frente, gostando de vê-la se contorcer novamente.

Allison se enrijeceu, o que já dizia muito, pois estava usando uma saia lápis justa.

— Marcus me pediu para lhe ensinar algumas técnicas de autodefesa. Não é minha culpa que você não tenha conseguido acompanhar.

Eu estreitei meus olhos para ela.

— Como o fato de me chutar a minha larissinha está ajudando no meu treinamento de autodefesa? Acho que esse chute rompeu minhas trompas.

Allison se afastou da mesa, com as mãos segurando a borda como se fosse uma tábua de salvação.

— Se estiver pensando em me xingar, Marcus saberá disso — disse a wereape.

O medo em sua voz provocou pequenos arrepios em minha barriga. Ooooh... isso era como comer um cheesecake inteiro.

Dei de ombros.

— E daí?

Os olhos da wereape se estreitaram, e vi um vislumbre de ódio.

— Um ataque gratuito te levará para a cadeia. Você será presa. E pode dizer adeus à sua licença Merlin.

— Não se eles não encontrarem o corpo.

Eu ri. Ela não riu.

A raiva ardia em seus olhos azuis e, se eu fosse um metamorfo ou uma were, teria sentido o cheiro do medo nela.

— Você me odeia — disse ela. — Você sempre me odiou por causa da minha aparência. Porque sou mais bonita do que você. Mais desejável.

— Sim. Meio que sim.

Não adiantava negar. Dei mais um passo em sua direção.

— Pare!

Allison se afastou da escrivaninha e levantou as mãos à sua frente.

— Afaste-se, sua bruxa imunda!

Levantei minhas sobranceiras para ela.

— Bruxa imunda?

Olhei para baixo, para mim mesma.

— Achei que estava bonita hoje. Até tomei um banho — acrescentei com um sorriso.

— Troquei minha roupa íntima e tudo mais.

Mas então meu sorriso se desvaneceu com o que vi em seguida.

Um brilho em sua mão esquerda chamou minha atenção. Um anel de ouro branco decorado com minúsculos diamantes em torno dele, como um anel da eternidade, circundava seu quarto dedo. Um anel que eu já tinha visto antes. Um anel que eu já havia segurado antes. Um anel que eu reconheceria em qualquer lugar. Eu estava fantasiando com ele há tanto tempo.

Era o meu anel. Eu tinha certeza disso. Então, por que estava na mão de Allison?

A confusão e as emoções se abateram sobre mim. Passei a língua na parte de trás dos dentes, minhas inseguranças aumentando

novamente. A náusea aumentou muito e senti que ia vomitar.

Em seguida, vi uma pequena caixa preta sobre a mesa de Marcus. A mesma caixa que havia caído da calça jeans de Marcus, ou uma que se parecia muito com ela.

Minha cabeça girava e eu me sentia como se estivesse me afogando. Não conseguia encontrar ar suficiente para encher meus pulmões. Meus joelhos tremeram, e foi preciso muito controle para me manter ereta. A última coisa que eu queria era cair de cara no chão na frente da Barbie gorila.

Allison me pegou olhando para sua mão. E o que quer que ela tenha visto em meu rosto, bem, foi como se ela tivesse acabado de ganhar um caminhão de bananas grátis.

Estreitando os olhos, tentei me concentrar.

— O que é isso em seu dedo? — Minha boca estava seca e parecia que eu tinha engolido uma xícara de farinha.

— Ah, isso?" — Allison estendeu a mão para eu ver, como se eu não tivesse visto. — É um anel.

Minha pressão arterial disparou, esquentando meu rosto.

— Eu *sei* que é um anel. O que ele está fazendo no *seu* dedo?

— Sinceramente, Tessa. E eu que achava que você era mais esperta do que todos nós. Allison levou a mão esquerda ao rosto, admirando o anel em seu dedo.

— Por que você acha que os homens colocam anéis nos dedos das mulheres? É uma promessa de compromisso.

Ela olhou para mim com a confiança de uma mulher que já havia conquistado seu homem e disse:

— Uma promessa de amor.

Balancei a cabeça. Bem, acho que sim. Meu corpo inteiro estava tremendo, então pode ter sido uma reação ao meu momento de surto repentino.

— Quem deu a você?

— Marcus. Quem mais? Não é glorioso?

— Não. Não pode ser. Não. Não. Isso não faz nenhum sentido. Por que Marcus lhe daria um anel?

Definitivamente, algo estava errado aqui. Estava começando a parecer uma grande mentira. Parecia mais que ela estava tentando me machucar ou me irritar. Provavelmente as duas coisas. Eu também não achava que Marcus fosse um canalha traidor. Ele era fiel. Eu apostaria minha vida nisso. De jeito nenhum Marcus colocou um anel no dedo dela. E se ela achava que eu acreditaria nisso, ela era ainda mais estúpida do que aquela saia lápis muito justa.

— Eu lhe disse que ele voltaria para mim — disse a wereape, com um sorriso vitorioso brotando em seu belo rosto. — Você não quis ouvir.

Apertei os lábios.

— Seu drama vai entrar no intervalo em breve? Tenho coisas para fazer.

— Os wereapes devem ficar com os wereapes. Bruxos com bruxos. Nunca se deve misturar sangue. Isso não é normal. Isso cria um desequilíbrio e crianças realmente feias. Marcus e eu sempre fomos uma combinação perfeita.

Minhas entranhas se apertaram de raiva com seu comentário preconceituoso. Pressionei as mãos nas laterais da cabeça, tentando clarear minha mente nessa confusão.

— Você não está noiva, sua pau-mandada adoradora de bananas. Mas você é uma narcisista delirante. Marcus está comigo. Nós moramos juntos. Ou você esqueceu a parte em que ele me escolheu?

— Então, por que seu homem me daria esse anel? — ela perguntou com um olhar falso e inocente no rosto. — Talvez você não o conheça tão bem quanto pensa. Marcus não é o homem que você pensava que ele era.

Ela riu.

— Parece-me que você nunca o conheceu.

Minha compostura estava se perdendo rapidamente. Minhas emoções estavam à flor da pele, atingindo-me cada vez mais forte. E eu tinha que literalmente fechar os olhos e contar até cinco para não perder o controle. Ou fritar acidentalmente a bunda perfeita da Allison no escritório do Marcus. Isso me faria sentir muito melhor, mas não resolveria a questão do anel.

Eu a encarei com um olhar vazio.

— Nós duas sabemos quem colocou esse anel em seu dedo, e não foi o Marcus.

Allison perdeu um pouco de seu sorriso.

— Foi ele.

— Allison — eu disse, dando um passo à frente até que estivéssemos praticamente nariz com queixo. — Um dia desses... vou enfiar uma banana em você garganta abaixo.

Com isso, deixei o escritório e uma Allison atônita.

Eu não vim aqui para brigar com ela, embora ela estivesse pedindo por isso. O fato de ela estar usando o meu anel não era o motivo pelo qual minha pressão arterial estava disparada nos ouvidos. Tudo bem, isso era parte do problema. Mas, principalmente, era porque ele estava usando o anel como um suporte para livros.

Bem, senhoras, vocês sabem tão bem quanto eu - isso está prestes a ficar feio.

CAPÍTULO 7

Coloquei o Volvo na entrada da garagem do número 18 da Emerald Lane. A casa clássica de estilo artesanal ficava no final da entrada de automóveis. Sua fachada verde era cortada por um acabamento branco e colunas pesadas e cônicas sustentavam uma grande varanda frontal. A porta da frente, que era um artesanato tradicional de madeira em um tom escuro, estava envolta em fita policial amarela. A grande placa vermelha martelada na porta dizia PERIGO ÁREA AMALDIÇOADA.

E *eu* estava prestes a entrar lá.

Essa era a casa de Arlo e Trudy. Eu tinha decidido dar uma olhada na casa deles primeiro. Achei que era a escolha certa, já que Arlo foi o primeiro a morrer com a maldição da magia negra. Bem, até onde sabíamos. Seguindo essa lógica, esse foi o incidente inicial de contaminação. Se a maldição se originou aqui, eu deveria encontrar pistas para apoiar essa teoria. Arlo ou Trudy se envolveram com magia negra? Esse foi um crime passional? Todas essas perguntas importantes precisavam ser respondidas. Se conseguíssemos descobrir quem era o paciente zero, onde a maldição se originou e quem foi o responsável por ela, estaríamos muito mais à frente no jogo.

Desliguei o motor e me sentei no Volvo, com as mãos ainda no volante. Meu coração batia constantemente em meus ouvidos e, não importava o que eu fizesse, não conseguia desligá-lo. Tinha sido assim desde que saí do escritório de Marcus. Desde que deixei Allison com um anel reluzente em seu dedo estúpido.

Agarrei o volante até que os nós dos dedos ficassem brancos, imaginando minhas mãos enroladas no pescoço de Allison enquanto eu apertava e apertava até que a cabeça dela saísse como um dente-de-leão. Foi um excelente visual. Eu tinha uma imaginação fértil.

Eu me esforçava para tentar entender isso. Por que meu namorado deixaria *meu* anel em seu escritório? Só havia um motivo possível.

O anel nunca foi feito para mim.

Ela também não era para a Allison, e vê-la com ela me irritou. Tudo naquela Barbie gorila me irritava.

Isso me levou a uma pergunta óbvia. Se o anel não era para mim, para quem era?

A frustração fervilhava dentro de mim. Com minha magia de volta, Allison merecia uma surra, e, de alguma forma, ela conseguiu me

irritar novamente.

A raiva ferveu meu sangue com o comentário dela sobre bruxas não se misturarem com lobisomens. Que diabos foi isso? Ela merecia uma surra só por esse comentário.

Eu não podia me desintegrar. Eu confiava em Marcus. Embora estivesse com raiva dele, eu tinha que tentar me concentrar, o que era quase impossível, já que havia passado a maior parte do tempo sonhando acordada com aquele maldito anel por três semanas.

Pensei em dirigir pela cidade para procurar Marcus novamente. Mas, no meu estado, eu sabia que seria uma má ideia, especialmente com as palavras acaloradas que saíam da minha boca. Eu não estava sendo racional. Precisava me acalmar antes de falar com o chefe. Antes de falar com ele.

Além disso, eu tinha um trabalho a fazer. Meus sentimentos não eram importantes no momento. Encontrar a origem da maldição da magia negra é que era. Minhas tias dependiam de mim. E eu não as decepcionaria.

— Ainda não terminei com você, Allison — murmurei. — Isso é apenas um contratempo temporário.

Determinado, saí do Volvo, subi a calçada da frente e entrei na varanda da frente.

— É hora de tomar algumas precauções — murmurei para mim mesmo. Peguei as luvas de cozinha cor-de-rosa, que provavelmente eram da Ruth, e as coloquei sobre minhas mãos. — Pronto. Já coloquei minha borracha.

Estremeci com meu próprio comentário, ainda bem que ninguém estava por perto para ouvi-lo. Eu não tinha certeza se as luvas impediriam uma maldição, mas era melhor do que nada. Além disso, Marcus já havia entrado e, pelo que eu sabia, ele não estava amaldiçoado.

O barulho de pneus no asfalto soou atrás de mim, e vi um sedã BMW preto se aproximando do meio-fio.

— Ei — disse Iris, seu rosto bonito esboçou um sorriso quando ela fechou a porta do carro assim que Ronin saiu do seu lado.

Meu rosto se contorceu de surpresa.

— O que vocês estão fazendo aqui? — Eu havia enviado uma mensagem de texto para a Iris com um resumo do que estava acontecendo e no que eu estava trabalhando, além de onde eu estava indo. Eu deveria saber que ela apareceria aqui com o Ronin.

— Você não pode esperar que a deixemos fazer isso sozinha — disse o meio-vampiro ao se juntar a Iris na passarela. Sua pele pálida brilhava à luz do sol, suas feições eram perfeitas, esculpidas e bonitas.

— Sim — eu disse, embora não conseguisse tirar o sorriso do rosto.

— Além disso...

Iris subiu os degraus para a varanda da frente.

— Você vai precisar da nossa ajuda.

Ela bateu em sua bolsa grande e eu sabia que ela estava se referindo a Dana, seu álbum de DNA de todas as coisas sobrenaturais.

Meu coração ficou apertado ao ver meus amigos.

— Eu realmente agradeço a ajuda, mas não quero que nenhum de vocês seja infectado por essa maldição e...

— Morra? — Ronin disparou uma pistola de dedo para mim. — Nós não vamos morrer — disse ele ao se juntar a nós na varanda. — Sou resistente a maldições de magia negra. É o que diz meu sangue quente de vampiro. — Ele nos deu uma piscadela. — Você está planejando lavar a louça?

Ronin olhou para minhas luvas de borracha rosa de cozinha.

Levantei minhas mãos.

— Eu sempre venho preparada. Sem luva, sem amor.

Iris riu. Ela era tão querida. Era por isso que eu a amava tanto.

— É sério. Esse não é um caso normal de maldição. É magia negra. Magia suja, de acordo com Dolores.

Ronin deu um sorriso.

— Eu gosto de sujeira.

Balancei a cabeça, sorrindo.

— Tenho certeza de que sim. Mas ela diz que as maldições de magia negra não são estáveis. É um tipo de magia que vicia.

Ronin soltou um assobio baixo.

— Droga, isso não soa bem.

— Não mesmo — respondi. — Não sei o que esperar. Podemos ser amaldiçoados, ou não. Quero que vocês estejam preparados. Saibam no que estão se metendo.

Basicamente, eu não tinha ideia, mas estávamos prestes a descobrir.

Iris colocou as mãos nos quadris.

— De qualquer forma, estamos aqui para ajudar. Você disse que a maldição poderia se espalhar com o contato direto. Sem os dois corpos, não há chance de infecção.

Suspirei.

— Espero que você esteja certo.

Olhei para meus amigos.

— Eu poderia aceitar a ajuda, mas... vocês têm certeza?

Ronin enfiou as mãos nos bolsos.

— Estamos presos aqui com a quarentena e tudo mais. Precisamos de algo para fazer.

Eu ri.

— Bem, tudo bem. Ainda bem que vocês estão aqui.

Verdade seja dita, três cérebros eram ligeiramente melhores do que

um - especialmente um que ainda estava lutando para manter o foco.

Meu celular decidiu tocar naquele exato momento. Eu o tirei, olhei para o nome do chefe na tela e o coloquei de volta no bolso. Eu lidaria com ele mais tarde.

— Aconteceu alguma coisa? — Iris se inclinou para a frente, olhando para o meu rosto.

— Você parece confusa. Aconteceu alguma coisa com o Marcus?

Abri a boca para contar a eles sobre Allison e o anel, mas mudei de ideia.

— Essa conversa merece ser feita com uma garrafa de vinho.

Os olhos de Iris se arregalaram.

— Eu *adoro* esse tipo de conversa.

Eu também. Principalmente quando não se tratava de mim.

— Está bem, então. Vamos fazer isso.

Com a respiração suspensa, estendi a mão e arranquei a fita amarela da polícia que cobria a porta. Peguei a maçaneta da porta com minhas luvas de cozinha rosa e empurrei para dentro.

A primeira coisa que me chamou a atenção foi o cheiro. O ar estava impregnado de uma mistura de alvejante e algum tipo de desinfetante que eu não conseguia identificar. Cada respiração queimava minhas narinas.

— Urgh. O cheiro é pior do que o de um necrotério.

Saí da pequena entrada e entrei em uma modesta sala de estar. Um sofá cinza grande e confortável estava encostado na janela. Ao lado dele havia uma cadeira estofada, todos de frente para uma mesa de centro de madeira. Tinha um ar de casa de fazenda moderna, que era totalmente o meu estilo.

— É tudo muito bonito — disse Iris, juntando-se a mim na sala de estar. — O que eles fazem para viver? Que tipo de metamorfo ele era?

— Arlo era corretor de imóveis e um werefox. E Trudy era gerente de vendas da boutique The Red Slippers — respondi, lembrando-me da conversa que tive com Dolores ontem.

— Ela também é uma werefox - *era* uma werefox.

Dei uma olhada na coleção de porta-retratos na lareira.

— Pela falta de filhos nessas fotos, tenho que dizer que eles não tiveram filhos.

Passei o olhar pelo resto da sala de estar. Uma orquídea estava em uma mesa lateral perto da janela. As pétalas da flor estavam secas e enegrecidas no tampo da mesa. O caule estava seco e esquelético, as folhas crocantes e murchas, como se a planta não recebesse uma gota de água há anos.

— Parece que eles são tão ruins quanto eu por não regarem suas plantas — eu disse.

— O que exatamente estamos procurando? — perguntou Ronin

enquanto olhava para o retrato exageradamente grande e espalhafatoso de Trudy e Arlo enroscados em um sofá.

— Sou só eu, ou os olhos deles lhe dão arrepios?

Abafei uma risada.

— Pistas que sugeriram que a maldição da magia negra foi criada aqui — eu disse a ele, feliz por meus amigos estarem comigo. Eles tinham um jeito de tornar algo monótono um pouco mais divertido. — Provas de fabricação de poções, como painéis e caldeirões. Livros mágicos sobre maldições de magia negra. Esse tipo de coisa.

— Certo. Magia suja.

O meio-vampiro limpou as mãos nos jeans como se estivessem sujos, embora não tivesse tocado em nada.

— A equipe do chefe já não teria vasculhado a casa em busca de provas?

— Sim.

Pensar em Marcus fez minhas entranhas se agitarem.

— Mas eles não saberiam o que procurar exatamente, em termos de evidência mágica. Acho que estavam mais preocupados com a retirada dos corpos e o risco de contaminação.

Meus olhos encontraram a porta do porão.

— Vou dar uma olhada no porão.

Eu e os porões tínhamos um estranho caso de amor.

— Vamos dar uma olhada lá em cima — disse Iris, com uma carranca determinada em seu rosto de fada, puxando o meio-vampiro com ela enquanto se dirigiam para a escada. Se alguma pista apontasse para o início de uma maldição mágica aqui, minha amiga bruxa das trevas a encontraria.

Abri a porta do porão, encontrei o interruptor de luz e desci, as escadas de madeira inacabadas rangendo com o meu peso. Enviei meus sentidos de bruxa, examinando a área em busca de qualquer pulsação mágica. Arlo e Trudy não eram bruxos, portanto, a probabilidade de haver proteções ou maldições era pequena. Ainda assim, como eles haviam sido amaldiçoados com magia negra, havia a possibilidade de terem pago alguém para fazer a maldição. O fato é que eles poderiam ter pedido a um praticante de magia para colocar uma armadilha no porão.

Mas não consegui nada. Nenhuma pulsação mágica. Nenhum zumbido de energia. Nada.

O ar estava pesado com o cheiro de mofo, umidade e poeira. Prendi a respiração ao chegar ao piso do porão e olhei ao redor. Paredes de pedra me cercavam, e a terra compactada se encontrava com meus sapatos. O local era inacabado e escuro, sem saídas visíveis, exceto a escada atrás de mim. Fios e canos corriam ao longo do teto baixo de um espaço aberto. Avistei uma área de lavanderia com

algumas prateleiras e uma lavadora e secadora.

Algumas caixas velhas estavam empilhadas contra a parede mais distante. Fora isso, o porão estava vazio, sem nenhuma evidência mágica. Não havia livros, caldeirão ou velas, nada que sugerisse que alguém estivesse trabalhando duro em uma maldição. Porque, de acordo com Dolores, teria levado semanas, talvez meses, para inventar tal inflicção mágica.

A menos que quem fez isso tenha limpado o local. E talvez tenham usado outro feitiço de ocultação para esconder qualquer vestígio de magia residual. Quem se daria a esse trabalho?

No entanto, eu não estava conseguindo nada. O porão era apenas um porão.

Subi as escadas. Iris e Ronin desceram a escada no momento em que eu fechava a porta do porão.

— Nada? — perguntei, a julgar por suas expressões sombrias.

— Nem uma gota de lubrificante — disse o meio-vampiro.

Iris revirou os olhos.

— Não detectei nenhum tipo de magia residual ou qualquer elemento mágico em nenhum dos cômodos.

Ela segurava uma lente de aumento gigante com um único componente de vidro, sua lupa mágica.

— Os cômodos são tão não mágicos quanto os de um humano.

Suspirei.

— Bem. Eles eram metamorfos. Não são muitos os metamorfos que se envolvem com magia.

Olhei para além da escada. Eu tinha uma visão clara da cozinha nos fundos da casa.

— Vamos dar uma olhada na cozinha.

Passei pelo corredor curto e entrei na cozinha. Os armários eram pintados de cinza claro com puxadores pretos. Uma grande pia de fazenda ocupava uma parte considerável da bancada de quartzo branco. Uma pequena ilha estava centralizada na cozinha, e espuma branca cobria parte do piso.

— Deve ter sido aqui que a encontraram — eu disse a eles enquanto circulava pela área, tomando cuidado para não sujar meus sapatos. Não vi nenhuma gota de sangue. Marcus tinha sido muito meticoloso.

Com sua lupa mágica na mão, Iris andou pela cozinha.

— Não estou captando nada. O mesmo que no quarto. Não há magia aqui.

Desanimada, ajoelhei-me ao lado da espuma branca, tentando não respirar o cheiro acre de alvejante. Um lampejo de irritação me atravessou.

— Eu realmente esperava encontrar alguma coisa. Tenho que

ajudar minhas tias a descobrir isso. Se não foram elas que fizeram a maldição, quem foi? E por que mataram Arlo e Trudy?

— Ainda há a casa do Bernard — anunciou a Bruxa das Trevas. — Talvez encontremos algo lá.

— Talvez. Mas ainda não sabemos como Arlo e Trudy foram amaldiçoados. Eles eram os alvos? E quanto ao Bernard? Onde ele se encaixa em tudo isso? E por quanto tempo a maldição se desenvolve antes de apresentar sintomas? Você é atingido e a maldição começa imediatamente? Ou leva alguns minutos ou horas? Eu só queria que tivéssemos encontrado algo útil.

Dei uma olhada no piso de azulejos da cozinha. Algo pequeno, preto e brilhante chamou minha atenção.

Ali, aninhado sob a ilha da cozinha, apoiado na base traseira, estava um telefone celular.

— Espere um segundo.

Fui até a ilha e peguei o telefone.

— Puta merda. Você encontrou um celular — disse Ronin, e eu sorri com o tom impressionado na voz do meu amigo.

— Eles perderam isso.

Levantei-me e passei o dedo na tela. Nada aconteceu.

— Acho que vai funcionar melhor se eu tirar minhas luvas.

Coloquei o telefone no balcão e comecei a tirar as luvas.

— Cuidado — advertiu Ronin.

— Ele tem razão.

Os olhos preocupados de Iris se encontraram com os meus.

— Sei que já se passaram horas desde que descobriram o corpo dela... mas essa é uma maldição mágica sobre a qual não sabemos nada.

— Está tudo bem. — Tirei minha outra luva, com a adrenalina me enchendo. Mas aquilo ainda me assustava muito. Eu não era uma idiota. Não queria ser infectada por essa maldição. Ainda precisava ter uma conversa com Marcus. De preferência, sem que eu estivesse espumando pela boca.

Peguei o telefone com as mãos livres das luvas de borracha. Nada aconteceu.

Olhei para meus amigos.

— Ainda estou aqui. Ainda sou eu. Não há maldição. Eu teria sentido alguma coisa.

Iris soltou o fôlego que aparentemente estava segurando.

— Que bom. Isso é bom.

Passei o dedo na tela.

— Nem sequer está protegido por senha. O que é estranho, mas quem se importa.

— Verifique o registro do telefone dela — disse Iris, enquanto ela e

Ronin batiam os ombros nas minhas laterais e olhavam para o telefone em minha mão.

Percorri a lista de chamadas telefônicas recentes de Trudy.

— A maioria de suas ligações é para o marido e para alguém chamada Shelly.

Eu não tinha certeza do que estava procurando. Duvidava que um praticante de magia que trabalhasse para ela deixasse um rastro telefônico. Eu estava começando a acreditar que nunca encontraríamos nada.

E então achei.

Toquei no aplicativo de mensagens de texto e, ao percorrer suas mensagens recentes, meu coração deu um salto de entusiasmo.

— Eu sei como Bernard foi infectado.

Iris se aproximou mais.

— Você sabe? Como? Deixe eu ver.

Sorri ao levantar o celular e mostrar a mensagem.

— Porque Trudy estava tendo um caso com ele.

CAPÍTULO 8

A casa de Bernard acabou sendo tão limpa e mágica quanto a casa dos Miller. Nada era remotamente mágico em lugar algum. Nem o carro dele. Nem sua garagem. Nem sua casa. E nem o porão. Além da aparente falta de cuidado compartilhada com suas duas plantas, que eram impossíveis de identificar, pois pareciam mais brotos de grama queimada, não encontramos nenhuma pista mágica.

A única coisa a nosso favor era o caso.

— Ainda bem que você encontrou o telefone — disse Dolores, olhando para o dispositivo retangular e fino protegido dentro de um saco Ziploc grande e transparente. — Podemos determinar como os três foram amaldiçoados. É impossível dizer com certeza qual dos três era o paciente zero, mas tenho uma ideia.

— Qual é? — perguntei.

— Acho que Bernard foi a primeira vítima. — Dolores olhou para mim, com uma expressão reflexiva e olhos arregalados. — Ele foi o primeiro a ser amaldiçoado e, devido ao seu caso com Trudy, ele transmitiu a maldição a ela e, conseqüentemente, ela infectou o marido. Deu certo. Bom trabalho, Tessa.

Sentei-me mais reta em minha cadeira.

— A Iris e o Ronin ajudaram.

Ronin levantou seu copo de cerveja do outro lado da mesa.

— Sou parte vampiro. Vivo para servir as moças.

Sentada ao lado dele, Iris sorriu enquanto cortava sua fatia de pizza vegetariana, mas permaneceu em silêncio. Eu tinha a sensação de que ela sabia exatamente o que ele queria dizer com aquilo.

Dolores suspirou e eu olhei para ela. Seu rosto estava mais pálido do que o normal.

— O que é isso? O que há de errado?

— Eu esperava que você encontrasse sinais de que os Miller ou Bernard estivessem fazendo mágica. Poderia ter sido uma maldição accidental - tola, mas accidental.

Pousei meu garfo.

— Alguém fez isso — eu disse, sentindo meus instintos de bruxa. — Alguém fez isso com eles de propósito.

Dolores estreitou os olhos para mim.

— Eu sei disso. As evidências falam por si só.

Ela lançou seus olhos escuros sobre nós e disse:

— Agora podemos nos concentrar no motivo pelo qual eles foram alvos em primeiro lugar e em quem conjurou a maldição da magia negra.

— Isso é uma loucura — eu disse, lembrando-me de como Arlo morreu. Tinha sido traumatizante. Ele estava sentindo uma dor excruciante logo antes de morrer. E a maneira como ele morreu. Eu nunca me esqueceria disso. — Por que alguém faria isso? O que eles fizeram para merecer morrer assim?

— É a vagaba da Candy — disse Beverly, com um brilho nos olhos verdes enquanto se sentava ao lado de Dolores. — Foi ela quem fez isso. Foi ela quem começou essa bagunça. Eu sei disso.

— Candy?

Ronin se inclinou para frente.

— Por acaso ela é uma stripper de Boston?

Beverly o ignorou e disse:

— Ela está chateada porque Bernard a abandonou. Veja, ele nunca quis se casar com ela. Ele vale milhões - *valia* milhões. Ele sabia que ela era uma interesseira. Ele me disse isso. Ela fez isso. Eu sei que foi ela.

Beverly deu um tapa na mesa com a palma da mão aberta.

— A vadia o matou.

Fiquei olhando para minha tia, minha mente pensando no que ela havia acabado de me dizer. Talvez fosse uma pista.

— Ela tem um motivo. A Candy é uma bruxa?

Beverly assentiu lentamente com a cabeça.

— Infelizmente, sim. Uma bruxa branca de Boston.

Ronin apoiou os cotovelos na mesa.

— Viu, eu lhe disse que ela era uma stripper - ai!

O meio-vampiro esfregou o braço onde Iris havia lhe dado um tapa.

— O motivo e os meios. — Iris se virou em sua cadeira para nos encarar. — Parece que encontramos a culpada.

Balancei a cabeça para minha amiga bruxa.

— Talvez ela tenha feito isso. Talvez não tenha feito. Não vamos tirar conclusões precipitadas. Teremos que falar com ela primeiro.

Meus olhos encontraram minha tia Beverly.

— Você sabe onde ela mora?

Beverly estreitou os olhos, e uma espécie de sorriso de satisfação surgiu em seu rosto.

— Eu sei onde *todas* as vadias moram.

— Ahhhh.

Sim, eu não tinha nada.

— Bem... — Dolores suspirou. — Quem quer que tenha feito isso, talvez não tenha se dado conta da extensão da maldição. A magia

negra nunca é previsível. Se for esse Candy, talvez ela tenha pensado que só afetaria a ele? É uma possibilidade.

— Ainda assim, é uma maneira bem psicótica de matar alguém — eu disse a ela. — O que há de errado com uma boa e velha dose de veneno de beladona?

Eu ri. Ninguém riu comigo.

Dolores apontou seu garfo para mim.

— Tessa, pergunte a Marcus se ele conhece alguém, além da interesseira, que possa ser inimigo de Bernard. Pergunte a ele se os Miller também tinham inimigos. Teremos que investigar todas as pistas. Tessa?

— Claro.

Eu me mexi em meu assento. Mais cedo ou mais tarde, eu teria que falar com o chefe. Diabos, nós morávamos juntos. Eu realmente precisava desabafar sobre a questão do anel. Um tango horizontal com Marcus depois era exatamente o que eu precisava. Bem, talvez uma rodada de tango horizontal e, quem sabe, um foxtrote e uma valsa para o final especial.

Senti que Iris estava me encarando, mas não olhei para ela. Ela sabia que algo estava acontecendo. Verifiquei o relógio do meu celular para evitar os olhos de raio laser de Iris. Eram 18h47.

— A Ruth ainda não voltou?

O fato de minha tia Ruth ter guardado um estoque de suas famosas pizzas vegetarianas no freezer para nós mostrava muito de seu grande coração. Embora eu estivesse faminta, a ideia de que minha tia ainda estava no necrotério, trabalhando, enquanto comíamos, me impediu de desfrutar de uma das minhas refeições favoritas.

— Até onde sabemos, ela ainda está no necrotério.

Beverly tomou um gole de seu vinho. Ela o fez parecer sensual.

— Ela se recusa a ter um telefone celular, então a única maneira de entrar em contato com ela é ligando para o escritório de Marcus. Não conseguimos entrar em contato com ela.

Franzi a testa.

— Grace está em casa, mas Allison está lá. Ela deve ser capaz de atender o maldito telefone.

Eu não sabia por que aquela mulher não atendia o telefone. Ela era preguiçosa. Só de pensar nela com meu anel, meus dentes se arrepiaram. Eu queria cortar aquele dedo e pegar o que era meu.

— Como você sabe disso? — Dolores me olhou do outro lado da mesa.

— Passei por lá para ver o Marcus antes de ir para a casa dos Millers. Ele não estava lá. A lembrança do meu confronto com Allison me deixou com muita raiva.

— De qualquer forma — disse Dolores, — Ruth estará exausta.

Acho que vou passar no necrotério mais tarde e levar um pouco de comida para ela antes que ela caia.

Cortei minha fatia de pizza e fiquei olhando para ela, meus pensamentos ainda estavam voltados para Ruth e como ela devia estar cansada.

— Como está indo o feitiço de detecção? Alguma sorte?

Pelo menos com o feitiço de detecção, poderíamos determinar quem mais poderia estar carregando a maldição. E, com sorte, aliviar parte da carga de trabalho da Ruth.

Dolores tomou um longo gole de seu vinho.

— Ainda temos muito a fazer, alguns componentes materiais estão faltando e o encantamento ainda não está pronto.

— E precisaremos testar todos na cidade — informou Beverly. — Uma gota de sangue deles deve ser suficiente.

— Mas estamos fazendo um bom progresso.

Dolores pousou sua taça de vinho.

— Devemos ter o feitiço pronto amanhã. No máximo, amanhã à noite. Depois, montaremos uma área de testes.

— Então, o que acontece se você encontrar algumas pessoas infectadas com a maldição? — Perguntei, pois sabia que ainda havia uma chance de encontrarmos algumas pessoas que poderiam ser portadoras da maldição, mas que ainda não apresentavam sintomas.

— É lamentável, mas teremos de isolá-los — respondeu Dolores, com um ar sombrio.

— Até a Ruth inventar a contra maldição — acrescentou Beverly com um sorriso que parecia forçado.

Recostei-me em minha cadeira.

— Espero que nada disso seja necessário. Até o momento, não há mais nenhum infectado que conhecemos. Talvez tenhamos tido sorte.

Certo. Eu não acreditava em sorte. Nem Dolores, pela expressão cética em seu rosto.

No momento, a única pista que tínhamos sobre esse maldito vírus mágico era a bruxa Candy. E eu estava prestes a fazer uma visita a ela.

O som da porta da frente abrindo e fechando chegou até nós, seguido de pés descalços batendo no piso de madeira.

Inclinei-me para o lado em minha cadeira no momento em que Ruth entrou correndo na sala de poções como um mini tornado de cabelos brancos, saia longa e movimentos bruscos.

— Ruth? Ruth? O que está acontecendo?

Dolores se levantou. E eu também.

Em seguida, veio o som de panelas e potes se espatifando no chão, ou pelo menos foi o que me pareceu. Ela poderia estar jogando coisas na parede.

Alguns segundos depois, Ruth entrou apressada na sala de jantar.

Se eu achava que ela parecia cansada quando a vi hoje de manhã, não era nada perto do que ela parecia agora. Seu rosto estava desenhado, cansado e afundado. Parecia amarrotada e ansiosa, com respingos do que parecia ser sangue seco manchando sua blusa. Sob a saia suja, os pés cobertos de sujeira pareciam ter corrido na lama. Ela tinha uma mancha vermelha na testa. Parecia ter envelhecido vinte anos. Parecia a vovó.

— Caldeirão nos ajude. Seus pés!

Beverly apontou para os pés de Ruth, olhando para a irmã como se ela fosse um novo tipo de inseto preso a um de seus sapatos favoritos.

— Parece que você caminhou pela selva amazônica. Você precisa parar com isso. Você vai se matar.

— A purificação do sangue... cérebro... cavalo-marinho seco... um e três — murmurou Ruth, com o olhar distante, como se estivesse tentando se lembrar de algo. Ela parecia... perturbada.

— Droga. Acho que a tia Ruth está ficando louca — disse Ronin. Ele não estava errado. Era exatamente assim que ela parecia.

— Onde está o Hildo?

Acabei de perceber que não tinha visto o gato preto familiar desde a manhã de hoje. Os dois eram inseparáveis ultimamente.

Ruth enxugou a testa, com mechas de cabelo branco grudadas em seu rosto suado.

— No necrotério, esperando por mim.

— Por quê?

Ruth olhou para mim, com os olhos claros e brilhantes.

— A maldição se espalhou. Mais cinco infectados.

— O quê?

Droga. Era a pior notícia possível. Meu estômago se encheu de pavor enquanto o medo subia por minha espinha.

— Eles estão vivos?

Ruth balançou a cabeça.

— Não. Foi um massacre. Eles simplesmente... enlouqueceram e se voltaram uns contra os outros.

— Você viu isso acontecer? — perguntou Dolores.

— Isso aconteceu dentro da agência — respondeu Ruth.

— Você está brincando? — Eu praticamente gritei, meu coração disparou em um súbito terror. — Foi a Scarlett e o Cameron?

Se eles foram infectados por terem manuseado os corpos, Marcus também poderia estar infectado.

Ruth me lançou um olhar cansado.

— Não. Apenas alguns cidadãos preocupados. Acho que estavam esperando para falar com Marcus.

— Uma delas era a Allison? — Perguntei antes que pudesse me conter. O quê? Não consegui evitar.

Os lábios de Ruth se entreabriram.

— Não.

Dolores me encarou com dureza e se voltou para sua irmã.

— Onde eles estão agora?

— Nós os colocamos no necrotério com os outros — respondeu Ruth. — Vim buscar mais alguns suprimentos.

— Para a contra maldição, certo? — Respondi por ela. Mais uma vez, ela não respondeu. Olhei para Iris, e ela me olhou com cara de *"que diabos"*?

— Nós, como você e Marcus? — adivinhou Dolores.

Ruth acenou com a cabeça quando se virou e começou a descer o corredor.

— Sim. Preciso voltar.

— Espere.

Eu a segui até o corredor, com Dolores, Beverly, Iris e Ronin se juntando a mim.

— Quem são as novas vítimas?

Se fossem pessoas que não faziam parte do círculo imediato dos Miller ou do Bernard, a teoria das minhas tias de que o Bernard era o paciente zero e a Candy foi quem iniciou a maldita maldição estava errada.

Ruth chegou à porta da frente. Ela colocou a mão na maçaneta da porta, mas se virou para mim e disse:

— Anna Baker, Irene Spade e Kosta Baros.

Nenhum desses nomes lhe era familiar.

— E?

Fiquei olhando para minha tia. Pela maneira como ela abria e fechava a boca, eu sabia que ela estava escondendo algo.

Ruth olhou para o chão antes de responder.

— Eddie Deschamps e Mason McCormack. Os dois pais lobisomens que perderam seus filhos há alguns meses.

— Cortesia dos Magos das Trevas.

O corredor começou a girar, e tive que me esticar e tocar a parede para me apoiar.

— Alguma dessas pessoas é parente dos Miller ou do Bernard? — perguntei, com dificuldade para respirar.

— Acho que não — respondeu Beverly. — Anna é da Califórnia. Fazemos Pilates juntas. Irene é a vizinha de 96 anos da Martha, que deixa seu bichon-maltês fazer cocô no gramado do salão todas as manhãs. E Kosta não tem parentes aqui em Hollow Cove. Eu sei porque saímos juntos algumas vezes.

Soltei um suspiro trêmulo.

— Ok, então lá se vai nossa teoria de como os outros foram infectados, a não ser que os outros três tenham sido infectados e

passado a infecção para os lobisomens da agência. Nossa teoria de que Bernard era o paciente zero está começando a ficar furada.

Ruth olhou para mim.

— Você acha que Bernard foi o primeiro a ser amaldiçoado?

— Nós achamos. Achávamos. Não parece mais. Ainda não sabemos quem o amaldiçoou.

— Talvez. Mas temos certeza de que há uma maldição de magia negra se espalhando pela cidade — disse Dolores.

O alarme brilhou nos olhos de Ruth.

— Tenho que ir.

Ela abriu a porta e correu para a varanda e para a passarela.

— E a contra maldição? — gritei atrás dela, meus pensamentos em Marcus. — Ruth!

Mas minha pequena tia já estava no quarteirão seguinte, correndo como se a mercearia de Gilbert estivesse fazendo uma liquidação de cogumelos.

— Quem diria que a Ruth era uma velocista de verdade? — disse Ronin, se juntando a mim na varanda.

— Pobre Ruth — disse Iris, com as mãos em volta do peito, como se estivesse tentando se confortar.

Virei-me para minhas tias Dolores e Beverly, que estavam no batente da porta.

— Há alguma razão para a Ruth não falar sobre a contra-maldição? Ela não está trabalhando nisso?

— Ela está trabalhando nisso — disse Beverly. — É um processo difícil e tedioso que exige muita concentração e habilidades, o que ela precisa fazer ao mesmo tempo em que tenta não se xingar.

— É por isso que precisamos ajudá-la com o feitiço de detecção — disse Dolores.

— Quanto mais rápido soubermos quem está infectado, mais rápido poderemos separá-los da população em geral. Vamos lá, Beverly. Não vou descansar até que esteja pronto. Quero esse feitiço pronto até hoje à noite.

Observei minhas tias desaparecerem pelo corredor.

— Gostaria de poder fazer algo para ajudar a Ruth, mas todos sabemos que sou pior no preparo de poções do que na cozinha.

Iris olhou para mim e para Ronin.

— Eu tenho uma proposta.

— É para um ménage à trois? — perguntou Ronin, sendo premiado com um forte tapa no ombro.

— Que tipo de proposta? — Perguntei à minha amiga bruxa, com um sorriso nos lábios.

— Eu posso ajudar a Ruth. — Os olhos escuros de Iris se arregalaram de entusiasmo e determinação. — Eu sei como fazer uma

contra maldição.

Bem, isso foi inesperado, então vamos lá.

CAPÍTULO 9

Eu estava ao lado de Iris na sala de estar do Chale Davenport, observando a Bruxa das Trevas colocar uma série de velas em um círculo no chão. Eu não conseguia parar de tremer, como se tivesse acabado de pular de um lago congelado completamente vestida. Mas eu não estava com frio. Eu estava quente, fervendo de calor, como se tivesse acabado de mergulhar em um dos caldeirões gigantes de Ruth.

Para falar a verdade, eu não tinha parado de pensar em Marcus desde que Ruth soltou aquela bomba sobre as outras mortes, três horas atrás.

Quanto tempo eles ficaram expostos à maldição mágica antes que ela os enlouquecesse? Quem mais foi exposto? Marcus estava em perigo?

Eu me mexi nervosamente, com as axilas suadas. Precisei de tudo o que havia em mim para não pular uma linha ley e ir procurar Marcus. Eu sabia que se a Iris conseguisse inventar uma contra maldição, era lá que eu precisava estar. Ela poderia precisar de minha ajuda. Encontrar uma contra maldição era fundamental. Eu não sabia o que faria se Marcus fosse submetido à maldição da magia negra.

Marcus...

Peguei meu telefone novamente e digitei o número do Marcus. Ele foi direto para o correio de voz pela décima segunda vez.

— Acho que o homem só está ocupado — disse Ronin, parado do outro lado da Iris, me observando. A pequena quantidade de preocupação em seu tom de voz dizia o contrário.

— Ele é o chefe. Ele tem que cuidar de todos. Nós somos a matilha dele. Lembra? Faz parte do DNA dele. Proteger-nos. Tenho certeza de que ele está bem, Tess.

Engoli com força.

— Espero que você esteja certo.

Mas o fato de alguns paranormais infectados com a maldição terem estado na agência, onde o chefe passava a maior parte do tempo, não me fez sentir melhor.

Cliquei no aplicativo de texto.

Eu: Marcus? Você está bem? Fiquei sabendo do que aconteceu na agência. Ligue para mim.

Eu: Estou preocupada. Ligue para mim.

Eu. Ligue para mim.

Eu: ME LIGUE!

Ronin cruzou os braços sobre o peito.

— Se alguém é resistente a essa maldição mágica, é o chefe. Sua aparência robusta vai repelir a maldita coisa. Eu lhe garanto. Nada pode passar por toda essa beleza.

Eu ri.

— Você me irrita às vezes. Sabe disso?

O meio-vampiro me deu um sorriso deslumbrante.

— É por isso que você gosta de me ter por perto.

Soltei um longo suspiro, liberando parte da tensão em meu corpo. Que se dane o anel. Se Marcus entrasse nesta sala agora mesmo, eu iria pular nele.

Ele tinha que ficar bem. Ele tinha que estar seguro. Tínhamos que inventar uma maldita contra maldição.

O silêncio parecia mais profundo, e tudo o que eu ouvia era a batida nervosa do meu coração martelando em meus ouvidos. Minha pulsação pulsava de excitação e medo enquanto eu observava Iris folhear as páginas de um livro antigo, um tomo volumoso. Parte da encadernação havia sido arrancada da lombada, e o cheiro de poeira e couro velho subiu ao meu nariz enquanto eu observava seus olhos percorrerem as páginas.

Ela colocou o livro no chão e começou a desenhar runas e sigilos com giz no assoalho de madeira - seis símbolos no total. Seis símbolos que eu nunca havia visto antes.

— Esse é o seu feitiço de *porta dos fundos* demoníaco? — perguntei. A maioria das bruxas das trevas precisava da ajuda de demônios para invocar seus poderes, como tomar emprestada a magia deles para realizar a sua própria. Mas, há alguns meses, Iris criou um feitiço que lhe permitia chamar o poder de um demônio sem precisar invocá-lo *fisicamente*. Ela o chamava de — invocação pela porta dos fundos.

— Sim. — Ela sorriu, orgulhosa de si mesma. — Exige mais trabalho no início, mas vale a pena no final.

— Mas sinto falta da Gigi — disse eu, lembrando-me do demônio gremlin laranja, minúsculo e fofo, do tamanho de um gato doméstico. — Ela era uma criaturinha mal-humorada. Como um gato selvagem.

Iris riu.

— Ela era. E poderosa.

— Ela seria perfeita para o Hildo — eu disse. — Ele precisa de uma mulher para colocá-lo em seu lugar.

Ronin bufou.

— Não é o que todos nós fazemos?

Sua expressão era sonhadora quando ele olhou para a Iris.

Algo me incomodou.

— Você não precisa do sangue de uma das vítimas ou algo assim?

— perguntei a Iris, tentando manter minha mente longe do chefe. — Todos nós sabemos que sou tão qualificada quanto uma pedra quando se trata de fazer poções e elixires, mas tenho certeza de que esse é um fator importante. É com isso que Ruth está trabalhando.

Disso eu tinha certeza.

Mas o que me incomodava era: por que a Ruth ainda não havia inventado a contra-maldição? Ela era muito mais experiente do que a Iris com poções, então por que minha tia, que tinha o sangue das vítimas, ainda não havia produzido uma contra-maldição?

A Bruxa das Trevas se inclinou para trás e olhou para mim.

— Não precisei. Peguei algumas amostras de cabelo de Arlo, Trudy e Bernard enquanto mexia em suas coisas. Também peguei suas escovas de dente. Você quer ver? — ela perguntou enquanto movia a mão em direção à bolsa que estava no chão ao lado dela.

— Está bem. Obrigada.

Meus olhos encontraram Ronin, que me deu de ombros como se esse fosse um comportamento totalmente normal.

Iris era uma pessoa estranha. E aparentemente inteligente o suficiente para saber que seu DNA poderia ser importante. Importante o suficiente para conjurar uma contra maldição.

Iris era uma verdadeira especialista em magia negra. Se alguém pudesse encontrar algo para vencer essa maldição da magia negra, seria ela.

Enrolei os braços em volta de mim mesma para não tremer e observei a Iris pegar um almofariz de granito e um pilão que ela havia pegado emprestado da sala de poções da Ruth. Ela deixou cair o que eu só podia supor serem os cabelos das vítimas, espalhou um pouco de pó vermelho seco que parecia suspeitamente com sangue seco e começou a triturar com determinação.

— Ela é tão sexy quando está toda mágica — ronronou o meio-vampiro à minha frente. — E ela é toda minha. *Minha bruxinha* safada.

— Pare — disse Iris, seu rosto assumindo alguns tons de vermelho. — Estou tentando me concentrar. Você não quer que eu cometa um erro ou esqueça de acrescentar um ingrediente importante.

Embora eu não pudesse estar mais feliz por meus amigos, que aparentemente tinham uma vida sexual *muito* saudável, minha tensão aumentou.

— Iris? Você já fez isso antes? Magia negra? — Observei enquanto ela espalhava uma areia escura pelo chão que parecia cinzas. — Se isso for pó de cemitério, você vai lavar o chão depois disso.

Iris sorriu e continuou espalhando as cinzas pelo chão em um padrão circular.

— Não é pó de cemitério. É cérebro de bruxa seco.

Pois é. Como se isso fosse melhor. E onde diabos ela conseguiu um

cérebro de bruxa seco?

— Para responder à sua pergunta — disse a bruxa das trevas, olhando para mim. — Eu já usei magia negra antes, assim como muitas bruxas das trevas.

Ela fez parecer que isso era algo normal, como se todas as bruxas das trevas em algum momento tivessem usado magia negra.

— Mas esta é a primeira vez que estou tentando criar uma contra-maldição, ou melhor, um antídoto mágico. Na verdade, não é tão complicado assim.

Seu rosto se enrugou em pensamento enquanto ela adicionava um pouco de água de rosas à mistura.

— Pense nisso como um remédio que pode neutralizar a maldição. Não sei por que a Ruth está tendo tanta dificuldade.

— Não vamos nos esquecer de que Ruth é... um pouco mais velha — disse o meio-vampiro

Franzi a testa.

— O que você está dizendo? Que, por estar chegando aos sessenta anos, ela não é mais capaz de conjurar magia? É isso que está dizendo?

Ronin levantou as mãos em sinal de rendição diante do meu olhar.

— O que foi? Só estou dizendo que talvez ela não seja tão boa na posição de produtora de poções como era antes. Isso pode acontecer. Você pode parar com esse olhar maluco. Estou dizendo que ela provavelmente está mais lenta, só isso. Só estou dizendo o óbvio. Faz sentido. Ela está cansada e sobrecarregada de trabalho. Então, é bom que a Iris possa ajudá-la.

É verdade. Mas ainda assim não gostei do que ele insinuou sobre a idade de Ruth. Os vampiros tinham aquela coisa estúpida de longevidade. Nós, bruxas, talvez vivêssemos um pouco mais do que os humanos, mas só uns dez anos ou mais. Eu me recusava a acreditar que sua incapacidade de produzir uma contra-maldição se devia à sua idade. Não. Era outra coisa.

Iris despejou o conteúdo da mistura em outra tigela, que ela colocou no meio do círculo de cinzas antes de se levantar.

Ela olhou para mim e disse:

— Quando dissermos o feitiço, a mistura se tornará um antídoto mágico. Remédio. Podemos fazer o suficiente para dar a todos na cidade.

— Como vamos fazer isso, exatamente?

— Podemos secar a mistura e fazer pílulas — respondeu a Bruxa das Trevas. — Ou podemos adicionar um pouco a qualquer bebida ou refeição. O que for mais simples.

— Eu gosto de coisas simples.

Pensei ter sentido meu celular vibrar. Mas quando o peguei, não

tinha nenhuma ligação ou mensagem de texto do Marcus.

Iris respirou fundo e soltou o ar.

— Está bem. Está pronto. — Ela olhou ao nosso redor. — Eu só preciso colocar a mistura em chamas e recitar o encantamento, e então a contra-maldição estará pronta.

Iris tirou do bolso um pedaço de papel branco rabiscado com tinta azul-marinho.

— Faça isso.

Meu pulso estava disparando loucamente e minhas entranhas se apertaram. Isso tinha que funcionar. Tinha de funcionar.

Iris olhou para Ronin e lhe deu um pequeno sorriso, que o meio-vampiro retribuiu.

Respirei calmamente enquanto uma pequena emoção se apoderava de mim, sabendo que estávamos prestes a salvar a cidade de uma maldição de magia negra. Eu ainda tinha que descobrir quem era essa Candy e conversar com ela. Mas isso podia esperar. Pelo menos por algumas horas.

Iris se ajoelhou novamente. Ela acendeu um fósforo, segurou-o por um segundo e depois o jogou na mistura. Uma chama alta e azul surgiu, refletindo em seus olhos escuros.

— Coniuro tenebras et profunda umbrae — entoou Iris ao se levantar lentamente, sua voz ecoando pela sala como um sino. — Languor exstinguetur et sanguine purificetur. Hunc mundate sanguinem. Omnibus translationem.

Meu latim estava enferrujado, para dizer o mínimo, mas consegui entender algo sobre a purificação do sangue e a transferência.

Minha pulsação acelerou com a súbita onda de magia de Iris, ou melhor, com o que ela pegou emprestado de algum demônio do submundo. Arrepios percorreram minha pele enquanto poças de energia mágica se derramavam em minha sala de estar. O ar fervilhava com ela. Meu cabelo se ergueu com o vento repentino e gelado, carregando o cheiro de enxofre - o fedor de qualquer demônio do qual ela estava tirando a magia.

— Pessoal. Que cheiro é esse? — disse Ronin.

— Shhh! — Sussurrei para ele, não querendo que nada desse errado.

Mas eu havia falado cedo demais.

Um brilho visível de energia azul se ergueu da tigela no chão e veio até mim. Estremeci com a leve sensação de queimação da magia em minha pele. Meus olhos se arregalaram quando o fluxo azul de magia se fixou no Ronin, como um carrapato que pula em um novo hospedeiro. Seus olhos se arregalaram, assim como os meus, enquanto ela fluía ao redor dele e para dentro dele, ainda conectada a mim como fitas cintilantes. Acompanhei o caminho da energia enquanto ela

fluía ao nosso redor, confuso com a energia correndo entre mim e o Ronin.

Isso deveria ter acontecido?

Eu sabia que não deveria interromper, mas...

— Humm... é isso...

Lutei para manter minha respiração uniforme enquanto algo frio e desconhecido se infiltrava dentro de mim. Escuro, como a magia da Iris, mas diferente. Era selvagem, e o cheiro de sangue me invadiu. Magia negra? Inclinei a cabeça para esconder minha inquietação enquanto essa nova energia se acumulava dentro de mim, e meus dedos ficaram com câibras.

Dei um solavanco quando uma dor aguda percorreu meu corpo. O grito do Ronin me disse que ele também havia sentido algo. Caramba, isso doeu pra caramba.

Em seguida, veio a escuridão sufocante, e eu me vi fechando os olhos quando uma onda de náusea me atingiu. Ótimo. Eu não queria vomitar em toda a minha nova sala de estar.

Mas então, com um último puxão, a energia se dissipou e desapareceu. O mesmo aconteceu com a sensação de estar doente.

O antídoto mágico estava completo.

Abri os olhos e respirei fundo. Pisquei os olhos. Iris estava do outro lado de mim. Estranho. Eu nunca a tinha visto se mover.

— Como você conseguiu...

Fechei a boca com força. As palavras eram minhas, mas a voz não era. Era profunda. Áspera. E... masculina?

Uh-oh.

— Oh, porra! — gritou uma voz feminina que soava estranhamente como a minha, mas eu não a havia dito.

Voltei meu olhar para a pessoa que havia gritado ao lado de Iris - eu.

O que...

Olhei para mim mesma, que, no momento, estava agitando meus braços em um pânico selvagem. Mas se eu era eu, então quem era aquele?

Encontrei os olhos de Iris. Eles estavam cheios de pânico e total descrença. Isso não ajudou em nada.

O pânico me invadiu como uma onda de adrenalina. Olhei para mim mesma. Eu estava usando uma calça jeans azul-escura que não era minha. Minhas pernas eram mais longas e eu nunca, em um milhão de anos, combinaria minhas calças com um par de tênis estilosos. Meu peito era plano. Meu peito era plano? Ok, eu nunca tinha sido abençoada pela fada dos seios, mas mesmo assim, eu tinha algum peito. Acontece que Marcus *adorava* meus peitos. Mas eles haviam desaparecido. Eu não tinha mais seios.

E quando minha mão deslizou para baixo entre as pernas e senti um volume com protuberâncias, eu sabia que algo estava definitivamente errado, pois não me lembrava de ter acordado com um pênis naquela manhã.

Minha boca se abriu, batendo enquanto eu lutava para encontrar as palavras.

— Não fode — eu disse, minha voz áspera e familiar, embora não fosse a minha. — Eu sou o Ronin.

CAPÍTULO 10

Eu já havia passado por situações mais complicadas do que essa. Na verdade, não. Porque eu... Tessa Davenport, bruxa extraordinária - era meu amigo meio-vampiro. Como diabos isso aconteceu?

— Iris, por que estou no corpo do Ronin?

Eu estremeci com a voz masculina que saiu de minha garganta. Eu nunca me acostumaria com isso. Olhei para minha amiga de olhos arregalados, que nos observava com a boca aberta, como se não pudesse acreditar no que estava acontecendo. É melhor que ela comece a acreditar logo, porque *ela* fez isso.

— Eu tenho seios! — gritou Ronin, em minha voz, olhando para o meu peito. — O que é isso? Eu sou uma maldita mulher. Uma mulher! Puta merda. Dê um tapa na cara e um soco de realidade. Eu tenho uma vagina!

Queridos deuses. Que bagunça.

— Iris? — sibilei, cambaleando em sua direção como um bêbado e conseguindo apenas ficar de pé. Eu ainda não estava acostumada com meu novo corpo e minhas novas pernas longas. — Iris? Que diabos aconteceu? Por que estou no corpo do Ronin e ele no meu?

A bruxa das trevas piscou algumas vezes como se estivesse saindo de um transe.

— Ahn... isso não estava nos planos.

— Ah, é mesmo? Eu me inclinei sobre a Iris, olhando para ela da altura do Ronin. Muito estranho.

Iris franziu a testa.

— Bem, parece que... sua consciência, suas almas foram — ela entrelaçou os dedos e disse — transferidas.

— Oi?

Iris estava balançando a cabeça, com a boca abrindo e fechando.

— Eu não entendo. Deveria ter funcionado. O feitiço estava correto. Eu tinha os fios de cabelo. Eu me conectei com a magia da Gigi. Então, por que não funcionou?

Ela bateu o pé no chão.

As palavras de Dolores sobre como a magia negra era imprevisível me atingiram em cheio.

— Não funcionou. Nos mude de volta. Agora.

— Sim.

Ronin-eu fez uma careta. Eu não sabia que meu rosto era capaz de

fazer isso. Isso era muito estranho.

— Troque-nos de volta agora mesmo — disse ele.

Iris piscou, com uma expressão confusa no rosto enquanto seu olhar deslizava de sua mistura de magia negra para mim e Ronin.

— Iris! — Eu rosnei. — Você precisa nos trocar de volta.

— Não me entenda mal — disse o Ronin-eu. — Sempre me perguntei como seria ser uma mulher. Eu adoro vaginas. Só não quero ser a pessoa *com a* vagina.

Esfreguei meus olhos.

— Chega de falar de vaginas. Iris?

Iris começou a andar pela sala, com os dedos se contorcendo ao lado do corpo e os lábios se movendo como se estivesse recitando os passos do seu feitiço ou o próprio feitiço. Ela se levantou e encontrou meus olhos.

— Eu... acho que não consigo.

— O quê? — gritou Ronin-eu e eu ao mesmo tempo. Muito estranho.

Clique.

O som da porta da frente se fechando me fez estremecer. Meu coração bateu com tanta força no peito que achei que estava prestes a se soltar, como uma fera selvagem tentando escapar da jaula.

— O que está acontecendo?

A voz de Marcus bateu em mim, e eu me virei e o vi entrando na sala de estar.

— Ah! — gritou Ronin-eu e eu ao mesmo tempo. Isso estava ficando ridículo.

Mas pior. Esse foi um desastre monumental.

— Esconda-se! — gritou Ronin-eu enquanto pulava sobre o sofá, errava, porque, convenhamos, ele estava em *meu* corpo, e caía desajeitadamente pela lateral.

Os olhos cinzentos do chefe se moveram para as velas e a tigela no chão. Então, finalmente, seu olhar voltou para Ronin-eu, ainda escondido atrás do sofá.

— Não estou infectado — disse o chefe, e a tensão em seu rosto apertou meu coração.

— Acabei de ver Dolores e Beverly. Elas disseram que estou livre da maldição.

— Elas terminaram o feitiço de detecção? — eu disse em voz alta. Era a melhor notícia que eu tinha ouvido o dia todo. Isso, e Marcus estava livre de maldições.

Mesmo assim, coloquei as mãos nos quadris e o encarei.

— Tentei ligar para você um milhão de vezes. Por que você não atendeu?

Marcus se virou para mim.

— Você me ligou?

Que droga. Ele acha que eu sou o Ronin.

— Uh... sim. Eu... quero dizer, eu...

Lá estava eu novamente com a diarreia verbal. Eu ia precisar de muita terapia depois disso.

Marcus passou o olhar pelo trabalho de feitiço de Iris.

— Meu celular morreu. Vim procurar meu carregador. O que está acontecendo aqui?

— Você não vai acreditar — murmurei.

Marcus me ignorou e foi direto para o Ronin-eu.

— Tessa. Você esteve bebendo? — ele provocou. — Desculpe-me por não ter podido ligar de volta. Tem sido agitado. Tentando resolver tudo e colocar as pessoas em segurança. Eu sabia que você estaria preocupada. Vim assim que tive alguns minutos de sobra.

— Hã? — Ronin-eu se esforçou para se levantar quando Marcus se abaixou e o puxou - eu - Deus, isso era complicado - para se levantar.

Marcus puxou Ronin-eu para ele, envolvendo seus braços grandes e musculosos em torno de sua cintura.

— Ah! Você está louco! — Ronin-eu se debateu para escapar do aperto do chefe, empurrando-o para longe, e cambaleou para trás. — Sou totalmente a favor do amor masculino. — Ele ergueu um punho no ar. — Mas eu gosto de mulheres, cara. Mulheres lindas, sensuais e que usam vagina.

O rosto de Marcus ficou abatido. Eu podia ver as rugas nos cantos de seus olhos, a formação de uma tempestade dentro deles. Suas mãos grandes se fecharam em punhos enquanto os músculos de seu pescoço se projetavam e saltavam, brincando em sua estrutura grande e esticando sua camisa leve. Seu corpo estava firme e esticado, pronto para a ação.

Seus olhos estavam cheios de trepidação e confusão. Eu sabia o que aconteceria se eu não fizesse algo rapidamente. Ele estava prestes a explodir.

Não havia como esconder isso de Marcus. Com ou sem anel. Eu não ia fazer isso com ele. Mesmo que ele ficasse furioso, eu tinha que lhe contar.

Respirei fundo, me preparei para a ira e disse o mais rápido que pude:

— Nós meio que trocamos de corpo.

Apontei entre mim e o Ronin para esclarecer as coisas, embora eu soubesse que nada era mais claro. Quando ele não respondeu, acrescentei:

— A Iris tentou fazer uma contra-maldição para ajudar a Ruth... e as coisas não saíram como planejado. Como você pode ver.

— Planejado? — disse Ronin-eu. — É um desastre. Preciso de uma

cerveja.

Ronin-me foi até a cozinha e abriu a geladeira em busca de cerveja.

Iris olhou para o Ronin, mas ficou calada. Eu sabia que ela estava com raiva de si mesma e provavelmente se sentindo péssima por ter acidentalmente trocado nossas consciências pelos corpos um do outro. Apesar de ter sido um acidente, eu não estava exatamente animada com ela no momento.

Marcus inspirou longamente e soltou o fôlego pelo nariz.

— Você e o Ronin trocaram de corpo?

Seu tom era totalmente profissional, e eu não tinha ideia se ele estava com raiva ou não.

— Pense em *Sexta feira muito louca* e você vai entender — eu disse a ele, sentindo um formigamento no couro cabeludo e subindo pela espinha.

O chefe veio em minha direção. Seu olhar intenso caiu sobre mim, percorrendo meu rosto e depois descendo para o resto do meu corpo. Eu sabia que não era a maneira sensual com que ele normalmente revirava os olhos para mim, como se quisesse me lamber inteira. Em vez disso, ele estava olhando para o Ronin. Mesmo assim, não pude evitar os deliciosos arrepios que me percorreram.

Ele se inclinou um pouco para a frente, suas narinas se contraindo, como um animal sente um cheiro. Eu sabia que ele estava tentando ver se conseguia me sentir no corpo do Ronin. Eu não fazia ideia se ele conseguia ou não.

A sobrancelha do chefe se contraiu.

— Então, você está dizendo que é a Tessa.

Engoli enquanto uma sensação de desconforto me percorria. Até agora, tudo bem.

— Exatamente. E aquele ali — eu disse, apontando para o meu corpo bebendo uma cerveja direto da garrafa. — É o Ronin. Tcharam.

Os olhos de Marcus brilharam com uma ameaça predatória, seu olhar inabalável e penetrante.

— É reversível?

Olhei para a Iris.

— Iris? — Eu esperava que ela tivesse mudado de ideia.

O rosto da bruxa das trevas estava contraído de raiva.

— Eu não sei, tá bom? Eu simplesmente não sei. Eu sinto muito. Se eu soubesse por que isso aconteceu, talvez eu pudesse consertar.

— Talvez? — Marcus levantou uma sobrancelha. Grossas placas de músculos se projetaram ao longo de suas costas.

Iris ergueu o queixo para o chefe, em desafio.

— Às vezes, essas coisas acontecem com a magia. Infelizmente, ela pode ser... imprevisível.

— Mais para catastrófico — rosnou Ronin-eu. — Em escala global.

Parecia que Iris não era tão versada em magia negra quanto pensava.

Iris pegou sua tigela de cerâmica do chão.

— Eu poderia tentar novamente, mas isso poderia produzir efeitos adversos piores.

— Como o quê? — perguntei, confusa e um pouco apavorada. — O que poderia ser pior do que isso? — Apontei para mim mesma, para o corpo do Ronin.

Ronin-eu deu um grunhido.

— Ei, você está pilotando um espécime de primeira. Tenha um pouco de respeito.

Com um súbito estalo de ar deslocado, o aroma de especiarias encheu a sala.

Uma linda mulher ruiva estava esparramada em meu sofá, com uma taça de vinho tinto pendurada na mão.

— Oh, graças a Deus. Lilith.

Soltei um suspiro de alívio.

— *Deusa* — corrigiu a divindade ruiva. Lilith olhou entre mim e o Ronin. — Oh. Isso é precioso.

Ela riu como se estivesse encantada.

Eu franzi a testa. Bem, Ronin franziu a testa; a irritação passou por mim.

— Não tem graça, Lilith.

Obviamente, a deusa podia ver através de nós. Ela viu a bagunça.

Lilith sorriu e disse:

— Permita-me discordar. Eu tinha a sensação de que fazer uma visita a você era uma boa ideia. Só não sabia o quão boa e divertida ela seria.

Avancei até ficar cara a cara com a deusa, percebendo que não precisava mais olhar para ela, com o corpo do Ronin.

— Você pode nos transformar de volta? — Se alguém podia, Lilith podia.

A deusa olhou para o Ronin, em meu corpo, e depois para mim novamente.

— Acho que não vou fazer isso. Parece que vocês cruzaram as fronteiras. — Ela riu de sua própria piada. — Eu não me divertia tanto desde que mudei o banho de leite de Cleópatra para esterco de cabra. Oooh. Ela ficou *tão* brava.

Coloquei as mãos nos quadris.

— Por favor, Lilith. Ronin e eu precisamos de nossos corpos de volta. Uma estranha maldição de magia negra atingiu nossa cidade. Eu preciso ser capaz de funcionar. Fazer minha mágica. Preciso de meu corpo de volta.

Lilith apontou o dedo para Iris.

— Foi você quem fez isso. Não foi?

A boca de Iris se fechou, seus olhos se arregalaram e ela parecia ter medo de que Lilith a enfeitiçasse ou algo assim.

— Sim — respondi por ela. — Estávamos apenas tentando ajudar Ruth com uma cura.

— Mas acabamos assim.

Ronin levantou os braços.

— Você vai nos trocar de novo? — pressionei, desejando ter meu corpo para que eu pudesse magicamente fazer ela fazer isso. Talvez eu pudesse mordê-la? Ou usar a magia de vampiro do Ronin para persuadi-la. Será que isso funcionaria mesmo em uma deusa?

—Não.

Lilith tomou um gole de seu vinho e cruzou suas longas pernas na altura do joelho.

A raiva tomou conta de mim.

— Não posso acreditar nisso. Por que diabos não?

A deusa deu de ombros.

— Porque é divertido ver você toda assustada. Além disso, o feitiço se desvanecerá por si só. É só dar tempo ao tempo.

— Será?

Não era a solução que eu queria, mas se isso fosse verdade, já era bom o suficiente.

— Quanto tempo?

Lilith me mostrou seus dentes.

— É difícil dizer.

Sua atenção se concentrou em Marcus; se eu não soubesse, diria que ela estava tentando ver através das roupas dele. Não. Eu sei que ela estava.

— Talvez algumas horas... talvez uma semana.

— Uma semana! — Ronin-me e eu choramos ao mesmo tempo mais uma vez.

Esfreguei as têmporas, sentindo uma enxaqueca a caminho. Olhei para a Iris.

— Iris?

Iris me encarou, mas não disse nada.

— Isso está além de minhas capacidades. Não sei como reverter isso. Sinto muito.

— Precisamos de minhas tias. — Respondi à pergunta em seus olhos. — Dolores vai nos ajudar. Leve tudo o que você usou, seu feitiço, seus ingredientes, tudo com você.

— Sim. — Ronin colocou sua garrafa de cerveja vazia sobre a mesa e bateu as mãos uma na outra. — Vamos embora.

Ele saiu pela porta antes mesmo de terminar a frase.

Meu olhar recaiu sobre Marcus novamente. Ele estava observando Ronin-eu ir embora, com a sobancelha franzida.

Ele se virou para me encarar novamente. Percebi que ele estava se esforçando para enxergar além da casca do meio-vampiro, tentando me ver lá dentro. Mas não conseguia.

— Vamos acabar logo com isso.

Comecei a avançar e parei.

— Oh não — eu disse, mudando meu peso.

— O que foi? — disse Iris, correndo para o meu lado, seus olhos escuros percorrendo o corpo do meu Ronin como se eu estivesse prestes a me transformar em alguma criatura.

Lilith riu mais, o que só piorou a situação.

Apertei minha mandíbula com força.

— Caldeirão, não. Isso *não pode* estar acontecendo. Não. Não. *Não*.

— O quê? — Marcus me olhou com a mesma expressão selvagem que a de Iris.

Respirei fundo, olhei para eles e disse:

— Preciso fazer xixi.

CAPÍTULO II

Vou pular a parte sobre urinar com meu novo apetrecho. Confie em mim, ninguém precisa ler sobre isso.

Como sempre, meus planos tendiam a dar errado. Dolores e Beverly não estavam na Casa Davenport quando passamos correndo pela porta dos fundos da cozinha.

— Onde eles estão? — perguntou Ronin, com o rosto - meu rosto - corado, com outra garrafa de cerveja na mão. — Não posso continuar vivendo assim. Quero voltar a ser eu mesmo. — Ele encontrou meu olhar. — Sem querer ofender. Seu corpo é lindo. Mas eu sou meio-vampiro — acrescentou ele, como se isso devesse significar alguma coisa.

Eu queria dizer que havíamos trocado de corpo há apenas alguns minutos, mas mantive minha boca fechada sobre o assunto.

— Só há um lugar onde elas poderiam estar.

Olhei fixamente para Marcus.

— Na agência. Elas foram ver a Ruth. Elas têm o feitiço de detecção. Elas têm o feitiço de detecção, certo? Provavelmente estão usando-o agora em algumas pessoas.

Usei meus sentidos, tentando acessar a linha ley que ficava logo abaixo da Casa Davenport - e nada.

Não há vibrações. Nenhum formigamento. Nenhum pulso de magia poderosa da linha ley. Nada.

— Droga. Esqueci — disse de repente, levantando as mãos e não sentindo nenhuma vibração de bruxaria.

— O que é? — O chefe inclinou a cabeça, observando-me.

Encontrei seus olhos.

— Eu não posso fazer mágica. Não enquanto eu estiver no corpo do Ronin.

Engoli de volta o peso do medo. Parecia como quando Lúcifer, ou melhor, Derrick, havia roubado minha magia. Eu me senti vazia e oca. Eu estava sem magia novamente.

Estar no corpo do Ronin significava que eu não tinha contato direto com meu poder.

Eu não conseguia pular uma linha ley. Não conseguia fazer mágica.

Marcus continuava olhando de relance para o Ronin e, a cada vez, um sentimento estranho e possessivo brotava do meio de mim.

Eu estava com ciúmes porque ele estava olhando para mim.

Basicamente, eu tinha ciúmes de mim mesma.

Sim. Eu estava perdendo a cabeça.

Frustrados, entramos todos no jipe de Marcus e descemos a Stardust Drive e depois a Shifter Lane. Mal percebi que ele desligou o motor quando chegamos à Agência de Segurança de Hollow Cove momentos depois.

Assim que saí do jipe, ouvi os gritos.

Marcus já havia atravessado a rua e estava correndo em direção ao tumulto, longe da agência, antes que eu fechasse a porta do Jeep.

— Que isso? — disse a voz de Iris, virando-se e olhando para onde o chefe estava correndo.

O sol estava quase se pondo, deixando as ruas cobertas de sombras espessas e escuridão. Os postes de iluminação pública zumbiam quando se acendiam, começando a brilhar em uma luz alaranjada. Avistei as costas de Marcus quando ele virou rapidamente à direita no quarteirão e desapareceu.

Eu corri atrás dele, tropeçando mais de uma vez, ainda não acostumada com as pernas longas do Ronin. Mas meu obstáculo era o medo de esmagar os órgãos proeminentes no meio das minhas pernas. Como diabos os homens corriam sem bater em seus traseiros? Deve ser mais um dos mistérios do mundo em que eu não tinha tempo para pensar.

Descobri o motivo da gritaria quando dobrei a esquina.

A rua estava repleta de pessoas, paranormais, talvez uma dúzia deles. Seus olhos eram selvagens e enlouquecidos, o mesmo olhar que vi em Arlo. A loucura. A maldição da magia negra. A essa distância, eu não podia dizer se seus olhos eram amarelos. Mas eu estava disposta a apostar que eram. Em suas mãos havia uma variedade de armas: punhais, martelos, uma espada e um cara parecia estar segurando um facão. Eles agitavam seus braços e mãos agressivamente contra três figuras - minhas tias.

Dolores, Beverly e Ruth estavam amontoadas no lado oposto da rua, com expressões sombrias, mas determinadas. Uma chama laranja ondulava sobre a palma da mão direita de Dolores. Os lábios de Beverly se moviam no que só poderia ser um feitiço, enquanto Ruth segurava um frasco em sua mão, enquanto agarrava sua bolsa com a outra. A luz fraca lançava sombras escuras em seu rosto. Parecia que ela estava prestes a entrar em colapso de exaustão.

Das sombras da rua veio uma risada baixa. O arrepio que ela provocou fez com que minha pele se arrepiasse.

E então um homem alto gritou com raiva frustrada.

— Matem as bruxas! Matem todas elas!

Quatro paranormais rosnaram e assobiaram enquanto atacavam, o que poderia ter sido totalmente normal em suas formas de fera, mas

realmente assustador em suas formas humanas.

— Para trás, seus demônios! — gritou Dolores. Sua mão disparou. Uma série de chamas alaranjadas atingiu o chão onde os paranormais enlouquecidos avançavam. Eles pararam, uivando contra o fogo no chão que os impedia de prosseguir.

É claro que sempre havia o idiota da aldeia.

Uma mulher se jogou nas chamas. E ela se iluminou como uma fogueira humana.

Ela uivou quando as chamas queimaram sua pele enquanto ela agitava os membros.

— Facere aquam! — gritou Beverly. Jatos de água brotaram de suas palmas e ela os arremessou contra a mulher em chamas. A água bateu. A mulher caiu no chão com um som horrível de estalo. Ela não se moveu, mas pelo menos a água apagou o fogo.

Eu não sabia se ela estava viva ou não. E nunca tive a chance de ver quando outro paranormal se atirou contra minhas tias. Só que esse atropelou a mulher que estava no chão, onde o fogo havia sido apagado.

— Para trás! — gritou Dolores, com o fogo se enrolando nas palmas das mãos e nos pulsos. Eu sabia que, se ela quisesse, minha tia poderia assar essas pessoas facilmente. Mas eles eram nosso povo, os habitantes da cidade de Hollow Cove que haviam sido submetidos a uma terrível maldição de magia negra. Eles não eram eles mesmos, e não podíamos matá-los.

Mas tínhamos que fazer algo antes que eles machucassem minhas tias ou algo pior.

O som de sapatos raspando o asfalto fez com que minha atenção se voltasse para trás.

— A cidade inteira enlouqueceu. — O Ronin-eu estava atrás de mim, com a Iris ao lado dele, com a mão na bolsa, como se estivesse pronta para atirar algo em qualquer um que viesse até eles. Eu ainda não estava acostumado a me ver pelos olhos do Ronin. Era muito estranho.

— Está se espalhando rapidamente. Muito rápido — eu disse. E ainda não tínhamos ideia de quem estava causando isso. — Temos que ajudar minhas tias.

— Você pode contar comigo — disse Ronin enquanto ajustava seu sutiã - meu sutiã - em volta das meninas. — Essa armação é *realmente* desconfortável. Como vocês conseguem viver assim?

Iris revirou os olhos.

— Se eu conseguir me aproximar o suficiente, tenho um amuleto imobilizador. Mas apenas um.

— Melhor do que nada.

Olhei para minhas mãos, minhas mãos de homem, frustrada por

não poder fazer nenhuma mágica com elas.

Um clarão de preto chamou minha atenção. Olhei para cima no momento em que um gorila de costas prateadas de 400 quilos correu para encontrar o grupo de paranormais. Não importava quantas vezes eu tivesse visto Marcus em sua forma de animal, eu ainda ficava boquiaberta com a magnífica e aterrorizante fera. Acho que também babei um pouco.

Ele parou no meio da multidão e bateu com os punhos no chão. Puxou os lábios para trás e rugiu. Os músculos de seu peito se flexionaram quando ele ficou de quatro, com as mãos dianteiras apoiadas nos nós dos dedos.

Um paranormal macho gritou em um frenesi enquanto encarava o gorila. Uma careta feia distorceu seu rosto. Um rosnado saiu de sua garganta enquanto seus ossos estalavam e estalavam, alongando seus braços e pernas. Seu rosto se esticou, sua mandíbula se alongou em uma horrível mistura de humano e lobo.

Sua pele ficou cinza, e uma penugem de pelo sedoso, grosso e cinza apareceu. Seus olhos se fixaram no gorila, e não havia nada de humano neles. Ele era muito maior do que um lobo comum - um lobo com esteroides. Seus lábios se curvaram em advertência com um rosnado constante de raiva.

— Isso não é bom — murmurou Ronin.

Ele estava certo. Alguns humanos loucos eram mais fáceis de controlar do que alguns lobisomens loucos ou qualquer outro tipo de metamorfo. Eles eram muito mais fortes, rápidos e mortais em suas formas de animais.

Com um poderoso impulso de suas patas traseiras, o lobo saltou para frente e correu para encontrar o gorila em um borrão de pelos e dentes.

Marcus, o gorila, pegou o grande lobo pelo pescoço. Mas a força do golpe fez o gorila cair de costas no chão, com as mandíbulas do lobo perigosamente perto da jugular do gorila. O som de seus dentes estalando enquanto ele tentava repetidamente arrancar o pescoço do gorila causou arrepios em meu corpo.

O gorila chutou o lobo com as patas traseiras em um lampejo de pelos e músculos, e o animal voou para trás como se não pesasse nada. O lobo caiu no chão com força, mas em um piscar de olhos estava de volta, acompanhado por dois outros lobos - um vermelho e um preto.

Meus lábios se entreabriram enquanto eu olhava ao redor.

— De onde eles vieram? — Eu estava muito ocupada olhando para Marcus e não os tinha visto aparecer.

— Do mesmo grupo — disse Iris, com a voz embargada pela raiva. — Eles apenas se transformaram.

— Droga. Agora temos três lobisomens malucos.

— Paaare! — gritou Marcus, o gorila, enquanto gesticulava para os três lobisomens com as mãos.

— Você acha que eles vão ouvir? — perguntou Ronin, ainda trabalhando no meu sutiã. Por que os homens tinham tanta dificuldade com sutiãs?

Mordi o lábio.

— Não sei. Talvez.

Mas então o cinza mergulhou na frente do gorila, seguido rapidamente pelo vermelho e pelo lobo preto.

Meu estômago revirou quando os três lobos se lançaram em um frenesi louco contra o gorila.

— Acho que não — disse eu, com as entranhas agitadas.

Os lobos rasgavam e mordiam com uma rapidez voraz. Seus corpos poderosos foram feitos para isso, feitos para matar. Cada mordida esmagadora fazia com que a bile subisse à minha garganta. Um grito ecoou junto com o som de carne sendo rasgada. Os lobos rasgaram o gorila com uma velocidade insaciável. Seus corpos musculosos eram perfeitas máquinas de matar. O ar cheirava a sangue, suor e animais.

O gorila uivou e se contorceu, estremecendo sob o ataque dos lobisomens que rasgavam suas costas. O gorila se levantou. Ele agarrou o lobo vermelho pela garganta, fazendo-o se levantar. Os outros dois ainda estavam em suas costas, rasgando sua pele. Marcus atirou o lobo vermelho como se estivesse jogando um peixe morto. Ele se esticou atrás dele, agarrou os dois lobos pelo pescoço e os jogou.

Ele poderia facilmente ter arrancado seus espinhos e matá-los. Eu já o tinha visto fazer isso antes. Marcus não queria machucar os shifters, mas eles o matariam se ele não conseguisse detê-los.

Assim que os lobos caíram no chão, eles se levantaram novamente, lançando outro ataque horrível contra o gorila.

Os sons da batalha reverberaram em uma sequência de gritos e o estrondo da magia. Olhei de relance para as massas rodopiantes de paranormais que ainda tentavam chegar até minhas tias.

— Afaste-se, Clare — gritou Dolores, com o rosto vermelho de esforço, enquanto acenava com a palma da mão para uma mulher magra de cabelos pretos curtos, sibilando para ela como um gato selvagem. — Eu não quero machucá-la. Afaste-se!

Clare levantou os dedos como se fossem garras e tentou atravessar a parede de fogo.

— Não temos um amuleto para dormir? — gritou a voz de Beverly por cima dos gritos e choros.

— Eu esqueci em casa! — gritou Ruth e jogou um frasco de vidro para o alto. Ele atingiu um homem baixo e atarracado que me lembrava o Gilbert, só que um pouco mais alto. O frasco explodiu com o contato em uma chuva de gosma verde. O homem parecido com

Gilbert cambaleou, parecendo estar preso ao local onde estava, como se tivesse sido supercolado ao chão.

Assim como Marcus, minhas tias não queriam matar esses paranormais. Elas tentaram ajudá-los. Mas se eu não fizesse algo logo, elas não teriam escolha. Eu não podia deixar isso acontecer.

— Ahh! — gritou uma menina, e eu me virei para ver o Ronin apontando para um novo grupo de weres - um puma, um urso preto e outro lobo preto. — Chegando!

— Droga. São muitos. Tenho que tirar minhas tias daqui.

Raiva. Medo. Tensão. Os surtos de minhas emoções me impulsionaram e me abasteceram com adrenalina. Se ao menos eu tivesse magia... eu a usaria.

Mas eu tinha magia... mais ou menos.

Assim que pensei nisso, algo dentro de mim se encaixou.

Deixei minhas emoções conduzirem a onda de adrenalina que me atingiu e me consumiu. Uma escuridão interior, uma sensação de frio, tomou conta de mim.

A sensação de frio tomou conta de meu corpo, diferente e desconhecida. Meu coração disparou quando essa sensação fria e desconhecida encheu meu sangue. Senti medo e me debati com a súbita sensação estranha, sentindo-a me puxar, invadindo meu corpo como se fosse veneno.

Meu corpo ficou mais relaxado e consciente, meus sentidos mais sintonizados com tudo ao meu redor. O que quer que estivesse acontecendo tornava meus sentidos cristalinos, trazendo-me cada visão e som com uma pureza fria. Em seguida, senti uma onda de força, poder e habilidade, como se eu tivesse acabado de me tornar o Homem-Aranha ou algo assim.

Minhas mãos formigavam como se milhões de formigas estivessem rastejando sobre elas. Levantei-as até meu rosto e vi garras pretas brotando de cada ponta dos dedos, como garras de uma tigresa.

— Caramba...

Eu me encolhi quando senti algo afiado morder meu lábio inferior. Esfregando um dedo com muito cuidado, senti dois caninos afiados onde antes havia dentes humanos normais.

Mas olha que doideira.

Eu era um vampiro.

CAPÍTULO 12

Eu era uma bruxa que virou vampiro. Bem, meio-vampiro.

E eu era *incrível*.

Estranhamente, não tive nenhum momento de pânico. Senti-me revigorada, curiosamente confiante e eufórico, como se pudesse realizar o impossível se quisesse. Eu poderia voar? Possivelmente. Era assim que os vampiros se sentiam o tempo todo? Isso explicaria o amor de Ronin por si mesmo. Essa sensação era viciante.

A rua estava cheia de gritos, berros e grunhidos. O caos irrompeu. Foi lindo. Eu estava linda. Sim, minha vaidade estava nas alturas.

Meus olhos, meus incríveis olhos de visão noturna, examinaram a rua. Marcus, o gorila, tinha um lobo cinza e um vermelho em cada mão, e então bateu suas cabeças uma na outra. Ouvi um estalo horrível, e os lobos caíram frouxamente no chão. Mais tarde, eles acordariam com pancadas horríveis na cabeça.

E isso me deu uma ideia.

Eu me abaixei e peguei uma pedra solta, do tamanho de uma maçã, ao lado de um poste de luz. Como o gorila já estava cuidando das coisas, corri para encontrar a nova onda de weres. Em um borrão de movimento, virei-me para ver o puma, o urso e o lobo negro saindo em perseguição.

Mesmo quando o sol desapareceu completamente, pude vê-los passando por entre os carros estacionados e contornando-os, bem atrás de onde minhas tias estavam, tentando impedir que os outros paranormais os alcançassem.

— Sacaninhas sorrateiros — murmurei. Mas eu também era.

Eu me movia como a noite líquida. Se você piscasse os olhos, não me via. Não é brincadeira. Se eu piscasse, *sentiria* minha falta? Sim. Eu estava perdendo o controle.

Com minha velocidade de supervampiro, atirei-me contra o puma. Girei como um pião em torno dele. Não consegui me conter. Isso era muitíssimo divertido.

O puma recuou e sibilou, batendo suas enormes patas em mim pela frente.

Mas eu já estava ao lado de sua traseira.

Puxei sua cauda.

— Gatinho ruim.

O grande felino se virou para me encarar, com os dentes à mostra

brilhando na luz fraca. Seus olhos amarelos me fixaram. Sim, ele estava amaldiçoado.

Ele avançou, com seus dentes enormes indo em direção à minha jugular. Com a velocidade de uma supermulher, eu me esquivei e o acertei com força na lateral da cabeça com minha pedra.

A cabeça do gato se inclinou para trás e ele caiu aos meus pés, *sobre os meus pés*. Seu peso os esmagou e me prendeu por um segundo.

— Droga, você é um gatinho grande. Tem muita ração nessa barriga.

Olhei para o belo felino inconsciente a meus pés, com seu pelo de uma gloriosa cor fulvo com um toque de cinza. O arrependimento me atormentou. Acontece que eu *adorava* gatos, especialmente os de raças gigantes, mas esse queria comer meu rosto.

— Isso aí, garota — foi a voz do Ronin à distância. Eu me virei para me ver batendo palmas com um sorriso largo e bobo no rosto.

— Isso *não parece* natural — respondi. — Não estrague meu rosto!

O movimento chamou minha atenção, assim como o cheiro almiscarado e pesado da floresta de um urso enorme que me atacou.

De jeito nenhum eu poderia ter movido esse gatinho de duzentos quilos se ainda estivesse em meu corpo de bruxa. Ainda bem que eu não estava.

Usando minha recém-descoberta força de vampiro, rolei o gato gigante para fora de meus pés.

Um urso enorme avançando em minha direção teria feito com que eu fizesse xixi nas calças em meu antigo corpo. Mas nessa carapaça de vampiro, não fui afetada por seus dentes do tamanho dos meus dedos ou por suas garras afiadas que poderiam rasgar metal. Em vez disso, eu estava imperturbável, concentrada e me sentindo estranhamente bem comigo mesma. Um sorriso se desenhcou em meus lábios. Eu me sentia imparável. Sentia-me poderosa. Eu me sentia uma durona.

Por isso, decidi seguir em frente.

O urso se lançou contra mim. Avancei e dei-lhe um chute forte no estômago. Grunhindo de dor, ele cambaleou para trás. Mas não durou muito. *Era* um maldito urso.

Bati com o punho fechado mas o urso atacou mais rápido, pegando-me no braço e cortando minha pele.

Assobieie com a dor, o sangue escorrendo para a minha mão e fazendo com que eu não conseguisse segurar a pedra.

— Não deveria ter feito isso. Estou prestes a te dar uma lição, urso.

Sorrindo, minha perna se levantou e os olhos amarelos e amaldiçoados do urso se arregalaram quando meu sapato bateu em sua cabeça. O chute o fez correr para trás e, um segundo depois, seu

corpo se esmagou ao cair no chão.

— Olhe para mim. Estou realmente pegando o jeito disso...

Algo duro me atingiu nas costas, assim que fui atacada pelo hálito de cachorro-quente. Caímos no chão juntos, eu de cabeça — com a boca cheia de pelos, sujeira e sabe-se lá o que que estava vivendo na rua há anos — e o lobo em cima de mim.

Rolei, sem esperar que ele me cortasse com suas garras afiadas ou cravasse seus dentes em minha carne. Escorreguei sob seu peso e me levantei. O lobo bateu uma pata em mim, mas eu me esquivei e dei um chute em seu rosto.

O lobo gritou de dor. Ele cambaleou para trás, sacudindo a cabeça. O sangue escorria de seu nariz. Seus olhos amarelos brilhavam com fúria e uma fome selvagem. Sem dúvida, se me matasse, o lobo me teria como bufê.

Fiz uma careta ao sentir o fedor de algo pútrido quando vi os fios de baba viscosa de lobo que cobriam minha camisa e minha jaqueta. Levaria uma eternidade para tirar o cheiro. Ainda bem que, *tecnicamente*, essas roupas não eram minhas. Eu sorri. Ronin ia ficar furioso.

O lobo avançou com uma velocidade assustadora, com as mandíbulas estalando em meu pescoço enquanto eu mal tinha tempo de recuar de seus dentes afiados. O maldito animal era grande e rápido. Mas eu também era.

Eu havia perdido minha pedra na luta, mas isso não importava.

Girei e uma onda de energia vampiresca pulsou em mim. O lobo veio para cima de mim sem pausa, arremessando-se contra mim, com sua enorme boca aberta e cordas de baba penduradas nela.

Em seguida, dei um chute onde imaginei que estivessem suas bolas, imaginando que fosse um macho.

O lobo soltou um gemido, cambaleando para trás.

— Dói, não dói?

Avancei em direção a ele e dei um chute em sua cabeça. O lobo caiu para o lado e não se moveu mais.

— Ha! — aplaudi. Enquanto corria com minhas pernas super-rápidas, dei uma olhada rápida atrás de mim. Eu ainda podia ver o lobo deitado no chão, então não havia nada. Bati em um carro estacionado na minha frente.

— Ok. Wow.

Comecei a avançar novamente, um pouco mais devagar dessa vez, e mais concentrada nos obstáculos à minha frente. Saltei sobre o que eu só podia supor ser um homem inconsciente e aterrissei com a graça de um gato, ao lado de Dolores.

— Droga. Eu nunca soube como é ser um vampiro. O Ronin tem muito o que explicar.

Dolores franziu a testa para mim.

— Ronin. Você está experimentando algum sentimento repentino de raiva incontrollável? Sente a necessidade de matar?

Ela levantou as mãos como se estivesse prestes a me enfeitiçar.

Pisquei os olhos.

— Não. Sou eu. De verdade. É a Tessa — eu disse, sorrindo, com meus caninos mordendo meu lábio inferior.

— O quê? — gritou Dolores, parecendo atônita.

— Longa história.

Dolores colocou as mãos nos quadris.

— Me dê a versão curta. Agora.

Rapidamente, contei a história do nosso feitiço de contra-curso de magia negra que saiu errado.

— Então, sou eu mesmo. Por dentro — eu disse, olhando para mim mesma com os polegares. Beverly e Ruth me olharam como se tivesse crescido um terceiro olho no meio da minha testa.

— O que a levou a fazer algo tão estúpido? — perguntou Dolores.

Suspirei.

— Você quer mesmo que eu responda a isso? — Olhei ao redor, vendo uma linha preta queimada na calçada onde estava a linha de fogo de Dolores. O grupo de paranormais enlouquecidos estava amontoadado no chão, aparentemente inconsciente.

— Feitiço do sono? — adivinhei.

— Encanto da embriaguez — respondeu minha tia alta, e notei como ela parecia cansada. — Era a única coisa que eu tinha no momento.

— Eles vão ter uma dor de cabeça de matar amanhã.

Beverly tirou uma mecha de cabelo loiro dos olhos.

— É bem feito para eles — disse Ruth, olhando para os paranormais caídos com a maior raiva que eu já vi em seu rosto bonito.

— Você está fedendo. — Ronin ficou de pé com as mãos nos quadris. — Eu nunca vou conseguir tirar esse cheiro. Lá se vai minha jaqueta de novecentos dólares.

Fiquei olhando.

— Nunca pensei que pronunciaria essas palavras em minha vida.

Os olhos de Iris estavam arregalados enquanto ela se concentrava em mim.

— Isso foi incrível. Você realmente se concentrou no corpo do Ronin.

Dolores apontou o dedo para Iris.

— Pode parar de sorrir, menina. Nunca. *Nunca se envolva* com magia negra. Especialmente quando não sabe o que está fazendo.

As sobrancelhas de Iris se encontraram no meio.

— Eu já trabalhei com magia negra antes.

Dolores se curvou sobre Iris como se fosse uma gigante.

— Nunca.

Iris abriu a boca para contestar, mas Marcus interrompeu.

— Vocês estão bem?

O chefe tinha voltado à sua forma humana, o que significa que estava nu. Seu glorioso corpo musculoso e dourado brilhava com uma camada de suor. Eu adorava aquela aparência dele. Adorei.

Ele me viu olhando e franziu a testa, esquecendo por um segundo que eu estava dentro do meio-vampiro. Nesse momento, notei que minhas garras haviam se retraído e não consegui sentir os caninos quando passei a língua em meus dentes.

— Um pouco abalada, mas está bem — disse Dolores, endireitando-se e atingindo a altura de 1,77 m.

Passei meu olhar sobre o puma, o urso e o lobo que eu havia nocauteado, vendo três homens nus esparramados no chão.

— O que faremos com eles? Eles não ficarão no chão por muito tempo.

— Deveríamos amarrá-los — disse o chefe. — Tenho abraçadeiras no escritório. Podemos mantê-los em uma cela por enquanto. Longe dos outros.

— Vou pegar meu tônico para dormir — disse Ruth. — Isso os impedirá de tentar se matar.

— Chefe!

Todos nos viramos para ver Scarlett e Cameron correndo em nossa direção. Marcus se virou para encará-los, e eles não pareciam incomodados com o chefe nu.

— O que? — Marcus firmemente falou.

— Alguns paranormais estão ficando inquietos na ponte — respondeu Cameron. — Sua barricada não vai durar a noite toda. É apenas uma questão de tempo até que eles a rompam.

— Quando eles passarem, irão atrás dos humanos na próxima cidade — disse Scarlett.

— Isso não é bom — falei.

Marcus olhou para as minhas tias.

— Você acha que poderia montar uma proteção ou algo assim? Para mantê-los presos?

Dolores franziu as sobrancelhas em pensamento.

— Sim. Não vai ser fácil. Precisaremos de proteção enquanto estivermos fazendo isso.

— É isso mesmo — disse Marcus. Com um lampejo de luz e pelo, um gorila estava agora em seu lugar.

— Vamos lá, senhoritas. A noite ainda não acabou. — Dolores conduziu suas irmãs para a frente, atrás do chefe e de seus dois

ajudantes.

— Esperem! — Eu corri atrás delas. — Eu posso ajudar, mas, primeiro, você precisa nos transformar de volta.

Ser um vampiro tinha sido incrivelmente satisfatório, mas, convenhamos, eu precisava de meu espírito de bruxa de volta.

Dolores colocou a mão no quadril. Seu olhar era suficiente para espantar cachorros.

— Você está com dor?

— Não.

— Você se sente mal ou com náuseas repentinas?

— Não. Estou me sentindo muito bem, na verdade.

— Então você não é uma prioridade — disse minha tia. — Neste momento, não temos tempo para lidar com suas tolices. Precisamos criar uma nova ala, o que leva tempo e energia. Toda a nossa energia deve ser investida na criação dessa ala e em manter essa loucura contida dentro das fronteiras de Hollow Cove.

— É isso mesmo. — Levantei minha mão e apontei para o Ronin-eu. — Se eu estivesse em meu próprio corpo, eu poderia ajudá-la.

Dolores estreitou os olhos.

— Lidaremos com você mais tarde.

Irritada, eu a encarei de volta.

— Então, o que faremos nesse meio tempo?

— Você está encarregada de limpar isso — disse Dolores, apontando o dedo para os paranormais inconscientes.

Cerrei os dentes ao ver Marcus, seus ajudantes e minhas tias se afastarem de nós e se dirigirem à ponte.

— É impressão minha ou suas tias estão chateadas com a gente? — Ronin se aproximou de mim e colocou suas mãos nos quadris.

— Eles estão com raiva de *mim* — disse Iris, com a voz amarga. — Fui eu que fiz isso. Não foi vocês. Se alguém tem culpa, sou eu.

Balancei a cabeça.

— Elas só estão estressadas porque ainda não descobrimos o que está causando isso. Se ao menos soubéssemos...

Tive a sensação de estar sendo observada. Eu me virei, aprimorando meus sentidos aguçados de vampiro na sensação.

Minha atenção se voltou para o outro lado da rua. Uma forma permanecia nas sombras entre duas grandes caçambas de lixo a cerca de 90 metros de nós. Era um homem, pelo tamanho de seus ombros, mas eu não conseguia ver seu rosto. Um capuz escuro escondia a maior parte de seu rosto. Chamem isso de meus instintos de vampiro, mas eu sabia sem dúvida que esse era o cara - ou pelo menos um deles - responsável pela maldição da magia negra. Por que outro motivo ele estaria à espreita ali, observando a cena, observando o que sua maldição de magia negra estava fazendo com as pessoas?

— Ali — eu disse. — É ele!

Antes mesmo de registrar o que estava fazendo, corri para a frente, com meus membros longos me levando a uma velocidade impossível. Uma garota poderia se acostumar com isso.

O estranho saiu das sombras quando me aproximei.

— Peguei você, seu filho da puta.

Estendi a mão para agarrá-lo e tive um momento de medo de que ele me xingasse, mas era tarde demais. Minhas mãos estavam a centímetros de seu pescoço.

Senti um puxão no meio do caminho, como se um elástico gigante estivesse me envolvendo, arrastando-me para a direção oposta.

Senti meus pés deixarem o solo sólido. Tive um momento de pura suspensão e, em seguida, o mundo passou por mim como se eu estivesse em uma linha ley.

A dor explodiu, como se cada osso do meu corpo estivesse quebrado e cada célula do meu corpo estivesse em chamas, pois eu estava sendo puxada em todas as direções simultaneamente.

Caí no chão com força, rolando até que minhas costas se apoiassem em algo sólido. Uma dor lancinante me invadiu por completo, arrancando lágrimas de meus olhos. Eu estava tonta e enjoada, como se tivesse tomado três garrafas de vinho só para mim. Pisquei os olhos quando um rosto entrou em foco.

Iris estava olhando para mim, com confusão e preocupação em seu rosto.

— Ronin?

Espere. Como a Iris chegou aqui tão rápido? E onde estava aquele cara...

Levantei minhas mãos, *minhas* mãos femininas, até meu rosto.

— Estou de volta. Sou eu. Tessa.

Eu estava de volta ao meu corpo. Que droga. E eu quase o havia descoberto. O culpado. Aquele que havia infectado nossa cidade com sua maldição de magia negra. Mas isso também significava que Ronin estava de volta em seu corpo, ao lado daquele louco.

Depois, rolei e vomitei.

CAPÍTULO 13

— Você não o viu? — perguntei novamente ao Ronin enquanto fechava a porta das celas de detenção. Levamos quase duas horas para amarrar os pulsos e tornozelos de todos e, em seguida, transportar seus traseiros inconscientes em macas de volta para a Agência de Segurança de Hollow Cove.

— Não.

O meio-vampiro balançou a cabeça.

— Eu estava muito ocupado vomitando minhas tripas para perceber alguém.

Na ocasião, também me senti mal e pensei em pular uma linha ley de volta ao local onde tinha visto o homem de capuz. Mas quando tentei ficar de pé, outra onda de tontura me atingiu. Eu não estava em condições de enfrentar algum tipo de mágico de magia negra ou como quer que eles fossem chamados.

Havia também a questão de Candy e se ela estava de alguma forma envolvida nisso. Eu ainda precisava encontrá-la.

— Vocês têm sorte de ele não ter matado nenhum de vocês — disse Iris, sorrindo. Ela não parou de sorrir desde que eu e o Ronin voltamos aos nossos corpos. De certa forma, isso a livrou do perigo. No entanto, eu tinha certeza de que Dolores ainda iria se vingar dela. Minha tia estava certa. Mexer com magia negra era uma ideia horrível.

— Bem, esse é o último deles — eu disse, olhando através das grades das celas para o grupo de paranormais inconscientes.

— Espero que seja o último desta noite também — disse Ronin. Ele soltou um suspiro e esticou os braços. — Foi divertido ser uma mulher e tudo mais, mas estou feliz por estar em meu próprio corpo.

Ele lançou um olhar para Iris.

— Tenho planos, querida. Você tem sido uma bruxa muito *má*.

O rosto de Iris ficou rosado.

— Sim... estou cansada. Acho que todos nós deveríamos descansar bastante.

Olhei para meus amigos, sabendo exatamente que tipo de descanso eles teriam. Eu? Estava cheia de adrenalina. Estava de volta ao meu corpo e ainda tinha coisas para fazer. Como pegar aquele filho da puta. Eu o tinha visto, mais ou menos, e agora não podia deixar isso passar.

— Vou conversar com meu pai sobre magia negra — eu disse a eles enquanto fechava a porta das celas e nós três saíamos pela porta principal. — Mas, primeiro, preciso de uma ducha. Estou cheirando... a *homem* por algum motivo.

Ronin me empurrou de brincadeira, e Iris soltou uma gargalhada.

— Dolores vai me matar — disse a Bruxa das Trevas. — Você viu como ela estava olhando para mim? Aquilo ali era um assassinato. Seus olhos diziam tudo.

— Eu disse. E fico feliz que não tenha sido direcionado a mim, pelo menos uma vez.

Eu sorri.

— Não se preocupe. Ela está muito ocupada para pensar nisso agora.

Senti uma pontada de culpa por não estar lá com eles, ajudando com as proteções. Talvez eu passasse por lá depois da minha conversa com meu pai.

Acenei para o Ronin e para a Iris enquanto subia a Stardust Drive. As cortinas se moveram em uma janela próxima, como se alguém estivesse me observando. As janelas da casa ao lado eram revestidas de madeira, e a outra tinha barras de metal que eu nunca havia notado antes. Era como se Hollow Cove estivesse se preparando para um furacão ou tornado. Um ciclone de paranormais loucos. Era isso que estava acontecendo.

Abri a porta do Chalé Davenport um momento depois, acendi as luzes e corri para a porta do porão. Assim como na Casa Davenport, a porta do porão era um portal, um portal particular para o Mundo Inferior. Mais especificamente, para a casa do meu pai, onde havia uma réplica da mesma porta.

Com uma respiração profunda, estendi a mão, agarrei a maçaneta da porta do porão e a abri.

— Pai — gritei para as escadas vazias. — Pai, preciso de sua ajuda.

Havia a possibilidade de ele não ter voltado da conferência sobre demônios, mas eu ia arriscar.

Trinta segundos depois, meu pai demônio estava na escada do porão. Seu traje perfeito de sempre estava desarrumado. Sua camisa branca estava abotoada incorretamente, como se ele tivesse feito isso às pressas, e ele não estava usando paletó. Seu cabelo impecável de sempre estava espetado nas pontas, como se alguém tivesse passado os dedos por ele.

— Tessa? O que está acontecendo? É aquela maldição da magia negra. Não é?

— É.

A mandíbula de meu pai se abriu e fechou, seus olhos prateados se movendo atrás de mim.

— Onde estou? Oh. Esta é sua nova casa?

Ele coçou a barba grisalha perfeitamente aparada.

Antes que eu pudesse responder, meu pai passou por mim e entrou na cozinha. Pensei em convidá-lo a entrar, como na primeira vez em que ele cruzou a soleira do porão da Casa Davenport, dizendo que a Casa não o deixaria entrar a menos que eu o convidasse. Mas como ele já havia chegado à minha cozinha e estava inspecionando a bancada de quartzo, achei que, como ele podia entrar na casa grande, isso também valia para a casa o chalé.

Observei, com as mãos nos quadris, meu pai passar da cozinha para a pequena sala de jantar, atravessar para a sala de estar e, por fim, enfiar a cabeça no pequeno lavabo.

Quando terminou, ele se virou com um sorriso.

— A magia é extraordinária. Não é?

— É.

Obiryn olhou para o teto, com uma expressão de admiração levemente divertida em seu rosto, como se estivesse vendo fantasmas.

— Esta casa mágica nunca deixará de me surpreender.

— A mim também. Posso lhe oferecer uma bebida? Vinho?

Acabei de perceber que era a primeira vez que recebia meu pai em minha nova casa, e meu peito estava inflamado de orgulho.

— Isso não será necessário — respondeu meu pai. — Tomei vinho o suficiente com sua mãe para nós dois.

Eu o observei atentamente, procurando sinais de que ele estava um pouco bêbado, mas não vi nenhum. Talvez o álcool não afetasse os demônios como afeta o resto de nós.

— Então, está indo bem?

Ele olhou para mim com uma expressão sonhadora.

— Sim. Melhor do que eu esperava.

— Estou feliz por você. Como foi a convenção de demônios? O que é exatamente?

Meu pai suspirou.

— O de sempre. Exibições de todas as novas armas de tortura e feitiços. São eventos coloridos e ativos que despertam o nerd demônio interior. A mercadoria é muito cara. Colecionadores de demônios vendem e trocam suas magias. Longa. Chata. Eu mal podia esperar para ir embora e me juntar à sua mãe.

— Escute, não vou demorar muito — eu disse, percebendo que provavelmente havia arrancado meu pai de seu "tempo de amor" com minha mãe. Droga. Não vou entrar nessa.

— Preciso perguntar o que você sabe sobre magia negra.

Puxei uma cadeira da minha mesa de jantar e me sentei.

— Até agora, parece que Ruth está tendo problemas para inventar uma contra-maldição, e ela está se espalhando rapidamente. Ainda

não sabemos quem está por trás disso, mas quase consegui dar uma olhada em alguém que acredito ser o responsável.

Meu pai veio se sentar à minha mesa de jantar.

— Quase?

— Quando eu estava prestes a ver seu rosto, fui puxada de volta para o meu corpo.

A boca de meu pai se abriu.

— De volta... ao *seu* corpo? Por que sinto que estou perdendo algo de grande importância aqui?

Suspirei e cruzei as mãos em meu colo.

— A Iris estava apenas tentando inventar uma contra maldição. Em vez disso, minha consciência ou alma foi para o corpo do Ronin e a dele para o meu.

Um pequeno sorriso puxou os cantos dos lábios do meu pai.

— Transferência de alma. Já mexi com isso algumas vezes.

— Bem, quando eu ainda estava no corpo do Ronin com seus poderes de supervampiro, eu estava prestes a agarrar um cara que estava se escondendo nas sombras. Mas assim que estendi a mão, fui puxada de volta para o meu corpo. Não vi seu rosto.

— E você tem certeza de que ele é o responsável?

— Noventa por cento — respondi com um sorriso.

Meu pai balançou a cabeça de um lado para o outro enquanto pensava sobre o assunto.

— É o suficiente para mim.

— Então. — Inclinei-me para frente em minha cadeira. — O que você pode me dizer sobre magia negra? Você conhece alguma contra maldição? Algo que bloqueie?

— Bem. — Meu pai cruzou as pernas na altura dos joelhos. — Vou lhe dizer o que disse à sua mãe. A magia negra é fundamentalmente uma arte usada por humanos, não por demônios. Ela também é primordialmente evocada com o ato de tirar a vida. Um sacrifício. Há muito poder a ser obtido com a magia negra. Essencialmente, esse tipo de magia é diferente da sua magia, do seu poder de bruxa e demônio — acrescentou ele com um sorriso. — Ela tem apenas um propósito - destruir. Para infligir horror, dor e morte. E ela sempre volta para você. E o pagamento é pior do que qualquer magia de bruxa ou demônio.

Eu me senti balançando a cabeça.

— O que mais?

— Com a magia negra, o praticante usará objetos para espalhar sua maldição.

— Objetos?

— Como bonecos ou moedas. Pode ser qualquer coisa, na verdade. Elas serão marcadas com runas especiais, o que mantém a magia

negra presa dentro delas até que seja liberada.

Senti o sangue sair do meu rosto e se acumular em algum lugar ao redor dos meus pés.

— Então, você está dizendo que podemos ter esses objetos por toda a cidade? Agora mesmo?

Meu pai assentiu com a cabeça.

— Sim. É bem possível.

— Isso explicaria como a maldição se espalhou sem que soubéssemos.

Droga. Droga. Droga.

— A maldição não é contagiosa?

— Altamente improvável.

Isso deveria ter me feito sentir melhor, mas não o fez.

— Então, precisamos procurar bonecos ou qualquer coisa marcada com runas.

— Exatamente.

Vasculhei meu cérebro cansado, tentando me lembrar se tinha visto algo parecido na casa dos Miller ou na casa do Bernard, mas não consegui. Parecia que eu não iria para a cama tão cedo esta noite. Primeiro, eu ia tomar um banho e depois sairia novamente.

— Você pode me dizer mais alguma coisa? E quanto a uma contra maldição? Você sabe de alguma coisa que possa ajudar? Ruth está lutando contra a contra maldição. Ela está ficando doente.

— As contra-maldições de magia negra são um pouco complicadas — disse meu pai, parecendo Dolores. — Veja bem, cada maldição é diferente, mas todas compartilham as mesmas propriedades.

— Ok, me perdi, Obi-Wan.

Ou meu pai estava falando em demônio, ou eu estava exausta demais para entender as palavras que saíam de sua boca.

Os olhos prateados de meu pai se enrugaram nos cantos.

— Todo objeto amaldiçoado terá runas, mas cada um é único. Elas são adaptadas de forma diferente. É por isso que presumo que sua tia Ruth esteja sofrendo com uma contra maldição. Porque são todas diferentes. Esse não é um tipo de magia que serve para todos.

— Bem, isso não é bom.

Um suspiro cansado veio de mim. Meu corpo doía, como se ser puxada para frente e para trás em diferentes corpos estivesse cobrando seu preço. Eu ainda estava me sentindo enjoada, como se fosse a manhã de uma ressaca, e meu fígado estava sofrendo.

— Como vamos vencer isso se não conseguirmos encontrar algum tipo de cura?

Eu não estava disposta a desistir. Se não conseguíssemos encontrar uma contra-maldição para cada maldição de magia negra, teríamos de encontrar uma que as removesse completamente, como uma contra-

maldição mais geral.

— Podemos destruir esses objetos? — perguntei.

Meu pai deu de ombros.

— Não vejo por que não. O fogo é o melhor. Se você puder reduzi-los a cinzas, isso deve destruir a maldição.

Deve destruir a maldição não era um sim definitivo, mas eu aceitaria.

Recostei-me em minha cadeira e soltei a respiração.

— O que mais? O que mais você pode me dizer?

Nesse momento, notei que o rosto de meu pai era uma máscara de horror paternal.

— Está bem. E agora? O que você não está me contando? Posso ver isso em seu rosto. Diga-me.

— Tessa.

O rosto de meu pai ficou distante por um segundo, enquanto seus olhos se concentravam em outro lugar.

— Os objetos devem ser manuseados com extremo cuidado. A maldição se espalha pelo contato quando alguém toca o objeto.

A preocupação estava estampada no rosto do meu pai. Meu pai demônio entrelaçou os dedos sobre a mesa.

— Mas com você...

— Mas comigo... o quê?

— Por favor, não reaja muito mal quando eu disser isso.

Meu coração acelerou quando me inclinei para frente em minha cadeira. Examinei seu rosto.

— Bem, agora é tarde demais para isso. O quê?

Meu pai olhou para mim e disse:

— Você tem um pouco de magia negra em você.

Meu cérebro não conseguia acompanhar, então tive que confiar em minha boca.

— Oi... desculpa. O que você acabou de dizer?

— Magia negra, magia de cemitério — disse meu pai, agitando a mão. — Não importa como você a chama. É essencialmente a mesma coisa. Ela lida com a morte. Ela obtém seu poder por meio da tomada da vida, tirando a vida de coisas vivas. Está fortemente associada ao diabo e aos demônios. — Ele apontou para si mesmo. — A magia negra é como um primo distante da nossa magia, que você tem dentro de si.

A sala estava girando e eu sentia que ia passar mal.

— Então, você está dizendo que eu tenho magia negra *em* mim?

Como eu disse, eu estava um pouco lenta esta noite. Eu culpava o fato de ter estado no corpo de um meio-vampiro por tanto tempo.

— De fato, você tem. O mesmo que eu.

— E isso significa o quê? Que posso fazer bonecos de vodu e dar

vida a coisas mortas? Dolores havia dito que isso era diferente de necromancia, mas agora eu não tinha tanta certeza.

Meu pai coçou o queixo.

— Sabe, os bonecos de vodú têm uma reputação ruim. Nem todos são ruins. De fato, alguns bonecos vodú fazem as pessoas felizes. Eu os acho bonitinhos.

— Não tente mudar de assunto.

Eu o observei por um momento.

— Posso controlar os mortos?

— Qualquer demônio pode controlar os mortos — disse meu pai, com um tom de voz sério. — É um dos muitos benefícios de ser um demônio.

Fiquei ali sentada, atônita, por um tempo, sem saber como me sentir em relação ao fato de ter magia negra em mim. Especialmente depois que Dolores a chamou de magia suja, como ela se sentiria se soubesse que eu tinha alguma em minhas veias?

Meus músculos protestaram enquanto eu balançava meu peso na cadeira.

— Ok. Eu tenho magia negra em mim. Por que você não me contou?

— Eu temia que você fosse culpada pelo que está acontecendo.

Sua expressão ficou tensa.

— Você mesma disse isso. Ninguém sabe quem está amaldiçoando sua cidade. Você sabe como os humanos reagem quando estão sob pressão. Quando estão com medo, procuram culpar alguém. Esse alguém será você. Você será queimada na fogueira como as bruxas de Salem.

— Não vamos exagerar.

Embora talvez ele estivesse certo.

— Sua mãe e eu concordamos...

— Minha mãe sabe?

Acho que gritei essa parte.

— E você não pensou em me contar?

— Eu ia lhe contar.

Meu pai olhou para baixo e só agora pareceu perceber que sua camisa não estava abotoada corretamente.

— Hoje à noite, na verdade. Acabei de saber sobre a situação da cidade.

Ele desabotoou os botões e começou a abotoar a camisa corretamente.

— Eu estava a caminho. Depois que eu e sua mãe...

Levantei minhas mãos.

— Não quero saber.

Um cheiro repentino de odor corporal encheu meu nariz. Droga.

Será que o fato de o Ronin ter controlado meu corpo me fazia suar como um homem?

E eu teria que contar às minhas tias e ao Marcus. De jeito nenhum eu ia esconder essa informação deles.

— Há outra coisa.

Meu pai ajeitou a camisa.

— Algo que pode ser útil em suas investigações.

— Uma garrafa gigante de Merlot?

Eu sorri.

Meu pai riu.

— Uma isenção. Mas isso também pode fazer de você um alvo se ele descobrir sobre você.

Esfreguei meus olhos.

— Pare de falar em Jedi e me diga exatamente o que quer dizer.

— Significa — começou meu pai. — Significa que você não pode ser infectada por nenhuma maldição de magia negra. Você é imune. Significa que você é a única pessoa que pode tocar ou recuperar esses objetos.

Opa.

CAPÍTULO 14

Fechei os olhos e deixei a água quente e gloriosa borrifar em meu rosto e corpo. Eu estava no chuveiro há pelo menos vinte minutos, lavando a consciência do Ronin. Mesmo que isso não fosse tecnicamente possível, ainda era uma violação de certa forma. Conhecendo meu amigo, eu tinha certeza de que ele estava fazendo a mesma coisa. É isso. Estar no corpo de outra pessoa por algumas horas era bastante traumatizante.

Fiquei rígida ao ouvir o som da porta do banheiro se abrindo. Mesmo nervosa, o primeiro pensamento que me veio à cabeça foi: e se esse fosse o mago de magia negra? E se ele soubesse onde eu morava? Minha imaginação estava à solta.

Agarrando a primeira coisa que pude em minhas mãos molhadas e escorregadias, pulei do chuveiro.

— Ah! — gritei, apontando o frasco de xampu em minha mão como se fosse uma arma.

— Marcus?

Marcus estava parado na porta do banheiro, com uma expressão de incerteza e apenas um par de jeans justos. Ele estava hesitante. Parecia que não tinha certeza se deveria entrar ou não. E então me dei conta.

— Sou eu. Tessa. Estou de volta ao meu corpo.

Levantei os braços como uma idiota, como se isso devesse deixar tudo mais claro.

Quando ele entrou no banheiro, vi uma tensão visível deixar as costas e os ombros do chefe musculoso.

— Já estava na hora.

Naquele momento, percebi que havia saído do chuveiro nua. Se não fosse por Marcus, as coisas teriam sido estranhas.

A vibração de Marcus era suave e gentil. Um sorriso afinou seus lábios.

— Você vai me ensaboar com isso? — Seus olhos se voltaram para o frasco de xampu que eu ainda segurava.

— Sim. Talvez.

Joguei o frasco no chuveiro que ainda estava ligado, formando uma poça de água aos meus pés. Não faço ideia por que fiz isso. Eu tinha minha magia de volta, mas ainda estava involuntariamente pensando que estava no corpo do Ronin.

— A proteção. Foi bem-sucedida? — perguntei, sentindo um rubor

em meu rosto.

Ele passou a mão no cabelo.

— Foi. Suas tias conseguiram fazer uma rápido. E está se mantendo. Até agora, nenhum dos paranormais conseguiu entrar ou sair.

— Isso significa nós também. Certo?

Não que eu estivesse planejando ir a algum lugar.

Marcus se aproximou, e aqueles lindos olhos cinzentos ficaram sérios.

— É isso mesmo. Temos sorte de ter bruxas tão fortes e capazes.

Meus olhos ficavam olhando para os músculos duros do peito dele. Tão distrativo.

— Houve algum novo paranormal amaldiçoado?

Eu estava cansada e meu corpo ainda não havia se recuperado da troca de corpos, mas se alguns paranormais perturbados estivessem correndo pela cidade, eu tomaria um pouco de Tylenol e voltaria ao trabalho. Talvez eu também tomasse um pouco do tônico curativo da Ruth.

— Apenas alguns na ponte. Eles já foram tratados. Nós os colocamos nas celas de detenção com os outros. Fiz algumas verificações no perímetro da cidade e tudo parece tranquilo por enquanto. Não vai continuar assim, mas um pouco de tranquilidade é bom.

Arqueei as sobrancelhas.

— Vou ficar um pouco quieta. Onde estão minhas tias agora? — perguntei, chocada por estar ali nua e sem nenhum constrangimento, com as luzes acesas e aquele homem tão sexy quanto o inferno a apenas alguns metros de distância. Por algum motivo estranho, eu levantei um pouco o peito.

— Em casa — respondeu o chefe. — Ruth está muito mal. Ela está exausta. Estou preocupado com ela. Ofereci-me para trazê-la para casa.

Ele sorriu, com os brancos perolados brilhando.

— Ela não deixou.

Eu ri, meu coração se expandiu com seu lado mais suave.

— Claro que não. Pobre Ruth. Isso está sendo muito difícil para ela. O fato de ela não conseguir encontrar a contra-maldição... Oh! Falei com meu pai — disse rapidamente, minha conversa com ele ainda estava fresca em minha mente. — Eu sei por que ela não consegue encontrar uma contra maldição. É porque esse mágico ou xamã está usando objetos diferentes para amaldiçoar as pessoas.

Isso não saiu bem.

— Ele está plantando objetos com maldições pela cidade — tentei novamente. — E cada um deles tem uma estrutura diferente. Uma

maldição diferente.

Se meu pai tivesse me contado antes, talvez Ruth não estivesse tão cansada. Entendi que ele temia por mim, mas deveria ter dito algo.

— Um xamã?

O rosto de Marcus ficou sério novamente.

— Um xamã de magia negra? Tem certeza?

Acenei com a cabeça.

— Eu quase vi seu rosto.

Contei a ele sobre o momento em que minha alma foi puxada de volta para o meu corpo.

— Eu estava a um segundo de descobrir quem ele era.

— Ele poderia ter amaldiçoado você.

A voz de Marcus era áspera, o que me fez estremecer.

— Mas ele não fez isso. E ele não amaldiçoou o Ronin. Mas isso é bom.

— Como assim?

Marcus cruzou os braços grandes sobre o peito grosso.

— Se meu pai estiver certo — eu disse, ainda nua com um homem parcialmente nu no banheiro, — isso significa que a maldição negra não é contagiosa. Isso significa que podemos procurar esses objetos na cidade e destruí-los. Dessa forma, a maldição não se espalhará. Podemos nos concentrar em encontrar esse xamã antes que ele tenha tempo de fazer mais.

Fazia sentido que esses objetos amaldiçoados levassem tempo e esforço para serem criados. Eu esperava estar certa.

Os olhos de Marcus se estreitaram junto com a linha de sua boca.

— Posso preparar uma equipe para procurar esse xamã e outra para os objetos. Esperamos que esse xamã esteja preso aqui com o resto de nós. Há poucos esconderijos em que ele possa estar. Em algum lugar escondido, onde ele tenha privacidade para criar esses objetos amaldiçoados.

Acenei com a cabeça.

— Faz sentido. Você é bom nisso, sabe. Detectar coisas.

Como detectar essa senhorita excitada agora.

Marcus sorriu, e isso juntou novamente peças dentro de mim que eu nunca pensei que pudessem ser consertadas.

— Também sou muito bom em *outras* coisas — ele sussurrou, com os olhos vidrados de desejo.

Ele tinha um doutorado em *outras* coisas. Mas eu tinha que confessar algo antes que o maldito corpo musculoso dele fosse a minha ruína.

Respirei fundo, preparando-me para o que eu estava prestes a revelar em seguida.

— Mas tem que ser eu. Sou a única que pode encontrar os objetos

e destruí-los.

Sim, eu estava certa. Eu podia ver a raiva fervilhando em seus olhos, onde eles estavam cheios de luxúria há um momento atrás.

— Como assim?

Seu tom era como gelo e me deu arrepios. Eu podia ver os músculos de seus ombros inchados e a tensão rígida de suas costas. Sua postura se tornou feroz, protetora e letal, e fiquei totalmente excitada com isso.

Engoli com força, ao mesmo tempo apavorada e animada.

— Ouça, e não se assuste nem nada.

— Estou ouvindo — bufou o chefe.

Eu estava sorrindo como uma tola. Não consegui evitar.

— Sou imune. Imune à maldição da magia negra. De acordo com meu pai, eu também tenho magia negra em mim por causa da minha herança demoníaca, o que significa que sou a única que pode tocar esses objetos amaldiçoados sem enlouquecer.

Quando o chefe não disse nada, acrescente:

— Tenho que encontrá-los. Todos eles. Depois, eu os queimarei. O fogo destrói a maldição.

O corpo cerrado de Marcus relaxou lentamente.

— E você tem certeza? Tem certeza de que não pode ser amaldiçoada?

— Positivo.

Não cem por cento, mas quase o suficiente.

— Ainda não é uma contra-maldição ou uma cura para os infectados, mas pelo menos posso impedir que se espalhe e piore. Minhas tias precisam saber. Especialmente a Ruth. Ela precisa trabalhar em um ângulo diferente para a contra maldição.

E se eu pudesse encontrar o filho da puta que estava fazendo isso e queimá-lo antes que ele tivesse a chance de fazer mais objetos amaldiçoados, todos nós poderíamos voltar às nossas vidas.

Embora a maior parte da tensão tivesse saído de seu corpo, pude ver algo sombrio em sua expressão.

— Qual é o problema? Parece que há algo errado com você.

O chefe me observou por um momento.

— Você. A cena da troca de corpo realmente me pegou desprevenido. Eu pensei... — Ele deu uma risada nervosa. — Pensei que tinha perdido você.

Minhas pernas fraquejaram enquanto meu coração dava saltos em meu peito.

— Você não me perdeu. Foi apenas uma falha temporária. Agora estou de volta. Segura e parcialmente sã.

O chefe riu disso, e o som me acariciou como se suas mãos estivessem deslizando sobre minha pele.

— Adoro morar com você — disse o chefe. — Nunca pensei que voltaria a morar em uma casa com uma mulher. Mas tudo é diferente com você. Você me deixa louco às vezes, mas não consigo me ver em outro lugar ou com outra pessoa.

Eu sorri.

— Porque você adoooooora viver comigo.

— Sim.

Seu olhar ficou intenso e aqueles olhos cinzentos percorreram minha nudez.

— Especialmente o sexo matinal.

O calor jorrou em mim como se eu tivesse caído em uma lava derretida. Isso também fez com que meus mamilos ficassem atentos. Que droga. Eu estava prestes a pular nele. Uma coisa era certa. O banheiro era pequeno demais para o que eu estava prestes a fazer com ele.

Os olhos de Marcus percorreram meu corpo, lentamente, desde os mamilos firmes até o meu Lady V. Seu desejo era óbvio. A barraca em sua calça jeans mal conseguia conter sua virilidade animada.

Abri a boca, com meu confronto com Allison e o anel abrindo caminho em minha mente. Tentei não deixar que isso ocupasse meus pensamentos, mas eu era uma mulher, afinal de contas, e Marcus era meu, todo meu. A pergunta sobre o anel ainda me incomodava.

No entanto, agora realmente não era o momento de falar sobre isso.

Marcus se enrijeceu, sua preocupação era óbvia.

— O que é? O que há de errado?

Balancei a cabeça.

— Nada. Só estou feliz por ter um momento só para nós.

Sabendo que aquele momento seria o último em algum tempo até encontrarmos o xamã.

E eu ia tirar o melhor proveito disso.

Marcus deu dois passos à frente, com um nítido brilho diabólico em seus olhos, e eu gostei disso. Uma de suas mãos grandes pressionou minha parte inferior das costas e me puxou com força para ele. Meus seios foram esmagados contra seu peito sólido. Oh, isso estava acontecendo.

Seus olhos se estreitaram em minha boca.

— Bem, então. Não posso simplesmente deixá-la nua assim — ele ronronou. — Tenho a cura certa para isso — acrescentou pouco antes de seus lábios encontrarem os meus, quentes, exigentes e inflexíveis. Sua mão escorregou pela minha nuca, mantendo-me no lugar enquanto ele beijava todos os pensamentos da minha cabeça, deixando-me apenas com uma sensação quente que se acumulava em meu âmago. Aquelas mãos grandes e másculas eram curiosamente tão

ásperas quanto delicadas. E eu adorava isso.

— Estamos brincando de médico?

Eu respirei, meu coração disparou em alta velocidade.

Ele rosnou. Sua boca era dura e exigente, exatamente como a do chefe. Amoleci sob seu domínio, deixando-o assumir o controle. Eu o beijei de volta, tentando lhe dizer tudo o que não conseguia expressar em palavras. O quanto eu estava preocupada. O quanto eu o amava e que ele era tudo para mim.

Deslizei minhas mãos por suas costas, encontrando os músculos firmes e tensos e fazendo-o rosnar. Estremeci quando ele me puxou com mais força contra ele. Suas mãos ásperas desceram pelas minhas costas e seguraram minha bunda. Eu me afastei para ver seu peito se erguendo, com as pálpebras pesadas de luxúria.

Ele precisava disso. Eu precisava disso. Caramba, precisávamos continuar com isso antes que eu explodisse em mil pedaços de bruxa!

Quando dei por mim, ele me agarrou, me jogou sobre seu ombro e deu um tapa na minha bunda.

— O médico está aqui.

Eu gritei como uma idiota, chutando minhas pernas enquanto Marcus saía do banheiro comigo nua em seu ombro largo, as meninas balançando contra suas costas.

Em seguida, Marcus me girou em seus braços e me deitou na cama. Aparentemente, ele havia perdido a calça jeans na mesma hora em que eu levantei da cama.

Franzi a testa.

— Como você fez isso?

O chefe sorriu, com um brilho malicioso naqueles olhos finos e com sua virilidade me saudando.

— Sou médico.

Eu ri. Ele rosnou.

Minha risada foi interrompida quando ele estendeu a mão, agarrou minhas pernas e me puxou para ele. Nossos olhos se fixaram, e a luxúria que vi em seus olhos fez com que minha pulsação acelerasse. Sim. Isso poderia muito bem ser o meu fim.

Ele parecia um predador implacável. Perigoso e musculoso.

Eu não pensava em anéis. Nenhum pensamento sobre Allison ou maldições de magia negra.

Só eu e ele.

Meu último pensamento coerente quando ele se abaixou em cima de mim foi o quanto eu era sortuda por ter um homem assim me amando. Envolvi minhas pernas ao redor dele e me preparei para sua arma de destruição em massa.

CAPÍTULO 15

Eu não conseguia dormir depois das duas rodadas de orgasmos arrebatadores com Marcus. Depois do segundo banho, fui para a casa grande, deixando para trás um Marcus adormecido, esparramado nu em nossa cama, do jeito que eu gostava.

O relógio do meu celular marcava 22h45. Imaginei que minhas tias estivessem dormindo e odiei a ideia de acordá-las. No entanto, encontrei as três bruxas reunidas ao redor da mesa de jantar com um grande cheesecake no meio. Hildo estava deitado na ilha com os olhos fechados, o peito subindo e descendo em um ritmo tranquilo.

O aroma de café fresco encheu meu nariz quando me aproximei do balcão e me servi de uma xícara.

— Também não conseguiram dormir, não é? — falei, saboreando o líquido quente e amargo em minha garganta enquanto me juntava a eles na mesa e me sentava.

Beverly me deu um olhar familiar.

— Bem, nós sabemos por que *você* não conseguiu, com todos aquele prazer.

Eu me enrijeci na cadeira, com o calor subindo do pescoço até o couro cabeludo. Pude até sentir as pontas de minhas orelhas ficarem rosadas. Como diabos ela ouviu isso? Ela *poderia ter ouvido* isso? Será que eu tinha esquecido de fechar as janelas? A ideia de que minhas tias pudessem ouvir Marcus e eu fazendo sexo era mortificante.

— Não se preocupe com ela — disse Dolores, balançando o garfo.

Beverly colocou uma mecha de cabelo loiro atrás da orelha.

— Pelo menos alguém da família está se divertindo.

Ela tirou a blusa da gola e soprou.

— Estou tão quente. Se eu não tiver um pouco... vou entrar em combustão espontânea.

Dolores bufou.

— Isso não existe. É um mito.

— Claro que existe — disse Ruth, com os olhos marejados de certeza absoluta. — Isso aconteceu com Freddie Pett. Ele estava tomando banho de sol nu em seu quintal. Em um minuto, ele estava passando óleos em si mesmo, no minuto seguinte — ela fez gestos com as mãos — puf. Ele não era nada além de cinzas.

Dolores balançou a cabeça.

— Como você tem certeza disso? Você estava lá? Viu com seus

próprios olhos?

Ruth deu de ombros.

— Sua esposa o encontrou. Ela me contou a história.

— Parece mais que a esposa o enfeitiçou e inventou essa história para encobrir o fato — disse Beverly.

Dolores cortou uma fatia de cheesecake.

— Aqui, Tessa. Coma um pouco de cheesecake.

Peguei o prato e dei uma mordida.

— Mmmm. Que gostoso. Foi você quem fez isso, Ruth?

Os olhos azuis de Ruth olharam para cima, de dentro das olheiras, e meu coração se apertou ao ver como ela parecia cansada.

— Eu fiz.

Ela me deu um sorriso fraco.

— Cheesecake me faz feliz.

— Também me faz feliz.

Dei outra mordida.

— Assim como os orgasmos —acrescentou Beverly com um sorriso presunçoso.

— Muitos e muitos orgasmos.

Puxa vida. Essa seria uma daquelas noites.

Engoli, olhando de tia em tia e vendo a derrota estampada em seus rostos. Mas o que eu tinha para compartilhar com elas mudaria tudo isso.

— Fico feliz que vocês estejam acordadas. Precisamos conversar sobre uma coisa.

Entre uma mastigação e outra, resumi a conversa que tive com meu querido papai. Primeiro, sobre como o xamã da magia negra provavelmente estava usando objetos para espalhar sua maldição, que provavelmente não era contagiosa, e depois sobre como eu provavelmente era imune a ela.

Quando terminei, recostei-me e esperei.

Um pedaço de cheesecake caiu da boca de Dolores.

— Sim, é claro. Isso explica a transferência. Ela nunca foi contagiosa. Pelo menos, não da maneira que pensávamos. Eles foram amaldiçoados porque manusearam esses objetos. Droga.

Ela bateu na mesa com a palma da mão, fazendo-me estremecer.

Fiquei olhando para ela.

— Achei que você estaria feliz. Por que essa cara de brava?

— Esse é apenas o rosto dela, querida — comentou Beverly.

— Porque sim.

A carranca de Dolores se voltou para mim.

— Por que *eu* não pensei nisso?

Beverly revirou os olhos.

— Aqui vamos nós.

Dolores desviou o olhar de mim.

— Eu deveria ter percebido — continuou minha tia alta, como se estivesse conversando consigo mesma. — Ele estava bem ali, o tempo todo. Olhando para mim.

Seus olhos escuros me encontraram novamente.

— Obiryn tinha as respostas. Por que ele não nos contou antes?

— Ele tinha medo de me envolver. Algo a ver com o fato de ser culpada por todas as maldições por causa da magia negra que tenho em mim.

Esperei que ela discordasse do que meu pai disse, mas ela apenas ficou me olhando, o que não me fez sentir melhor.

Eu me mexi em minha cadeira.

— Bem, não se culpe. Com tudo o que tem acontecido por aqui, estávamos todos sob muito estresse.

Especialmente a Ruth.

— É por isso que você estava tendo tanta dificuldade em encontrar uma contra-maldição — eu disse a ela, examinando seu rosto. — Elas são todas diferentes. Cada maldição é única.

Ruth estava balançando a cabeça, olhando para o pedaço de bolo que havia comido pela metade.

— Não posso fazer uma contra maldição se a maldição continua mudando. Ela nunca funcionará.

Estendi a mão e apertei a mão de minha tia.

— Eu sei.

— "Eu tentei — disse Ruth. — Eu realmente tentei.

— Eu também sei disso — disse eu, ainda vendo o cansaço puxar suas linhas finas e torná-la anos mais velha.

Ruth apoiou os cotovelos na mesa com um olhar pensativo.

— Levaria anos para inventar todas as contra maldições e esperar combinar a contra maldição certa com a maldição certa.

— E, a essa altura, todos estariam mortos — disse Dolores, recebendo uma careta de Ruth.

— Achei que estava perdendo o jeito.

Os olhos de Ruth brilharam com lágrimas não derramadas.

Minha garganta se contraiu com as lágrimas em sua voz.

— Não precisamos de uma contra maldição. Tudo o que precisamos é de fogo. E como bruxas, temos muito disso.

Também não tivemos que esperar. Seria um jogo de apontar e atirar, no qual eu era muito boa se o alvo estivesse perto o suficiente.

— O fogo vai queimar as maldições — disse Beverly, como se estivesse testando a teoria em sua língua.

— Exatamente — concordei, e um pensamento me ocorreu. — Se destruímos esses objetos amaldiçoados, aqueles que estão sob a maldição sairão dela?

Eu estava torcendo por um sim. Não queria ter que pensar que aquelas pobres almas seriam amaldiçoadas para sempre.

— Em teoria, sim — respondeu Dolores. — Destrua o objeto amaldiçoado ou a fonte original da magia negra e a maldição será destruída, tirando a maldição dos afetados. Essa é a magia negra, a fonte de magia menos confiável, portanto, há uma chance de que isso não aconteça. Mas ainda há uma boa chance de que isso aconteça.

Não era exatamente um sim sólido, mas era melhor do que nada e, no momento, não tínhamos nenhuma outra maneira de remover a maldição das pessoas já infectadas. Sem uma contra maldição, essa era a única coisa que tínhamos a nosso favor.

Dolores bateu na mesa com o dedo.

— Esse xamã é muito habilidoso para ser capaz de produzir maldições de assinatura como essa. Nada que eu já tenha ouvido falar. Mas por quê? Por que ele está fazendo isso? Por que Hollow Cove?

Boa pergunta. E nenhuma de nós parecia saber a resposta. O silêncio era pesado.

Empurrei meu prato, agora vazio, para a frente.

— Eu não sei. Mas ele está se divertindo muito, andando pela cidade e deixando esses objetos amaldiçoados para as pessoas encontrarem. As maldições permanecem no objeto até que alguém o toque. Então...

— Aí o inferno começa — disse Beverly.

— Quem sabe quantos mais desses objetos estão espalhados pela cidade — falei. — Acho que eles são pequenos. Talvez muito difíceis de encontrar.

— Ou talvez eles estejam à vista de todos — disse Dolores. — Pense nisso. De que outra forma tantas pessoas são amaldiçoadas se esses objetos são mantidos escondidos? Não. Eles estão bem na nossa frente.

— Onde?

Ruth se moveu para frente em seu assento.

— Não estou vendo nada.

— Quanto tempo durará o encanto da embriaguez? — perguntei, pensando em todas aquelas pessoas na cela de detenção da agência.

— Até de manhã — disse Ruth. — Mas não posso continuar administrando.

Franzi a testa.

— Por que não? Se isso os impedirá de fazer mal a si mesmos ou a outros.

Ruth suspirou.

— Porque quanto mais eu faço isso... maiores são as chances de eles nunca acordarem. Se for demais, pode matá-los.

— Bem, isso não é bom.

Esfreguei a parte de trás do meu pescoço e ombros, sentindo o aperto do estresse começando a criar um nó.

— Significa que não temos muito tempo.

Inclinei-me para frente e apoiei meus braços na mesa.

— Você acha que é alguém que você conhece? Alguém daqui? Isso explicaria a facilidade com que ele tem circulado pela cidade sem que ninguém suspeite dele. Porque as pessoas o conhecem.

— Acho que não — disse Beverly. — Por que um dos nossos faria isso? Hollow Cove é um santuário, de certa forma. Nós cuidamos dos nossos. Não os amaldiçoamos.

Olhei para minhas tias.

— E quanto à Candy? Não tive tempo de investigar essa pista. Ela ainda pode estar envolvida. Talvez ela esteja pagando o xamã?

— Não é ela.

Beverly balançou a cabeça.

— De acordo com uma de minhas fontes, ela esteve na Inglaterra nas últimas duas semanas com seu novo homem. Alguém mais rico do que Bernard, aparentemente.

Não pude deixar de notar a irritação em seu tom.

— Hmmm. Ok, então a probabilidade é de que não seja ela.

Não era cem por cento, mas não parecia provável que essa Candy estivesse amaldiçoando nossa cidade por causa de Bernard, agora que ela tinha um novo cara em sua vida.

Lembrando-me da conversa que tive com Marcus anteriormente, eu disse:

— Para fazer magia negra, esse cara precisa de um lugar tranquilo. Certo? Um lugar onde ele não seja incomodado, um lugar escondido, onde possa se concentrar. Assim, ele não será descoberto.

— Sim — disse Dolores. — Acredito que é isso.

— Acho que ele está aqui. Acho que ele esteve aqui o tempo todo.

Eu sabia que estava certa. Senti isso em minhas entranhas.

— Ele está nesta cidade, fazendo sua magia negra. O desgraçado está aqui.

— Onde? — perguntou Ruth. — Vamos revistar todas as casas?

— Não, isso levaria uma eternidade — respondi, sabendo que não tínhamos o luxo do tempo a nosso favor. — Teremos apenas que descobrir onde ele está se escondendo. Nós o encontraremos e o deteremos.

Eu tinha algumas palavras de poder que gostaria de usar contra esse canalha. Poderíamos queimá-lo também.

— Sim.

Dolores estava esfregando o queixo.

— Temos que detê-lo. Mas antes de fazer isso, precisamos fazer algo primeiro.

— O quê?

— Precisamos encontrar os objetos amaldiçoados e destruí-los antes que mais pessoas sejam infectadas.

Dolores olhou para mim.

— O fogo os destrói, então é isso que faremos.

Assenti com a cabeça, pegando minha caneca de café vazia.

— Vou começar com os Millers e depois com Bernard.

Estremeci ao ver como isso soou grosseiro. Mas as palavras já estavam sendo ditas. Não fiz contato visual com Beverly.

Levantei-me e fui até a cafeteira. Eu ia precisar de mais cafeína, já que não iria para a cama tão cedo.

— Vou verificar a Agência de Segurança por último. Deve haver algo lá que infectou essas pessoas.

O prédio de Marcus era enorme. Perfeito para esconder algum objeto amaldiçoado.

Dolores se levantou.

— Se formos agora, talvez consigamos encontrar pelo menos três objetos antes do café da manhã de amanhã.

— Vocês vêm comigo? — perguntei, surpresa, embora nós quatro conseguíssemos encontrar esses malditos objetos muito mais rápido do que apenas eu.

Dolores me encarou como se eu tivesse acabado de lhe dizer que ela não era a bruxa mais inteligente do estado.

— É claro que vamos com você. Você precisará de alguém com meu nível de habilidade e força. A menos que você consiga identificar um objeto amaldiçoado só de olhar para ele? E então? Você consegue?

Bem pensado.

— Não. Mas meu pai disse que pode haver algum tipo de runa escrita nelas. Isso pode ajudar.

— Se a runa estiver visível — acrescentou Ruth. — Às vezes, não estão. Às vezes, você precisa derramar água sobre elas para ver as runas. Às vezes, é molho de tomate.

— Está decidido — disse Dolores. — Vamos encontrar esses objetos e destruí-los. Depois... depois encontraremos o xamã. E ele vai desejar nunca ter se metido com nós, bruxas.

Eu sorri.

— Estamos no jogo.

CAPÍTULO 16

Durante todo o caminho de Hollow Cove até a casa dos Miller, Dolores e Beverly discutiram sobre a maneira "correta" de identificar um objeto amaldiçoado.

— É o cheiro — disse Beverly. — Se tiver cheiro de ovo podre, sabemos que está amaldiçoado. Toda bruxa sabe disso.

Eu não sabia.

— É o senso aguçado de poder — discordou Dolores. — É assim que você sabe que está amaldiçoado. Mas se sua habilidade nas artes mágicas não for tão avançada quanto a minha, você passaria direto por ela e nem a notaria.

Uma vez lá dentro, cada uma de nós procurou em seus cômodos designados da casa, de acordo com as instruções de Dolores, e eu não me importei com o fato de ela ter assumido a liderança. Eu não tinha certeza do que estava procurando, mas tinha certeza de que, entre nós quatro, encontraríamos algo.

Depois de tomar minha terceira xícara de café, eu estava pronta para enfrentar esse xamã ou levitar. Não importava o que viesse primeiro. O café me fazia sentir invencível.

Não tive coragem de acordar Marcus antes de sair. Ele parecia tão tranquilo e perfeito em nossa cama. Parte de mim queria ficar e esfregar meu rosto em seus abdominais duros como pedra. Mas ele estava cansado, e o fato é que ele não ajudaria muito a encontrar os objetos amaldiçoados. Eu sabia que se eu o acordasse, ele se recusaria a ficar. A última coisa que eu queria era que ele fosse amaldiçoado. A cidade precisava dele. Eu precisava dele.

Até sabermos o que estávamos procurando em termos de objetos amaldiçoados, era melhor que minhas tias e eu cuidássemos disso. Especialmente eu, já que eu poderia ou não ser imune a maldições de magia negra, o que ainda não se sabe.

A casa dos Miller estava exatamente como na última vez em que estive aqui. O andar de cima tinha três quartos, como o meu Chale Davenport, mas os cômodos eram maiores, organizados e arrumados, assim como todo o resto da casa. A única coisa fora do lugar éramos nós quatro.

— O que ela está fazendo? — perguntei, olhando para minha tia Dolores parada no meio do quarto principal com as mãos levantadas enquanto murmurava baixinho como se estivesse se oferecendo à

deusa.

— Um de seus feitiços de revelação de maldições, eu presumo — disse Beverly de dentro do closet principal. Ela saiu, segurando no peito um vestido de coquetel vermelho curto que provavelmente ficava melhor em uma criança de dez anos. — O que você acha? Isso grita "vadia" ou "desesperada"?

Eu pensei sobre isso.

— Ambos?

Os olhos de Beverly brilharam.

— Excelente. Você acha que ela vai se importar se eu pegar emprestado?

Olhei para Dolores, que ainda estava murmurando com os olhos fechados.

— Eu duvido. Ela está morta.

Somente Beverly estaria pensando em como ficaria bem em um vestido curto em uma casa de defuntos enquanto tentava encontrar objetos amaldiçoados por magia negra.

O rosto de Beverly se abateu.

— Oh. É verdade.

Ela jogou o vestido fora.

— Tenho certeza de que posso descobrir onde ela o comprou. Não há muitas lojas que vendem esse tipo de vestido.

— As que têm cara de vadia?

Não consegui me conter.

— Vocês duas podem se calar? — rosnou Dolores. — Estou trabalhando aqui. Preciso de silêncio.

— Você está fazendo isso há meia hora.

Beverly foi até a cômoda alta e abriu a primeira gaveta.

— Se houvesse algo aqui, já teríamos encontrado.

Dolores abriu os olhos e olhou para a irmã.

— Está dizendo que sou incapaz de fazer um simples feitiço de revelação de maldição?

Beverly fechou a gaveta.

— Não. Apenas que talvez não esteja aqui. Estamos perdendo nosso tempo.

— Talvez eles tenham sido amaldiçoados pelo toque em algum objeto que não estava em sua casa — eu disse.

— Os dois? Altamente improvável.

Dolores se aproximou da cama, fechou os olhos e levantou as mãos mais uma vez.

— Está aqui. Neste quarto, tenho certeza disso. E *eu vou* encontrá-lo.

Eu me juntei a ela na lateral da cama.

— Você acha que a cama está amaldiçoada?

Dolores abriu um olho.

— É lógico supor que esse xamã queira amaldiçoar o maior número possível de pessoas. A cama seria o local perfeito enquanto eles...

Ela fez gestos com as mãos.

— Sexo, Dolores. Sexo. Sexo. Sexo.

Beverly ficou de pé com as mãos nos quadris.

— Sexo não é um palavrão. Para você, é ficção. Mas para o resto das pessoas bonitas, sexo é maravilhoso e prazeroso.

Dolores soltou uma baforada de ar.

— Você quer dizer para as prostitutas.

Ela foi até a mesa de cabeceira e a abriu.

Beverly sorriu como se tivesse acabado de receber um elogio.

— Basta perguntar à Tessa, que está nos movimentos...

— Uh...

Ela estava dizendo que eu era uma vadia?

— Não acho que sexo seja um palavrão — disse Dolores, remexendo observando coisas que pareciam ser papel e canetas. — Alguns de nós o tratam como algo especial, algo que merece respeito, enquanto outros andam por aí com um colchão nas costas.

— As de espuma são mais leves — disse Beverly com uma piscadela. — Se você quiser carregá-la nas costas.

Eu bufei.

— Isso é melhor do que procurar sozinho.

— Espere um pouco.

Dolores estendeu os braços como um árbitro de home plate em um jogo de beisebol. Ela fez alguns gestos com as mãos enquanto murmurava.

— Não.

Ela balançou a cabeça.

— Achei que havia um objeto amaldiçoado. Mas nada está amaldiçoado aqui.

Suspirei.

— Também não há nada nos outros cômodos.

— Espere um pouco.

Dolores enfiou a mão na gaveta.

— Que coisa estranha. O que você acha disso?

Ela tirou da gaveta um objeto cilíndrico longo, cor da pele, de 30 centímetros. Ela o aproximou de seu rosto e o inspecionou.

Beverly riu.

— Não, você não saberia.

— O quê? Por quê? O que é isso? — perguntou Dolores.

Olhei para ela e disse:

— Acho que você está segurando um vibrador.

A boca de Dolores se abriu. Houve um momento de puro pânico em seus olhos, e então...

— Ah!

Ela lançou o vibrador na minha direção como se ele tivesse queimado seus dedos.

Com um estalo, ela me atingiu na testa e rolou pela lateral do meu rosto.

— Ótimo. Simplesmente ótimo.

Eu não queria pensar onde ele esteve, agora que me atingiu na testa e tocou minha pele.

Um estrondo veio do andar de baixo e me fez dar meia-volta. O barulho parecia que alguém tinha deixado cair um copo no chão.

— Eu vou.

Passei por cima do vibrador e desci as escadas, pensando que precisava encontrar uma garrafa de álcool para passar no rosto.

Ruth estava de joelhos com uma pá de lixo e uma escova, varrendo o que parecia ser cacos de vidro.

Ela olhou para cima quando entrei na cozinha.

— Biscoitos amanteigados — disse ela, sorrindo. — Eu só queria um copo de água.

— Deixe que eu faço isso.

Ajoelhei-me ao lado dela e peguei a escova e a pá de lixo.

— Você está cansada, Ruth. Não dormiu nada. Deveria estar em casa, na cama, antes que fique doente.

Ruth suspirou, mas não discutiu.

— Você tem razão. Estou cansada. Mas é como dizem, vou descansar quando estiver morta.

Olhei para ela.

— Não é engraçado.

Ruth pegou um banquinho de madeira na ilha da cozinha e se sentou.

— Eu não estava tentando ser engraçada. Mas não consigo pensar em dormir. Não até encontrarmos um dos objetos amaldiçoados. Alguma sorte lá em cima?

Terminei de varrer todos os cacos e me levantei.

— Não. Tenho a sensação de que talvez não seja aqui. Talvez os Miller tenham sido amaldiçoados em outro lugar. Mas Dolores não acha isso.

Ruth estava balançando a cabeça. O coque que antes estava no topo de sua cabeça agora estava na base do pescoço, e mechas de cabelo branco caíam sobre seu rosto. Seus olhos haviam se afundado em um estado permanente de sono insuficiente.

— Talvez meu pai estivesse errado — eu disse, abrindo as portas do armário inferior enquanto procurava por uma lata de lixo. Eu não

queria admitir, mas havia a possibilidade de ele ter se enganado. Por outro lado, talvez estivéssemos procurando a coisa errada. Talvez nunca tenha havido nenhum objeto amaldiçoado.

— Se não conseguirmos encontrar os objetos — disse Ruth com um bocejo, — temos que encontrar esse xamã da magia negra e detê-lo.

— Nós vamos.

A raiva explodiu ao pensar que esse canalha ainda estava por aí, machucando pessoas e planejando machucar mais. Abri o armário embaixo da pia.

— Urgh — falei, estremecendo quando o cheiro de podridão e algo doce, como se alguém tivesse esquecido de levar o lixo para fora por mais de duas semanas, subiu pelo meu nariz. — Você está fedendo — eu disse, vendo o lixo e o culpado pelo cheiro desagradável.

— Desculpe. Não tomei banho hoje — disse Ruth.

Olhei de volta para ela com um sorriso.

— Não. Você não. Tenho certeza de que seu cheiro é adorável. Eu estava falando com o lixo.

Ela se animou.

— Você também? Eu faço isso o tempo todo.

Eu ri, sabendo que ela estava falando sério, e joguei o vidro quebrado no lixo fedorento.

— Bem, talvez tenhamos mais sorte na casa do Bernard...

Um pedaço de pano cor de bronze enterrado sob algumas alfaces e cascas de ovos chamou minha atenção. Instintivamente, lancei mão de meus instintos de bruxa. Não era muito, mas senti algo. Uma pulsação fria que, de outra forma, eu não teria sentido.

— Há algo aqui — eu disse, lembrando-me do que Beverly havia dito sobre o cheiro de um objeto amaldiçoado. — Há algo no lixo.

— Sempre há algo no lixo — disse Ruth.

— Não. Quero dizer... acho que o encontrei. O objeto amaldiçoado. Ruth estava ao meu lado em um instante.

— A alface?

— Não. Aquele pano ali.

Fiz um gesto com a pá de lixo. Não consegui ver nada escrito nele, nenhuma runa ou algo do gênero, pois estava enterrado sob o lixo. Mas eu o senti. Eu precisava dar uma olhada mais de perto.

— Preciso tirá-lo de lá.

— Cuidado — advertiu Ruth, com a mão em meu braço. — Ainda não sabemos o suficiente sobre isso. Tente não tocá-lo.

— Certo.

Pensei em pegá-la, mas não queria ser amaldiçoada. Mesmo que meu pai estivesse certo e as maldições da magia negra não me afetassem, eu não estava disposta a arriscar. Em vez disso, usando a pá de lixo e a escova, apertei a ponta do pano, puxei-o para fora e deixei-

o cair em cima do balcão.

Ruth esbarrou seu ombro em mim enquanto estávamos paradas, olhando para o objeto.

Era uma bolsa pequena, do tamanho de uma maçã, amarrada com um barbante. Runas vermelhas que não reconheci marcavam o exterior do tecido. É estranho como algo tão pequeno poderia ser responsável por uma maldição tão horrível e mortal.

Os Millers o jogaram no lixo, sem saber do que se tratava, e, inadvertidamente, foram amaldiçoados no processo.

Eu jurei.

— Meu pai estava certo. Este é o objeto amaldiçoado de que ele falou.

— Você conseguiu. Você a encontrou. Deixe-me chamar a Dolores e a Beverly.

Ruth saiu correndo da cozinha.

— Dolores! Beverly! Venham rápido. A Tessa encontrou! — ela gritou do final da escada.

Um momento depois, minhas três tias entraram na cozinha.

— Afaste-se! — ordenou Dolores ao se colocar na frente do balcão, com os braços estendidos. — Não chegue muito perto — advertiu.

Abri a boca para dizer a ela que tinha acabado de tirá-lo do lixo, mas mudei de ideia.

— Este é o objeto amaldiçoado. Eu sei disso.

— Oh, meu caldeirão.

Beverly envolveu os braços ao redor do meio como se tivesse acabado de sentir um calafrio.

— Onde você o encontrou?

— No lixo — disse Ruth com orgulho.

— Acho que foi colocado em algum lugar da cozinha — eu disse, pensando bem. — Os dois o tocaram logo antes de jogá-lo fora. Sem perceber que tinham acabado de manusear um objeto amaldiçoado.

Dolores olhou para a bolsa como se estivesse olhando para uma granada prestes a explodir.

— Não é um objeto amaldiçoado. É um saco de maldição. Não é a mesma coisa.

Eu não tinha certeza se havia muita diferença, mas não estava disposta a discutir com ela. Uma coisa era certa. Ele tinha peso.

— Há algo lá dentro.

— Cabelo, dentes, sangue e, muito provavelmente, pó de sepultura — informou Dolores, com os olhos sombriamente preocupados. — É um saco de maldição — repetiu ela.

Balancei a cabeça.

— Não estou acompanhando. Qual é a diferença?

Dolores manteve os olhos no suposto saco de maldição.

— Se fosse um objeto amaldiçoado, teria sido algo que os Miller possuíam. Algo deles.

— Como o vibrador — disse Beverly, com um sorriso em sua linda boca.

Dolores limpou a garganta, claramente ainda desconfortável com o fato de tocar o instrumento sexual.

— Uma escova de cabelo, um livro, qualquer coisa que eles tivessem.

— Certo — eu disse, começando a entender. — E o saco de maldição?

— Um saco de maldição significa que foi preparado com antecedência. E que ele não precisou passar muito tempo nesta casa. Ele provavelmente entrou sorrateiramente enquanto eles estavam dormindo e colocou o saco de maldição bem aqui no balcão para que eles o encontrassem.

— E o tocassem — disse Ruth, com o rosto franzido. — Este é um xamã muito ruim. Muito ruim.

— Sim, obrigada, Ruth — disse Dolores.

— Bem, pelo menos sabemos o que procurar. Isso é bom.

Considerarei isso como uma vitória. Em vez de procurar objetos amaldiçoados que poderiam ser qualquer coisa e em qualquer lugar, precisávamos procurar pequenas sacolas de pano marrom.

Soltei um suspiro.

— Bem, quanto a você, não sei, mas eu estou pronta para queimar esse troço.

Puxei minha magia, meus dedos formigando de ansiedade.

— Aqui não.

Dolores inclinou a cabeça para o lado enquanto caminhava ao redor do balcão, olhando para o saco de maldição.

— Não podemos nos arriscar a incendiar esta casa. Precisamos mantê-la contida em um fogo controlado.

— Há um lugar perfeito lá em casa — disse Beverly, com um brilho nos olhos. — Onde fizemos o ritual para Lilith. Exatamente onde eu amarrei um Gary nu no altar.

— Ahaam.

Como poderia me esquecer do pobre Gary nu, que tinha tesão pela Lilith.

— E também não sabemos como o fogo reagirá — acrescentou Dolores, com mais camadas em sua testa franzida.

Fiquei olhando para o saco de maldição.

— Você não acha que o fogo vai destruí-lo?

— Eu acho — respondeu Dolores, finalmente tirando os olhos da bolsa e olhando para mim. — Mas vamos nos precaver, por via das dúvidas. Nunca se sabe quando se lida com magia negra. Ela pode

levar a... complicações.

Eu estreitei meus olhos para ela, não gostando do que ela estava dizendo. Eu esperava que ela estivesse errada.

— Bem, não saberemos até fazermos isso.

— Como vamos trazer isso de volta para casa?

Ruth olhou para o saco de maldição com uma mistura de raiva e nojo.

— Se não pudemos tocá-lo.

— Eu levo.

Puxei minha bolsa lateral para a frente.

— Sou a única que é imune. Ou é o que meu pai diz.

Estendi minha mão, mas parei ao ver o medo no rosto de minhas tias.

— Não se preocupem. Se eu começar a agir como um louca, basta queimá-la e eu ficarei bem.

— Ou assim esperamos — disse Dolores.

— Dolores — sibilou Beverly. — Você a está deixando nervosa.

Dolores deu de ombros.

— Eu só quero que ela saiba dos riscos envolvidos.

— Eu sei.

Minha mão tremeu quando a aproximei do saco de maldição. Eu não era idiota. Não queria ser amaldiçoada, e ainda havia uma pequena chance de que a magia negra pudesse realmente me afetar. Mas eu tinha que fazer isso.

Respirei fundo. Meu coração acelerou como se eu estivesse prestes a ter um ataque cardíaco e agarrei a parte superior do saco de maldição. Fechei os olhos, sem saber ao certo por que fiz isso, e esperei. E esperei mais um pouco.

E nada aconteceu.

Abri meu olho direito e depois o esquerdo.

— Não aconteceu nada.

— Está sentindo a necessidade de se machucar ou de nos machucar?

Ruth revirou os olhos para mim como se eu fosse um novo tipo de fungo que ela quisesse dissecar.

Abri minha bolsa e coloquei o pequeno saco de maldição dentro dela.

— Estou me sentindo bem. Sinto-me como eu mesma. Meu pai estava certo. A maldição não me afetou.

Dolores deu um passo atrás de mim.

— Você precisará manter isso longe do resto de nós até que o destruamos.

— Não se preocupe. Vou usar a linha ley para chegar em casa.

Beverly soltou um longo suspiro.

— Bem, eu não ficava tão nervosa assim desde que chamei pelo John quando estava transando.

Está bem, eu vou comprar essa.

— O que há de errado com isso?

Beverly piscou para mim.

— O nome dele era Michael.

— Tem mais — disse minha tia alta. — Eu não tinha certeza no início, mas agora tenho.

Fechei a aba da minha bolsa. Algo estranho em seu tom me fez olhar para ela.

— Sobre o quê?

Dolores suspirou.

— Todos os praticantes de magia têm sua própria marca. Sua própria assinatura. Todos nós temos, assim como você, Tessa.

Eu não fazia ideia.

— Certo. Claro. E você reconhece essa?

Dolores assentiu com a cabeça.

— Sim.

Seu rosto comprido ficou sério.

— HCM criou essas maldições de magia negra.

— Agá sêmen? — Soltei uma risada curta. — Parece mais com algo pornográfico isso.

Dolores estreitou os olhos para mim.

— Humanos contra a magia. É um grupo humano extremista. Eles odeiam todas as coisas paranormais.

Que droga.

— Eu não tinha ideia de que esses grupos existiam.

— Eles existem — disse Beverly. — E mais do que você imagina.

Senti um calafrio com o tom de sua voz.

— O que diabos eles querem?

— Matar todos nós — respondeu Dolores, com o medo colorindo sua voz. — E eles não vão parar até que todas as pessoas da cidade estejam amaldiçoadas.

CAPÍTULO 17

Quando soubemos que estávamos procurando pequenas bolsas de pano, não demorou muito para encontrarmos a que havia amaldiçoado Bernard.

Ruth o encontrou na garagem, em cima de uma caixa de ferramentas vermelha.

— Eu encontrei o desgraçado! Encontrei! — ela gritou como se o saco de maldição fosse uma pessoa.

Era exatamente igual à que havíamos encontrado na casa dos Millers, mas as marcas eram diferentes. Enquanto o saco dos Millers tinha três runas que pareciam um A maiúsculo, com três linhas passando por cada uma, o de Bernard tinha duas runas que pareciam um P de cabeça para baixo, com um pequeno círculo abaixo. Isso só consolidou minha crença de que todos os sacos de maldição estavam cheios de uma maldição diferente, tornando mais difícil encontrar uma contra maldição. Não que isso importasse, já que estávamos prestes a fritar esses trocinhos.

Fiquei olhando para os dois sacos de maldição na grama, ao lado de minhas tias, imaginando o que havia dentro. Tentei abri-los quando voltamos, mas Dolores não me deixou.

— E se você deixar a maldição sair? E se a bolsa for a única coisa que a contém? E se todos nós acabarmos amaldiçoados? E depois? Você pensou nisso? Não. Não, você não pensou!

Ela praticamente gritou comigo, agitando as mãos histericamente.

— Ok. Não vou fazer isso. Bem pensado.

O que Dolores disse fazia sentido. Eu era um animal curioso, e parte de mim achava que se eu soubesse o que havia lá dentro, isso só poderia nos ajudar ainda mais. Mas eu não queria ser responsável por todos eles serem amaldiçoados. Ainda sabíamos muito pouco sobre os sacos de maldição de magia negra. Eu não estava disposta a arriscar a vida delas.

Naquele exato momento, Marcus saiu do Chalé Davenport, com o rosto lindo ainda marcado pelo sono, enquanto atravessava o quintal.

— O que está acontecendo? — perguntou o chefe enquanto puxava uma camisa por cima da cabeça, dando-nos uma visão rápida, mas igualmente incrível, de seu abdômen duríssimo.

Beverly chamou minha atenção e me deu um sinal de positivo.

— Vamos queimar os sacos ruins — disse Ruth, com um sorriso

malicioso no rosto.

— Queimem! Queimem! Queimem!

A falta de sono começou a fazer com que ela parecesse mais desequilibrada do que o normal.

Marcus veio para perto de mim, me puxou contra ele e me deu um beijo rápido na boca. Foi um beijo curto, mas ainda assim meu coração acelerou e meus seios ficaram atentos. O homem tinha habilidades.

— E são esses sacos que estão deixando as pessoas doentes? — perguntou o chefe, liberando-me.

— Sim — eu lhe disse. — Esses sacos de maldição são infundidos com magia negra.

Marcus se inclinou para a frente.

— O que há neles?

Boa pergunta.

— Não sabemos. Dolores não me deixa abri-los.

Diante da carranca questionadora em seu rosto perfeito, acrescentei:

— Isso poderia liberar a maldição. Portanto, não queremos correr esse risco.

— E você não deveria querer — rosnou Dolores.

Marcus fez um aceno de cabeça para Dolores.

— E você está certa.

Dolores levantou o queixo.

— Também estou certa de que os Humanos Contra a Magia são os responsáveis.

A fúria brilhou nos olhos do chefe.

— É mesmo? O grupo humano extremista?

— Exatamente.

Olhei de relance para o chefe.

— O que você sabe sobre eles?

Com sua vasta experiência como "homem da lei" no mundo paranormal, imaginei que ele teria alguma informação sobre esse grupo.

Ele cerrou a mandíbula e os músculos se contraíram ao longo de sua poderosa estrutura.

— Eles são extremamente engenhosos e brutais. Eles matam crianças paranormais assim como matam adultos. Não faz diferença para eles. Nunca tive de enfrentar nenhum deles aqui no Maine. Mas já tive alguns encontros com eles ao longo dos anos.

Segui meus olhos ao longo de seu belo rosto.

— Encontros como se você tivesse batido na cara deles?

Um sorriso surgiu em seus lábios.

— Tipo isso.

Ergui uma sobrançelha.

— Aposto que sim.

Dolores ficou de pé com as mãos nos quadris.

— Devemos começar. Estamos prontos?

— Tão pronta quanto uma garota solteira e gostosa em uma sala cheia de homens perfeitos — respondeu Beverly com um sorriso, dando uma piscadela para Marcus.

O chefe arqueou as sobrançelhas, mas um sorriso rodeou seus lábios.

— Pronto.

Eu me virei ao ouvir a voz abafada de Ruth. Ela estava de pé com uma máscara de gás, daquelas que você vê na TV quando há um derramamento de produto químico. Em sua mão esquerda estava pendurada uma tampa de metal de lata de lixo que ela usava como escudo e uma espátula rosa na mão direita.

Isso me fez sorrir.

— Tessa, se quiser.

Dolores se afastou dos sacos de maldição, dando-me espaço para trabalhar.

— Certo.

Respirei fundo e dei um passo à frente. As duas pequenas bolsas estavam sobre a grama. Um leve pulso de energia ressoava a partir delas, como o zumbido fraco das abelhas. Não era muito. Eu tinha a sensação de que a maldição deles estava quase esgotada. Talvez as maldições estivessem se esgotando lentamente? Ou talvez fosse exatamente isso que eles queriam que pensássemos antes de amaldiçoar mais pessoas.

Meu coração acelerou enquanto eu olhava para os sacos. Se o fogo não os destruísse ou se liberasse o que estava dentro delas, estaríamos em apuros.

Só há uma maneira de descobrir.

Estendi a mão para os elementos ao meu redor, reunindo minha energia em minhas mãos erguidas e gritei:

— Accendo!

A energia saiu de mim quando uma bola de fogo amarelo saiu da minha mão estendida e bateu nos dois sacos na grama.

Uma chama alta e verde surgiu do local onde eu havia batido nas sacolas, e uma mão forte me puxou para trás assim que o calor queimou minha testa. Uma sinfonia de lamentos de pesadelo perfurou o ar noturno, como o som de coisas que se desenvolvem no escuro e no frio.

Minha pele estava toda arrepiada enquanto os lamentos continuavam. A energia me deixou em uma onda vertiginosa. Fazia tempo que eu não usava meus poderes, e isso era visível.

Com um último gemido estridente, o fogo se apagou. Tudo o que restou dos sacos de maldição foram duas pilhas de cinzas.

— Funcionou — eu disse, ofegante, enquanto me inclinava para frente. — Apenas cinzas.

Virei-me e olhei para Dolores, que parecia tão aliviada quanto eu.

— Esses barulhos? Foram da maldição?

Eu ainda podia ouvi-los, como um eco persistente, embora tivesse desaparecido.

— Parecia quase um animal morrendo — disse Marcus.

— Sim — respondeu Dolores, com os olhos nas cinzas. — E se tivéssemos aberto a bolsa...

— O monstro teria saído — respondi por ela. Está bem. Um ponto importante para Dolores. Ela estava certa.

Dolores pressionou as mãos nos quadris, com a tensão visível sendo liberada em sua postura.

— Você não precisa mais se preocupar com isso. Ele foi destruído. Seu pai estava certo. Bom trabalho, Tessa.

— Obrigada — respondi, orgulhosa por meu pai demônio ter sido capaz de nos ajudar dessa forma.

— Agora sabemos que a maldição permanece contida enquanto queima — disse Dolores. — É uma notícia muito boa.

Ruth tirou sua máscara.

— Rapaz, isso foi intenso. Acho que fiz xixi em mim mesma.

— Bem, estou feliz que isso tenha acabado.

Beverly afastou gentilmente o cabelo do rosto dela.

— Ainda não acabou.

Passei meu sapato sobre as cinzas.

— Temos muito mais desses para encontrar.

Pensei naqueles paranormais com quem lutamos antes e nos que morreram na agência. Dei uma olhada para Marcus.

— Há um em algum lugar dentro de sua agência. Devemos ir procurá-la antes que mais pessoas sejam amaldiçoadas.

— Tessa!

Ao ouvir o som do meu nome, me virei para ver Iris correndo pelo quintal.

Minha pulsação disparou.

— O que há de errado? — perguntei, a julgar pela expressão de medo em seu rosto. — É o Ronin?

O medo de que meu amigo meio-vampiro fosse amaldiçoado me deixou nervosa, como uma frieza crua raspando em meus nervos.

— Não.

Iris se curvou, parecendo ter uma câibra ao lado do corpo, enquanto suas bochechas ficavam vermelhas.

— É a Martha.

— Martha?

O rosto de Dolores empalideceu.

— Ah, não.

— Ela foi amaldiçoada. Não foi? — adivinhei.

— Sim — respondeu Iris. — Ronin está com ela agora, tentando acalmá-la. Mas acho que ele não consegue. Ela está...

— Louca? — perguntei, vendo Marcus já correndo em direção à rua, seus ombros largos balançando enquanto ele acelerava.

Iris apenas acenou com a cabeça. Seus olhos se moveram para o pedaço de grama queimada e cinzas.

— Uh... o que é isso?

— Os sacos de maldição que eu torrei.

Olhei para minha amiga.

— Vamos lá. Vou lhe contar no caminho. Vocês estão bem? — perguntei às minhas tias.

Dolores cerrou a mandíbula.

— Estamos bem. Vá você. E, Tessa? Tome cuidado.

— Sempre.

Eu sempre tentei ser cuidadosa, mas as coisas sempre aconteciam ao meu redor.

Juntas, Iris e eu saímos correndo do quintal e fomos para a rua.

A adrenalina corria em minhas veias enquanto corríamos pela Stardust Drive, minhas coxas ardiam com o esforço que eu fazia. Finalmente, chegamos à Charms Avenue e corremos em direção ao salão de beleza da Martha, com meu coração preso em algum lugar da garganta.

— Inferno. Sacos. Nos Millers. Na casa do Bernard — gritei enquanto corria o mais rápido possível e tentava conversar com a Iris. Falar enquanto corria não era tão fácil quanto parecia.

— Tá — sussurrou Iris, ficando um pouco para trás.

— Destruir a bolsa — ofeguei ao avistar a casa vitoriana rosa de dois andares da Martha. — Destrói a maldição.

— Entendi — bufou Iris, parecendo que estava prestes a implodir. Nós duas estávamos seriamente fora de forma.

Marcus não estava à vista. Ele provavelmente já estava lá dentro, a julgar por suas pernas de wereape que se moviam com uma rapidez não natural, mesmo em seu corpo humano.

Gritos soaram de dentro do salão, atraindo meu olhar para cima. Sombras passavam pelas janelas do primeiro andar, e eu me apressei em subir a varanda da frente, onde um grande letreiro rosa neon piscava logo acima, onde se lia SALÃO DE BELEZA BELA MAGIA .

A porta da frente estava aberta, então entrei correndo.

Ronin estava encostado na parede mais distante, ao lado de uma fileira de prateleiras cheias de frascos de xampu, condicionador e uma

variedade de produtos para o cabelo. Ele segurava dois frascos de spray para cabelo à sua frente, como se fossem armas.

E, curvada diante dele, com as mãos levantadas como garras, estava Martha. Bem, o que parecia ser a bruxa.

Seus olhos estavam amarelos e nublados, o rosto suado e pálido, como se estivesse com febre forte. Sua blusa e saia estavam rasgadas, como se ela tivesse acabado de chegar de um mês de caminhada pela floresta. Os cantos de sua boca escorriam espuma.

— Droga. Ela é como um cão raivoso — eu disse, entrando em seu salão. Marcus estava bem atrás de Martha. Seu corpo parecia que ele estava prestes a atacá-la. Mas essa era a Martha. A doce Martha, rainha da fofoca. Eu não queria que ela se machucasse.

— Socorro — gritou Ronin. — Ela está louca. Faça alguma coisa antes que eu faça. Olhei de relance para as mãos de Ronin. Garras negras brotaram de seus dedos, muito mais mortais do que suas unhas bem cuidadas.

— Ela está piorando — disse Iris, vindo atrás de mim. — Ela não estava espumando pela boca antes de eu sair.

— Tessa — disse Marcus, olhando para mim por cima do ombro. — Se você tem um plano, faça-o agora. Não posso deixá-la assim. Ela pode machucar alguém.

— Sim, tipo eu — declarou Ronin.

Martha sibilou para o meio-vampiro e, em seguida, soltou um grito horrível que fez os pelos da minha nuca se arrepiarem.

— Ela tem pulmões muito fortes — murmurei.

Antes que eu pudesse reagir, a bruxa atacou. Ronin, é claro.

Em um borrão, o meio-vampiro jogou os dois frascos de spray de cabelo em Martha. Com um estalo, eles a atingiram na cabeça. Ela cambaleou por um momento e, em seguida, com os olhos rolando na parte de trás da cabeça, caiu no chão.

Ela ia ficar com um hematoma feio, mas poderia ter sido pior.

— Rápido. Procurem o saco de maldição antes que ela acorde.

— Que sacos? — perguntou Ronin.

Corri para a mesa de cosméticos mais próxima, procurando a maldita bolsa. — Sacos de maldição. É o que o xamã está usando para amaldiçoar as pessoas. Ele é feito de tecido. É pequeno. Mas não toque nele. Apenas me avise se você o encontrar.

— Certo.

Ronin foi até a parede de produtos de beleza mágicos nas prateleiras.

Quando passei para a próxima estação de estilo, Martha soltou um gemido. Marcus estava lá em um instante, de pé sobre ela, com o corpo preparado e pronto para derrubá-la caso ela acordasse.

— Depressa. Ela está acordando — disse o chefe.

— Encontrei! — disse a voz de Iris.

Com o coração batendo no peito, virei-me para encontrá-la de pé atrás do balcão da loja e apontando para algo ao lado da caixa registradora.

Pulei sobre a Martha inconsciente, espantada com a facilidade com que isso foi feito, e corri até a Iris.

— Ali — disse ela, apontando para uma pequena sacola de pano ao lado da caixa registradora.

Outro gemido, mais parecido com um rosnado, veio de Martha. E quando olhei para ela, ela estava se mexendo, como se estivesse tentando fazer com que seu corpo a ouvisse.

— Rápido, Tessa — disse Marcus.

Fiquei olhando para o saquinho.

— Eu não deveria estar queimando um saco de maldição dentro de uma casa, mas caramba. Se eu queimar a casa, ela pode me cobrar.

Respirei fundo.

— Todo mundo. Se afastem.

Esperei que Iris estivesse em segurança atrás de mim e então puxei os elementos, reunindo meu mojo dentro de mim. Com o coração batendo na garganta, entrei em ação.

— Accendo!

Estendi a mão e uma bola de fogo amarelo-alaranjado saiu da minha palma, um tiro perfeito, direto no saco de maldição.

Uma chama alta e verde se ergueu, aquecendo meu rosto enquanto o mesmo choro horrível e irritante enchia o salão.

E então tudo acabou. Uma pequena pilha de cinzas estava espalhada em um balcão chamuscado e enegrecido, ao lado de uma caixa registradora meio derretida e de alguns produtos de beleza liquidificados que tiveram a infeliz sorte de estar tão perto do meu fogo.

Iris bateu em meu ombro quando veio dar uma olhada mais de perto.

— O lamento era a maldição. Não era?

— Sim.

Meu rosto se enrugou com o cheiro horrível de podridão que pairava no ar.

— Funcionou? — perguntou a Bruxa das Trevas. — A maldição foi destruída?

— Vamos descobrir.

Dei meia-volta e caminhei até Martha, esperando que estivéssemos corretos em nossa teoria de que a destruição dos sacos de maldição destruíra a maldição.

Marcus ajudou a bruxa a se sentar no chão. Ela segurou sua cabeça entre as mãos.

— Oh, meu Deus. O que aconteceu?

— Você foi amaldiçoada. Foi isso que aconteceu.

Eu me ajoelhei ao lado dela, examinando seu rosto.

— Você não se lembra?

Martha balançou a cabeça, e pude ver um grande caroço vermelho no lado esquerdo de sua testa, onde Ronin a acertou com uma das garrafas. Ainda bem que ela não se lembrava, ou Ronin pagaria por isso.

— Qual é a última coisa de que você se lembra? — perguntou Marcus.

Martha olhou para o balcão, franzindo a testa para as grandes marcas de queimadura.

— Eu... eu estava revisando minha lista de pedidos para a próxima semana. E então... tudo depois disso ficou em branco. Não consigo me lembrar como fui parar no chão.

— Talvez isso seja uma coisa boa — disse Ronin, de pé sobre nós.

Com a ajuda de Marcus, fiquei de pé e levei Martha até uma de suas cadeiras.

— Precisamos encontrar o grupo antes que as coisas piorem.

— Que grupo? — perguntou Ronin enquanto segurava um massageador rosa para o couro cabeludo, com um sorriso estranho no rosto.

— O grupo extremista Humanos Contra Mágica — eu lhes disse. — Dolores acha que eles são responsáveis por isso. Diz que os sacos de maldição têm a assinatura deles.

— Oh, meu Deus. Essa é uma notícia terrível — disse Martha, com as palavras arrastadas, como se tivesse bebido demais.

Ronin estava balançando a cabeça, ainda agarrado ao massageador de couro cabeludo.

— Sim. Sim, ouvi falar desses caras. Verdadeiros psicopatas. Aparentemente, eles têm muito orgulho em matar paranormais. Ouvi dizer que eles levam cabeças como troféus.

Caramba. Olhei para Marcus, cuja carranca lembrava uma das de Dolores.

— Temos que detê-los antes que a cidade inteira enlouqueça e se mate.

Olhei para a Iris e, antes que eu pudesse abrir a boca, ela disse:

— Vou ficar com a Martha. Você vai.

A Bruxa das Trevas tinha lido minha mente.

— E eu vou ficar aqui, só por precaução...

Ronin estava observando Martha como se achasse que ela poderia voltar a ser aquela bruxa louca a qualquer momento.

Ficou bem claro que ele queria estar lá para o caso de isso acontecer. Ele queria proteger a Iris.

— Está bem. Tudo bem. Nos veremos mais tarde.

Meus olhos se voltaram para Marcus.

— Por onde começamos?

Perguntei, lembrando-me de nossa conversa anterior sobre alguns esconderijos onde o xamã ou os HCM poderiam estar escondidos enquanto preparavam seus sacos de maldição. Ele saberia onde procurar.

Os olhos cinzentos de Marcus escureceram.

— Tenho algumas ideias.

— Então vamos lá.

Saímos pela porta. Eu não tinha certeza do que faria quando os encontrássemos. Não é verdade. Eu sabia o que faria. Só não tinha certeza se seria legal.

CAPÍTULO 18

— Que lugar é esse? — sussurrei, olhando ao redor. Eu estava sentindo arrepios só de estar ali, como se estivesse entrando em uma casa do terror e não soubesse quem ou o que estava à espreita nas sombras, prestes a pular em você.

A poeira se agitava na escuridão ao nosso redor, uma areia invisível para meus olhos que não enxergavam. O cheiro de mofo e de outras coisas, como animais atropelados, assaltou meu nariz enquanto eu me movia pelo piso de ladrilho escorregadio. As janelas na frente do prédio deixavam entrar uma faixa de luz fraca do poste de luz na rua. A estrutura era do tamanho da mercearia de Gilbert e ficava logo atrás dela, na rua seguinte. Mas, ao contrário da dele, que abrigava fileiras de prateleiras cheias de produtos secos ou enlatados, cereais e muitos vegetais frescos com um conceito mais aberto, esse lugar era uma infinidade de corredores e salas, todos vazios, exceto pelos montes de poeira que eu estava inalando.

— Costumava ser uma fábrica de carne — disse Marcus, com a voz baixa, enquanto caminhava por um corredor longo e escuro, comigo logo atrás dele, com o coração batendo forte. — Ela fechou depois de repetidas violações de saúde.

— O cheiro já é bastante vil.

Olhei para uma sala à minha esquerda com uma escrivaninha e algumas caixas espalhadas. Provavelmente havia sido um escritório em algum momento. Minha mente me apresentou uma colagem sinistra de imagens de monstros assustadores esperando nas sombras.

— O velho Pete Hardhide simplesmente não conseguia acompanhar as normas atuais. Ele era um werebear da velha guarda. Um cara grande com um temperamento à altura. Ele gostava de sua carne crua, como você pode imaginar.

— Eca.

Um sorriso se desenhou em seus lábios, e seus olhos cinzentos percorreram meu rosto.

— Ele faleceu um ano antes de você vir para cá.

— E tem estado assim desde então — eu adivinhei. Olhei para um ponto na parede que parecia suspeitamente com um respingo de sangue velho e seco. Balancei a cabeça, esforçando-me para não pensar em todas as carcaças de animais que foram cortadas aqui. — Mas por que esse lugar? Por que você pensou nele? Porque está

abandonado?

Isso faria sentido. Eu provavelmente chegaria à mesma conclusão.

Marcus olhou por cima do ombro para a entrada, com os olhos distantes por um momento, como se estivesse recordando uma lembrança.

— Pensei ter visto algo se mover lá dentro, através da janela, ontem. Foi rápido. E eu poderia estar errado. Pode não ser nada.

— E pode ser alguma coisa.

Eu havia aprendido no último ano que Marcus tinha instintos incríveis. Era melhor ouvi-los.

— É o lugar perfeito para se dedicar à magia negra sem temer que alguém tropece em alguns hambúrgueres de carne.

— É isso que estou pensando.

O chefe voltou sua atenção para mim, com a tensão apertando seus ombros.

— Mantenha seus olhos abertos e seus sentidos alertas. Eles podem estar em qualquer lugar. Este lugar é como um labirinto.

— Aham.

Mas eu estava com meus instintos de bruxa em pleno vigor e não havia sentido nada. Nenhuma vibração de magia negra. Nenhuma magia. Mas isso não significava que eles não estivessem aqui, à espreita nas sombras e mantendo sua magia escondida de alguma forma com um poderoso feitiço de magia negra. Esses caras eram poderosos. Eu não estava disposto a subestimá-los, não depois do que tinha visto.

O chefe deu um passo à frente, com sua passada suave, deslizando facilmente sobre as articulações fluidas. Ele se movia com a graça de um predador, um assassino - forte, flexível e mortal. Eu gostei disso.

Avançamos lentamente, em silêncio. Eu com minha magia a reboque - mantida apenas no limite da minha vontade, pronta para fritar aqueles filhos da puta, caso aparecessem - e Marcus com um andar predatório e objetivo com um passo ridiculamente silencioso. Como ele fez isso? Os olhos do wereape, sem dúvida, podiam ver facilmente através do corredor escuro e assustador. Eu não era tão abençoado. Mas não podia me arriscar com uma luz de bruxa. A única coisa que tínhamos a nosso favor era o elemento surpresa. Eles não sabiam que estávamos atrás deles. E eu estava planejando manter as coisas assim.

Marcus parou e girou bruscamente e, como eu não estava prestando atenção, bati em seu peito.

Suas mãos seguraram meus braços, impedindo que eu escorregasse e caísse de cara no chão. Ele olhou para mim, mantendo o controle, mas seus dedos se apertaram. O calor de seus dedos penetrou em minha camisa.

— O que é? O que há de errado?

Espiei por cima de seu ombro, lançando mão de meus sentidos de bruxa, mas tudo o que obtive de volta foi muito mais do odor rançoso de sabe-se lá o quê, misturado com uma dose pesada de mofo.

— Esses caras não têm piedade. E gostam de montar armadilhas. Mágicas e não mágicas. Confie em mim, você não vai querer cair em uma delas. Portanto, fique atenta.

A preocupação em seu tom de voz fez minha pulsação aumentar. Ele estava preocupado comigo, assim como eu estava preocupada com ele. Não gostei do som dessas armadilhas. Especialmente se elas pudessem ferir Marcus. Mesmo que ele tenha demonstrado ser um pouco resistente à magia, isso era magia negra. E, como Dolores sempre repetia, era uma magia suja e imprevisível. Não gostei de ouvir isso.

— Serei cuidadosa. Não se preocupe.

Marcus me soltou.

— Não posso deixar de me preocupar. Se algo acontecer...

Coloquei a mão em seu peito.

— Não vai — eu disse, meu rosto se aquecendo de emoção. — Estou pronta para eles. Precisamos acabar com isso hoje à noite, antes que mais pessoas morram. Precisamos realmente encontrá-los.

Eu não tinha ideia se os HCM eram cinco idiotas ou mesmo cinquenta. Eu esperava que fossem a primeira opção. Eu poderia ter habilidades com magia defensiva, mas não era uma idiota. Bem, talvez às vezes.

Seus olhos se estreitaram, e pude sentir a raiva pulsando nele. Ele queria pegar esses idiotas tanto quanto eu. O chefe assentiu e depois ficou parado, olhando para mim por um momento. Eu podia ver perguntas em seus olhos, algo que ele queria dizer. Mas então, em um instante, tudo desapareceu.

Continuamos assim por um tempo, Marcus liderando o caminho, eu perto o suficiente atrás dele para agarrar sua bela bunda. O quê? Não pude evitar. Ela estava pedindo para ser agarrada, e eu estava tão, tão perto.

Mas, falando sério, depois de cerca de vinte minutos, não senti nenhuma vibração mágica e nem caímos em nenhuma armadilha, mágica ou não mágica.

— O lugar está deserto — disse Marcus, depois de vasculharmos todo o segundo andar.

— Não há indícios de que alguém esteve aqui. Se o HCM estivesse aqui fazendo seus feitiços e sacos de maldição...

— Nós veríamos algum rastro — respondi por ele. — Alguns sacos de maldição meio feitos ou restos de magia negra. Não há nada aqui, Marcus. E eu não senti nenhum tipo de magia negra ou magia de

qualquer tipo desde que entramos aqui. Este não é o esconderijo deles.

O chefe soltou um suspiro.

— Você tem razão. Vamos embora. Já perdemos muito tempo — disse ele, com a voz mais alta, agora que tínhamos certeza de que éramos os únicos no local.

— Para onde, bonito?

O wereape me deu um sorriso que "poderia" ter feito com que eu arrancasse minhas roupas aqui mesmo, neste lugar horrível. Sim, ele era bom.

— Há uma casa vazia na Phoenix Avenue. Os proprietários foram embora. Eles já compraram uma casa em Nova York. O grupo pode estar usando-a. Vale a pena dar uma olhada.

— Sim. Faz sentido.

Segui o chefe de volta ao primeiro andar, ansiosa para sair daquele lugar abafado e infestado de mofo e tomar alguns goles do ar fresco da noite.

Marcus parou no final da escada e pegou seu telefone.

— Sim — disse ele, com o telefone na orelha. Eu tinha ouvido tocar.

Observei atentamente sua expressão, o aperto de sua mandíbula me dizendo que quem quer que estivesse do outro lado não estava lhe dando boas notícias. Cruzei os braços sobre o peito, não gostando do aperto de sua mandíbula ou do estreitamento de sua sobrancelha.

— Já estou indo — disse o chefe enquanto colocava o telefone de volta no bolso.

Minha pressão arterial subiu.

— O que está acontecendo?

Os músculos de seus ombros se sobressaíram, algo que eu já havia entendido que significava que ele estava prestes a explodir.

— Há uma luta na ponte com um grupo de paranormais tentando sair. Está ficando brutal. Um morto.

— Droga. Pensei que minhas tias tivessem resolvido isso com suas proteções.

— E resolveram — disse o chefe. — Este é um grupo novo. Scarlett e Cameron estão lá, mas precisam de minha ajuda.

— Claro — disse eu, pressionando minhas mãos naquele peito duro como uma rocha e empurrando-o. — Vá.

Notei que sua camiseta era de algodão fino, praticamente se moldando ao seu torso como uma luva.

— Tem certeza?

Marcus não se moveu nem um centímetro.

Mantive minha mão sobre aquele peito digno de baba porque, por que não?

— Sim. Eu posso ir para a casa vazia. Eu sei onde ela fica. A

Phoenix Avenue não fica longe a pé.

— Ok. É na Eight Phoenix Avenue. Não devo demorar muito. Te vejo você lá.

— É um encontro.

Eu sorri.

Antes que eu percebesse o que estava acontecendo, seus lábios estavam nos meus.

Foi um beijo hesitante, apaixonado, suave e cheio de significado, que me deixou sem fôlego quando ele se afastou.

Sem dizer uma palavra, o chefe partiu em uma corrida rápida. Eu? Fiquei ali olhando para aquele belo pedaço de homem até que ele virou à esquerda no quarteirão e desapareceu na noite.

— Fique em segurança — sussurrei para mim mesma. — Seu homem estupidamente bonito.

— Pensei que ele nunca fosse embora — disse uma voz áspera atrás de mim.

Meu sangue ficou frio.

Evitei soltar um grito, o que arruinaria minha reputação de bruxa durona. Teria sido muito deselegante, se não fosse anti-Merlin.

Com o coração na garganta e as mãos erguidas instintivamente, me virei para encontrar um homem de frente para mim.

Ele era alto e magro, com uma túnica pesada sobre os ombros que o deixava curvado e um capuz sobre a cabeça. A pele ao redor do queixo e da mandíbula, as partes que eu podia ver sob o capuz, estavam secas, rachadas e sujas com finas gotas de pus. Se eu não soubesse, parecia que ele tinha uma doença incurável, possivelmente o ebola.

Doente ou não, não gostei do fato de ele ter se esgueirado por trás de mim, sem que eu o tivesse ouvido chegar.

Eu não conseguia ver mais nenhum dos membros do HCM, mas isso não significava que eles não estivessem aqui, escondidos, aparentemente esperando que Marcus fosse embora. Por que isso aconteceu? Eu era a maior ameaça com a magia. Não era?

— O que você deve ser? Um Jedi? — perguntei, feliz por minha voz estar calma, embora minha pulsação estivesse acelerada. Nota para mim mesma. Sempre pareça estar no controle quando estiver enfrentando um suposto inimigo, mesmo que esteja morrendo de medo por dentro. Agora eu estava um pouco desapontado com o fato de Marcus ter ido embora. Ele conhecia esse grupo melhor do que eu.

Ouvi uma risada suave.

— Sempre com essa boca esperta — disse o estranho.

— Sempre? Já nos conhecemos?

— Muitas vezes — disse o estranho.

— Acho que eu me lembraria de alguém tão feio quanto você.

No entanto, havia algo perturbadoramente familiar nele. Aquela voz... onde eu a tinha ouvido antes?

Ele baixou o capuz e eu quase vomitei.

— Você deveria colocar o capuz de volta. Confie em mim. Ninguém precisa ver isso.

Eu não sabia por quanto tempo iríamos jogar esse jogo. Eu sabia que seus amigos poderiam me atacar a qualquer momento, mas não pude deixar de olhar para seu rosto. Ele era magro. Seus olhos estavam injetados de sangue e encovados, dando-lhe uma aparência esquelética. Suas maçãs do rosto eram altas e salientes. Ele tinha marcas estranhas no rosto, mas com todas as feridas e lesões, era impossível determinar o que eram. Mas, mais uma vez, tive uma sensação de familiaridade. Certamente, eu me lembraria de um cara com um rosto que parecia ter caído em um moedor de carne.

— Eu estava esperando por este momento — disse o estranho, com um tom rancoroso e frustrado que fez meu pulso acelerar. — Há muito... muito tempo.

Puxei minha magia para mais perto.

— Bom para você.

Seu rosto magro se abriu em um sorriso cheio de dentes afiados, como a boca de um peixe.

E então, quando ele se aproximou, um raio de luz da rua atingiu seu rosto, e um tremor violento percorreu minha espinha.

— Puta que pariu — eu respirei. — Silas?

CAPÍTULO 19

Não havia como confundir aquele rosto agora e a voz. Como um dos árbitros bruxos dos julgamentos de Merlin, aqueles que eu tinha que completar e passar para obter minha licença de Merlin, ele era o único que me chamava repetidamente de perdedora.

Mas ele estava diferente. Aquele bruxo alto, magro e tatuado não se parecia com ele mesmo. Os cabelos longos e escuros pendiam em tufo ao redor de uma cabeça parcialmente calva. Eu também não conseguia distinguir um cavanhaque. E então percebi que aquelas marcas estranhas e escuras em todo o seu rosto eram as runas mágicas tatuadas e os sigilos que ele usava para extrair sua magia. Agora, ele parecia mais um homem frágil de setenta anos, sofrendo de varíola.

Parecia que ele não tomava banho há meses. A luz da rua piscando em seu rosto tornava suas feições mais furiosas e horríveis. Eu não o via há semanas. Desde que lhe dei um chute na bunda. Acho que ele ainda estava bravo por causa disso.

— Você engordou — disse ele depois de um momento.

Apertei os lábios.

— Você ainda é estúpido. — Pisquei para ele. — De onde diabos você veio?

Quando ele não respondeu, lancei meu olhar para trás dele.

Um leve lampejo de luz alaranjada se infiltrava de um painel na parede. Não, não era um painel, mas uma porta. Eu mal conseguia distinguir um conjunto de escadas que levava ao porão. Marcus e eu havíamos passado por ali muitas vezes, mas essa foi a primeira vez que notei uma porta. Ele a havia soletrado de alguma forma e a manteve escondida de nós.

— Então, é você. É você que está colocando sacos de maldição por toda a cidade? Parece que a magia negra com a qual você tem brincado lhe custou muito caro — eu disse a ele. Seu corpo havia se deteriorado rapidamente. E continuaria a se deteriorar se ele não parasse. Talvez já fosse tarde demais para ele.

Silas levantou as mãos. O manto escorregou, revelando braços finos como ossos, com as mesmas bolhas e feridas no rosto.

— Você não tem ideia do poder — disse ele, respirando pelo nariz como se estivesse cheirando o ar. — Um poder inimaginável. E é todo meu.

— Isso é ótimo.

Mudei meu peso, preparando-me para o caso de ele jogar algo em mim. Mesmo que meu pai tenha dito que eu seria imune a maldições de magia negra, eu preferia não me arriscar.

Silas fez uma careta.

— Há muito tempo a comunidade de bruxos levanta o nariz para a magia negra quando nem sequer conhece a verdadeira extensão de seu poder. Eles a rejeitaram. Chamaram-na de tabu. A magia negra é a única fonte pura de magia. E eu a peguei. Eu peguei tudo.

Eu arqueei uma sobrancelha.

— Dá para perceber.

Se Silas era o resultado de se envolver com magia negra, eu estava feliz por nunca ter tocado nela.

O bruxo estreitou os olhos.

— Você sempre se achou especial. Porque podia dobrar as linhas ley à sua vontade.

Seu rosto se abriu em um sorriso, e a pele ao redor de sua boca rachou e começou a sangrar.

— Eu sei sobre você. Eu sei.

— Saber o quê?

Eu me encolhi quando uma das feridas em sua bochecha começou a vaziar.

— Você beija sua namorada com uma boca e dentes como esses?

Silas piscou e disse:

— Eu sei que você é uma imundície parcialmente demoníaca.

Oh-oh.

Silas olhou para mim, seus olhos amarelos brilhavam com um ódio profundo que me assustou muito. Ele não estava feliz. Que pena.

— Uma vira-lata com sangue diluído que não vale nada.

— Legal.

— Você trapaceou nas provas. Ser parte demônio lhe deu uma vantagem sobre as outras bruxas. Você nunca teria passado sem essa parte monstruosa de você. Você é uma perdedora. Sempre uma perdedora.

— Você não acha que é hora de deixar isso para lá? Realmente não é saudável.

Droga. Quem mais sabia se ele tinha descoberto que eu era parte demônio? Será que ele contou para a Greta? Ao Conselho das Bruxas Brancas? Eu não só seria condenada ao ostracismo na comunidade bruxa por ser parte demônio, como também perderia minha licença de Merlin novamente. E, dessa vez, não haveria como recuperá-la.

Silas fez uma careta maliciosa para mim.

— Eu sabia que havia algo errado com você. Sempre soube.

Mostrei meus dentes para ele.

— Se isso é por ter dado um chute na sua bunda... bem... você

precisa superar isso. Já passou. Mas não estou entendendo. Você entrou para a HCM por causa de um rancor? Isso parece um pouco louco, mesmo para você.

Silas deu uma risada doentia e úmida que terminou em uma tosse.

— Não existe HCM, sua mestiça estúpida.

Oh. Não. Ele. Não.

— Cuidado, Silas. Eu não vim aqui para matar você. Não, espere. Eu *vim* aqui para matar você.

A percepção da situação me atingiu como um chute no estômago. Ele queria que pensássemos que era o HCM para nos afastar dele. Mas era o Silas o tempo todo. Ainda assim, isso não explicava por que ele estava fazendo isso.

Ele deu mais um passo à frente, ficando perto o suficiente para que eu sentisse o cheiro de podridão e carniça.

— Você não pode me matar.

Seus olhos se voltaram para mim.

— Você pode ter o demônio dentro de si, mas eu sou imortal.

Eu bufei. Não pude evitar. E a raiva que transpareceu em seu rosto me fez sorrir.

— Escute. Se você concordar em vir comigo, talvez possamos deixá-lo viver o resto de sua vida em alguma prisão de bruxos. A julgar pela sua aparência... acho que não vai demorar muito.

Seu olhar se fixou no meu.

— Você é uma tola. Uma bruxa estúpida. Deixou que seus olhos a enganassem quando não sabe nada. Nada do poder que eu tenho. A escuridão me trouxe presentes. Ela me abençoou.

Dei de ombros.

— Parece ótimo. Então. Você vai me dizer por que está fazendo isso?

— Eu queria que você sofresse — rosnou ele, com a voz parecendo uma lixa.

— Que bacana.

— Eu queria que seus amigos e familiares morressem enquanto você não pudesse salvá-los.

Ele olhou em volta.

— Esta cidade. Essas pessoas. Elas abrigaram você. Protegeram seu segredo. E por isso, todos eles merecem morrer. Eles riram de mim. Mas não mais. Terei grande prazer em ver todos eles morrerem. A cada sacrifício mortal, eu me torno mais forte. Quanto mais as maldições se espalham, quanto mais mortes, mais poderoso eu me torno.

— A cada assassinato — corrigi. Franzi a testa ao ver como sua voz estava se tornando desumana à medida que eu ficava aqui ouvindo esse louco, bruxo, o que quer que fosse. Era macabro. Não era natural.

Totalmente assustador.

— Você está doente — eu disse a ele. A bile subiu ao pensar que ele estava extraindo alguns de seus poderes ao matar as pessoas de nossa cidade. — A magia negra o corrompeu. As pessoas que morreram são inocentes, seu idiota. Pessoas que eu nem conhecia. Como isso é se vingar de mim?

Silas fez um barulho feio no fundo da garganta. A longa expiração fez minhas entranhas tremerem.

— Você é uma abominação. Não vamos nos esquecer, insuportavelmente irritante.

Eu sorri.

— Vou considerar isso como um elogio.

— Sua morte me trará benefícios — disse ele com um tom de zombaria na voz. — Mas quero que sua família morra primeiro. Quero que você assista. E então, você morrerá.

Com os pés abertos para melhor controle, eu disse:

— Tudo isso por causa de um rancor. Porque você não gostava de mim?

Eu me senti mal. Pessoas haviam morrido. E a culpa era minha.

— Você não acha que isso é exagerar um pouco?

Eu odiava esse bastardo.

— Se você quer um duelo, vamos duelar. Deixe a cidade em paz.

— Ou o quê, bruxinha? — riu Silas. — O que você acha que pode fazer? Usar uma linha ley para desaparecer?

Ele mexeu os dedos em uma versão simulada de fazer mágica.

Eu podia sentir a magia pulsante saindo dele. Não era como antes. Essa magia era diferente. Fria. Selvagem. Perigosa.

O poder que ele detinha, ele o tinha em abundância. Ele sorriu maldosamente ao ver a reação que estava recebendo de mim, e a raiva me invadiu.

— Diga-me onde estão os outros sacos de maldição e talvez eu o deixe viver — eu disse, sentindo-me um pouco ousada e estúpida. — Diga-me o que mais você planejou e talvez veja outro dia.

Silas apenas olhou para mim.

— Você está acabada. Depois que eu matar todos os malfeitores dessa cidadezinha patética... vou matar você. Vou gostar de matar você. Vou fazer isso bem devagar.

Cerrei a mandíbula diante da confiança em sua voz.

— Não morro tão facilmente.

Silas fez um som parecido com uma bufada.

— Ah, mas morre sim. Todos vocês morrem. Você é uma bruxa estúpida, se acha que pode se igualar ao meu poder.

Sentindo-me ousada, dei um passo à frente.

— Não vou perguntar de novo, *Silas* — disse eu, esperando para

ver o efeito total de minhas palavras. — Onde estão os outros sacos de maldição?

Ele jogou a cabeça para trás e riu, longa e profundamente.

— Bruxa ignorante e idiota. Mas você não é uma bruxa. Você é? Você é uma abominação que nunca deveria ter nascido. Uma criatura defeituosa de sangue e ossos. Você não é nada.

Em seguida, ele soltou uma risada rouca.

— Posso sentir o cheiro do seu medo, bruxa — ele gritou, mostrando os dentes. — Vou me divertir com isso.

— Não tanto quanto vou gostar de dar uma surra em você — eu disse, puxando minha magia. — De novo.

Seus olhos amarelos me fixaram com tanta intensidade. Era como se nada mais importasse no mundo naquele exato momento. Tudo girava em torno de mim. Eu. Eu. Eu.

Em outras circunstâncias, eu teria ficado lisonjeada.

Mas não quando meu traseiro estava em jogo. Eu não tinha ideia de como ele era poderoso agora. Eu poderia puxar uma linha ley e desaparecer.

Sim, eu estava exausta. Mas eu não era covarde. Eu precisava terminar isso. Precisava detê-lo.

Toda a minha atenção se voltou para Silas. Um sorriso malicioso se espalhou em seu rosto magro enquanto ele esperava, e a expectativa iluminou sua expressão com a ideia de lutar comigo.

Se ele quisesse uma briga, teria uma.

CAPÍTULO 20

Os lábios de Silas se moveram em um cântico, sua voz baixa, firme e forte. Uma onda de energia fria agitou o ar, girando ao redor e formando uma pressão constante e intimidadora sobre mim. Pontadas de poder percorreram minha pele.

Ele colocou a mão dentro do manto e jogou pequenos ossos no chão. E então, não estou brincando, um crânio. Um crânio humano.

— Por favor, me diga que não era sua ex-namorada?

Eu ri.

Uma súbita onda de frio no ar fez minha pele se arrepiar. Ele estava prestes a me amaldiçoar com sua magia negra.

Dei um passo à frente, desafiando-o ao mesmo tempo em que manipulava minha magia com os elementos ao meu redor.

Com as mãos enfiadas dentro do manto novamente, Silas pronunciou palavras guturais, e senti um pulso frio de magia ondulando no ar, sombrio e poderoso, que se entrelaçava ao nosso redor. Ele rosnou, e o crânio e os ossos no chão brilharam em vermelho. Magia negra. De certa forma, isso me lembrou de como ele extraía sua magia de suas tatuagens. Parecia que ele não conseguia mais fazer isso. Em vez disso, ele estava puxando sua magia através dos ossos.

Ok, tudo isso foi muito instrutivo. Eu estava cansada de esperar que ele desenhasse primeiro. Era melhor acabar logo com isso.

Puxei minha vontade.

Com um movimento de seu pulso, Silas enviou um tiro de poeira preta em minha direção.

Merda.

Eu me joguei para o lado. Não foi rápido o suficiente.

Uma explosão abrasadora de magia negra me atingiu, fazendo com que eu quase caísse de joelhos. Oh, Deus, isso doeu. O ar se apertou ao meu redor e pressionou meu peito. Ofegante, engasguei com o cheiro sufocante de podridão e enxofre. Cerrei os dentes quando ondas de dor me atingiram e depois diminuíram.

Acho que meu pai demônio estava enganado. Eu *poderia* ser amaldiçoada por magia negra. Talvez não os sacos de maldição, mas a verdadeira magia negra parecia funcionar muito bem em mim.

Olhei para o Silas. Seu sorriso dizia tudo. Isso era apenas uma fração do que estava por vir. Ele estava apenas me provocando.

Brincando comigo, como um gato brinca com um rato, arrancando suas entranhas antes de finalmente matá-lo.

— Fiz alguns ajustes em minha magia — disse ele, como se estivesse lendo minha mente. — Queria ter certeza de que seu sangue de demônio não a afetaria, já que a magia demoníaca e a magia negra compartilham um ancestral comum.

— Ainda bem que você conhece sua história mágica.

Levantei-me, com as pernas trêmulas e o corpo ainda tremendo com as consequências do pó de magia negra, mas nada muito ruim.

— Sim — disse Silas. — Estive lendo sobre você e sua história.

Que nojo. Ele fez parecer sujo.

Ok, o bruxo era muito poderoso, mas eu já havia lhe dado uma surra antes. Eu ia fazer isso de novo. Eu ainda não tinha terminado. Eu também tinha alguma habilidade com magia.

Antes que Silas pudesse reagir, pois eu esperava que seu corpo frágil fosse igualmente lento, estendi a mão.

— Accendo! — gritei, enviando uma bola de fogo direto para a bruxa. Por um instante, o andar térreo se iluminou tão intensamente como se tivéssemos acendido as luzes.

Silas levou a mão direita aos lábios e soprou.

Ouvi um estalo alto, como se alguém tivesse acabado de disparar um tiro de espingarda perto de mim. E então uma nuvem de poeira negra envolveu o bruxo como um escudo.

Minha bola de fogo atravessou a parede de poeira e depois nada. Ela simplesmente desapareceu.

— Bem, isso foi inesperado — murmurei enquanto o medo batia em meu peito. Como eu poderia lutar contra uma magia que eu não conhecia?

Silas deu uma risadinha.

— Não sei por que a magia negra tem uma reputação tão ruim. É divertida e fácil.

— Como uma prostituta de dez dólares. E então você se pergunta o que são todas essas manchas no seu pênis.

Um rosnado soou de Silas. Seus olhos amarelos se estreitaram em mim. Os ossos em seus pés brilharam com mais intensidade.

E então eles fizeram algo que eu não esperava.

Os ossos se esticaram, cresceram e se multiplicaram até que havia três esqueletos humanos em vez de alguns ossos descansando no chão. Eles estavam de pé, balançando levemente e esperando. Olhos vazios e sem visão me observavam. Assustador. Mas impressionantes.

Mas eu não estava aqui para parabenizar um colega bruxo por sua habilidade.

Com o coração batendo forte, puxei os elementos novamente e gritei:

— Inspiratione!

Fraturas de energia vermelha saíram de minha mão estendida.

Ele atingiu os dois primeiros esqueletos em uma explosão de ossos e faíscas. Os esqueletos se quebraram, com ossos voando em todas as direções como pinos de uma bola de boliche.

— Ha— eu disse, orgulhosa de meu espírito de bruxa. *Tome isso*, disse a Silas com meus olhos.

Mas a bruxa permaneceu ali com uma postura confiante e um olhar de satisfação.

Depois de um momento, eu soube o motivo.

Os ossos espalhados rolaram e deslizaram pelo chão do prédio, encontrando magicamente o caminho de volta para os outros como se tivessem um sistema de GPS embutido. Eles se agruparam, se reuniram e, em seguida, os ossos das pernas se encaixaram nos ossos pélvicos, as espinhas nas caixas torácicas, até que eu estava olhando para dois esqueletos reformados novamente.

— Eu não esperava por isso — disse eu, sem saber se estava dizendo a mim mesma ou a ele.

Levantando-se, Silas sibilou com palavras que não consegui captar, e suas mãos assumiram uma forma ameaçadora.

E então os três esqueletos me atacaram de todos os lados.

Eu me joguei para o lado, mas algo agarrou minha perna e fui jogada na direção oposta. Fiquei no ar por dois segundos e depois bati em uma parede.

— Ai.

Deslizei para baixo e senti uma dor nas costas. Antes que eu pudesse me levantar, dedos esqueléticos frios e duros dispararam e se enrolaram em meu pescoço, cortando meu suprimento de ar.

Eu engasguei, sacudindo quando um dos esqueletos de Silas apertou meu pescoço com seus dedos ossudos. Chutei com força, contatando o que eu achava que eram joelhos, mas ele não me soltou. Uma dor estrondosa surgiu do meu peito e subiu pela minha garganta enquanto eu continuava a engasgar. Eu não conseguia respirar e não conseguia encontrar ar suficiente para encher meus pulmões. O mundo estava se inclinando e girando. A escuridão se espalhou pelas bordas da minha mente. Eu mal conseguia distinguir o rosto esquelético que estava no meu.

O riso chegou aos meus ouvidos por causa do sangue que latejava.

— Patético — cuspiu Silas. — Eu lhe disse que você é um perdedor. Você deveria ter ficado longe. Deveria ter permanecido como humano. Você não é nada de especial.

Se eu não fizesse algo logo, aquele esqueleto iria quebrar meu pescoço.

Foi um esforço de vontade, e a dor desceu pelos tendões do meu

pescoço, mas levantei o queixo, virei a cabeça para ele e abri um sorriso desafiador.

— Sempre serei melhor do que você — sussurrei.

Silas fez uma careta. Ele estalou os dedos, e o esqueleto apertou com mais força. A escuridão se espalhou em minha visão e aumentou a cada golpe de dor. Eu não podia morrer assim. Era muito embaraçoso. Morte por um esqueleto zumbi? Eu perderia toda a credibilidade.

Com muito esforço, tentei afastar os dedos esqueléticos que estavam esmagando meu pescoço, mas era como tentar levantar um carro com o dedo mínimo.

O medo frio me atingiu, embaralhando minha mente enquanto eu tentava respirar. Mas o ar não passava. O pânico tomou conta de mim. Eu não conseguia pensar em mais nada. Só conseguia pensar em ar. Eu precisava de ar ou, em poucos segundos, estaria morto.

Silas riu.

— Mudei de ideia. Acho que vou matar você agora e depois matarei todos os paranormais desta cidade.

Apesar da agonia que me atravessava, eu me debatia nas garras do esqueleto.

— Vá se foder.

Eu engasguei quando senti meu próprio cuspe escorrendo pelo meu queixo.

— Primeiro, vou matar essa fera que você chama de namorado. Vou matá-lo bem devagar.

Algo estalou dentro de mim. Chamo isso de amor. Chame de sentimento avassalador de proteger o homem com quem me preocupo profundamente. Chame do que você quiser, mas isso acabou com o medo e o pânico e foi substituído pela boa e velha raiva. Muita, muita raiva.

— Acabe com ela — ouvi Silas ordenar com impaciência. — Mate-a agora.

O esqueleto colocou sua outra mão em volta do meu pescoço. Ele ia arrancar minha cabeça. Eu gostava de minha cabeça, especialmente quando ela estava presa ao meu pescoço.

Mas eu estava pronta para isso.

Afastei a dor e fechei os olhos. Reunindo minha vontade e usando minha raiva para alimentar minha magia, invoquei meu poder demoníaco. Deixei a magia fria, familiar e selvagem correr pelas minhas veias, esperando para ser liberada. Abominação? Acho que não.

Meu poder demoníaco pulsava em mim como adrenalina, só que mil vezes mais forte. Meus olhos se abriram.

E então deixei minha magia fluir.

Gavinhas negras de energia demoníaca saíram dos meus dedos estendidos. E coloquei as palmas das mãos em seu peito, jogando tudo o que tinha e mais um pouco no esqueleto.

Ela atingiu o esqueleto no peito, envolvendo-o como uma teia de cobras negras, e depois explodiu em uma nuvem de confete de ossos.

Caí no chão quando um ar glorioso encheu meus pulmões e eu dei um gole. Mas estava doendo. Cada gole de ar era como engolir cacos de vidro. Fiquei sentada sem me mexer, ouvindo os batimentos cardíacos, que eram a única indicação de que eu ainda estava viva. Se eu não me mexesse logo, não estaria vivo por muito tempo.

Levantei minha cabeça e encontrei os olhos de Silas. Por uma fração de segundo, ele parou, e eu vi a confusão e depois o medo neles quando ele reconheceu aquele poder. *Tome isso, seu filho da puta.*

Levantei a mão e acenei para ele com o dedo.

Silas emitiu um som de frustração em sua garganta.

— Parece que você herdou mais daquela besta demoníaca que chama de pai do que eu imaginava. Inesperado, mas não invencível.

Eu tossi.

— Você acabou de vir para cima de mim? Silas, sua bruxo safado.

Eu enruguei meu rosto.

— Desculpe, mas você não faz meu tipo. Não gosto do tipo magro e mirrado. Adoro músculos grandes.

Um sorriso presunçoso dividiu seu rosto.

— Não se engane. Você vai morrer. Tenho fantasiado sobre este exato momento, planejando como farei isso.

Ele riu.

— Vou levar o tempo que for preciso para matá-la, sua abominação.

Soltei um suspiro.

— Ser chamada de abominação está começando a me irritar.

Com a raiva ainda pulsando em meu âmag, alimentando em mim um ódio ainda maior pela bruxa, meus braços se sacudiram e minhas pernas tremeram. Ainda assim, levantei-me, embora mal conseguisse suportar meu peso. Meu estômago revirou e fiz uma careta quando a náusea se instalou.

Silas rosou, não de uma forma frustrante, mas mais como se estivesse gostando disso. Como se ele fosse vencer. Seus olhos amarelos brilhavam com magia.

— Zac ir oxrt ut! — gritou ele em uma língua estranha.

O som dos ossos rangendo chegou até mim, o que ainda era assustador. Olhei para cima no momento em que os dois esqueletos restantes correram para mim.

Eles eram assustadores e fortes, mas não eram invencíveis. Eu tinha acabado de provar isso.

Mantive meu poder demoníaco por perto, alimentando-o com tudo o que tinha em minha alma. Entrei em contato com minha vontade, exigindo foco e concentração totais. Minha cabeça latejava, e meu pescoço parecia cru e solto, como se não tivesse ossos sustentando minha cabeça.

Mas eu não estava nem perto de terminar.

No momento em que o primeiro esqueleto me alcançou, estendi minha mão.

Gavinhas negras saíram de meus dedos e atingiram o esqueleto com uma explosão. Pedacos de osso e pó de osso explodiram ao meu redor. Sim, eu tinha alguns em meu rosto e em minha boca. Mas não podia pensar nisso agora, pois o outro esqueleto estava quase em cima de mim.

A terra sob os meus pés tremeu com o meu poder demoníaco enquanto eu o utilizava. Novamente, empurrei meu mojo demoníaco para o último esqueleto. As vinhas negras entraram em contato com seu corpo e, assim como os outros, o número três evaporou em uma nuvem de pó de osso.

Cuspi no chão e meus olhos encontraram o bruxo com o mesmo ódio que eu tinha por ele.

— O quê? Não era o que você esperava, de novo?

— Isso ainda não acabou — disse Silas.

— Pode apostar que não — rosnei.

Ele se moveu tão rápido que não tive tempo de reagir.

Ele soprou uma nuvem de poeira preta em mim, cegando-me temporariamente. Eu até inalei um pouco. Que nojo. Eu realmente tinha que parar de fazer isso.

Passei a mão em meus olhos.

— Que diabos foi isso?

Senti um formigamento em minha pele, mas não senti dor.

Silas ficou ali parado com um sorriso de satisfação no rosto.

— Você verá.

— Ah. Eu preferiria não ver.

Os lábios do bruxo se moveram e uma névoa de escuridão se ergueu ao redor dele, enrolando-se como anéis de fumaça até desaparecer sob ela. A névoa de escuridão rodopiante balançou e oscilou. O ar mudou, e então a névoa se dissipou.

Pisquei os olhos e olhei em volta, mas ele havia desaparecido.

Silas havia desaparecido. Ele simplesmente se foi.

CAPÍTULO 21

Com a adrenalina ainda correndo em minhas veias, caminhei todo o caminho de volta para casa, com o suor escorrendo pelas costas e pelas têmporas. O ar fresco da noite foi bem-vindo e acalmou minhas bochechas quentes.

Minha raiva se acendeu. Era o Silas. Tinha sido o bruxo o tempo todo. E ele havia feito isso em nossa cidade por minha causa. Pessoas haviam morrido por minha causa.

Eu tremia de culpa. Talvez as coisas tivessem sido diferentes se eu não tivesse sido tão desagradável com ele. E talvez a lua fosse feita de cream cheese. Esse cara era muito louco para se envolver com magia negra, o suficiente para corrompê-lo muito além de qualquer razão.

— Merda — respirei, meu pescoço ainda latejando de dor, um lembrete constante de que Silas quase me pegou.

Um grito me fez parar.

Os pelos da minha nuca se arrepiaram. O grito veio de algum lugar à minha esquerda enquanto eu piscava nas sombras e na escuridão. Era quase uma da manhã e, mesmo com as luzes da rua, era impossível identificar sua localização. O que era aquilo? Outra pessoa amaldiçoada?

Um som de luta foi seguido por alguns gritos de susto antes que outro grito atravessasse o ar noturno, mais próximo dessa vez. O grito aumentou de ritmo, assim como os gritos e gemidos dos moribundos e feridos se fundiram em uma cacofonia insuportável.

Comecei a me mover novamente. Os gritos continuavam chegando, todos ao mesmo tempo e em todas as direções. Finalmente, quando cheguei à esquina da Charms Avenue com a Stardust Drive, meu queixo caiu.

Foi como assistir a uma briga de vizinhos em que todos decidiram que seria divertido sair no meio da noite e bater na cabeça do vizinho.

Muitos para contar, os paranormais chutaram, socaram, puxaram cabelos e até arranharam uns aos outros. Todos eles circulavam em torno uns dos outros em uma dança da morte. Corpos voavam, e o cheiro de sangue e raiva me fez engasgar. Um lobisomem macho, do tamanho de Marcus, estava no chão com as mãos em volta do pescoço de outro macho, enquanto uma bruxa estava brincando de girar a garrafa, com sua vítima feminina girando no ar acima dela.

Horrorizada, percebi que eles iam se matar. A pressão me apertou.

Meu peito se contraiu. Ao meu redor, as pessoas amaldiçoadas da cidade caíram, gritando de dor.

— Droga.

Eu me apressei. Eu não podia fazer nada para ajudá-los. Pelo menos, não agora. Meus pensamentos se voltaram para Marcus, e meu peito se apertou. Ele ficaria bem. Afinal, ele era o chefe.

Peguei meu celular e digitei o nome dele. Ele foi direto para o correio de voz.

— Não vamos entrar em pânico. Ele é grande, forte e capaz. Ele está bem. Ele está bem.

Meus dedos tocaram a tela enquanto eu escrevia uma mensagem para ele.

Eu: Não vá para a 8 Phoenix Ave. O xamã é o Silas. Explicarei mais tarde.

Os gritos e berros aumentaram rapidamente, ficando cada vez mais altos até se tornarem gritos de loucura sem nenhuma dignidade no som. Sem autocontrole. Todos eles haviam perdido a cabeça.

— Maldito seja você, Silas — sussurrei.

Em seguida, mandei uma mensagem para a Iris pedindo que ficasse na casa da Martha e trancasse as portas. Depois, colocando o celular de volta no bolso, comecei a correr, mantendo-me nas sombras. Não queria ser vista. A última coisa que eu precisava agora era machucar um paranormal maluco.

Eu tinha que deter Silas antes que suas maldições de magia negra infectassem toda a cidade. Mas eu tinha que encontrar minhas tias primeiro. Tinha de contar a elas sobre o Silas e, com sorte, poderíamos elaborar um plano para detê-lo juntos.

Quando cheguei à Casa Davenport, as janelas brilhavam com uma suave luz amarela. Elas estavam abertas. Ou pelo menos uma delas estava. Dores, se eu tivesse que adivinhar. Usando o corrimão para me apoiar, subi os degraus, mas quase desmaiei quando cheguei à varanda da frente. A porta se abriu magicamente.

Parada no batente da porta, eu disse:

— Te amo, Casa.

Belisquei a câibra na lateral do corpo enquanto caminhava para a entrada. Eu realmente precisava me exercitar mais.

Vozes furiosas e perturbadas soaram na direção da cozinha. Eu me arrastei naquela direção, com as coxas ardendo por causa do abuso que acabara de sofrer.

Minhas três tias estavam sentadas à mesa da sala de jantar. Livros, pergaminhos e poções estavam espalhados ao acaso sobre ela, como se alguém tivesse jogado todo o conteúdo e saído às pressas. Hildo estava ocupado derrubando algumas velas da mesa. Gatos.

Manchas vermelhas marcavam o rosto de minhas tias, e todas

tinham a mesma expressão.

— Por que vocês estão brigando? — perguntei, apoiando-me no encosto de uma cadeira vazia para me apoiar. — Meu Deus, acho que meus pulmões estão quebrados. Talvez precise de um transplante.

Dolores se levantou ao me ver.

— Que diabos aconteceu com você?

— Mmmm?

Olhei para mim mesma. Minha camisa, braços, jeans, praticamente cada centímetro de mim estava coberto de cinzas de osso e qualquer pó preto que Silas tivesse jogado sobre mim.

— Sim. Bem, eu posso explicar. Eu posso explicar.

Dolores cruzou os braços sobre o peito.

— É bom mesmo.

Seus olhos se arregalaram.

— Seu pescoço. O que aconteceu com seu pescoço?

— Uhhh.

Levantei a mão para a pele sensível do meu pescoço. Estava quente e eu tinha certeza de que amanhã eu teria um hematoma feio se não passasse um pouco da pomada cicatrizante da Ruth. Mas meus hematomas podiam esperar.

— Dê um tempo a ela — esbravejou Beverly. — Ela está com uma aparência horrível. Nenhuma mulher de sangue quente quer parecer e...

Ela moveu o queixo em minha direção e fungou.

— O caldeirão nos ajude. Que cheiro horrível é esse?

— É o Silas — deixei escapar.

Ruth apoiou os cotovelos na mesa, com um enorme sorriso no rosto.

— Esse é um perfume novo?

— Não, o bruxo Silas — eu disse novamente. — Aquele dos julgamentos das bruxas de Merlin. O idiota tatuado.

— Ele tem um perfume novo? — perguntou Ruth, com as sobrancelhas franzidas em confusão.

— Não, sua tola — rosnou Dolores. Eu até vi um pouco de cuspe. — Ela está falando do bruxo.

Dolores me encarou com seu olhar de buldogue.

— E quanto a ele?

— Ele está aqui.

Respirei fundo e disse:

— Ele é o responsável pelas maldições de magia negra e pelos sacos de maldição. Ele é o Xamã da magia negra.

— Xamã — corrigiu Dolores.

— Tanto faz — eu disse. — A questão é que é ele, mas ele está diferente. Deteriorado e emaciado. Como se a magia negra com a qual

ele tem brincado tivesse lhe tirado uma grande parte como pagamento. Basicamente, ele parece morto.

— Eu posso imaginar.

Dolores se sentou.

— Percebi que isso também está afetando sua mente. Ele parecia louco. Falando sobre imortalidade e ser todo-poderoso. Ele perdeu o controle.

Dolores estava balançando a cabeça.

— A magia negra faz isso com uma pessoa. Ela se espalha como uma doença e, eventualmente, ele se torna uma pessoa diferente. O Silas que conhecíamos não existirá mais. Substituído por uma criatura, um fantasma, tão infectado pela magia negra que, no final, ele se tornará magia negra.

— Ok.

Não fazia ideia do que ela estava falando.

— Na maioria das vezes, ela causa uma rápida degradação do corpo do usuário — afirmou Dolores. — Exigindo mais magia negra para manter seu corpo físico.

— Por que ele está fazendo isso? — perguntou Ruth, virando-se em seu assento para me encarar melhor. — Por que ele está nos machucando? Nós não fizemos nada a ele. Ele é um bruxo, como nós?

Suspirei, peguei a cadeira em que estava me apoiando e me sentei com um forte ruído.

— A culpa é minha.

Diante das expressões confusas de todos, acrescentei:

— Ele está fazendo isso por maldade. Está com raiva por eu tê-lo feito de bobo. Lembra quando lhe dei um chute na bunda? Essa é a vingança dele.

Minha boca estava pastosa, minha voz estava cheia de culpa. Esforcei-me para me concentrar e não me deixar afogar no desespero, pensando em todas as pessoas que morreram por minha causa. Eu não queria ser responsável pela vingança de um louco. Se a cidade descobrisse por que Silas estava fazendo isso, mesmo que conseguíssemos detê-los, isso não seria um bom presságio para mim. Eu poderia ser forçada a me mudar. Perderia minha nova casa. Perderia tudo.

— É melhor você nos contar — disse Dolores. — Não deixe nada de fora.

Respirei fundo e contei tudo o que havia acontecido depois que Marcus foi embora, desde o momento em que passei pela multidão de paranormais malucos até finalmente chegar à Casa Davenport.

Quando terminei, recostei-me na cadeira e minhas mãos seguraram a borda da mesa como se estivesse tentando mantê-la firme.

— Então, está vendo? Ele está fazendo isso por minha causa. Eu

sabia que ele me odiava desde o momento em que me viu, mas o cara levou isso para outro nível. Ele sempre me odiou por causa das linhas ley.

— Você não pode se culpar, Tessa — acalmou Beverly. Ela se virou na cadeira para me encarar, com seu cabelo loiro perfeito balançando nos ombros. Ela se aproximou para tocar minha mão em sinal de conforto, mas parou, olhando para minha mão coberta de sujeira, e pensou melhor. — Você não pediu por isso e certamente não o incentivou a amaldiçoar nossa cidade.

Ela retirou a mão e a colocou em seu colo.

— O bruxo é claramente insano.

— Ela tem razão — disse Dolores, com uma careta em suas palavras. — Este é o trabalho de um louco.

— Um homem louco, louco — concordou Ruth, com os olhos arregalados.

Dei um sorriso fraco para Ruth.

— Tem mais.

— O quê? — perguntaram minhas três tias em uníssono.

— De alguma forma, ele descobriu que eu tenho um pai demônio — eu disse depois de um momento.

Minhas três tias se enrijeceram e ficaram quietas.

— Não tenho ideia de como ele descobriu isso ou se alguém lhe contou.

— Impossível — rosnou Dolores. — Só nós sabemos. E nenhum de nós disse uma palavra.

— Eu acredito em você.

Mordi meu lábio inferior.

— Mas, de alguma forma, ele descobriu. Eu já usei minha magia de demônio no passado. É possível que alguém tenha me visto e tenha contado. Não é todo dia que uma bruxa faz brotar gavinhas negras de magia demoníaca da ponta dos dedos.

Minhas entranhas se agitaram ao pensar nas repercussões.

— Não sei para quem ele contou isso. Quem mais sabe? A Corte das Bruxas Brancas? A Associação Merlin? Greta?

— Isso é um problema.

Dolores ficou em silêncio enquanto suas sobrancelhas se uniam no meio.

— Se a Corte das Bruxas Brancas ou até mesmo a Corte das Bruxas Das Trevas souberem desse boato, temo que não será bom para você... ou para nós.

Ela soltou um longo suspiro.

— Não podemos pensar nisso agora. A verdade é que não sabemos se mais alguém sabe. Talvez Silas tenha mantido a boca fechada. Talvez não. Mas, neste momento, precisamos nos concentrar em nosso

verdadeiro problema. Precisamos encontrar o Silas e detê-lo.

— Talvez possamos conversar com ele? — perguntou Ruth com esperança. — Ele talvez nos ouça se o convenceremos a parar.

Balancei a cabeça.

— Confie em mim. Eu tentei. Ele não vai me ouvir agora.

Dolores assentiu com a cabeça.

— Talvez se o tivéssemos pego há algumas semanas, quando ele não estava tão infectado pela magia negra. Mas agora é tarde demais. Ele nunca nos ouvirá. A ninguém.

— Está bem.

Apoiei meus cotovelos na mesa.

— Então, como o encontraremos? Duvido que ele ainda esteja naquele mercado de carne abandonado. Ele terá que procurar outro esconderijo. Em algum lugar em Hollow Cove, já que ele não pode passar pelas barreiras que você colocou. Ele pode estar em qualquer lugar agora. E nós teríamos que passar por aquela multidão também.

Todas aquelas pessoas amaldiçoadas da cidade eram um problema.

— Essas pobres pessoas — disse Ruth, e se abraçou como se tivesse se resfriado.

— Temos que ajudá-las.

— Sim, temos — disse Dolores, com os olhos apertados em pensamento. — Fizemos algumas poções para dormir que poderíamos usar. Temos duas dúzias de frascos. Vamos torcer para que seja o suficiente.

Apertei os lábios.

— Espero que sim. Mas, sinceramente, acho que não — disse eu, lembrando-me da multidão pela qual passei para chegar até aqui.

— Oh! Eu sei como encontrá-lo! — Ruth se levantou, correu para a cozinha e voltou correndo com uma espátula rosa e uma pequena tigela de cerâmica. — Venha cá, Tessa — ordenou ela.

Deslizei de minha cadeira e me levantei.

— Certo. E como vamos encontrá-lo?

Ruth sorriu para mim.

— É simples. Se o que você tem em cima de você é o resíduo da magia negra dele, tudo o que preciso é de um pouco de extrato e podemos fazer um feitiço de localização com ele.

Meus lábios se entreabriram enquanto eu olhava para minha pequena tia.

— É mesmo? Assim tão fácil?

Ruth assentiu com a cabeça.

— Bem, você está coberta por ele. Não devemos ter problemas.

Dolores bateu com o dedo no tampo da mesa.

— Ela tem razão. Usaremos o pó mágico negro e poderemos encontrá-lo em questão de minutos. Bem pensado, Ruth.

Ruth ficou paralisada, com os olhos arregalados.

— Qual é o problema, Ruth? — perguntei, preocupada que ela estivesse se sentindo mal ou algo assim.

Os olhos de Ruth se moveram e se fixaram em Dolores.

— É que... ela nunca me disse isso antes.

Eu ri.

— É um bom pensamento.

O alívio fez com que meus ombros caíssem um pouco enquanto Ruth raspava um pouco das cinzas do esqueleto e da poeira preta da minha blusa e da calça jeans.

Ela se afastou quando terminou.

— Pronto. Isso deve ser suficiente. Não deve demorar muito para fazer o feitiço de localização com isso. Só preciso prepará-lo e devo ter algo pronto em alguns minutos.

Eu sorri para ela.

— Se eu não estivesse tão nojentamente suja, eu a abraçaria agora mesmo.

Ruth riu como uma garotinha, saiu correndo e desapareceu na sala de poções, ao lado da cozinha.

Voltei a me sentar, mas agora me sentindo mais cansada do que antes. Meu pescoço latejava e minha lombar doía.

— O que você quer fazer quando o encontrarmos? — perguntei no silêncio repentino.

Beverly franziu a testa para mim.

— O que você quer dizer com isso?

— Ela quer dizer: vamos destruir o bastardo ou não? — disse Dolores.

Levantei um ombro.

— Poderíamos capturá-lo e mandá-lo para a prisão das bruxas.

Eu não queria que minhas tias tivessem que matar uma pessoa e viver com isso. É verdade que ele era um bruxo muito, muito ruim e havia matado muitos inocentes. Mas quando você mata alguém, isso fica com você para sempre.

Dolores ficou olhando para o espaço por um momento.

— Vamos ver o que acontece. Como Merlins, não podemos matar outro bruxo, a menos que seja em legítima defesa. Eu não quero nada mais do que matar aquele rato bastardo, mas, se pudermos, vamos imobilizá-lo e deixar que a Cidadela Grimway lide com ele.

— Parece um plano — eu disse. — Sua magia, essa magia negra, é diferente.

— Eu lhe disse — disse Dolores.

— Eu sei. A única maneira de derrotá-lo foi usando meu poder de demônio. Não será fácil derrotá-lo.

— Mas vamos conseguir — disse Dolores. — Vamos dar um jeito.

Com alguns ajustes, tudo é possível.

Um grito veio de algum lugar do lado de fora, e todos nós pulamos em nossos assentos.

— Droga, foi por pouco — eu disse.

— Está piorando — disse Beverly, seus olhos verdes se fixando na janela da sala de estar. — As maldições estão se espalhando mais rápido do que antes. Temo que, pela manhã, talvez não reste nada em nossa pacata cidade além de lunáticos loucos e furiosos.

— E a morte — acrescentou Dolores, sua voz mórbida e agourenta.

Nós três ficamos sentadas ali por um longo momento, perdidas em nossos próprios pensamentos, preparando-nos mentalmente para a briga de bruxas que estávamos prestes a enfrentar. A magia negra de Silas era forte. Teríamos de ser espertas para derrotá-lo. Ainda bem que eu estava cercada pelas bruxas mais inteligentes e capazes do estado.

Peguei meu telefone no bolso e tentei ligar para o Marcus novamente. Depois de alguns toques, ele foi direto para o correio de voz novamente.

— Alguma de vocês viu o Marcus recentemente?

Coloquei meu telefone sobre a mesa.

— Sim — disse Beverly enquanto tomava um gole de café. — Eu o vi indo para sua casa logo antes de você chegar aqui.

Soltei um suspiro de alívio.

— Ótimo. Deixe-me ir até lá e lhe dar uma atualização. Volto em cerca de dez minutos. Eu também precisava de uma ducha, mas achei que não teria tempo.

— Seja rápida — disse Dolores.

Abri a boca para responder, mas em vez disso me levantei e saí correndo pela porta dos fundos da cozinha. Ainda bem que éramos vizinhas. Vizinhas ridiculamente próximas. *Obrigado, Casa!*

Atravessei o gramado correndo - ok, talvez não tenha corrido, foi mais um passo rápido - e abri a porta.

— Marcus? — chamei, entrando na sala de estar. A luz da cozinha estava acesa, mas, fora isso, estava escuro. — Marcus, encontrei o cara. É o Silas. Marcus?

As tábuas do assoalho rangeram quando o grande chefe entrou em meu campo de visão.

— Graças a Deus, eu estava tão preocupada...

Meu sangue ficou frio e senti como se um balde de água gelada tivesse sido jogado sobre minha cabeça.

Marcus estava na sala de estar. Mas havia algo nele... estranho.

A sede de sangue escorria de sua postura, brutal e implacável. Ele exalava poder e força ferozes enquanto me encarava. Um olhar de fome pura e primordial percorreu seu rosto. Seus hipnotizantes olhos

cinzentos, que podiam me enfeitiçar só de olhar para eles, estavam amarelos. Seus lábios se afinaram e seus olhos brilharam com uma malícia insana. Ele rosnava com uma fúria e um ódio tão puros que era doloroso ouvir. Era como olhar nos olhos de uma fera faminta emergindo da escuridão.

Meu coração disparou contra o peito e eu não conseguia respirar, como se as mãos do esqueleto estivessem em meu pescoço novamente.

Marcus foi amaldiçoado.

CAPÍTULO 22

O que uma bruxa faz quando o homem que ela ama é amaldiçoado com magia negra?

Ela entra em pânico. Ela entra *muito em pânico*.

Que merda. Que merda. Que merda.

Fiquei ali parada com o coração batendo tão forte contra a caixa torácica que tinha certeza de que a qualquer momento ele sairia do meu peito como a criatura dos filmes *Alienígenas*.

— Marcus?

Eu me arrisquei, minha voz tremendo de adrenalina.

— Você ainda está aí?

Seu olhar me atingiu como um golpe físico. Talvez pior. Seus dedos se fecharam em punhos, e um rosnado profundo e cruel emanou de sua garganta.

O homem que eu amava havia desaparecido, substituído por uma fera, uma máquina de matar bem musculosa. E ela queria me matar.

Meus olhos se encheram de lágrimas e eu rapidamente as afastei. Chorar agora só me mataria. Inspirei e voltei a me concentrar. Se ele estava infectado, havia um saco de maldição aqui? Ou ele foi infectado em outro lugar?

Apertei minha mandíbula até doer. Silas tinha feito isso de propósito. Ele queria que eu lutasse com Marcus. Ele disse que queria me machucar. *Bem, parabéns, idiota. Você conseguiu.*

A adrenalina que não parava de me atingir me deixou tonta. Eu tinha que pegar aquele saco de maldição e destruí-lo. Mas como eu poderia fazer isso com Marcus olhando para mim como se não pudesse esperar para bater em minha cabeça?

— Vou matar você — disse ele de repente, com a voz áspera e instável, como se estivesse falando enquanto dormia. Ele deu um passo à frente.

— Pare!

Levantei minha mão e, para minha surpresa, ele parou. Talvez ele ainda estivesse lá dentro? Talvez eu ainda pudesse alcançá-lo.

— Sou eu, Marcus. É a Tessa. Você não me reconhece?

O peito de Marcus subia e descia à medida que sua respiração aumentava. Um pequeno músculo se contraiu em sua bochecha, como se seu rosto não tivesse certeza da expressão que queria. Seus ombros tremeram, assim como um músculo ao longo de sua mandíbula.

Droga. Se eu não soubesse, era como se ele estivesse tentando controlar sua fera interior. E parecia que ele também não estava sob controle. Se ele se transformasse em sua forma de gorila, seu alter ego, King Kong, eu não tinha certeza se conseguiria controlá-lo.

Marcus balançou a cabeça como se estivesse tentando se livrar de uma vespa irritante que ficava zumbindo em sua cabeça. Um breve olhar de confusão passou por suas feições. Seus olhos encontraram os meus. Não vi nenhum traço do homem que eu amava ali, apenas um estranho. Uma fera selvagem. Naquele momento, eu soube que jamais poderia alcançá-lo. Marcus havia desaparecido.

Ele rosnou e avançou.

— Fique onde você está! — avisei, com aquelas malditas lágrimas voltando.

Mas, dessa vez, ele não ouviu.

Entrei em contato com minha vontade e puxei os elementos ao meu redor, sentindo o puxão em minha vontade e em minha aura quando elas responderam.

Ele se apressou em avançar.

Levantei minha mão direita e gritei:

— Ventum!

Uma rajada de vento saiu de minhas mãos estendidas e atingiu Marcus de lado. Eu estava mirando em seu peito, mas estava perturbada e meu corpo não parava de tremer.

Ainda assim, a rajada de vento o empurrou para trás e o wereape se chocou contra a parede oposta, quebrando a parede de gesso com o impacto. Ele caiu de joelhos, sacudindo a cabeça novamente. Então, lentamente, ele a levantou, com os olhos procurando até que pousaram em mim.

— Você está morta — rosnou ele, com cuspe saindo de sua boca.

— Se você for esperto, vai ficar no chão — gritei, enxugando as lágrimas dos meus olhos. — Não quero machucá-lo, Marcus. Por favor, pare. Por favor, pare.

Seus olhos se estreitaram.

— Bruxa.

Ele disse isso como se detestasse todas as bruxas do mundo, como se fôssemos algum tipo de parasita que precisasse ser eliminado.

— Sim, eu sou uma bruxa. E você é meu namorado. Lembra?

O wereape deu um salto no ar e ficou de quatro, com as mãos apoiadas nos nós dos dedos. Eu já tinha visto essa pose muitas vezes antes, quando ele estava em sua forma de gorila.

— Eu vou matar você, bruxa.

Sua voz não continha nenhum traço de reconhecimento e abriu um buraco em meu peito.

Suas feições se ondulavam, sua pele inchava e esticava seu corpo

em proporções impossíveis. Vi um lampejo de pelo preto e ouvi o rasgar de carne acompanhado da quebra de ossos. Tive um vislumbre de seu gorila de costas prateadas de 400 quilos - e então seu corpo se deslocou e ele voltou a se parecer com um humano. Ele estava se deslocando para frente e para trás como um personagem de desenho animado. A maldição da magia negra estava mexendo com sua besta interior. Ele não conseguia controlá-la.

Marcus rugiu, um som perturbador que era parte humano, parte gorila, o que fez meus dentes se arrepiarem. O que quer que estivesse acontecendo com ele parecia extremamente doloroso.

— Marcus, pare. Você está se machucando.

Fiquei onde estava. Não fui até ele. Eu não era idiota. Parecia que ele queria me comer. Em qualquer outra noite, eu teria ficado totalmente excitada e disposta a deixar meu lindo wereape mordiscar minha pele. Mas não quando uma mordiscada era, na verdade, o arrancamento de minha jugular.

Seu rosto se deformou e se contraiu, seu corpo se alongou e se entrelaçou. O som de ossos quebrando me deixou enjoada, mas não era nada comparado ao que eu estava vendo.

Em vez de olhar para um humano ou um gorila completo, eu estava olhando para um meio-homem, meio-besta, como uma representação artística demente de algum vilão de um filme da Marvel.

Fiquei ali parada como uma idiota, incapaz de me mover e assustada demais para fazer qualquer outra coisa além de olhar para essa criatura grotesca.

O meio-homem, meio-gorila abriu a boca e soltou um rosnado aterrorizante, mostrando uma mistura de dentes carnívoros e humanos.

E então ele veio até mim.

Esforçando-me para concentrar minha vontade, levantei as mãos como se estivesse afastando moscas e gritei:

— Infilutis!

Explosões de força cinética atingiram a parede e os armários da cozinha. O pó de gesso e as lascas de madeira explodiram onde minha magia atingiu, inundando a cozinha por um momento com flocos brancos.

E, é claro, eu tinha perdido totalmente o Marcus.

Pisquei os olhos e ele estava lá. Simplesmente lá.

Quando me dei conta, fui arremessada pela sala de estar. Bati primeiro na unidade de TV e, em seguida, acho que bati na parede. É difícil saber quando seu corpo está sendo usado como uma bola de pinball.

Caí de bruços, com meus membros emaranhados na televisão e em

uma cadeira lateral. Rolei para o chão, a dor nas articulações e no quadril passou quase despercebida quando um grito de miséria me escapou. A agonia vibrou em mim, e cada terminação nervosa latejou em uma queimadura. A dor ia do meu crânio até os dedos dos pés.

Essa não era a minha noite.

— Levante-se. Lute — desafiou meu namorado instável e mutante.

— Agente firme — sussurrei, usando a cadeira ao meu lado para me levantar, com a dor em meus ossos zumbindo em minha cabeça.

Marcus, bem, sua versão mutante, estava no meio da sala de estar, equilibrado como uma versão perturbadora de um lutador de sumô peludo.

Eu mal conseguia olhar para ele. Era doloroso. E assustador como o inferno também.

— Lute até a morte, bruxa — disse Marcus, com a voz tão gutural que nem parecia mais ele mesmo.

Não saí de trás da cadeira, não que isso fosse me salvar, mas eu precisava de algum tipo de barreira mental entre nós. Era a cadeira.

— Acho que isso é uma coisa territorial alfa?

Eu ofeguei. Droga. Cada respiração doía. Uma dor quente latejava em minha lateral. Eu tinha quase certeza de que havia quebrado algumas costelas.

— Sua magia não pode salvá-la — disse a versão distorcida de Marcus. Suas feições se reviram como se não tivessem certeza de qual forma manter. — Sou mais forte do que você. Sua morte está muito próxima, bruxa.

Levantei um dedo trêmulo.

— Acho que quero me divorciar.

Eu ri. Ok, não era engraçado, mas eu estava perdendo a cabeça agora.

Eu estava exausta da minha provação com Silas e, como não havia tomado um dos tônicos curativos de Ruth, não estava disposta a lutar com um dos mais poderosos wereapes do país.

Marcus soltou um suspiro longo e irritado.

— Venha aqui e lute. Ou está com medo porque sabe que vou matá-la?

— Sim. É exatamente isso.

Eu não ia mentir.

— Mas não vou deixar você me matar, fera.

Se ele estava me chamando de "bruxa", achei justo chamá-lo de "fera".

O rosto de Marcus se contraiu em um sorriso. Se eu já o achava assustador antes, bem, isso era coisa de pesadelo.

— Vou gostar de arrancar essa sua linda cabeça desses seus lindos ombros.

Dei de ombros.

— Já que você me chamou de bonita, talvez eu pegue leve com você. Mas, por outro lado, talvez não.

Quando dei por mim, Marcus estava se movendo.

Com velocidade inumana, ele veio até mim como um animal selvagem enlouquecido. Mal tive tempo de sair do caminho quando o grande meio-homem, meio-gorila, golpeou a cadeira em que eu estava me segurando como uma formiga.

Meu pé ficou preso em alguma coisa. Tropecei e perdi a concentração. Naquele momento, algo duro, como uma pedra, bateu em mim, a força me derrubou. Caí com força. Olhei para cima e vi dentes e olhos acima de mim, um rosto que queria me matar.

Com a ameaça do vômito, recuei, tentando formular um feitiço, mas falhei porque minha concentração foi substituída pelo medo primordial. Eu não queria morrer. Definitivamente, não queria que Marcus me matasse.

Girei e me levantei em meio a um clarão de dentes e pelos. Escorreguei em alguma coisa e caí de cabeça na mesa e nas cadeiras da cozinha. As cadeiras voaram e a dor explodiu em minha testa, o latejar já prenunciando um hematoma gigante.

Rolei para o lado, agarrei as pernas da cadeira mais próxima e voltei para cima, balançando-me a tempo de pegar meu namorado na lateral da cabeça. Sim, isso não soou bem.

Houve um estalo alto e ele caiu. Eu não era idiota. Eu sabia que isso não o manteria no chão por muito tempo. Ele voltaria a se levantar com aquele olhar assassino em seus olhos.

Meu quadril ardia de dor, o que eu supunha ser melhor do que a dormência monótona de lesões mais graves, como a morte. Mas, no momento, essa era a menor de minhas preocupações. Um movimento apareceu em minha visão periférica.

De repente, meus instintos gritaram e eu me joguei para trás. Com a cadeira ainda em minhas mãos, eu a balancei como um taco de beisebol e a esmaguei contra a boca aberta do lado do gorila. A cadeira explodiu em pedaços, mas dessa vez Marcus não caiu.

Ele ficou parado por um segundo e, em seguida, retirou o que parecia ser um fragmento da lateral de sua cabeça, do lado do gorila. Vi um pouco de sangue na boca dele antes que ele cuspissem fora. Em seguida, ele se concentrou em mim, com os olhos estreitos e brilhando de fúria.

— Eu disse que não ia deixar você me matar — falei, dando um passo para trás com cuidado. Meu coração acelerou e eu estremeci com a dor latejante em minhas costelas.

— Você é mais forte do que parece — disse Marcus, as palavras se misturando enquanto o gorila e o homem tentavam formular palavras

simultaneamente. Que loucura. — Vai ser muito mais agradável quando eu matar você"

— Sou eu, Marcus. Você não me reconhece? Volte para mim.

Não consegui me conter. Eu sabia que era inútil. Mas... talvez eu ainda pudesse alcançá-lo.

Um sorriso malicioso se espalhou pelo rosto de Marcus, gelando meu sangue.

— Marcus... não faça isso.

E então ele atacou.

Merda.

Agarrei a perna da cadeira, a única peça que restou de minha arma patética. Eu balancei e errei.

Marcus bateu em mim com a força de um caminhão em movimento, e eu caí para trás. Antes que eu pudesse me mover, ele me prendeu ao chão com sua enorme mão de gorila, impedindo minha capacidade de respirar. Sua força sobrenatural me disse que ele poderia facilmente ter empurrado sua pata através do meu peito.

Ok, é hora de entrar em pânico. É hora de entrar *em pânico*.

O hálito quente atacou meu rosto quando Marcus se inclinou para frente, e ele não estava prestes a me beijar com aquela boca metade humana, metade gorila. Não. Ele queria arrancar um pedaço do meu rosto.

Ou isso ou ele estava avaliando como colocar toda a minha cabeça dentro de sua boca.

Ele pairava sobre mim, seus olhos amarelos brilhavam com a febre da loucura, da maldição. Seu corpo se sacudia e tremia com o prazer antecipado de me matar. Legal. Isso não estava indo muito bem.

Em pânico, a falta de oxigênio estava prejudicando minha concentração. Eu não conseguia pensar. Não conseguia respirar. Havia apenas Marcus e eu. A versão distorcida dele.

Meus olhos ardiam enquanto a cachoeira de lágrimas se derramava e caía em minhas têmporas. Movi meus lábios, formando seu nome. Eu não tinha ar suficiente para dizer uma única palavra.

Olhei fixamente para o rosto do homem, da fera, da pessoa que passei a amar, um amor que nunca pensei que sentiria.

E ele ia me matar.

Marcus estendeu sua mão livre, alcançando minha garganta.

Algo voou em minha visão periférica.

Ela atingiu Marcus, envolvendo-o em uma névoa azul. As tábuas do assoalho vibraram quando o grande wereape, retorcido meio-humano, meio-besta, caiu no chão de cara no chão, a dois metros de mim.

— Tessa!

Virei-me quando Dolores e Beverly entraram correndo. Ruth estava

com as pernas abertas, um pouco curvada, as mãos se movendo como se tivesse acabado de jogar alguma coisa. Ela havia jogado algo em Marcus.

Tossi, engolindo baldes de ar. Meus olhos se voltaram para Marcus. Seus olhos estavam fechados.

— Ele está... ele está...

Meu coração batia forte em minha garganta. Eu não sabia dizer se ele estava respirando ou não. Sem dúvida, eu sabia que ele teria me matado se minhas tias não tivessem interferido, mas era do Marcus que estávamos falando. Eu não queria que ele morresse.

— Ele não está morto — disse Dolores, de pé sobre o Marcus caído, com a boca ligeiramente aberta enquanto observava o meio-homem, meio-gorila deformado.

— Apenas está dormindo.

Beverly me ajudou a me levantar.

— O que diabos aconteceu com ele? Ele parece... como se houvesse duas versões dele. Eu nunca vi uma coisa dessas.

— Não são duas versões — disse Dolores, inspecionando Marcus mais de perto. — A melhor das duas metades - parte homem, parte besta. Realmente notável. E ele foi capaz de funcionar assim?

— Uh... não. Ele estava louco, se é isso que você está querendo dizer.

Coloquei uma mão sobre minhas costelas machucadas ou quebradas, lutando para respirar. Fiquei olhando para a besta humana inconsciente e retorcida.

— Ele foi amaldiçoado. Eu não sei. É como se ele não conseguisse controlar sua mudança. E então ele meio que se partiu ao meio.

Parecia piegas, mas era o que parecia para mim.

— Bem, não há nada que possamos fazer por ele agora — disse Dolores, contornando Marcus. — Estou feliz por termos chegado aqui a tempo.

Acenei com a cabeça. As palavras não saíam.

— Aqui. Pegue isso.

Ruth tirou de sua bolsa um pequeno frasco de vidro com um líquido verde.

— Isso vai ajudar. Você se sentirá melhor em pouco tempo.

Sabendo o que era, peguei-o e tomei um grande gole.

— Obrigada. Eu estava precisando disso.

Bati os lábios um no outro, sentindo o calor do tônico curativo percorrendo minha corrente sanguínea. Já podia senti-lo agir em minhas costelas. A pressão diminuiu e pude respirar fundo.

— Como você sabia que deveriam vir aqui? — perguntei, tomando outro gole.

— Com toda a barulheira que vocês estavam fazendo? — reclamou

Dolores. — Estou surpresa que os viciados em crack lá fora não tenham batido na sua porta.

— Teríamos vindo antes — disse Beverly, com um sorriso presunçoso no rosto. — Mas achamos que vocês estavam fazendo... sabe como é... um sexo *delicioso e* bruto. Não queríamos nos intrometer e interromper seu amor feroz — disse ela, levantando as sobrancelhas sugestivamente.

— Quando ouvimos algo bater, como se sua cozinha estivesse sendo destruída, viemos — disse Dolores. Seus olhos escuros percorreram a cozinha. — Parece que ela foi destruída.

O estrondo provavelmente foi eu batendo em alguma coisa.

— Obrigada. Você me salvou de...

Olhei de volta para Marcus, só agora vendo seu peito subindo e descendo em um ritmo constante.

— Eu não sei. Estava acontecendo tão rápido. Achei que conseguiria alcançá-lo. Mas Marcus não estava lá. Era como se ele fosse uma pessoa totalmente diferente. Eu não queria machucá-lo. Mas...

— Ele poderia ter matado você — disse Dolores, com o rosto sombrio e os olhos tristes.

— Eu sei. Fico feliz por não ter chegado a esse ponto.

Ele nunca se recuperaria disso. Quando encontrássemos o saco de maldição que fez isso com ele, ele se odiaria por ter feito isso comigo. Mas então me lembrei da Martha. Se ela não se lembrava do que havia acontecido com ela enquanto estava sob os efeitos da maldição, talvez fosse o mesmo com Marcus. Talvez eu simplesmente não contasse a ele.

Tomei o último gole de tônico.

— Preciso encontrar o saco de maldição — disse eu, olhando em volta. — Ele pode estar escondido aqui em algum lugar. Não tenho certeza. Mas e se Marcus já estava amaldiçoado quando chegou aqui? Talvez ele tenha sido amaldiçoado antes de vir para o Chale Davenport.

Agora que a sala de estar e a cozinha estavam destruídas, seria mais difícil encontrar o estúpido saquinho de maldição. E se não estivesse aqui? Então eu não sabia o que fazer. Sem ela, eu não poderia reverter os efeitos da maldição. Eu precisava encontrar aquela maldita bolsa.

Dolores se afastou de Marcus e se juntou a mim.

— Não há tempo para isso. Precisamos deter o Silas. Marcus ficará no chão por pelo menos três horas. Com sorte, até lá já teremos encontrado Silas e o detido. Depois, voltaremos para ajudá-lo. Encontraremos a bolsa de maldição que o infectou e a destruiremos.

— Ele voltará a ser ele mesmo. Certo?

Eu estava morrendo de vontade de responder a essa pergunta.

— Ele não pode ficar preso assim. Pode?

A ideia de que Marcus ficaria para sempre mutilado fez meus níveis de pânico subirem novamente. Era um pensamento horrível, mas eu estava pensando nisso. Os outros metamorfos tinham se transformado em suas formas de fera sem problemas. Bem, os que eu tinha visto.

— Tenho certeza de que ele voltará ao normal quando destruímos a bolsa — disse Dolores, embora não parecesse convincente, e a expressão preocupada em seu rosto não ajudou.

— Vamos — ordenou Ruth. — O feitiço de localização está pronto. Vamos encontrar aquele bruxo que está destruindo nossa cidade.

E com isso, minhas tias saíram do Chalé Davenport. Minhas pernas pareciam hastes de metal enquanto eu mancava até a porta da frente, suada e ansiosa. Eu tinha uma sensação de vazio no peito, como se algo estivesse errado. Algo estava faltando.

Com a mão na maçaneta da porta, olhei para trás uma última vez, para Marcus, com os olhos marejados de lágrimas. A lembrança de seu rosto, a maneira como ele me olhava como se eu não estivesse ali, me assombraria por um tempo. Eu sabia que era a maldição, mas quando você passa por algo assim, é difícil esquecer.

E então fechei a porta.

CAPÍTULO 23

— Ele está em Highland Park — disse Ruth, inclinando-se sobre um mapa de Hollow Cove espalhado na ilha da cozinha, lá na Casa Davenport.

— Tem certeza de que ele vai ficar lá? — Inclinei a cabeça para trás e engoli outro gole do meu segundo frasco do tônico curativo de Ruth.

— Ele não se moveu desde que viemos buscá-la — respondeu Ruth enquanto colocava o frasco em sua grande sacola de pano.

Franzi a testa.

— O que ele está fazendo no parque?

— O que importa. O importante é que sabemos onde ele está. Vamos pegar o Volvo. Dolores me encarou.

— Você está pensando em usar as linhas Ley para chegar lá.

— Sim.

— Por favor, espere por nós antes de fazer qualquer coisa...

Ela fez uma pausa, uma palavra em seu lábio.

— Estúpida? — perguntei.

Dolores suspirou.

— Não estou dizendo que você não é uma bruxa capaz. Você é uma bruxa *muito* capaz. Mas estamos lidando com magia negra. Ela é imprevisível. É...

— Suja, eu sei.

A preocupação em sua testa apertou meu peito.

— Eu prometo, está bem? Eu vou esperar. Ficarei nas sombras e me certificarei de que ele não vá a lugar algum antes de vocês chegarem.

— Como um agente secreto! — gritou Ruth com entusiasmo.

Eu sorri para ela.

— Exatamente. Mas se vocês estiverem dispostas a viajar pelas linhas ley comigo...

Dolores me dispensou com um aceno de mão.

— Isso não será necessário. Nós temos um carro.

Beverly entrou na cozinha.

— É porque ela é velha e está com medo.

— Eu ouvi isso — resmungou Dolores.

— Faz tempo que nenhum de nós usa uma linha ley, então não sabemos como nossos corpos reagirão — concordou Ruth. — É melhor

levar o Volvo.

— Tudo bem — respondi, sentindo um pouco de pena por não podermos usar as linhas ley juntas. Teria sido muito especial.

— Então, como estou?

Beverly fez uma espécie de giro, como as modelos na passarela, exibindo seu belo físico em um par de jeans skinny e uma camiseta folgada sob uma jaqueta preta justa. Ela estava maravilhosa.

— Quem se importa com a sua aparência? — esbravejou Dolores. — Estamos indo prender um bruxo louco, não estamos indo a um encontro.

Beverly deu de ombros para o comentário da irmã como se não significasse nada, enrolando uma mecha de cabelo atrás da orelha.

— É importante estar em sua melhor aparência quando estiver enfrentando um homem. Mesmo que ele seja louco, você deve estar sempre no seu melhor.

Coloquei o frasco de cura vazio no balcão.

— Vejo vocês lá.

Dolores olhou para mim.

— Lembre-se do que eu disse.

— Sim, mestra — provoqueei, apreciando a carranca no rosto de Dolores. — Não farei nada até que você chegue lá.

Sem esperar por uma resposta, saí da cozinha e fui até a porta da frente, onde eu conhecia e já havia usado a linha ley que passava sob a Casa Davenport inúmeras vezes.

De frente para a porta da frente, inspirei minha vontade e estendi a mão para tocar a linha ley mais próxima. Uma onda de energia me atingiu quando ela respondeu. Preparando-me, estendi a mão e puxei a linha ley em minha direção, sentindo seu poder vibrar em meus ossos e dobrando-a até que estivesse quase lá.

Com um solavanco repentino, a energia da linha ley tremeu e depois desapareceu, como se a linha tivesse sido cortada.

Mas que diabos?

Com um novo senso de determinação, elaborei minha vontade novamente, alcançando o poder da linha ley. Ela parecia instável e incerta, chegando até mim em gotas, como uma torneira com defeito.

Droga. Isso já havia acontecido comigo antes com o demônio Vorkan. De alguma forma, o demônio havia me impedido de usar o poder da linha ley. E parecia que Silas tinha feito a mesma coisa.

— Aquele filho da puta — rosnei.

— Qual é o problema? — chamou Dolores da cozinha.

Estreitei os olhos quando me virei, vendo minhas três tias amontoadas no corredor.

— Silas — rosnei seu nome. — Ele jogou um pouco de pólvora negra em mim. Eu não tinha certeza do que era, mas agora eu sei. Não

posso usar as linhas ley.

Agora seu comentário "você vai ver" fazia sentido. O bastardo sempre odiou o fato de eu poder usar e dobrar as linhas ley enquanto ele não podia. Ele tinha inveja. E inventou um feitiço de magia negra para me impedir de usá-las.

A preocupação atraiu o rosto de Dolores.

— Vamos todas de Volvo.

Ela pegou o conjunto de chaves na cesta de vime e se dirigiu à porta da frente.

Ruth e Beverly corriam atrás dela, tentando acompanhar suas longas pernas, o que era impossível. Mesmo com sua idade, eu tinha a impressão de que Dolores poderia vencer todas nós em uma corrida.

Dolores abriu a porta da frente.

Imediatamente, fomos atingidas por gritos de raiva, rosnados e batidas de punhos na carne. Os paranormais estavam na rua, correndo e atacando uns aos outros. Uma horda de lobos, raposas e pumas se espalhou pela rua. Eles saíram correndo, com agilidade animal, em um borrão de dentes, pelos e rosnados. Suas mandíbulas estavam cheias de dentes afiados, prontos para rasgar a carne macia dos outros paranormais.

Contei trinta antes de perder a conta. Alguns correram em direção aos paranormais gritantes e furiosos, enquanto os outros desapareceram na rua escura.

— Isso é pior do que antes — murmurei, encolhendo-me quando um grande urso preto se atirou sobre um lobo muito menor.

— Depressa. Não deixe que eles vejam vocês.

Dolores correu para o Volvo estacionado na entrada da garagem.

Seguindo a orientação de Dolores, entramos todos no Volvo. Sentei-me no banco de trás, ao lado de Ruth. O cheiro antigo de couro e algo parecido com ervas invadiu meu nariz.

Meus pensamentos se voltaram para Marcus. Eu sabia que a criatura que me atacou não era ele. Eu estava preocupado com as ramificações de sua dualidade, tanto do homem quanto da fera.

Dolores colocou a chave na ignição e deu a partida. O Volvo fez um barulho estranho, semelhante a uma tosse, e depois nada.

— Droga.

Dolores girou a chave novamente, pisando no acelerador ao mesmo tempo e tentando dar a partida no motor. Mas, dessa vez, ela não conseguiu nem mesmo um pio do Volvo.

Beverly, sentada ao lado dela no banco do passageiro da frente, inclinou-se.

— O que há de errado?

O som do couro sendo puxado rangeu quando Dolores se virou em seu assento.

— Ruth! Você se esqueceu de desligar as luzes novamente. E agora a bateria está descarregada.

Ruth fez uma careta.

— Ops.

— Isso é ótimo.

Dolores bateu as mãos no volante.

Olhei pela janela e vi um homem nu correndo pela rua. Sempre há um pouco de nudez em nossa cidade. Pessoas correndo e nuas era o normal.

— Como vamos chegar até ele agora? Roubamos um carro?

Eu não sabia onde Marcus havia estacionado seu jipe, e a ideia de andar pela cidade tentando encontrá-lo enquanto tentava não ser comido por um grupo de lobisomens enlouquecidos não era a ideal.

— Tem que haver outra maneira.

— Há sim — disse Dolores de repente. Ela se virou e eu vi um brilho malicioso em seus olhos. Ela só tinha esse olhar quando estava planejando algo grande. — Meninas — disse ela, olhando para suas irmãs, — é hora de seguir a velha guarda.

Eu não tinha ideia do que ela queria dizer, mas, a julgar pelo enorme sorriso no rosto de Ruth, eu estava achando que era bom.

Eu me revirava em meu assento.

— Do que estamos falando?

— Vamos lá.

Dolores saiu correndo do Volvo, deixando a porta aberta, e correu em direção aos fundos da casa.

— Alguém pode me dizer o que está acontecendo aqui? De repente, estou sentindo uma sensação enorme de estar sendo deixada de fora — disse em voz baixa. Saí correndo do Volvo e deixei minha porta aberta também, não querendo alertar nenhum paranormal na rua. Vi de relance Dolores correndo pelo quintal.

— Para onde ela está indo?

Eu me apressei ao lado de Ruth, correndo na mesma direção que Dolores.

— Você vai ver — disse Ruth animada, segurando a bolsa como se fosse uma criança enquanto corria pela grama.

— Urgh — lamentou Beverly enquanto corria com seus saltos vermelhos de gatinho.

— Essa não é a roupa certa para isso.

Agora eu estava *realmente* curiosa.

A princípio, achei que estávamos indo para minha casa, o Chalé Davenport. Mas então Dolores passou por ela e continuou até chegar ao galpão do jardim e desaparecer lá dentro.

Barulhos altos de batidas vinham de dentro do galpão, junto com alguns xingamentos, enquanto todos nós nos amontoávamos do lado

de fora, esperando minha tia alta e o que quer que ela fosse trazer.

— O que ela está procurando?— perguntei, minha curiosidade me deixando impaciente. — Um barril de uísque?

— É só esperar — respondeu Ruth, com o mesmo sorriso no rosto, balançando sobre os calcanhares com os olhos arregalados de expectativa.

Fiquei olhando enquanto Beverly tirava os saltos e os enrolava nos dedos. Ok, agora eu estava ainda *mais* curiosa.

E então Dolores saiu do galpão. Em suas mãos, havia quatro vassouras antigas, do tipo que tem um tufo de gravetos na ponta.

As vassouras eram semelhantes, pois eram todas feitas da mesma madeira e tinham o mesmo conjunto de varas na ponta. Mas elas eram diferentes. Uma tinha um laço rosa e a outra era enfeitada com purpurina. A terceira tinha runas e símbolos cobrindo a maior parte da vassoura. A última era simples, como se ninguém tivesse se importado em dar um toque pessoal a ela.

Ruth bateu palmas e correu para pegar a vassoura com o laço rosa, assim como Beverly pegou a vassoura com o laço deslumbrante.

Dolores se aproximou de mim e me entregou a vassoura de aparência simples, guardando para si a vassoura pintada com runas.

— Aqui está. Esta era de sua mãe, mas ela nunca a usou.

Fechei a boca, percebendo que ela estava aberta, e peguei a vassoura. Não tenho certeza do que eu esperava sentir. Magia ou algo assim? Mas não senti nada, exceto a madeira fria contra minhas palmas.

— O que devo fazer com isso? — perguntei, agarrando-a com as duas mãos. Eu poderia usar uma vassoura para varrer a varanda dos fundos.

Dolores levantou o queixo.

— Você já viu uma bruxa voar?

Senti minhas sobranceiras alcançarem a linha do cabelo.

— Você não pode estar falando sério. Com isso? Essas coisas podem voar? Como em Harry Potter?

Dolores me encarou como se eu fosse um simplório.

— Harry Potter é ficção. Isso é a vida real. É claro que essas vassouras podem voar.

Fiquei olhando para a minha vassoura - bem, a vassoura da minha mãe - com um novo tipo de fascínio. Virei a vassoura em minhas mãos e até dei uma varrida na grama, sentindo seu peso.

— Onde está a magia? Não estou sentindo nada.

— Você vai conseguir quando subir nela — incentivou Ruth. — Como um interruptor. Ela está esperando por você. Não é emocionante?

— Sim.

Eu estava animada, um pouco apavorada, petrificada e com náuseas - todas as opções acima.

— Vamos, senhoritas.

Dolores subiu em sua vassoura. As runas e os sigilos esculpidos na madeira brilhavam em ouro. Com certeza, um formigamento percorreu minha pele, e o ar ficou mais denso com uma pulsação de energia quente. A magia da vassoura.

— Já faz algum tempo. Mas é como andar de bicicleta.

Seus olhos encontraram os meus.

— Não se preocupe, Tessa. Apenas segure firme e você não cairá.

— Claro, porque isso seria ruim.

Comecei a entrar em pânico, sem ter certeza de como me sentiria quando estivesse no ar. Será que eu tinha medo de altura? Acho que estava prestes a descobrir.

— Tania Titball caiu da vassoura uma vez — disse Ruth, com um pouco de irritação em seu tom. — Ela estava se exibindo. Tentando fazer um looping triplo.

Eu me atrevi a perguntar?

— O que aconteceu com ela?

Ruth levantou um ombro.

— Quase quebrou todos os ossos de seu corpo. Ela teve que ficar no hospital por um ano.

— Legal.

Fiquei ali esperando enquanto Ruth e Beverly subiam em seus brinquedos. Fui atingida por outra onda de magia que se espalhava pelo ar. As runas e os sigilos que eu não conseguia ver na escuridão de repente brilharam em dourado, como a vassoura de Dolores, e iluminaram seus rostos com uma luz suave antes de escurecer para um dourado mais sutil. Eu ainda podia ver as runas, mas era mais um brilho suave.

— Vamos, Tessa, suba em sua vassoura— incentivou Dolores. — Precisamos sair agora, antes que o Silas decida se mexer.

Assenti com a cabeça. Com o coração batendo contra o peito, em parte empolgada e em parte aterrorizada, fiz o que me foi pedido e subi na vassoura até ficar com a vara longa entre as pernas - sim, sei como isso soa. Uma onda de energia me invadiu. A vassoura ganhou vida, com um calor que formigou meus dedos. Senti a magia da vassoura pulsando na madeira, como o bater de um coração, como se a vassoura estivesse viva.

Um lampejo dourado saiu da vassoura enquanto a energia crepitava e fluía ao meu redor. Senti um leve formigamento em minha pele e uma sensação de peso em minha vontade. Estava funcionando.

A magia cresceu dentro de mim, formigando em meu âmagô, desde o topo da cabeça até os dedos dos pés.

A vassoura vibrava e sacudia, como um cavalo de corrida, ansiosa para ser solta e correr pelas pistas. Ela queria voar.

Eu *queria* voar.

— Sigam-me — ordenou Dolores. Ela deu um pontapé no chão e voou no ar, deixando um rastro de poeira dourada em seu rastro. Pairando seis metros acima de nós, ela se sentou em sua vassoura como uma piloto experiente - confiante, forte, capaz. Parecia que ela estava voando em sua vassoura há anos. Eu sorri. Ainda havia muito que eu não sabia sobre minhas tias.

Com os calcanhares enrolados nos dedos, Beverly deu um chute no chão e subiu no ar para se juntar à irmã. A mesma poeira dourada escorria como neve brilhante.

— Oi! — gritou Ruth, batendo na parte de trás da vassoura como se estivesse incentivando um cavalo a ir mais rápido.

Muito bem, é a minha vez.

Minhas mãos tremiam de adrenalina. Eu mal conseguia conter minha empolgação e meu medo de cair. Eu não tinha uma palavra poderosa para descrever a flutuação.

— Como faço para dizer a ela para subir? — perguntei, ofegante como se estivesse correndo.

— Você só precisa dar um pequeno puxão para cima — respondeu Dolores. — Virar é a mesma coisa. Você inclina a vassoura para o lado em que quer ir — disse ela, inclinando a vassoura para a esquerda para me dar uma demonstração enquanto ela navegava lentamente para a esquerda. Ela levantou a vassoura com as mãos, e a vassoura parou.

— Ok. Bastante simples.

Eu torcia para que sim.

— Aqui não vai nada.

Colocando as duas mãos no pescoço da vassoura - não sabia como chamá-la - dei um puxão para cima.

— Ahhhh! — gritei quando minha vassoura voou para o ar, e eu com ela. Meu corpo rolou para a direita. A vassoura também.

Ela continuou rolando, e eu com ela, até que fiquei de cabeça para baixo. Esforçando-me para manter a cabeça erguida, senti o peso do meu corpo me puxando para baixo, com a gravidade e tudo.

— Mantenha-se firme — disse Dolores. — Pare de se mexer, ou você vai cair

É fácil para ela dizer isso. Ela provavelmente voava em sua vassoura desde que usava fraldas.

Cerrando os dentes, dei outro puxão na vassoura, usando os músculos do estômago, que eu quase nunca usava se não fosse para me levantar do sofá. E eis que ela me colocou de pé novamente.

— Há! — eu disse com orgulho. — Moleza.

Não exatamente, mas eu estava começando a pegar o jeito.

Ruth riu.

Demorou um pouco para me acostumar com a sensação de pairar no ar, com as pernas penduradas em uma vassoura, a cerca de três metros do chão.

Eu estava voando em uma maldita vassoura! Eu não me importava com o quão clichê isso soava. Era incrível. Tudo o que eu precisava era de uma capa e um chapéu pontudo, e eu estava pronta.

Essa não era a mesma sensação de viajar com linhas ley. Com as linhas ley, eu tinha mais controle. Parecia que eu estava andando *dentro de* algo, embora invisível. Sempre pensei nisso como se estivesse dirigindo um carro muito rápido ou um jato. Eu não tinha medo de cair. Tinha mais estabilidade. Com uma vassoura, parecia mais como andar em uma corda bamba. Um movimento errado e eu cairia para a morte.

Dolores me observou com um sorriso orgulhoso no rosto. Ela não me dava esses sorrisos com frequência, então eu sabia que isso significava muito.

— Por aqui, senhoritas. Tessa, tente não olhar para baixo.

Dolores inclinou a vassoura para o oeste e, com uma explosão de poeira dourada, partiu, seguida por Beverly.

Ruth se virou para me olhar.

— Não se preocupe. Sua vassoura não o deixará cair. Ela se preocupa com seu piloto.

Ela soltou uma gargalhada e passou por mim.

Eu queria lhe dizer que ela tinha acabado de me contar sobre a amiga que tinha caído da vassoura, mas ela já estava muito longe.

Mantendo meus músculos centrais firmes, dei um pequeno puxão em minha vassoura.

— Vamos lá.

Fui pelos ares enquanto uma gargalhada escapava de mim. O vento passou pelo meu rosto, meu cabelo e minhas roupas ondularam atrás de mim enquanto eu alcançava rapidamente minhas tias. Dei uma olhada por cima do ombro e sorri para o belo rastro de poeira dourada.

Sim, eu poderia me acostumar com isso.

Subimos cada vez mais alto até estarmos bem acima dos telhados, e então estávamos navegando até mesmo acima das árvores. O que era isso? Uns quinze metros? Trinta?

Quando alguém lhe dizia para não fazer algo, você o fazia porque, por que diabos não? Depois de correr pelo céu por alguns segundos, olhei para trás e para baixo.

— Cacete! — gritei ao vento.

Os telhados eram em miniatura, como casas em um jogo de

Monopoly. Eu não tinha ideia de que havíamos voado tão alto. As casas se deslocaram e depois rolaram. Droga. A vertigem bateu e meu estômago revirou. Pude sentir o tônico curativo de Ruth querendo sair. Esforçando-me, forcei-me a olhar para frente. Não queria passar mal em meu primeiro passeio de vassoura. Seria um momento embaraçoso para mim - uma bruxa de Merlin que não conseguia voar um pouco. Minha carreira estaria encerrada.

Era aterrorizante e, ao mesmo tempo, estimulante. Não era todo dia que se voava em uma vassoura. Foi muito especial.

O Silas achou que tinha ganhado uma vantagem sobre mim ao desativar minha capacidade de usar as linhas ley. Mas o bruxo não fazia ideia de que minhas tias dirigiam vassouras voadoras.

Prepare-se, Silas. Estamos indo atrás de você.

CAPÍTULO 24

Chegamos ao Highland Park em cerca de oito minutos. Porque, primeiro, éramos incríveis e, segundo, andávamos em vassouras voadoras incríveis.

Não vou mentir. Era preciso muita disciplina e concentração para manobrar uma vassoura voadora a 30 metros de altura, sem nada para me salvar se escorregasse. Eu não tinha tempo para sonhar acordada ou pensar no meu namorado inconsciente no chão da sala. Um puxão ou contração errada e tudo estava acabado.

Mas também havia algo estimulante em sentir o vento no rosto, ser livre, ser intocável e ser uma fodona.

Eu podia ver por que minhas tias adoravam. Então, por que elas não faziam isso com mais frequência? Se eu soubesse das vassouras, estaria voando em uma pelo menos uma vez por semana. Ok, três vezes por semana. Está bem, sete.

Atrás de minhas tias, eu tinha uma boa visão das três, e foi por isso que vi Ruth fazer um sinal para Dolores e apontar para um lugar no parque. À noite, estando quase completamente coberto pela escuridão, exceto pelo luar que circundava o parque em tons de prata e cinza, eu podia distinguir grupos de árvores, grupos de bosques e algumas clareiras aninhadas ao redor de bosques. O parque parecia ter cerca de vinte acres ou mais, com muitos lugares para Silas se esconder.

Dolores olhou para mim por cima do ombro e apontou para baixo. Infelizmente, se havia uma clareira onde ela indicava, eu não conseguia vê-la.

— Para baixo. Consegui — gritei ao vento quando ela se virou e começou a descer.

Abaixo!

Ah, não. Ninguém me treinou na parte da aterrissagem.

Minhas entranhas se contraíram quando segui minhas tias e abaixei a frente do meu traseiro em direção a uma clareira no parque, meu corpo tenso de medo. Meus olhos lacrimejaram enquanto eu ganhava velocidade, apertando os olhos contra o vento. Agora que eu estava mais perto, pude ver Dolores mergulhando lentamente em direção a uma pequena clareira entre algumas árvores. Um momento depois, ela tocou o chão com habilidade e parou.

Exibicionista.

Beverly foi a próxima, e ela também aterrissou suavemente, mesmo

descalça.

Ruth veio em seguida, aterrissando em uma corrida, e eu juro que pude ouvi-la rir. Ela parou e se virou para acenar para mim. A luz da lua brilhava em seus dentes.

Meu coração ficou preso na garganta quando o chão se aproximou. Eu mal conseguia sentir minhas mãos e dedos porque estava pendurado no cabo da vassoura com muita força. Instintivamente, mantive a frente da vassoura nivelada e inclinada para cima a cada poucos segundos, pensando que era assim que se fazia. Como eu disse, ninguém havia me treinado para a descida.

O solo estava quente. Era agora ou nunca. Meus músculos se contraíram por todo o corpo enquanto eu me preparava para a aterrissagem. Ou impacto, dependendo do ponto de vista.

— Recue!

Ouvi Ruth gritar.

— Você está vindo muito rápido! — gritou Dolores.

— Dobre os joelhos! — gritou Beverly.

Três.

Dois.

Um.

Eu caí no chão.

Senti dores nas pernas e nos tornozelos quando meus pés bateram no chão, vibrando até o crânio. Quando dei por mim, estava virando de ponta-cabeça. Fiquei no ar novamente por cerca de quatro segundos e perdi todo o senso de direção. Eu estava em cima ou embaixo? Até que atingi o chão novamente, de cabeça e com a boca cheia de grama e terra. O osso do meu quadril ardia de dor quando batia em algo duro como uma pedra.

Meu primeiro pensamento foi:

— Graças ao caldeirão, estou viva.

O segundo foi que essa não era exatamente a aterrissagem legal que eu tinha imaginado na minha cabeça.

Cuspindo um pouco de grama e terra, rolei de bunda no chão. Olhei para a vassoura da minha mãe caída na grama a três metros de mim. Eu nem me lembrava de tê-la deixado cair.

— Bem, isso foi divertido — resmunguei.

Dolores olhou para mim.

— Você precisa melhorar sua aterrissagem.

Eu a encarei.

— Sim, bem, não é como se eu tivesse tido algum treinamento.

Beverly riu enquanto colocava seus pés minúsculos e perfeitos em seus saltos. Parte de mim queria agarrá-los e jogá-los na floresta.

— Você foi muito bem.

Ruth segurou meu braço e me puxou para cima.

— Como está se sentindo? Alguma coisa quebrou?

Ela revirou os olhos sobre mim, procurando por algum ferimento, com a mão livre em volta de um pequeno frasco de vidro com um líquido espesso e rosa que parecia muito com Pepto Bismol, que eu suspeitava ser algum tipo de poção de "reparo ósseo".

— Tirando meu orgulho ferido, estou bem.

O que foi um milagre. Minhas pernas ainda estavam tremendo, seja pela adrenalina ou pelo impacto, mas, fora isso, eu estava inteira.

— Para que lado, Ruth? — perguntou Dolores.

Ruth colocou o frasco de volta em sua bolsa. Depois de remexer nela por um segundo, ela retirou o que parecia ser uma pedra de rio cinza e plana. Ela a segurou na palma da mão, movendo-a lentamente para a esquerda. Quando nada aconteceu, ela a moveu para a direita. A pedra brilhou em um tom laranja intenso, iluminando seu rosto como se ela estivesse segurando uma vela.

Ruth fez um gesto com a pedra brilhante.

— Por aqui.

— Vamos lá. Falem baixo. Não queremos alertá-lo.

Dolores se afastou para a esquerda, com a vassoura na mão.

Eu queria dizer que minha aterrissagem tinha sido um pouco barulhenta com seus gritos, mas me calei.

Todas nós seguimos Ruth e sua pedra localizadora, eu com a vassoura da minha mãe na mão, embora não estivesse mais sentindo o amor. A maldita coisa poderia ter me ajudado um pouco. Era mágica. Parte de mim queria arremessá-la, mas não era minha para isso. Eu também tinha a estranha sensação de que ela encontraria o caminho de casa se eu a jogasse.

Caminhamos em silêncio pelo que pareceram cinco minutos, com o ranger de folhas e galhos sendo o único som. Não havia grilos, sapos de árvore ou qualquer outro bicho noturno. O silêncio era total.

E foi então que as coisas ficaram estranhas.

Quanto mais caminhávamos, mais as árvores pareciam escassas. Fiquei olhando para o que eu supunha ser um grande carvalho. Ele não tinha folhas, o que não era normal nessa época do ano. Sua casca estava descascando e rachada, como se estivesse doente ou infestada de insetos. Quanto mais eu olhava ao redor, mais notava que nenhuma árvore tinha folhas em seus galhos. Até mesmo um pinheiro jovem havia perdido todas as suas agulhas. As árvores e os arbustos estavam nus e enegrecidos, e a grama e as flores silvestres tinham secado e virado cinzas. Parecia que algum vazamento tóxico havia infectado toda essa área do parque, e o ar estava impregnado com o cheiro de decomposição.

Parei e coloquei a mão no tronco da árvore mais próxima, sentindo a casca seca e quebradiça contra a palma da mão.

— Isso é por causa do Silas?

O rosto de Dolores era uma mistura de tristeza e raiva.

— Sim. A magia negra é alimentada pela extração da vida de seres e coisas vivas. Ela consome suas energias, destruindo-os completamente no processo. Ele está extraindo as energias vitais do parque. As árvores, as flores, tudo. Tudo está morto e nunca mais voltará.

Ruth jurou.

— Eu o odeio. Como ele pôde fazer isso? As árvores nunca fizeram nada com ele. Algumas dessas árvores têm duzentos anos de idade. Isso é assassinato.

Tive que concordar com ela nesse ponto. E então me dei conta. Todas aquelas plantas mortas que eu tinha visto na casa dos Miller e na casa do Bernard não eram porque não tinham sido regadas. Era o Silas.

— Quando ele sentir o gosto do poder de cada pessoa viva e animal, ele não vai parar

— disse Dolores. — Não serão árvores e grama. Serão pessoas e cidades inteiras.

Continuamos a seguir Ruth. Quanto mais adentrávamos o parque, mais desoladas e mortas ficavam as árvores e os arbustos, até parecer que estávamos caminhando em um deserto.

Ouvi os cânticos antes de vê-lo. A voz era escura e sinistra, as palavras eram ininteligíveis ou em um idioma que eu não conhecia. Mas eu reconheceria aquela voz em qualquer lugar.

A densidade da floresta diminuiu e entramos em uma clareira com o que provavelmente havia sido grama alta e flores silvestres ondulantes, mas agora era terra e cinzas. A terra era estéril e doentia, como os efeitos da radiação.

No meio da clareira, havia um homem curvado sobre uma fogueira com chamas altas e verdes. Ele usava uma túnica escura sobre seu corpo emaciado. A figura encapuzada se levantou e se virou. Tinha uma forma humanoide e usava uma capa e um capuz pesados e pretos que escondiam todos os detalhes possíveis de seu rosto. No entanto, isso não fazia nada para esconder aqueles olhos amarelos brilhantes. Silas.

Ele parecia ainda menos humano do que da última vez que o vi, que não foi há muito tempo. Mesmo sob a capa, pude ver que seu corpo estava murcho e distorcido. Um fantasma do Mundo Inferior. Uma coisa.

Ele estava em um círculo do que pareciam ser ossos, ossos humanos, após uma inspeção mais detalhada. Dois corpos estavam ao lado do fogo. Digo corpos porque pareciam cadáveres de duzentos anos de idade, exsanguinados, sem todo o seu sangue e força vital. Era

impossível dizer se eram homens ou mulheres. Seus rostos estavam muito afundados.

Mas Silas se inclinou sobre um terceiro corpo. Filamentos finos, verdes e semelhantes a véus estavam se afastando do corpo dela como uma mão gigante e entrando em sua boca. Eu me senti mal. Isso me fez lembrar de Derrick, o incubus, e de como ele usava o poder das bruxas, de como ele quase matou Iris.

O corpo da mulher se encolheu diante de nossos olhos, dobrando-se sobre si mesmo, e o estalar dos ossos me fez sentir um calafrio. E então as gavinhas verdes desapareceram. A energia vital daquela pessoa havia sido completamente drenada.

— Desgraçado — eu disse, provavelmente alto demais.

Silas olhou para cima. Ele sorriu, esticando o rosto de forma grotesca para parecer mais animalesco. Suas bochechas se projetavam, cortando a carne, e seus olhos estavam encovados, como se ele tivesse deixado de comer no último ano.

— Ah, as bruxas de Davenport. Nos encontramos novamente. Imagino que esta não seja uma visita social? Sua voz era gutural, soando mais como uma criatura tentando aprender a falar nossa língua. Era como se ele estivesse perdendo o que restava de humanidade nele.

Dei um passo à frente entre minhas tias.

— Adorei o que você fez com o lugar. Como você chama isso? Delícia pós-radiação? Retiro de terra arrasada?

Os olhos amarelos de Silas nos observaram.

— Vocês trazem vassouras como suas armas preferidas? O que estão planejando fazer? Varrer?

Seu tom era zombeteiro, equilibrado e fervilhava com absoluta convicção.

Ergui uma sobrancelha.

— Se isso puder varrer sua bunda feia para o inferno, sou totalmente a favor.

Estendi a mão para a fonte de meu poder. O frio surgiu quando meu poder demoníaco despertou, e deixei a magia gelada e selvagem correr pelas minhas veias, esperando para ser liberada.

Outra onda de energia que reconheci me atingiu.

Os lábios de minhas tias se moviam, suas mãos gesticulavam enquanto suas roupas e cabelos se erguiam e sopravam em uma brisa invisível. Os cabelos de minha nuca se arrepiaram com o aumento repentino de poder, um monte de poder. O poder tocou minha pele como a correnteza de um rio, uma corrente forte e poderosa.

— Vocês acham que pode me impedir? — riu Silas, com o som úmido como se sua garganta estivesse cheia de muco. — Vocês não podem me deter. Sou muito poderoso.

Ele estendeu os braços. Filamentos verdes se estenderam pela clareira, passando por todas as árvores mortas até as saudáveis. Seus olhos brilhavam com a mesma luz verde enquanto ele absorvia as energias das árvores.

— Precisamos parar com isso — eu disse.

Com um estalo, as gavinhas verdes desapareceram. Silas se levantou, seus olhos brilharam com uma luz verde por um momento antes de escurecerem e voltarem ao vermelho.

E então ele estendeu as mãos.

Uma explosão de poeira negra saiu de suas palmas.

E ele veio direto para nós.

CAPÍTULO 25

Instintivamente, puxei os elementos ao meu redor, mesmo que alguns deles tivessem desaparecido, pensando em um escudo de proteção para mim e minhas tias. Então percebi meu erro. Ele havia matado os elementos da natureza de propósito. E minha magia elementar não funcionou com ele.

Entrei em pânico por um momento, pois não conhecia meu poder demoníaco bem o suficiente para conjurar algum tipo de parede protetora improvisada. As lições de meu pai ainda não tinham chegado a esse nível.

Dolores me empurrou para trás e pulou no caminho da bola de pó de magia negra. Depois, segurando a vassoura como se fosse um taco de beisebol, ela a deixou balançar.

A vassoura fez contato com a bola de poeira preta. Ouvimos um estalo como um trovão, e uma explosão de luz dourada iluminou a clareira da floresta por alguns segundos, como se fosse dia. Em seguida, minúsculos flocos de ouro caíram do céu, cobrindo o chão com manchas aureoladas. A bola de magia negra do Silas havia sido literalmente varrida.

O alívio e o orgulho encheram meu peito, e a expressão de choque e decepção no rosto de Silas foi a cereja do bolo.

Olhei para minha vassoura com um renovado senso de admiração.

— Como você sabia que funcionaria? — perguntei a Dolores.

Ela olhou para mim e disse:

— Eu não sabia.

Então, tudo bem.

Olhei para o Silas, bem, o que restava dele. Ele se parecia cada vez mais com uma coisa nascida das entranhas do Mundo Inferior e menos com o bruxo tatuado que eu tinha passado a odiar.

Um cântico sombrio foi emitido por Silas. E novamente, filamentos verdes brotaram dele e se estenderam pela clareira até qualquer folha de grama, árvore ou animal que ele pudesse alcançar. Se ele continuasse, todas as árvores e vegetações de Hollow Cove morreriam.

O vento aumentou violentamente, espalhando poeira e folhas secas por toda a área. Afastei os cabelos dos olhos, tentando enxergar.

— Z'ac ick na'im — ele gritou. Ele bateu palmas e uma parede de poeira negra se ergueu do chão, alcançando o alto das árvores mortas como uma onda gigante. Tiros de gelo subiram pela minha espinha

enquanto eu olhava para uma massa ondulante de escuridão. A maré negra de poeira suspirou e se abriu como uma boca faminta. Ela ia nos engolir inteiros. Provavelmente nos sufocaria até a morte com sua magia negra.

— Preparem-se! — gritou Dolores, com a vassoura na mão.

Beverly e Ruth se juntaram à irmã com as vassouras nas mãos, como se estivessem prestes a bater naquela onda.

Seguindo o exemplo deles, peguei minha vassoura com a ponta para cima e corri para enfrentar a onda de magia negra.

A onda gemeu - realmente gemeu - como uma fera gigante ao cair sobre nós.

Juntas, minhas tias e eu pegamos nossas vassouras e atacamos a onda.

Uma força invisível atingiu a parede de poeira negra como uma bala de canhão. A nuvem de poeira se solidificou por um momento, cristalizando-se, com sua grande boca logo acima de nossas cabeças, como a boca gigante de uma fera. E então a onda se despedaçou com um estrondo ensurdecedor, enviando pedaços de rocha afiada que caíram de cima.

— Para trás! — gritei, dando um tapa na Ruth enquanto saltava para fora do caminho. Uma grande pedra, ou o que quer que fosse, bateu no chão onde estávamos há um segundo.

Outro grande estrondo reverberou ao meu redor, aos meus pés. Eu me virei. E, em meio à poeira e aos detritos, olhei para os montes de restos da onda negra de Silas no chão como uma enorme colcha.

Beverly tossiu e acenou com a mão na frente do rosto.

— Vou precisar de um banho depois disso.

Dolores rosnou e chutou um dos cacos cristalizados para fora do seu caminho, com um olhar orgulhoso e satisfeito no rosto.

Sim, nós éramos incríveis.

— Nós, bruxas, somos mais fortes do que você pensava, não é? — gritei para Silas, girando minha vassoura como um bastão, e muito mal, devo acrescentar. Éramos uma maré de destruição, e Silas não tinha para onde ir. Em cerca de dois minutos, eu iria acertá-lo na bunda com minha vassoura mágica. Mas seu sorriso presunçoso não era o que eu esperava ver naquele rosto murcho.

— As forças dos mundos concederam à sua família uma grande dádiva — disse Silas. — As forças são poderosas em você.

— O que é isso? *Guerra nas Estrelas*?

Eu ri. Não pude evitar.

Seus olhos se fixaram em mim.

— Ainda assim, mesmo esse grande presente — continuou o bruxo, criatura, o que quer que seja, — não as salvará esta noite. Esta noite, todas vocês morrerão.

— É, acho que não — eu disse a ele, levantando minha vassoura até o ombro. — São quatro contra um. Eu diria que as chances estão a nosso favor.

Os olhos de Silas brilharam em um tom esmeralda escuro enquanto ele puxava alguma força vital invisível em algum lugar próximo.

Eu estava ficando cansada disso. Ele já havia causado danos suficientes à nossa cidade.

— O que você quer? Destruir toda a Hollow Cove porque eu moro aqui? Porque eu lhe dei uma surra?

Tinha sido um chute incrível. E ele o mereceu totalmente na época.

— Você não acha que exagerou um pouco?

— Eu nunca vou parar — continuou o bruxo. — Não até que todas as almas desta cidadezinha patética estejam mortas. E o nome Davenport será apagado. Ninguém jamais se lembrará de você.

— Esse cara é maluco — disse Beverly, revirando os olhos. — Como se isso pudesse acontecer. — Ela colocou a mão no quadril. — Use seu feitiço, Dolores. Está na hora.

Olhei para minhas tias, sem saber de que feitiço elas estavam falando.

— Que feitiço? — murmurei, não tendo certeza se Silas tinha superaudição com seu poder de magia negra.

Dolores manteve seu foco em Silas. Linhas pesadas marcavam seu rosto enquanto ela pensava sobre isso.

— Uma coisinha em que trabalhei enquanto você estava com Marcus. Você disse que sua magia elementar não funcionava, então eu fiz algumas melhorias.

— Legal — eu disse, impressionada com a esperteza da minha tia.

Dolores retirou uma pequena bolsa de couro das dobras de sua jaqueta.

— Levará um momento para conjurar o novo feitiço e extrema concentração. Tessa, preciso que você fique de olho nele. Avise-me se ele tentar alguma coisa. Senhoras. Preciso de vocês.

Eu me afastei enquanto minhas tias começavam a entoar cânticos e formavam uma fila, de frente para Silas. Minha pele formigou com a energia quando senti a magia dos elementos se elevando no ar da noite, conduzida por minhas tias.

E Silas apenas ficou ali, com os olhos observando e esperando. Era assustador. Eu não gostava disso. Mas, claramente, ele não nos considerava uma ameaça.

Os cânticos de minhas tias ficaram mais altos. Da bolsa de couro, Dolores despejou um pequeno cristal em sua palma. O cristal brilhou e reluziu com um brilho branco interno, iluminando as linhas do rosto de Dolores.

Ela fez uma série de gestos rápidos com a mão livre, e o cristal

queimou em um branco brilhante.

E então ela o jogou.

O cristal voou em linha reta e com precisão, como se ela estivesse praticando há anos.

Foi atingido.

Silas desapareceu em uma explosão de luz branca brilhante, iluminando todo o parque com o que parecia ser a luz do sol sem o calor.

Eu estava esperando alguns gritos. Talvez um pouco de choro. Mas nada.

Pisquei os olhos diante da luz brilhante. Um momento depois, ela diminuiu. Silas estava exatamente no mesmo lugar. Uma teia de luz branca o envolvia como uma rede mágica, prendendo seus braços e pernas. Sua cabeça estava baixa, então não pude ver seu rosto, mas pude imaginar a carranca. Isso me deixou tonta por dentro.

Fiquei olhando para Dolores.

— O que é isso? E... posso ter um desses, por favor?

Dolores sorriu presunçosamente.

— É um encanto de teia. Uma magia *de nível* excepcionalmente alto.

Ruth bufou, revirando os olhos.

Dolores fez um gesto com o dedo para Silas, que ainda não tinha olhado para cima.

— Fiz algumas alterações para ajustá-lo à magia negra.

— Funcionou.

Dolores mostrou os dentes.

— Eu sei.

— Ora, ora, ora — eu disse, caminhando para a frente. — Parece que pegamos alguma coisa.

Olhei por cima do ombro.

— Bom trabalho, Dolores.

Dolores tirou uma mecha de cabelo dos olhos, com o queixo erguido.

— Nunca duvide de uma mente inteligente.

Ruth suspirou, balançando a cabeça.

— Agora, nunca mais ouviremos o fim disso.

— Ela adora tirar sarro de todo mundo — comentou Beverly.

Eu ri.

— É verdade.

Eu não me importava com quem havia capturado o bruxo. Só estava feliz por ele estar preso. E eu não tinha nem suado. Não parecia que Silas iria a lugar algum em breve.

Atravessei a clareira até ficar cara a cara com meu velho amigo tatuado.

— Tenho perguntas para você — disse a ele, tentando espiar a carranca de fracasso total em seu rosto estúpido sob o capuz grosso, mas tudo o que vi foi sombra. Dei uma olhada na rede. — Você parece uma árvore de Natal. Eu gosto disso.

Silas não se mexeu.

— Há um saco de maldição em minha casa? No chalé menor? — Eu duvidava que ele fosse responder, mas pouparia meu tempo se eu pudesse encontrá-lo e destruí-lo. Por outro lado, eu duvidava que a Casa o deixaria entrar, sentindo a magia negra. Mas eu tinha que ter certeza. — Ei, estou falando com você.

Lentamente, Silas ergueu a cabeça, e eu contive um grito.

Dobras de pele, esticadas e puxadas, caíam sobre o que antes era um rosto - um rosto que eu queria chutar, mas ainda assim um rosto. Seu olho esquerdo estava anormalmente mais baixo do que o direito, em algum lugar próximo à maçã do rosto. Parecia que ele estava derretendo. Ou isso, ou ele estava mudando, transformando-se em uma criatura consumida pela magia negra. Ele era muito pior de perto, e eu me senti dando um passo para trás. Acredite em mim. Você também teria feito isso.

— Não sou mais tão bonito, não é mesmo? — disse ele, com hálito fétido, como nada que eu já tivesse cheirado.

Prendi a respiração.

— Você nunca foi bonito. Você sempre foi um idiota.

Silas riu, o som parecia uma lixa em minha pele.

— E você sempre foi uma cadelinha irritante.

Eu sorri.

— Você pode me chamar do que quiser. Eu não me importo. Você já era. Nós o pegamos. E você vai ter uma vida longa e agradável na prisão das bruxas. Você será a cadela de alguém em pouco tempo.

Silas riu de novo e, dessa vez, isso revirou meu estômago.

— Você acha que me pegaram? Vocês não sabem de nada.

Antes que eu pudesse reagir, o encanto da teia se deslocou e se dissolveu até não restar mais nada. Era como se nunca tivesse existido.

Oh. Que merda.

Eu cambaleei para trás.

— Pessoal! Não funcionou! A teia caiu! — gritei, voltando o mais rápido que pude, apavorada demais para olhar para qualquer outra coisa que não fosse o rosto satisfeito do Silas... ou o que costumava ser o rosto dele.

Puxei meu poder demoníaco, amaldiçoando-me por tê-lo deixado escapar antes. Eu meio que esperava que Silas me jogasse uma de suas bolas pretas - sim, isso soa estranho -, mas ele apenas ficou ali.

Consegui chegar até minhas tias.

— E agora?

— Por que ele está parado ali? — perguntou Beverly.

Boa pergunta. Muito boa pergunta.

— Ele nem sequer tem medo de nós — disse Ruth.

— Não gosto de como ele é arrogante — disse Dolores. — Parece que... ele ainda não terminou.

— Como se ele estivesse planejando algo grande — eu disse a elas.

Silas começou a entoar cânticos mais uma vez, e sua voz assumiu um tom de satisfação cruel e rancorosa enquanto ele continuava o encantamento. Sílabas de magia negra trovejaram de seus lábios.

Então, ouvi o som de muitos pés vindo em nossa direção por trás de nós.

Eu me virei.

— Ok, odeio surpresas — disse eu, olhando para a escuridão. — Alguém pode me dizer o que é isso?

— Parece uma manada de rinocerontes — disse Ruth.

Eu não tinha certeza disso, mas ela estava certa em uma parte. Definitivamente, era uma horda de algum tipo.

Os pelos da minha nuca se arrepiaram quando gritos vieram de algum lugar atrás da clareira. O vento se tornou um uivo e, ainda assim, Silas cantava. Cada vez mais alto, até que formas e coisas começaram a se formar em torno da abertura da clareira.

Pessoas, metamorfos e weres entraram na clareira. Cerca de quarenta eram fortes, cuspiendo e sibilando como animais raivosos, até que fomos cercados.

— Bem. Isso não é bom.

Girei no local.

— Esse era o plano dele. O desgraçado queria que aparecêssemos aqui. Parece... parece que ele os está controlando.

— Como um necromante — concordou Dolores, com medo real em seu rosto. — Ele os está pilotando.

— E agora? — perguntou Beverly. — Nossa magia não funciona com ele. Mas não vou deixar que os amaldiçoados me matem.

— Ela tem razão — disse eu, olhando em volta, com uma sensação de mal-estar no estômago. Meus olhos reconheceram um dos amaldiçoados. — Eu gosto do Sr. Pratt. Ele faz um ótimo cachorro-quente vegetariano. Mas se ele tentar comer meu rosto, terei de me proteger.

— Mas não podemos machucá-los — disse Ruth. — Eles são nossos amigos. Nossos vizinhos. Não é culpa deles. Eles são amaldiçoados.

— Precisamos de um plano.

Dolores estreitou os olhos, e pude ver sua mente trabalhando em excesso.

Silas riu maniacamente.

— Matem as bruxas! — gritou ele. — Matem todas elas!

Como um só, o grupo de paranormais, alguns em forma humana, outros em suas formas de animais, voltaram sua atenção para nós. Seus olhos amarelos estavam arregalados e perscrutadores, como se estivessem tentando decidir quem devorar primeiro.

— São muitos.

Meu coração se agitou em meu peito.

— Espere - é isso? Aquele é o Gilbert?

Perguntei a ninguém em particular.

Com certeza, o pequeno e sujo metamorfo coruja, vestindo seu habitual terno marrom e gravata borboleta que pertencia aos anos 80, avançou. Seus olhos estavam enlouquecidos enquanto procuravam por algo. Alguém.

Ele uivou e correu loucamente.

— Oh, merda.

E você adivinhou. Ele estava vindo direto para mim.

CAPÍTULO 26

Não vou mentir e dizer que nunca havia sonhado em dar uma surra na corujinha. Ele realmente merecia uma boa surra.

Mas, infelizmente, esse não era o dono da mercearia irritante e ranzinza. Ele era como seu gêmeo maligno. E Gilbert não estava no controle de si mesmo. Não seria justo. Bem, mais ou menos.

Ouvi o murmúrio de alguns cânticos, e um escudo azul de proteção em forma de esfera brotou do chão e se enrolou sobre as cabeças de minhas tias, envolvendo-as - sem mim.

— Ei? Que diabos? — gritei, vendo Dolores através da esfera semitransparente.

Ela apontou para mim, sem parecer culpada de forma alguma. Mas atrás dela, Ruth estava com o rosto vermelho e parecia muito culpada.

— Você é a única pessoa que pode derrotá-lo agora. Com sua magia demoníaca — acrescentou, como se isso explicasse tudo.

Ainda assim, teria sido bom estar dentro de uma bolha protetora enquanto eu formulava algum tipo de plano. Infelizmente, as coisas não estavam funcionando como havíamos pensado inicialmente. Eu não conseguia pensar direito enquanto uma versão maluca de Gilbert percorria a esfera de minhas tias, enquanto outros paranormais se lançavam sobre o globo, batendo e chutando. A única coisa boa disso tudo era que a horda se concentrava na esfera, não em mim. Todos, com exceção de um.

Os olhos de Gilbert se fixaram nos meus. E então ele rosnou como um lobo. Com um rosnado, ele saltou sobre mim, com os dedos curvados em garras.

— Sério? Você não deveria ser uma coruja? Você não pia?

Com as mãos estendidas, o pequeno metamorfo atacou. Ele estava indo para a minha garganta. Mas, por ser tão baixo, suas mãos agarraram meus seios.

Em outro momento, eu poderia ter rido. Mas não era o caso.

— Seu pervertido!

Afastei suas mãos com um tapa e o empurrei para trás. Ele era muito mais pesado do que eu pensava e mal se mexeu. Seu rosto se contorceu em uma careta de raiva descontrolada. Mais uma vez, ele rosnou e mergulhou em mim. Instintivamente, puxei os elementos.

— Infilutis!

Por minha vontade, uma explosão de energia cinética saltou de

minhas mãos estendidas em direção a Gilbert.

Ela o atingiu em cheio no peito. A força do golpe o jogou para trás uns seis metros e ele se chocou contra o tronco de uma árvore grossa.

Ele rolou para o lado, seus olhos se moviam para todos os lados ao mesmo tempo. O sangue escorria dos cantos de sua boca e orelhas.

— Droga.

A culpa me atingiu. Eu não queria machucá-lo. Droga. Esse era o Gilbert. Ele era irritante como o inferno, mas inofensivo.

Olhei para o outro lado da clareira e vi Silas observando, com uma expressão presunçosa no rosto. Ele estava gostando disso. Ele queria que eu matasse Gilbert e possivelmente os outros.

— Vocês já pensaram em um plano? — gritei para minhas tias.

— Ainda não — respondeu Dolores, levantando o punho para um dos paranormais, que estava ocupado tentando comer a esfera.

Gilbert se levantou e tossiu um pouco de sangue. Seus olhos se estreitaram ao me ver.

— Você me deve dinheiro! — ele gritou e veio para cima de mim novamente.

Ok, isso foi muito estranho.

Se eu o atingir novamente com minha magia, posso matá-lo.

Procurei no chão por algo, qualquer coisa que mantivesse o pequeno metamorfo longe de mim. Finalmente, meus olhos pousaram em uma grande vara de madeira. Não era uma vara. A vassoura da minha mãe.

Pulei para o lado e peguei minha vassoura, sentindo o cabo de madeira zumbir com força, exatamente quando Gilbert atacou.

— Meu dinheiro! — gritou ele.

— Você é louco — gritei de volta. Girei e bati em sua cabeça com a vassoura. Com um pouco mais de força do que eu pretendia. Ops.

Faíscas douradas voaram com o contato. Os olhos do metamorfo se arregalaram. Ele balançou por um segundo e depois caiu como uma árvore morta.

Eu me inclinei sobre ele.

— Fique abaixado.

Parte de mim temia que eu o tivesse matado. Ajoelhei-me e examinei seu pescoço. Um pulso constante encontrou meus dedos. Ele estava vivo.

Agarrei a vassoura com força.

— Você não é cheia de surpresas? — Como que em resposta, senti uma vibração no cabo. Talvez o fato de andar com ela tenha despertado seu poder.

Meu alívio foi interrompido quando um movimento chamou minha atenção. Dois paranormais saíram da esfera e estavam vindo direto para mim. E depois mais três.

— Ótimo. Seus amigos querem um pouco de ação.

Eu me endireitei com minha vassoura na mão. Eu estava pronta.

— Está na hora da varredura.

Uma mulher paranormal, que nos segundos em que estava avançando, reconheci como a linda garçonete ruiva do Hairy Dragon Pub, atirou-se sobre mim.

Deixei minha vassoura voar. Ela bateu em sua cabeça. Assim como aconteceu com Gilbert, faíscas douradas voaram onde as cerdas entraram em contato, e ela caiu inconsciente.

— Isso é por olhar para o Marcus com luxúria em seus olhos. Não pense que eu não notei. Eu notei.

— Vadia. Vou matar você — disse uma voz à minha direita.

Girei, com minha vassoura estendida como um remo, e ela atingiu a cabeça de um paranormal grande e corpulento.

No momento em que ele cambaleou e caiu, outro paranormal masculino atacou.

E eu respondi com outra pancada com minha incrível vassoura. Ele se contorceu como se tivesse sido eletrocutado e caiu de cara na terra.

— Ah-ha! — disse eu, entusiasmada com minha habilidade e força extraordinárias. Até fiz uma pequena dança com minha vassoura.

Mas minha dança foi prematura.

Ouvi alguém gritar, possivelmente Ruth, mas já era tarde demais.

Algo frio, escuro e empoeirado atingiu meu rosto. Dessa vez, também o inalei.

Ele se moveu tão rápido que não tive tempo de reagir.

Uma dor fria e gelada queimou minhas entranhas, como se meu sangue fosse lava derretida, queimando-me por dentro. Os ossos de minhas pernas não conseguiam me sustentar e caí de joelhos como se eles também tivessem sido derretidos.

Eu não conseguia respirar. Aquele pó de magia negra envolveu meus pulmões, sufocando-me. Eu podia senti-lo entrar em meu corpo, em meu sangue, como um vírus mortal de ação rápida. Dessa vez, eu não tinha certeza se conseguiria sobreviver.

Uma forma se ergueu sobre mim. Olhei para cima e pisquei para o rosto de Silas.

— Você não pode usar sua magia em seu povo sem matá-lo — rosnou o bruxo.

— Não pode usar suas linhas ley. Você não pode mais fazer nada. Você está acabada.

Suas palavras soaram verdadeiras. Silas estava nessa coisa de magia há muito mais tempo do que eu. Ele era maior, mais rápido e mais poderoso. Eu não achava que conseguiria destruir sua magia negra. E agora ele havia me amaldiçoado, me envenenado com sua magia negra.

Palavras guturais saíram de Silas, e senti a pulsação fria de sua magia negra se intensificar. Tossi, tentando respirar. E o medo me atingiu quando vi sangue respingar em minha calça jeans.

Silas me deu um sorriso malicioso, sua magia negra pulsando dentro de mim como um ser vivo. Ele a estava controlando.

— Você é mais fraca do que eu pensava. Praticamente humana sem suas linhas ley. Os bastardos sempre são assim. Estou aqui para remediar isso. Sangue será derramado. Seu, não o meu. Sua morte é inevitável. Ninguém jamais se lembrará de você.

Tentei desafiá-lo com palavras, mas elas não vinham. Eu não conseguia respirar para formulá-las.

Ele me observou, e seu sorriso se tornou mais largo, mais macabro e sinistro.

Uma risada sombria ressoou no peito de Silas.

— Sim. Melhor do que eu imaginava.

— Vai se... foder...

Consegui dizer com o último suspiro.

A bruxo soltou uma risada baixa e disse:

— Talvez eu faça isso. Você gostaria disso. Não é mesmo?

Ele murmurou em uma língua estranha, e eu gritei quando senti que meus órgãos estavam se liquidificando.

— Tessa! Se você vai fazer alguma coisa, faça rápido!

Olhei para a esfera de minhas tias. Dez paranormais estavam ao redor do globo, com energia verde e vermelha saindo de suas mãos estendidas. Bruxos. O escudo se deslocou. Lágrimas se espalharam ao redor dele como uma teia. Ele ia cair.

Um desespero selvagem me atingiu. Estava tudo acabada. Eu havia falhado. Todos com quem eu me importava iriam morrer. Tudo por causa de um rancor. Sem mim, nada disso estaria acontecendo.

Eu me agarrei à minha vontade e canalizei minha raiva e dor para o meu poço de magia, para o núcleo do meu poder frio dentro de mim - minha magia demoníaca. Com uma explosão de vontade, puxei-a, toda ela.

Minhas costas se arquearam à medida que a energia inundava, deliciosa e abundante. Meu corpo tremeu quando um deslizamento gigante de energia me atravessou. Com sua força, não me contive.

E então aconteceu algo que eu não esperava.

Minhas gavinhas negras de energia demoníaca escorregaram das minhas mãos e se enrolaram na vassoura, que eu aparentemente ainda estava segurando. Elas formaram um padrão de anéis pretos ao redor da vassoura até que ela se parecesse com uma versão preta e marrom de um bastão de doces.

O poder zumbia da vassoura, um novo poder, um poder combinado de bruxa e demônio.

— Como você está fazendo isso? — gritou Silas, com a voz subindo para um grito agudo. — Isso não é possível. Não. Você não passa de uma perdedora. Você não pode manifestar esse tipo de poder. Não pode criar magia. Só eu posso. Sou o único.

A dor foi esquecida, um sorriso se contraiu em meus lábios e consegui ficar de pé. Segurei minha vassoura com as duas mãos e a soltei.

Uma mistura de faíscas douradas e gavinhas pretas voou enquanto eu batia no peito de Silas com toda a força que consegui reunir.

Silas foi jogado para trás em um borrão de membros e capa escura, gritando de dor. Observei quando ele começou a ter convulsões.

Minha cabeça latejava e eu observava o bruxo fazendo sons horríveis enquanto ele convulsionava no chão. Suas mãos rasgavam a pele do rosto, suas pernas se agitavam e se contorciam. Ele se debateu por um momento, seu rosto e a pele de suas mãos escureceram até ficarem completamente pretos. Em seguida, a pele rachou e descascou, descamando. Meu nariz se enrugou com o cheiro de cabelo queimado.

Eu esperava que ele desmaiasse, não que tivesse convulsões.

— Vagabunda! — uivou o bruxo. — Desgraçada estúpida. Eu vou matar você.

— Não deveria ter dito isso.

Cerrei os dentes e caminhei até ele. Depois, bati nele com a vassoura novamente.

Outra explosão de faíscas douradas e pretas explodiu. Silas gritou quando seu corpo se enrijeceu, como se tivesse sido enfeitiçado com um dos feitiços de Dolores de "transformar-se em pedra". Seu corpo se solidificou até parecer que ele era feito de pedra.

Em seguida, explodiu em milhões de fragmentos negros e cristalizados, assim como sua onda de pó de magia negra.

Silas não existia mais.

Com um sopro de exalação, soltei meu poder demoníaco e caí de joelhos, com a vassoura ainda em minhas mãos. Meu corpo tremeu com as consequências de trabalhar tanto poder, e tive uma súbita sensação de tontura.

Senti um estalo de ar deslocado e me virei a tempo de ver a esfera protetora de minhas tias cair.

Mas não foi isso que me fez pensar duas vezes.

Para onde quer que eu olhasse, as pessoas estavam com as mesmas expressões confusas e atordoadas no rosto. Até mesmo as bruxas que queriam assar minhas tias com sua magia estavam com as mãos na cabeça, parecendo ter acabado de acordar de um sonho ruim.

— Que diabos estou fazendo aqui? — gritou Gilbert. Fiquei feliz ao ver sua expressão irritada e seus olhos livres da maldição. Ele ainda tinha sangue em sua boca. Mas se ele não se lembrava de quem o

havia causado, isso era o suficiente para mim.

As vozes se elevavam à medida que mais e mais pessoas se aproximavam, até que todas as pessoas na clareira, aquelas que tinham vindo para nos matar, pareciam ser elas mesmas novamente.

— Parece que você quebrou a maldição, Tessa — disse Dolores, vindo em minha direção. Seu cabelo grisalho estava bagunçado, mas, fora isso, ela parecia perfeitamente bem.

— Parece que ela também quebrou o Silas.

Beverly estava olhando para os pedaços de Silas cristalizado. Se Iris estivesse aqui, ela teria se abaixado e pegado alguns pedaços para Dana. Devo guardar um pedaço para ela?

Eu não precisava. Ruth se abaixou, pegou um punhado de Silas e o colocou em sua bolsa. Ela me viu olhando e disse:

— Para o adubo do meu jardim.

E então me dei conta. Dolores havia comparado a magia de Silas à dos necromantes. Ele estava pilotando as pessoas da cidade com sua magia negra. Eu sabia, como qualquer bruxa, que quando o necromante morria, também morria a conexão e o controle que ele tinha sobre os mortos. Isso parecia verdadeiro para a magia negra de Silas.

Isso significava que Marcus ficaria bem.

— Posso ver? — Dolores apontou para a vassoura de minha mãe na qual eu ainda estava agarrada.

— Claro.

Pisquei a umidade repentina dos meus olhos e lhei a vassoura. Os cachos pretos estavam desbotados e eu tinha certeza de que desapareceriam logo, mas ainda era possível ver vestígios deles.

Dolores segurou a vassoura com as duas mãos, inspecionando-a de perto.

— Notável. Eu nunca vi uma coisa dessas. Sua magia demoníaca combinada com a magia da vassoura.

Ela me devolveu a vassoura.

— O que a fez pensar nisso?

Balancei a cabeça.

— Eu não pensei nisso. Simplesmente aconteceu.

Assim como na maior parte de minha vida.

— Bem, funcionou — disse Beverly, com um sorriso no rosto. — Agora não precisamos nem nos preocupar em envolver o Tribunal das Bruxas Brancas. Não podemos mandar um bruxo para a prisão se não houver mais bruxo. Podemos?

Suspirei.

— Então, o que vamos dizer a eles? — Fiz um gesto para o grupo de paranormais ainda em estado de choque.

Dolores olhou para mim e depois para os paranormais.

— Nada. Eles não vão se lembrar de nada mesmo.

— Mas eles não vão se perguntar por que estão todos aqui? No meio da noite?

Dolores me deu um pequeno sorriso.

— É a lua cheia. Nós, paranormais, fazemos coisas estranhas quando esse grande disco prateado está no céu.

Em seguida, ela saiu em direção a Gilbert como se aquela conversa tivesse terminado.

— Vamos para casa — disse Beverly, lendo meus pensamentos. — Só preciso de quatro horas de sono e estarei fabulosa para meu encontro de amanhã com o Antonio.

Eu sorri. Somente minha tia Beverly poderia estar pensando em namorar homens nesse momento. E isso parecia natural.

— Sim. Preciso ver o Marcus.

Eu estava cansada. Só queria ir para casa e me enrolar um pouco no Marcus.

Beverly arqueou uma sobrancelha perfeitamente bem cuidada.

— Aposto que sim.

Eu ri. Ela riu. Foi definitivamente uma noite estranha.

Ruth esfregou a barriga.

— Estou com fome. Quem quer cheesecake?

CAPÍTULO 27

O que as bruxas de Davenport fazem depois de derrotar um bruxo narcisista, louco e malvado da magia negra? Elas dão uma festa, é claro.

Olhei para o terreno. Quatro grandes pavilhões no jardim abrigavam mesas repletas de comida e todas as bebidas alcoólicas que você pudesse imaginar. Conversas alegres pairavam no ar, e "I Do Adore Her", de Harry Belafonte, tocava como se ele estivesse aqui se apresentando com uma banda ao vivo.

Vi Martha conversando às custas das duas jovens bruxas que trabalhavam em seu salão. Reconheci muitos rostos, a maioria dos quais eram os amaldiçoados, que se encontravam no meio do Highland Park às duas da manhã.

Tive um vislumbre de cabelos vermelhos e brilhantes, e lá estava Lilith em um conjunto de calça de couro justa com a parte de cima quase desabotoada, sentada no colo de um homem de trinta anos, cuja rara atratividade gritava vampiro. A deusa era realmente escultural e bela. Ela soltou uma risada esfumada, brincando com a barba do vampiro. Eu não o reconheci. Provavelmente um de seus namorados vampiros, sem dúvida. Um de muitos. Acho que ela e Lúcifer tinham um "relacionamento aberto" quando se tratava de seus amores. Sem julgamentos. O que quer que os deixasse felizes.

Fechei os olhos, sentindo o sol em meu rosto e extraindo a energia dos elementos ao redor - a água do oceano, a terra sob meus pés, o vento em meu rosto. E não vamos nos esquecer das linhas ley.

Sim. Parece que matar Silas - embora essa não tenha sido minha intenção, mas ele meio que merecia - retirou a maldição da magia negra de todos os infectados e restaurou minha capacidade de usar as linhas ley.

O que não foi restaurado foi o que Silas havia tocado e destruído com sua magia negra. Toda a vida vegetal, os bichos e as criaturas do parque haviam de fato desaparecido. Mas eu havia prometido que encontraria uma maneira de restaurar o outrora lindo parque. Eu mesmo o limparia e plantaria novas árvores e flores silvestres. Eu o deixaria bonito novamente. Eu o faria.

Notei Iris e Ronin ao lado de um dos pavilhões em que Ruth estava trabalhando, conversando com minha tia. Ruth se inclinou e entregou algo pequeno, brilhante e preto para Iris.

Não!

Esse era o Silas. Bem, um pedaço dele.

— Vamos torcer para que seja um pedaço de seu pênis.

Eu ri para mim mesma, imaginando o que eu faria se tivesse um pedaço do Silas. Sem dúvida, a Bruxa das Trevas tinha algo em mente.

Decidi me juntar a elas e fui em sua direção, aproveitando o ar fresco, a normalidade, se é que se pode chamar isso de normal para um grupo de bruxas, lobisomens, metamorfos e todos os tipos de comunidade paranormal.

Era o nosso normal. E eu não mudaria nada.

Tomei um gole de vinho e caminhei pelo gramado, com os pés descalços apreciando a grama fresca e macia.

Marcus estava de pé com uma cerveja na mão, conversando com ninguém menos que minha querida mamãe. A mão esquerda dela agarrou-se ao braço dele, enquanto a direita apontava para ele.

Uma carranca marcou seu rosto. Ele parecia... desconfortável? Sim, minha mãe faria isso com uma pessoa. Eu ri baixinho. Interessante. O que será que foi aquilo? Eu teria que perguntar a ele.

Acontece que eu estava certa sobre outra coisa. A maldição da magia negra foi retirada após a morte de Silas - ainda não me arrependo disso. Como resultado, todos os que foram amaldiçoados acordaram de repente, como se tivessem sido despertados de um longo sono. E nenhum deles se lembrava de ter agido como louco ou de ter machucado outras pessoas, inclusive Marcus. Eu havia decidido manter as coisas assim.

Mesmo sabendo que os sacos de maldição que restavam eram inúteis e que a maldição havia sido destruída, eu ainda queria saber como Marcus havia sido amaldiçoado. Por isso, vasculhei o Chalé Davenport de cima a baixo, procurando por aquele maldito saco de maldição, até que, seis horas depois, Scarlett me disse que ela havia visto Marcus pegando um dos sacos de maldição na ponte, o que explicava como ele o havia conseguido.

Meus olhos voltaram para minha mãe. Ela estava olhando para Marcus com um olhar que dizia que ele estava louco. Eu conhecia esse olhar. Ela tinha sido minha melhor amiga por muitos anos. Apertei os olhos, tentando ler seus lábios.

Minha mãe girou em minha direção, como se pudesse ouvir meus pensamentos.

Então, fiz o que qualquer bruxa habilidosa e competente faria. Abaixei-me e me escondi atrás da Martha.

— Ela saiu do banheiro com o vestido todo desarrumado, e Martin saiu trinta segundos depois dela — disse ela a outras bruxas.

— Nãooooo — disse uma das bruxas cujo nome eu nunca consegui lembrar.

— Sim — continuou Martha, com alegria em sua voz. — E então Dilan saiu em seguida.

Hora de ir embora. Dei um pulo para o lado e fui em direção à Iris e ao Ronin.

Assim que me aproximei, uma voz familiar se elevou acima da música e da conversa fiada. Meus olhos seguiram o som.

— ... construção ilegal. Gostaria de ver sua licença de construção — disse Gilbert, apontando para minha casa, o Chalé Davenport.

Ohhhh droga!

— Você não é a *rainha* de Hollow Cove, Dolores — cuspiu o pequeno metamorfo em minha tia alta. — Você não manda nesta cidade. Você não é *tudo* isso.

Dolores fez uma careta. Suas costas estavam retas como as de um sargento-mor.

— O inferno é que eu não sou.

Oh, meu Deus.

Aproximei-me na ponta dos pés.

O rosto de Gilbert ficou ainda mais sombrio.

— Há regras a serem seguidas. Todos devem respeitá-las. Caso contrário, será o caos!

Ele jogou os braços minúsculos no ar, que alcançaram sua cabeça.

— Você precisa de uma licença para construir qualquer coisa. Até mesmo um chalé.

Dolores cruzou os braços, com a saia de linho branco esvoaçando com a brisa.

— Onde você quer chegar?

— Esta casa não está de acordo com a Lei de Planejamento Urbano e Rural — disse ele, apontando para o chalé. — Eu nunca emiti a licença para essa nova construção porque eu *nunca* a teria *dado*!

— Eu não precisava de uma autorização — argumentou minha tia, sem parecer nem um pouco assustada com o metamorfo.

Os olhos de Gilbert se arregalaram. Ele respirou fundo e disse:

— Uma construção por lote. É a lei.

Dolores deu de ombros e parecia estar gostando de torturar o pequeno metamorfo um pouco demais.

— Eu lhe disse. Eu não precisava de uma licença.

— Todos em Hollow Cove são obrigados a ter uma.

Dolores lhe deu um sorriso que teria feito crianças pequenas chorarem.

— Não se a construção for feita por magia.

Interessante. Isso era verdade?

A julgar pela cor púrpura que surgiu no rosto de Gilbert, eu estava apostando no sim. Boa, Dolores. Ela acabou de me salvar de pagar cinco mil dólares.

Eu ri enquanto me dirigia a Iris e Ronin.

Iris ficou radiante ao me ver.

— Veja o que Ruth me deu — disse ela, mostrando-me a palma da mão. Com certeza, um pedaço do corpo cristalizado de Silas estava no meio dela.

— Sim, eu vi isso.

Olhei para Ruth, que estava fingindo estar ocupada acariciando a cabeça de Hildo com muita força, com as bochechas ficando profundamente rosadas, o que elevou seu nível de fofura ao máximo.

Iris aproximou a peça, admirando-a como se fosse um diamante negro gigante. Poderia muito bem ser para ela.

— Então, você deu uma surra no Silas — disse Ronin. Ele bateu sua garrafa de cerveja na minha taça de vinho. — Fico feliz — disse ele, com seu belo rosto esboçando um sorriso. — O cara tinha alguns problemas sérios.

— Conte-me sobre isso.

— E uma fascinação doentia por você.

— Eu notei.

Ronin tomou um gole de sua cerveja.

— Estou feliz por ter me livrado dele.

— Eu também.

— Mas *eu* tenho um *pedaço* dele — disse Iris, com um sorriso estranho em seu rosto de fada.

Minha curiosidade levou a melhor.

— O que você vai fazer com isso, exatamente?

Iris colocou a peça de Silas (sim, fiz esse trocadilho) em sua bolsa.

— Uma bruxa nunca revela seus segredos.

Eu ri.

— Só não o traga para perto de minha casa.

Iris sorriu.

— Prometo.

As risadas nos interromperam, e virei a cabeça para ver Beverly, com uma taça de vinho tinto na mão, enquanto a outra massageava o peito de um belo homem de 40 anos. Seu vestido azul abraçava todas as suas curvas. Que droga. Ela não parecia cansada ou como se tivesse dormido por apenas algumas horas. Parecia que tinha acabado de fazer uma viagem de fim de semana ao spa.

— Tessa?

Virei-me para encontrar Marcus atrás de mim. Praticamente gemi quando ele se inclinou e colocou um braço grande e forte em volta de minha cintura. Certo, eu gemi. Mas só um pouco.

— Posso falar com você? — disse o chefe, sua voz profunda ressoando em minha pele como se ele a estivesse tocando. Isso provocou pequenas piscinas de prazer em meu âmagô.

— Claro.

Senti um formigamento de medo. E se ele estivesse se lembrando?

Ele pegou minha mão e me puxou com ele, para longe do pavilhão e dos ouvidos curiosos.

E então fiquei cara a cara com a Allison.

— Allison? — Cuspi a palavra como se fosse sujeira na minha boca. — Esta é uma festa particular.

Eu, por exemplo, não a convidei. E sabia que minhas tias também não a convidariam.

Allison me deu uma olhada. A expressão dela ao ver meu vestido preto favorito que comprei na Banana Republic sugeriu que eu estava vestida para trabalhar em uma fazenda.

— Marcus. Precisamos revisar os detalhes de segurança para o festival Trindade do Terror. Se sairmos agora, talvez consigamos terminar antes do jantar.

Uau. A coragem dessa wereape. Olhei para Marcus, que, para minha alegria, parecia tão irritado quanto eu.

Voltei meu olhar para Allison, que estava me ignorando, como sempre. Fiquei olhando para sua blusa branca justa, com muitos botões abertos para ser elegante, sua maldita saia lápis preta combinando com seus sapatos pretos de salto alto da marca Louis-whatever.

Eu já estava farta dela.

— Allison? Posso falar com você?

A wereape se virou, com uma expressão irritada em seu rosto perfeito.

— O que você quer?

— Esqueci de lhe dar algo.

Ela levantou uma sobrancelha cética.

— O quê?

Eu sorri.

— Isso...

Inclinei-me para a frente e dei-lhe um chute na virilha.

A wereape emitiu um som parecido com "aaaaaaai" quando caiu de joelhos, com a saia lápis rasgada além da coxa, mostrando a calcinha fio-dental preta.

Eu sorri para ela.

— Dói como uma cadela gorila. Não é?

Para minha surpresa e alívio, Marcus estava sorrindo. Ele olhou para Allison.

— Allison. Você está demitida.

Muito bom! O melhor dia de todos! Isso foi quase tão bom quanto o sexo com o Marcus. Quase.

Antes que eu pudesse fazer minha dança feliz a seus pés, o chefe

me afastou novamente até estarmos no meio da área do jardim.

Então, o homem grande e musculoso se ajoelhou.

Eu respirei fundo. E Iris também, se eu reconhecesse seu som de "respiração ofegante" de tão longe.

Marcus estendeu a mão.

— Não diga nada — ele começou e depois esfregou a parte de trás do pescoço, lutando contra suas emoções. — Apenas me deixe superar isso.

Fechei a boca com força.

Ele me observou por um momento, com o rosto sério, enquanto meu estômago se remexia.

— Desde o momento em que coloquei os olhos em você, soube que era especial.

— Eu poderia ter lhe dito isso.

— Quando você chegou correndo naquele dia no Allegheny Tionesta Creek Campsite porque achou que eu estava dormindo outra pessoa... eu sabia.

— Eu não entrei correndo.

Sim, eu entrei.

— Depois disso, nunca mais quis sair de perto de você. Você é linda. Inteligente. Teimosa como o inferno. Você me mantém alerta. Você me deixa louco. Eu não acreditava em companheiros ou almas gêmeas. Até conhecer você.

Pronto, comece a chorar.

— Você me faz sentir completo novamente. Meus sentimentos são profundos, fortes e definitivos.

Ele pegou uma pequena caixa preta aveludada e a abriu.

— Então, se você me aceitar, quero passar o resto da minha vida fazendo de você a mulher mais feliz do mundo. O que estou pedindo é... que você seja minha mulher, Tessa Davenport.

Ouvi um soluço vindo de trás de mim. Olhei por cima do ombro e vi Allison de bruços na grama, chorando enquanto batia no chão com o punho.

— Você quer ser minha companheira? — repetiu Marcus.

Voltei a me virar quando ele me estendeu um anel. Pisquei minhas lágrimas. Caso contrário, não conseguiria ver nada. Meu coração estava batendo forte quando peguei o anel dele e o segurei. Feito de ouro branco, tinha um desenho intrincado de folhas e videiras com um único diamante no meio. Eu o inclinei para ver a inscrição em seu interior. A palavra *MINHA* estava gravada no ouro.

Foi fenomenal. A atenção aos detalhes era como uma escultura de Michelangelo. Mas...

— Este não é o mesmo anel — murmurei.

Marcus franziu a testa ao se levantar.

— Você viu o anel?

Ops.

— Não. Quero dizer, sim. Não tente se safar disso. Eu vi um anel há três semanas. Era diferente deste.

Não adiantava contar a ele sobre a Allison com o anel.

— Por que você não me deu o anel todas aquelas semanas atrás?

Um sorriso curvou os cantos daqueles lábios finos.

— Eu não tinha certeza se você iria gostar, então fui falar com sua mãe. Pedi a opinião dela.

— Você não fez isso.

Ele suspirou, passando os dedos por aquele cabelo escuro e exuberante.

— Ela me disse que você não gostava de diamantes.

Balancei a cabeça.

— Aposto que sim.

Olhei por cima do ombro dele e vi minha mãe olhando para nós, com os braços cruzados e uma espécie de sorriso de satisfação no rosto.

— Ela disse que você odiava coisas chamativas. Ela me disse que você odiaria o anel.

Fiquei olhando para o homem glorioso à minha frente, imaginando como ele deve ter ficado desapontado quando minha mãe lhe disse que eu odiaria o anel que ele havia feito cuidadosamente para mim.

Eu precisava conversar com aquela mulher.

— Então, ela me disse que ajudaria a desenhar o anel para mim.

Minha boca se abriu.

— Espere. Ela o quê?

Fiquei olhando para o anel.

— Ela desenhou isso?

Marcus acenou com a cabeça.

— É por isso que demorou tanto tempo para conseguir um novo anel. Sua mãe é um pouco perfeccionista.

— É mais como uma narcisista.

O chefe riu baixinho.

— Ela trabalhou duro no projeto. Queria que fosse perfeito. Que refletisse quem você é.

Essa mulher nunca deixou de me surpreender.

Fiquei olhando para o anel. Minha mãe sempre teve um lado artístico. Foi de onde tirei o meu. Mas ela tinha acertado em cheio. O anel realmente me representava.

Marcus agarrou minha cintura e me puxou para ele.

— Qual é a sua resposta? — perguntou o chefe. Eu podia ouvir a tensão e o nervosismo em sua voz.

O silêncio me atingiu. Olhei em volta, vendo Iris, Ronin, Dolores,

Beverly, Ruth, Martha e até Gilbert observando, esperando minha resposta. Até mesmo a Casa e o Chalé Davenport pareciam estar mais inclinados para nós, se é que isso era possível.

Levantei uma sobrancelha brincalhona.

— Não sei se sou um tipo de garota que gosta de anéis.

Sim. Sim, eu era!

O chefe me puxou com mais força contra ele, deixando meus hormônios em chamas.

Olhei em seus olhos cinzentos, sabendo que nunca me cansaria deles. Nunca.

— Sim. Sim, serei sua companheira.

Marcus apertou meus lábios com os seus, enquanto uma explosão de aplausos e vivas se espalhava ao nosso redor, sendo os de Ruth os mais altos de todos. Amo minha Ruthy.

Nós nos abraçamos em silêncio. Não precisávamos conversar.

Eu tinha tudo o que precisava. Tinha uma família maravilhosa, embora louca. Tinha amigos leais. Tinha uma casa novinha em folha, convenientemente localizada na propriedade de minha família. Tinha um ótimo emprego. E tinha um homem sexy como o pecado, que queria passar o resto de sua vida comigo. Eu, desajeitada, com um pouco de barriga e celulite, mas com muita ousadia e determinação. Eu.

Minha vida não poderia ser mais perfeita.

E esse, senhoras, é o *meu* final feliz.

AS BRUXAS DE HOLLOW COVE



MENTIRAS DE BRUXAS

AUTORA BESTSELLER DO USA TODAY
KIM RICHARDSON

MAIS LIVROS DE KIM RICHARDSON

AS BRUXAS DE HOLLOW COVE

Bruxa das Sombras
Feitiços da meia-noite

SOMBRA E LUZ
[Caçada Sombria](#)
[Vínculo Sombrio](#)
[Ascensão Sombria](#)

ARQUIVOS SOMBRIOS

[Feitiços e Cinzas](#)
[Encantos E Demônios](#)
[Magia e Chamas](#)
[Maldições e Sangue](#)

GUARDIÕES DE ALMA

Marcada
Elemental
Horizonte
Submundo
Seirs
Mortal
Ceifeiros
Selos

REINOS DIVIDIDOS

Donzela de Aço
Rainha das Bruxas
Magia de Sangue

SOBRE A AUTORA

KIM RICHARDSON é uma autora best-seller do USA Today de fantasia urbana, fantasia e livros para jovens adultos. Ela mora no leste do Canadá com o marido, dois cachorros e um gato velhinho. Os livros de Kim estão disponíveis em edições impressas e as traduções estão disponíveis em mais de sete idiomas.

Para saber mais sobre a autora, acesse:

www.kimrichardsonbooks.com

Table of contents

1. [Página de título](#)
2. [Copyright](#)
3. [Contents](#)
4. [Capítulo 1](#)
5. [Capítulo 2](#)
6. [Capítulo 3](#)
7. [Capítulo 4](#)
8. [Capítulo 5](#)
9. [Capítulo 6](#)
10. [Capítulo 7](#)
11. [Capítulo 8](#)
12. [Capítulo 9](#)
13. [Capítulo 10](#)
14. [Capítulo 11](#)
15. [Capítulo 12](#)
16. [Capítulo 13](#)
17. [Capítulo 14](#)
18. [Capítulo 15](#)
19. [Capítulo 16](#)
20. [Capítulo 17](#)
21. [Capítulo 18](#)
22. [Capítulo 19](#)
23. [Capítulo 20](#)
24. [Capítulo 21](#)
25. [Capítulo 22](#)
26. [Capítulo 23](#)
27. [Capítulo 24](#)
28. [Capítulo 25](#)
29. [Capítulo 26](#)
30. [Capítulo 27](#)
31. [Mentiras de bruxas](#)
32. [Mais Livros De Kim Richardson](#)
33. [Sobre A Autora](#)

Guide

1. [Cover](#)
2. [Beginning](#)
3. [Contents](#)

1. [1](#)
2. [2](#)
3. [3](#)
4. [4](#)
5. [5](#)
6. [6](#)
7. [7](#)
8. [8](#)
9. [9](#)
10. [10](#)
11. [11](#)
12. [12](#)
13. [13](#)
14. [14](#)
15. [15](#)
16. [16](#)
17. [17](#)
18. [18](#)
19. [19](#)
20. [20](#)
21. [21](#)
22. [22](#)
23. [23](#)
24. [24](#)
25. [25](#)
26. [26](#)
27. [27](#)
28. [28](#)
29. [29](#)
30. [30](#)
31. [31](#)
32. [32](#)
33. [33](#)
34. [34](#)
35. [35](#)
36. [36](#)
37. [37](#)
38. [38](#)
39. [39](#)
40. [40](#)
41. [41](#)
42. [42](#)
43. [43](#)

44. [44](#)
45. [45](#)
46. [46](#)
47. [47](#)
48. [48](#)
49. [49](#)
50. [50](#)
51. [51](#)
52. [52](#)
53. [53](#)
54. [54](#)
55. [55](#)
56. [56](#)
57. [57](#)
58. [58](#)
59. [59](#)
60. [60](#)
61. [61](#)
62. [62](#)
63. [63](#)
64. [64](#)
65. [65](#)
66. [66](#)
67. [67](#)
68. [68](#)
69. [69](#)
70. [70](#)
71. [71](#)
72. [72](#)
73. [73](#)
74. [74](#)
75. [75](#)
76. [76](#)
77. [77](#)
78. [78](#)
79. [79](#)
80. [80](#)
81. [81](#)
82. [82](#)
83. [83](#)
84. [84](#)
85. [85](#)
86. [86](#)
87. [87](#)

88.	88
89.	89
90.	90
91.	91
92.	92
93.	93
94.	94
95.	95
96.	96
97.	97
98.	98
99.	99
100.	100
101.	101
102.	102
103.	103
104.	104
105.	105
106.	106
107.	107
108.	108
109.	109
110.	110
111.	111
112.	112
113.	113
114.	114
115.	115
116.	116
117.	117
118.	118
119.	119
120.	120
121.	121
122.	122
123.	123
124.	124
125.	125
126.	126
127.	127
128.	128
129.	129
130.	130
131.	131

132. [132](#)
133. [133](#)
134. [134](#)
135. [135](#)
136. [136](#)
137. [137](#)
138. [138](#)
139. [139](#)
140. [140](#)
141. [141](#)
142. [142](#)
143. [143](#)
144. [144](#)
145. [145](#)
146. [146](#)
147. [147](#)
148. [148](#)
149. [149](#)
150. [150](#)
151. [151](#)
152. [152](#)
153. [153](#)
154. [154](#)
155. [155](#)
156. [156](#)
157. [157](#)
158. [158](#)
159. [159](#)
160. [160](#)
161. [161](#)
162. [162](#)
163. [163](#)
164. [164](#)
165. [165](#)
166. [166](#)
167. [167](#)
168. [168](#)
169. [169](#)
170. [170](#)
171. [171](#)
172. [172](#)
173. [173](#)
174. [174](#)
175. [175](#)

176. [176](#)
177. [177](#)
178. [178](#)
179. [179](#)
180. [180](#)
181. [181](#)
182. [182](#)
183. [183](#)
184. [184](#)
185. [185](#)
186. [186](#)
187. [187](#)
188. [188](#)
189. [189](#)
190. [190](#)
191. [191](#)
192. [192](#)
193. [193](#)
194. [194](#)
195. [195](#)
196. [196](#)
197. [197](#)
198. [198](#)
199. [199](#)
200. [200](#)
201. [201](#)
202. [202](#)
203. [203](#)
204. [204](#)
205. [205](#)
206. [206](#)
207. [207](#)
208. [208](#)
209. [209](#)
210. [210](#)
211. [211](#)
212. [212](#)
213. [213](#)
214. [214](#)
215. [215](#)
216. [216](#)
217. [217](#)
218. [218](#)
219. [219](#)

220. [220](#)
221. [221](#)
222. [222](#)
223. [223](#)
224. [224](#)
225. [225](#)
226. [226](#)
227. [227](#)
228. [228](#)
229. [229](#)
230. [230](#)
231. [231](#)
232. [232](#)
233. [233](#)
234. [234](#)
235. [235](#)
236. [236](#)
237. [237](#)
238. [238](#)
239. [239](#)
240. [240](#)
241. [241](#)
242. [242](#)
243. [243](#)
244. [244](#)
245. [245](#)
246. [246](#)
247. [247](#)
248. [248](#)
249. [249](#)
250. [250](#)
251. [251](#)
252. [252](#)
253. [253](#)
254. [254](#)
255. [255](#)
256. [256](#)
257. [257](#)
258. [258](#)
259. [259](#)
260. [260](#)
261. [261](#)
262. [262](#)
263. [263](#)

264. [264](#)
265. [265](#)
266. [266](#)
267. [267](#)
268. [268](#)
269. [269](#)
270. [270](#)
271. [271](#)
272. [272](#)
273. [273](#)
274. [274](#)
275. [275](#)
276. [276](#)
277. [277](#)
278. [278](#)
279. [279](#)
280. [280](#)
281. [281](#)
282. [282](#)
283. [283](#)
284. [284](#)
285. [285](#)
286. [286](#)
287. [287](#)
288. [288](#)
289. [289](#)
290. [290](#)
291. [291](#)
292. [292](#)
293. [293](#)
294. [294](#)
295. [295](#)
296. [296](#)
297. [297](#)
298. [298](#)
299. [299](#)
300. [300](#)